

33º COLÓQUIO DA LUSOFONIA Belmonte



9-10 abril 2021 -

<http://coloquios.lusofonias.net/XXXIII>



ISBN 978-989-8607-16-4



9 789898 607164



Índice geral

1. [HISTORIAL](#)
2. [TEMAS](#)
3. [COMISSÕES](#)
4. [INSTRUÇÕES DE PUBLICAÇÃO](#)
5. [BIODADOS DOS PATRONOS](#)
6. [HOTEL](#)
7. [HORÁRIO](#)
8. [LISTA DE PARTICIPANTES](#)
9. [ROTA CULTURAL](#)
10. [DISCURSO DE ABERTURA DO PRESIDENTE DA AICL](#)
11. [ATAS COM TRABALHOS FINAIS, SINOPSES E BIODADOS DOS PARTICIPANTES](#)

1, HISTORIAL DA AICL, A SOCIEDADE CIVIL ATUANTE (APÓS 32 COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)

1.1. HISTORIAL CURTO DA AICL em 32 colóquios

Quem é Chrys Chrystello que lidera os colóquios da lusofonia

Jornalista e tradutor, a partir de 2006 traduziu dezenas de escritores açorianos em projetos dos Colóquios (15 autores da Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos).

Em 2009 publicou o vol. 1 da trilogia "Crónica Açores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores" cronicando as suas viagens pelo mundo.

Em 2011 publicou o vol. 2 e em 2012 lançou a obra completa de poesia "Crónica do Quotidiano Inútil (vols. 1 a 5)", a assinalar 40 anos de vida literária. Foi nomeado, nesse ano, Académico da Academia galega De Língua Portuguesa.

Em 2015 lançou a 4ª ed. da monografia "Crónicas Austrais 1978-1998" e editou os 3 volumes da "Trilogia da História de Timor".

Nesse ano trabalhou na compilação da obra de D. Ximenes Belo, "Pe. Carlos da Rocha Pereira", vol. 1 da série Missionários Açorianos em Timor.

Em 2017 lançou o seu opus magister "Bibliografia Geral da Açorianidade" em 2 vols (1600 pp. com 19500 entradas) e traduziu para inglês o livro "O Mundo Perdido de Timor-Leste" de José Ramos-Horta e Patricia Vickers-Rich.

Lançou em 2018 "Fotoemas", foto e-book, com fotos de Fátima Salcedo e poemas seus <http://www.blurb.com/books/8752953-fotoemas>, fez a revisão e compilação de "Missionários açorianos em Timor" vol. 2 de D. Ximenes Belo, finalizou os vols. 3 e 4 de "Crónica Açores uma circum-navegação" e completou a Crónica do Quotidiano Inútil vol. 6 (poesia).

É Editor dos Cadernos (de Estudos) Açorianos.

Em 2019 foi nomeado Vice-presidente para a Oceânia do Movimento Poetas do Mundo e membro do Pen International (Açores)

Quando e onde começaram?

Começamos no Porto, mas a ideia foi sempre de descentralizar. Até 2010 a base foi Bragança. Houve colóquios em cidades, vilas e freguesias.

Nos Açores na Ribeira Grande (2006, 2007), Lagoa (2008, 2009, 2012), Vila do Porto (2011, 2017), Maia (2013), Porto Formoso (2014), Santa Cruz da Graciosa (2015, 2019), Lomba da Maia (2016), Madalena do Pico (2018).

Fora estivemos no Brasil (2010), Macau (2011), Galiza (2012), Seia (2013 e 2014), Fundão (2015), Montalegre (2016), Belmonte (2017,18 e 19). Iremos a PDL em 2020, ao Faial (2021) e regressaremos ao Pico (2022). Faltam-nos ainda obter apoios para S. Jorge, Flores, Corvo e Terceira

Qual o principal objetivo, ou interesse máximo destes colóquios?

OS "COLÓQUIOS DA LUSOFONIA", são um movimento cultural e cívico com o objetivo de promover a Investigação Científica para reforço dos laços entre os lusofalantes – no plano linguístico, cultural, social, económico e político - na defesa, preservação, ensino e divulgação da língua portuguesa e todas as suas variantes, em qualquer país, região ou comunidade. Os valores essenciais da cultura lusófona constituem, com o seu humanismo universalista, uma vocação da luta por uma sociedade mais justa, da defesa dos valores humanos fundamentais e das causas filantrópicas. No contexto da Lusofonia, a Galiza e Portugal aumentarão a sua influência ibérica e europeia, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Guiné, Angola e Moçambique, a sua influência africana, o Brasil a sua influência no continente americano e Timor a sua influência asiática, sem esquecer Goa, Damão, Diu, Macau, todos os lugares onde alguém fale Português ou onde a diáspora esteja presente, os quais, integrados noutros estados, serão núcleos de irradiação cultural desta noção alargada de Lusofonia

Qual a periodicidade anual dos colóquios?

Dois ao ano desde 2006 quando passamos a incluir a açorianidade literária.

Agora temos a sede em Belmonte desde 2016 e lá fazemos o da Páscoa e depois outro nas ilhas no fim de setembro ou princípio de outubro.

Quem são e o que fazem os Colóquios da Lusofonia (AICL)

Aqui se traça em linhas gerais o percurso da AICL. Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o projeto ALFE (Lusofalantes na Europa em 1997) e quisemos torná-lo universal. Assim nasceram os colóquios de uma LUSOFONIA que abarca os que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião, nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência. Esta visão visa incluir todos, numa Lusofonia que não Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades.

Realizámos desde 2001, 32 Colóquios (2 ao ano desde 2006) numa demonstração de como é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Juntam-se os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia despedem-se como amigos de longa data. Partilham ideias, projetos, criam sinergias, irmanados do ideal de "sociedade civil" capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos além da informalidade e do contagioso espírito de grupo que nos irmana. Abolimos os axíónimos, títulos apensos aos nomes, esse sistema de castas que distingue sem ser por mérito. Tentamos que todos sejam iguais dentro da associação e contribuam, para os nossos projetos sem reclamar a autoria, mas a partilha do conhecimento, e isso é anátema nos corredores bafientos de instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus para usar a velha designação), ...

Em 2010 passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos e, em 2015 entidade cultural de utilidade pública. Em 2001 todos foram lesto em nos assegurarem que o formato dos colóquios estava condenado ao fracasso. Garantiram-nos que esta fórmula solidária de todos participarem a expensas suas e contribuiriam para as despesas organizacionais, estava condenada ao insucesso num país subsidiodependente. Aquando da crise económica de 2008, várias pessoas pretendiam fazer apenas um colóquio ao ano, mas fomos em 2010 e 2011 ao Brasil e Macau e em 2012 à Galiza.

Aquando da crise económica de 2008, várias pessoas pretendiam fazer apenas um colóquio ao ano, mas fomos em 2010 e 2011 ao Brasil e Macau e em 2012 à Galiza. Prossegui e aqui estamos com dois colóquios ao ano programados até 2024, devidamente escudados em planos B para qualquer falha. Prossegui com dois colóquios ao ano (programados até 2024, devidamente escudados em planos B para qualquer falha). Como patronos temos Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara, Ximenes Belo, Ramos Horta e a AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa) e estamos associados às Academias de Língua Portuguesa no mundo.

Quando aterrei nos Açores em 2005 admiti o meu desconhecimento sobre o arquipélago. O pouco que aprendi no liceu estava esquecido. Depois, as telenovelas aqui filmadas e as companhias aéreas de baixo-custo colocaram os Açores no centro do mundo e do turismo que pasma com o clima que muda constantemente (tanto chove como faz sol...as tais quatro estações num só dia que tanto apregoam)... as lagoas, as crateras e as baías são um assombro e os montes sempre verdes peçados de vacas alpinistas. Adotei-os como nova pátria depois de Bragança, e nova pátria, depois de Timor e da Austrália, considerando-me hoje absolutamente integrado, um ilhanizado ou açorianizado. A ilha para Natália Correia é Mãe-Ilha, para Cristóvão de Aguiar é Marília, para Daniel de Sá Ilha-Mãe, para mim Ilha-Filha, que nunca enteadada. Para amar sem tocar, ver

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

engrandecer nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis. Toda a vida fui ilhéu. Perdi sotaques, mas não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as comigo a reboque, colar multifacetado de vivências dos mundos e culturas distantes. Primeiro em Portugal, ilhota perdida da Europa no Estado Novo, seguida de um capítulo naufragado da História Trágico-marítima camoniana, nas ilhas de Timor, de Bali, na então (pen)ínsula de Macau (fechada da China pelas Portas do Cerco), na imensa ilha-continente Austrália, e em Bragança, ilha esquecida que é o nordeste transmontano.

Acolho como premissa o conceito de açorianidade de José Martins Garcia que, «*por envolver domínios muito mais vastos que o da simples literatura*», admite a existência de uma literatura açoriana «*enquanto superestrutura emanada dum habitat, dum vivência e dum mundividência*»¹. Nos Colóquios, na sua versão insular desde 2006, o ponto de partida foi o debate sobre a identidade, a escrita, as lendas e tradições açorianas. Do intercâmbio de experiências entre residentes, expatriados e todos os que dedicam a sua pesquisa e investigação à literatura, à linguística, à história dos Açores ou outro ramo de conhecimento científico, *aspirava-se a tornar mais conhecida a identidade açoriana*. Os Colóquios levaram os Açores ao mundo, aos que não têm vínculos familiares nem conhecimento desta realidade. Independentemente da Açorianidade, mas por via dela, mais lusofalantes ficaram a conhecer a realidade insular e suas peculiaridades. Os colóquios divulgaram a *identidade açoriana* na Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, onde fizeram traduções de autores açorianos.

Era imperioso alguém ler esses autores, insuflando-lhes nova vida, novas leituras, trazendo-os à mais que merecida ribalta. Deparei com noções etimologicamente ancestrais contrastando com o uso atual. No Dicionário do Moraes vêm os termos “chamados” açorianos e em 2008, um médico nas Flores (J. M. Soares de Barcelos) publicou o Dicionário de Falares dos Açores. A língua recuada até às origens foi adulterada pelo emigrês de corruptelas aportuguesadas e anglicismos. Tratamos de desvendar o arquipélago como alegoria recuando à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se desfraldaram ao enguiço do presente e não podem ser só perpetuadas nas suas memórias. Quisemos apreender as suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizavam face aos antepassados e às ilhas e locais de origem, constatando:

1. *O clima inculca um caráter de torpor e de lentidão em que a pressa é amiga da morte;*
2. *A História define os habitantes do arquipélago ainda quase tão afastados da metrópole como há séculos;*
3. *A forma como se recortam todos os estratos sociais: vincadamente feudais apesar do humanismo que a revolução dos cravos alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;*
4. *O modo como a proximidade da terra se manifesta de forma sobrejacente fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, num centralismo autofágico e macrocéfalo.*

Neste universo tão idílico não busquei a essência do ser açoriano, que existe, em miríade de variações insulares, cada uma vincadamente segregada da outra, nem se o homem se adaptou às ilhas ou se estas se continuam a impor condicionando a presença humana, para assim evidenciar a sua açorianidade? Nos colóquios temos tido sempre dois temas importantes “Açorianos missionários no Oriente” (Macau e Timor) e as obras publicadas no séc. XI por autores estrangeiros sobre os Açores. Agora estamos a tratar de criar um núcleo da Lusofonia no Museu dos Descobrimentos em Belmonte, enquanto não se concretiza o sonho do Museu da Açorianidade, suspenso desde 2009. Há mais livros e antologias em preparação, e em 2017 lançou-se o primeiro CD de autores açorianos musicados pela Ana Paula Andrade. Desde 2009 que, anualmente, se homenageia um autor açoriano ainda vivo, e todos podem consultar o nosso historial e anuários, revista anual e demais publicações, além de vídeos, sons e imagens de todos os colóquios em www.lusofonias.net

Quem os subsidia?

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, e sobrevivem com o pagamento das quotas dos associados e das inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados para cada evento, levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias. Ao nível logístico, beneficiam do apoio das entidades locais e têm parcerias com universidades, politécnicos e outros e com esta subsídioidependência sobrevivem com dois eventos ao ano

O Estado tem sido parceiro? Se não, porquê?

Do governo regional temos tido apoios reduzidos, mas que nos permitem trazer mais um convidado especial a quem isentamos de inscrição. Nos últimos dois anos o apoio da Dir. Reg. do Turismo permitiu apoiar algumas despesas da deslocação, estadia e alimentação. A participação financeira do governo carece, como nas restantes atividades culturais, de um investimento sério e duradouro (a longo prazo) em eventos consagrados como os nossos, que apresentam trabalho feito e publicam obras de divulgação de autores açorianos. Cada participante gasta no mínimo 500.00€, com o pagamento da inscrição (e quota de sócio), viagem e estadia e alimentação, contribuindo diretamente na economia local. Em média temos 45 a 50 pessoas, que muitas vezes ficam mais dias para melhor conhecerem os locais dos eventos e outras ilhas.

A título de anedota, o falecido escritor micalense Daniel de Sá dizia que os colóquios, com muito menos dinheiro, fizeram mais pelos autores açorianos que os governos autonómicos e orgulhámo-nos de o continuarmos a fazer com tão poucos recursos (cada um paga as suas despesas)

Que participações importantes tiveram os colóquios e o que abordaram esses participantes?

Não gostaria de realçar nenhum, para além de salientar que não só tratamos de literatura, há música, poesia, teatro, outros ramos da ciência e do saber (educação, vulcanologia, biologia, história), exposições de artes e pintura, dança, folclore, música popular (da viola da terra a cantigas ao desafio tivemos de tudo), erudita, Cancioneiro, sempre tão diversificado quanto o permitem os poucos orçamentos. Com mais de cem autores açorianos e mais de 1500 participantes ao longo dos anos seria difícil destacar algum em detrimento de outros.

Como nasceu a BGA (Bibliografia Geral da Açorianidade)?

No 11º *Colóquio da Lusofonia* [Lagoa 2009] decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos da UAç em Ponta Delgada (criado e ministrado por Martins Garcia e, posteriormente, por Urbano Bettencourt). Concebemos e organizamos na Universidade do Minho em Braga, um Curso Breve de Açorianidades e Insularidades com a colega Rosário Girão (25 set. 2010-14 fevº 2011) e até hoje, aguardamos que haja uma entidade universitária capaz de colocar o curso em linha para todo o mundo, revertendo os proventos das propinas para a entidade que nele queira apostar. Depois de 2011 alunos de mestrado e de doutoramento, na Universidade do Minho, na Roménia e Polónia, trabalharam autores açorianos e traduziram excertos em 15 línguas (francês, inglês, italiano, chinês, árabe, romeno, polaco, russo, búlgaro, alemão, esloveno, neerlandês, flamengo, castelhano e catalão). A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiosincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados» e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*
- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais.*

¹ http://lusofonia.com.sapo.pt/acoes/acorianidade_pavao_1988.htm#_ftn11#_ftn11

² (adotando a designação feliz utilizada por Álvaro Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino)

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Muitos destes autores fazem parte da **Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram (2011), na versão **bilingue** (PT-EN de 15 autores), na **monolingue** (2012 com 17 autores), na **Coletânea de Textos Dramáticos** (2013) de Helena Chrystello e Lucília Roxo (Álamo Oliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo T Almeida), a que seguiu, em 2014, **uma Antologia no Feminino “9 ilhas. 9 escritoras”** (Brites Araújo, Joana Félix, Judite Jorge, Luísa Ribeiro, Luísa Soares, Madalena Férin, Madalena San-Bento, Natália Correia, Renata Correia Botelho). Decidimos colocar no portal AICL (www.lusofonias.net) uma publicação para dar a conhecer excertos de obras (a maioria esgotada) de autores açorianos e abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita, que entendemos ser diferente, para não dizer única. Foi em janeiro 2010 que brotaram os desprezíveis Cadernos de acesso generalizado, fácil leitura em formato pdf. Já se publicaram mais de cinco dezenas de autores contemporâneos (a maioria presente nos colóquios) nos **Cadernos (e Suplementos) de Estudos Açorianos**:

Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Álamo Oliveira, Caetano Valadão Serpa, Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix, Eduardo Bettencourt Pinto, Urbano Bettencourt, Eduíno de Jesus, Onésimo Teotónio Almeida, Maria de Fátima Borges, Marcolino Candeias, Norberto Ávila, Victor Rui Soares, José Martins Garcia, Joana Félix, José Nuno da Câmara Pereira I, Manuel Policarpo, Tomaz Borba Vieira, Maria das Dores Beirão, Maria Luísa Soares, Susana Teles Margarido, Madalena San-Bento, Carlos Tomé, Brites Araújo, Maria Luísa Ribeiro, Carolina Cordeiro, Pedro Paulo Câmara, José Nuno da Câmara Pereira II, Machado Pires, Anabela Mimoso, Anthony de Sa, Natália Correia, Adelaide Freitas, Almeida Pavão, Antero de Quental, Martins Garcia, Cecília Meireles, Madalena Férin, Antonio Tabucchi, Armando Côrtes-Rodrigues, Katherine Vaz, Carlos Faria, Manuel Machado, Raul Brandão.

No entanto, segundo alguns estudiosos, a nossa principal obra é a Bibliografia Geral da Açorianidade (BGA) compilada ao longo de sete anos (2010-2017) que inclui autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (ilhanizados, açorianizados ou não), que escreveram sobre autores e temáticas açorianas, abrangendo (por exemplo) Santa Catarina (Brasil), Canadá, EUA, Bermudas, Havai, etc. incluindo referências bibliográficas à diáspora, colonização açoriana, caça à baleia e temas relacionados com a saga açoriana no mundo. Não se privilegiou a literatura, mas todos os ramos do saber, desde a biologia à botânica, à história, ciências sociais, vulcanologia, etc. A listagem abarca autores mais recentes da diáspora, de origem ou descendência açoriana e que dela se servem para a sua escrita. De uma forma geral estão aqui incluídos os trabalhos que logramos identificar, direta ou indiretamente, sobre os Açores, seus temas e autores, embora saibamos faltarem ainda muitos.

Fala-se pouco na comunicação social sobre os colóquios ou tem havido uma divulgação satisfatória pelos OCS a nível nacional? Se não, o que poderá estar a falhar?

Tentamos sempre a maior divulgação. Nos Açores, a cobertura quer da imprensa escrita, quer da RTP e RDP tem sido satisfatória, mas em Portugal nem a LUSA nos tem dado o destaque que os nossos convidados mereciam. Por exemplo no Pico em 2018 tivemos mais de 25 autores açorianos presentes (um facto notável dados os constrangimentos financeiros), na Graciosa tivemos nomes de elevado gabarito Teolinda Gersão, José Luís Peixoto, o cientista Félix Rodrigues, mais 17 autores açorianos o que se tem tornado norma nestes últimos anos e deveria merecer mais atenção. Contemporâneos das Correntes d’Escritas (Póvoa de Varzim), somos a mais antiga e ininterrupta entidade organizadora de eventos deste jaez, mas sem os fundos daquelas. Presença constante na Póvoa do Varzim (Correntes D’Escrita) Onésimo T Almeida será homenageado pela AICL em 2020. O que falha, é que a cultura não vende nem dá votos, ao contrário dos festivais de verão onde há sempre milhares para investir. Não temos meios humanos para fazer mais do que já se faz na rede de associados voluntários, todos trabalhamos pro bono em tudo.

Há alguma história interessante que se tenha passado num colóquio?

Por exemplo quando, na tentativa de poupar os custos, colocamos inadvertidamente dois artistas de teatro num mesmo quarto sem serem um casal (e tivemos de improvisar novo alojamento para eles).

Outro episódio foi em 2008 quando Adriano Moreira se deslocou a primeira vez a Bragança e o edil não acreditava que tivéssemos convencido o professor a ir tão longe.

O autarca estava escondido num gabinete e de 15 em 15 minutos mandava alguém ao palco perguntar-nos “tem a certeza de que ele vem?”, até que o conhecido politólogo apareceu com a sua consorte e o edil pode sair da toca, incrédulo com a nossa capacidade de atrair grandes personalidades para os colóquios.

Um ano mais tarde Adriano Moreira ofertaria o seu espólio à Câmara que criou uma segunda biblioteca municipal com o seu nome, facto do qual nos orgulhamos sempre com um enorme sorriso na lembrança do sucedido. E ele já esteve presente em mais colóquios (o último foi 2018 em Belmonte).

1.2. HISTORIAL longo

Aqui se traça em linhas gerais o já longo percurso da AICL. Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais.

Em 2001, os Colóquios brotaram do intuito do nosso primeiro patrono JOSÉ AUGUSTO SEABRA de criar uma Cidadania da Língua, proposta radicalmente inovadora num país tradicionalista e avesso a mudanças. Queríamos que todos se irmanassem na Língua que nos une. Tínhamos gerido o seu projeto ALFE desde 1997 e quisemos torná-lo universal. Pretendíamos catapultar a Língua para a ribalta, numa frente comum, na realidade multilingue e multicultural das comunidades que a usam. A nossa noção de LUSOFONIA abarca os que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade. Gostaria de parafrasear Martin Luther King, 28 agosto 1963, “*I had a dream...*” para explicar como nascidos em 2001 já realizámos trinta e dois Colóquios da Lusofonia (dois ao ano desde 2006 quando passamos a incluir a divulgação da açorianidade literária) numa demonstração de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Creemos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua. Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência. Os colóquios juntam os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia despedem-se como se de amigos - as de longa data se tratasse, partilham ideias, projetos, criam sinergias, todos irmanados do ideal de “sociedade civil” capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos do género. É a informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, que nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos. Somos um vírus altamente contagioso fora do alcance das farmacêuticas. Desde a primeira edição abolimos os axiônimos, ou títulos apensos aos nomes, esse sistema nobiliárquico português de castas que distingue as pessoas sem ser por mérito. Tentamos que todos sejam iguais dentro da nossa associação e queremos que todas contribuam, na medida das suas possibilidades, para os nossos projetos e sonhos... A nossa filosofia tem permitido desenvolver projetos onde não se reclama a autoria, mas a partilha do conhecimento. Sabe-se como isso é anátema nos corredores bafientos e nalgumas instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus para usar a velha designação), e daí termos tido o 21º Colóquio na esplanada de uma praia...

Em 2010 passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos e, em dezembro de 2015 passamos a ser uma entidade cultural de utilidade pública. Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e aí nasceram os Colóquios da Lusofonia. Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades. Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos. Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, hoje, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e a Academia Galega da Língua Portuguesa. Depois, acrescentamos como sócios honorários e patronos Dom Ximenes Belo em 2015 e em 2016 José Ramos-Horta (os lusofalantes do Prémio Nobel da Paz 1996), a que se juntaram (em 2016) Vera Duarte da Academia Cabo-Verdiana de Letras e a Academia de Letras de Brasília. Aguardamos a prometida adesão da Academia Angolana a este projeto. O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão. Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes.

Ao longo de quase duas décadas realizamos colóquios em vários locais. Começámos no Porto, depois tivemos Bragança (como base entre 2003 e 2010), Brasil (Floripa 2010), Macau (2011), Ourense (Galiza 2012), Seia (2013 e 2014), Fundão (2015), Montalegre (2016), Belmonte (2017 e 2018), e nos Açores na Ribeira Grande (2006-2007), Lagoa em São Miguel 2008-2012), Vila do Porto (Santa Maria 2011 e 2017), Maia (S Miguel 2013), Moinhos de Porto Formoso (São Miguel 2014), Santa Cruz da Graciosa (2015), Lomba da Maia (S Miguel, Açores 2016), Madalena do Pico 2018. Belmonte e Santa Cruz da Graciosa (2019).

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, através do pagamento das quotas dos associados e do pagamento de inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados especificamente para cada evento, concebido e levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias. Ao nível logístico, tentam beneficiar do apoio das entidades com visão para apoiar a realização destes eventos. Estabeleceram várias parcerias e protocolos com universidades, politécnicos, autarquias e outros que permitem embarcar em projetos mais ambiciosos e com a necessária validação científica.

Nos Açores, agregaram académicos, estudiosos, artistas plásticos e escritores em torno da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições, numa perspetiva de enriquecimento da LUSOFONIA. Pretendia-se divulgar a identidade açoriana não só nas comunidades lusofalantes, mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, e onde têm sido feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos, além de dois livros de autor, das quatro (4) antologias que já publicamos, dois (2) livros de Dom Ximenes Belo dedicados aos *Missionários Açorianos em Timor*, a história infantojuvenil trilingue *O menino e o crocodilo* de Ramos-Horta entre várias outras obras que editamos.

SOMOS uma enorme tertúlia reforçando a lusofonia e a açorianidade. De referir que em todos os colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução que é uma importante forma de divulgação da nossa língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores de outras línguas e culturas.

Provámos a vitalidade da sociedade civil quando congregámos vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como aqueles que hoje dão vida aos nossos projetos. Esperemos que mais se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia - para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa. Ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

Solução - síntese:

Transformar a consciência do Português. O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão. A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de Idosos, etc., torna-se um microestado. As transformações desejadas serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional – confirma a Física Quântica. Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

1. A ética, como base;
2. A integridade;
3. A responsabilidade;
4. O respeito às leis e aos regulamentos;
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;
6. O amor ao trabalho;
7. O esforço pela poupança e pelo investimento;
8. O desejo de superação;
9. A pontualidade.

Somos como somos, porque vemos os erros e encolhemos os ombros dizendo: “não interessa!” A preocupação de todos deve ser com a sociedade, que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito. Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje. Vamos agir! Muito mais se poderia dizer sobre a ação dos Colóquios quer a nível das suas preocupações com o currículo regional dos Açores e outras questões nacionais e internacionais, mas o que atrás fica dito espelha bem a realidade das nossas iniciativas.

No 1º Colóquio 2002 afirmou-se:

Pretende-se repensar a Lusofonia, como instrumento de promoção e aproximação de povos e culturas. O Porto foi a cidade escolhida, perdida que foi a oportunidade, como Capital Europeia da Cultura, de fazer ouvir a sua voz nos mídias nacionais e internacionais como terra congregadora de esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Cabinda e Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e nos outros onde não sendo Língua oficial existem Lusofalantes. Há tempos (2002) o emérito linguista anglófono Professor David Crystal escrevia-nos dizendo:

“O Português parece-me, tem um futuro forte, positivo e promissor garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões, e pela vasta variedade que abrange desde a formalidade parlamentar até às origens de base do samba. Ao mesmo tempo, os falantes de português têm de reconhecer que a sua língua está sujeita a mudanças – tal como todas as outras – e não se devem opor impensadamente a este processo. Quando estive no Brasil, no ano passado, por exemplo, ouvi falar dum movimento que pretendia extirpar todos os anglicismos. Para banir palavras de empréstimo doutras línguas pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua, dado que a isola de movimentações e tendências internacionais. O Inglês, por exemplo, tem empréstimos de 350 línguas – incluindo português – e o resultado foi ter-se tornado numa língua imensamente rica e de sucesso. A língua portuguesa tem a capacidade e força para assimilar palavras de Inglês e de outras línguas mantendo a sua identidade distinta. Espero também que o desenvolvimento da língua

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

portuguesa seja parte dum atributo multilingue para os países onde é falada para que as línguas indígenas sejam também faladas e respeitadas, O que é grave no Brasil dado o nível perigoso e crítico de muitas das línguas nativas.”

Posteriormente, contactei aquele distinto linguista preocupado com a extinção de tantas línguas e a evolução de outras, manifestando-me preocupado pelo desaparecimento de tantas línguas aborígenes no meu país e espantado pelo desenvolvimento de outras. Mostrava-me apreensivo pelos brasileirismos e anglicismos que encontrara em Portugal após 30 anos de diáspora. Mesmo admitindo que as línguas só têm capacidade de sobrevivência se evoluírem eu alertava para o facto de terem sido acrescentadas ao léxico 600 palavras pela Academia Brasileira (1999) das quais a maioria já tinha equivalente em português.

Sabendo como o Inglês destronou línguas (celtas e não só) em pleno solo do Reino Unido a partir do séc. V, tal como Crystal (1977) afirma no caso do Câmbrico, Norn e Manx, perguntava ao distinto professor qual o destino da língua portuguesa, sabendo que o nível de ensino e o seu registo linguístico eram cada vez mais baixos, estando a ser dizimados por falantes, escribas, jornalistas e políticos ignorantes, sem que houvesse uma verdadeira política da língua em Portugal. A sua resposta em março 2002 pode-nos apontar um de muitos caminhos. Diz Crystal:

“As palavras de empréstimo mudam, de facto, o carácter duma língua, mas como tal não são a causa da sua deterioração. A melhor evidência disto é, sem dúvida, a própria língua inglesa que pediu de empréstimo mais palavras do que qualquer outra, e veja-se o que aconteceu ao Inglês. De facto, cerca de 80% do vocabulário Inglês não tem origem Anglo-Saxónica, mas sim das línguas Românticas e Clássicas incluindo o Português. É, até, irónico que algumas dos anglicismos que os Franceses tentam banir atualmente derivem de Latim e de Francês na sua origem. Temos de ver o que se passa quando uma palavra nova penetra numa língua. No caso do Inglês, existem triunviratos interessantes como kingly (Anglo-saxão), royal (Francês), e regal (Latim) mas a realidade é que linguisticamente estamos muito mais ricos tendo três palavras que permitem todas as variedades de estilo que não seriam possíveis doutro modo. Assim, as palavras de empréstimo enriquecem a expressão. Até hoje nenhuma tentativa de impedir a penetração de palavras de empréstimo teve resultados positivos. As línguas não podem ser controladas. Nenhuma Academia impediu a mudança das línguas. Isto é diferente da situação das línguas em vias de extinção como por exemplo debati no meu livro Language Death. Se as línguas adotam palavras de empréstimo isto demonstra que elas estão vivas para uma mudança social e a tentar manter o ritmo. Trata-se dum sinal saudável desde que as palavras de empréstimo suplementem e não substituam as palavras locais equivalentes. O que é deveras preocupante é quando uma língua dominante começa a ocupar as funções duma língua menos dominante, por exemplo, quando o Inglês substitui o Português como língua de ensino nas instituições de ensino terciário. É aqui que a legislação pode ajudar e introduzir medidas de proteção, tais como obrigação de transmissões radiofónicas na língua minoritária, etc. existe de facto uma necessidade de haver uma política da língua, em especial num mundo como o nosso em mudança constante e tão rápida, e essa política tem de lidar com os assuntos base, que têm muito a ver com as funções do multilinguismo. Recordo ainda que não é só o Inglês a substituir outras línguas. No Brasil, centenas de línguas foram deslocadas pelo português, e todas as principais línguas: espanhol, chinês, russo, árabe afetaram as línguas minoritárias de igual modo.”

Por partilhar a opinião do professor David Crystal espero que possam todos repensar a Lusofonia como instrumento de promoção e aproximação de culturas sem exclusão das línguas minoritárias que com a nossa podem coabitar.

Em 2002....

Patenteamos que era possível ser-se organizacionalmente INDEPENDENTE e descentralizar sem subsidiodependências e os Colóquios já se afirmaram como a única realização regular, concreta e relevante - em todo o mundo - sobre esta temática, sem apoios nem dependências. Os Colóquios inovaram, na primeira edição, e introduziram o hábito de entregar as Atas em DVD - CD no ato de acreditação dos participantes.

No 2º Colóquio [2003] afirmou-se:

“só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da lingua portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais. Que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma independentemente da pátria. Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e do laxismo. Em Portugal, infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do seu património linguístico. Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da língua que fala. Há outros aspetos de que, por serem tão correntes, já mal nos apercebemos: o mau uso das preposições, a falta de coordenação sintática, e a violação das regras de concordância, que, logicamente, afetam a estrutura do pensamento e a expressão. Além dos tratos de polé que a língua falada sofre nos meios de comunicação social portugueses, uma nova frente se está a abrir com o ciberespaço e com as novas redes de comunicação em tempo real.

Urge, pois, apoiar a formação linguística dos meios de comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores da área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes.

A atual crise portuguesa não é meramente económica, mas reflete uma nação em crise, dos valores à própria identidade. Jamais podemos esquecer que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar. A língua não é um fóssil. Também hoje, a mudança está a acontecer. Num país em que falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, onde o cinzentismo e a uniformidade são a regra de referência, onde a competição é uma palavra tabu, onde o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, onde a posse de um diploma superior constitui ainda uma vantagem competitiva, claro que continua a grassar a desresponsabilização. Os cursos superiores estão ainda desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem alheadas das instituições académicas, existem cursos a mais que para nada servem, existem professores que mantêm cursos abertos para se manterem empregados. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem excesso de licenciados, mas sim falta de empregos. Mas será que falam português? “

No 3º Colóquio [2004],

cujo tema era a Língua Mirandesa, dizia-se que o Colóquio, como pedrada no charco que pretendia ser, visava alertar para uma segunda língua nacional que mal sabemos que existe e cujo progresso é já bem visível em menos duma década de esforço abnegado e voluntarioso duma mão cheia de pessoas que acreditaram. Alertávamos para a necessidade de sermos competitivos e exigentes, sem esperar pelo Estado ou Governo e tomarmos a iniciativa em nossas mãos. Assim como criamos estes Colóquios, também cada um pode criar a sua própria revolução, em casa com os filhos, com os alunos, com os colegas e despertar para a necessidade de manter viva a língua de todos nós. Sob o perigo de soçobrarmos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno. Nesse ano, lançamos a campanha que salvou da extinção o importante portal Ciberdúvidas.

No 4º Colóquio [em 2005] sobre a Língua Portuguesa em Timor-Leste

“O português faz parte da História timorense. Não a considerar uma Língua oficial colocaria em risco a sua identidade”, defende o linguista australiano Geoffrey Hull no seu recente livro Timor-Leste. Identidade, língua e política educacional. A língua portuguesa “tem-se mostrado capaz de se harmonizar com as línguas indígenas” e é tanto mais plausível porque “o contacto com Portugal renovou e consolidou a cultura timorense e quando Timor-Leste emergiu da fase colonial não foi necessário procurar uma identidade nacional, o país era único do ponto de vista linguístico. O português não é um idioma demasiado difícil para os timorenses pois estes já possuem um relativo conhecimento passivo do português, devido ao facto de que já falam o Tétum-Dili”, afirma Hull. “A juventude deve fazer um esforço coletivo para aprender ou reaprender a língua portuguesa”. Estas eram, de facto, as premissas com que partimos para o 4º Colóquio. Tivemos a presença do Prémio Nobel da Paz, D. Carlos Filipe Ximenes Belo, e a exposição de fotografia do Presidente Xanana Gusmão (Rostos da Lusofonia). Durante dois dias foi debatido o futuro do português na ex-colónia, além de temas mais genéricos como as tradições, a literatura e a tradução em geral. Em termos linguísticos é a primeira vez que se faz uma experiência destas no mundo: impor-se uma Língua oficial numa nação onde não existe uma língua própria, mas várias línguas: a franca (Tétum) e vários dialetos. A organização do Colóquio entende que “foi sobremodo graças à ação da Igreja Católica que a língua portuguesa se manteve em Timor”, e daí a relevância da presença do Bispo resignatário de Díli, D. Carlos Ximenes Belo, no segundo dia de trabalhos. Dentre os temas debatidos focando aspetos curiosos da Geografia à História de Timor, passando pelo Ensino e Cooperação, é importante realçar que os projetos com melhor e maior acolhimento foram aqueles que saíram das linhas institucionais rígidas. Trata-se de projetos em que os professores e cooperantes adaptaram os programas à realidade timorense e assim conseguiram uma adesão e participação entusiástica dos timorenses, que hoje os substituem já nessas tarefas.

Este aspeto é notável, pois colide com a burocracia oficial e rígida que estipula quais os programas a aplicar sem conhecimento da realidade local e suas idiossincrasias. A ideia transversal e principal deste Colóquio era o futuro do português em Timor. “*O Tétum está a ser enriquecido com toda uma terminologia que deriva automaticamente do português, e não do Inglês. Enquanto as línguas tradicionais cada vez mais se servem do Inglês, o Tétum está a servir-se do português para criar palavras que não existem o que enriquece tanto o português como o Tétum*”.

Em 2006, no 6º Colóquio debateram-se os modelos de normalização linguística na Galiza

e a situação presente, onde o genocídio linguístico atingiu uma forma nova e subtil, pela promoção social, escolar e política de uma forma oral e escrita deturpada, castelhanizada, a par de uma política ativa de exclusão dos dissidentes lusófonos (os denominados reintegracionistas e lusistas). Debateu-se uma Galiza que luta pela sobrevivência linguística, numa altura em que a UNESCO advertiu do risco de castelhanização total nas próximas décadas. Falou-se de história, dos vários avanços e recuos e de vários movimentos a favor da língua portuguesa na Galiza, apontaram-se soluções, sendo exigida a reintrodução do Português na Galiza através de várias formas e meios.

Existe aqui ampla oportunidade para as televisões portuguesas descobrirem aquele mercado de quase três milhões de pessoas. As oportunidades comerciais de penetração da Galiza podem ser uma porta importante para a consolidação da língua naquela Região Autónoma. Foi sobejamente assinalada a quase generalizada apatia e desconhecimento do problema da língua na Galiza por parte dos portugueses e o seu esquecimento por parte das entidades oficiais sempre temerosas de ofenderem o poder central em Madrid. Faltam iniciativas como esta para alertar, um número cada vez maior, as pessoas para este genocídio linguístico, desconhecido e que mora mesmo aqui ao lado.

O atual impacto mundial da língua portuguesa existe sobretudo por ação dos outros. A República Popular da China prepara [em Macau] os seus melhores quadros para dominarem a língua portuguesa e desta forma conquistarem os mercados lusófonos. Irá depender sobretudo do esforço brasileiro em liderar que a Lusofonia poderá avançar, levando a reboque os países africanos ainda cheios de complexos do seu velho e impotente colonizador Portugal. A língua portuguesa é alimentada de forma diferente de acordo com as realidades sociais, económicas, culturais, etc., dos países onde está instituída e os quais estão geograficamente distantes uns dos outros.

A Língua Portuguesa pode ser o veículo de aproximação entre os países lusófonos e as comunidades lusofalantes. Os meus compatriotas aborígenes australianos preservaram a sua cultura ao longo de sessenta mil anos, sem terem escrita própria, mas a sua cultura foi mantida até aos dias de hoje, pois assentava na transmissão via oral de lendas e tradições. Este é um dos exemplos mais notáveis de propagação das características culturais de um povo que nunca foi nação. Devemos aceitar a Lusofonia e todas as suas diversidades culturais sem exclusão, que com a nossa podem coabitar.

Em 2007, buscou-se um tema ainda mais polémico e a necessitar de debate: “O Português no século XXI, a variante brasileira rumo ao futuro.

O risco real da separação ou não. Unificação ou diversificação: esta a agenda para as próximas décadas.” Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira, a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 8,7 milhões em 2050 contra os atuais 10,7 milhões. Os desafios que se põem nestes Colóquios são grandes... O Português, ao contrário do que muitos pensam não tem pernas para andar sozinho com uma população entre 9 e 15 milhões se incluirmos os expatriados, e tem de contar sobretudo com o número de falantes no Brasil, Galiza, Angola, Moçambique, Timor, Cabo Verde, S. Tomé, Guiné-Bissau e por toda a parte onde haja comunidades de lusofalantes, mesmo nas velhas comunidades esquecidas de Goa a Malaca. São lusofalantes os que têm o Português como língua, seja Língua-Mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal nos PALOP’s, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar, sejam ou não nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer país lusófono.

Em 2008 foi atribuído o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debateu-se, pela primeira vez em Portugal, o Acordo Ortográfico 1990.

Inaugurámos a Academia Galega da Língua Portuguesa e o Presidente da Academia de Ciências de Lisboa Professor Adriano Moreira deslocou-se propositadamente para dar “o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia”. Na sequência da vinda, doaria o seu espólio a Bragança onde se encontra na Biblioteca Municipal com o seu nome. Idêntica visita ocorreu em 2009 na Lagoa (Açores) onde se homenagearam Dias de Melo e Daniel de Sá. Prosseguimos, incansáveis, a campanha pela implementação total do Acordo Ortográfico 1990, com o laborioso apoio de Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara na luta pela Língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais. Desde então, esta é regra inelutável da AICL sobre a Ortografia: dado haver inúmeras ortografias oficiais em Portugal e no Brasil, a AICL converteu e uniformizou, para o AO 1990, todos os escritos posteriores a 1911, incluindo títulos de obras. A caótica ortografia anterior a 1911 foi mantida sempre que possível.

Em 2009 nos 11º e 12º colóquios definimos os projetos do MUSEU DA LUSOFONIA (Bragança) e do MUSEU DA AÇORIANIDADE (Lagoa),

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

que infelizmente não tiveram cabimento financeiro. O projeto de Bragança viria a desenvolver-se sem a nossa paternidade após 2016, e reavivamos o projeto em Belmonte 2017 para ser integrado no Museu dos Descobrimentos com apoio da Câmara local. Em 2009 convidámos o escritor Cristóvão de Aguiar para a primeira Homenagem Contra O Esquecimento, que incluía ainda Carolina Michaëlis, Leite de Vasconcellos, Euclides Da Cunha, Agostinho da Silva, Rosália de Castro. Um protocolo foi estabelecido em 2009 com a Universidade do Minho para ministrar um Curso Breve de Estudos Açorianos que decorreu em 2011.

Em janeiro de 2010 lançámos os Cadernos de Estudos Açorianos (em formato pdf no nosso portal <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html> que trimestralmente publicámos, estando disponíveis mais de três dezenas de cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades que pretendemos (um dia) levar em linha - online - para todo o mundo e de iniciação para os que querem ler autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram.

Nesse ano, o 13º colóquio deslocou-se ao Brasil, participou na conferência da CPLP em Brasília, visitou o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo e no Rio foi recebido na Academia Brasileira de Letras, onde palestraram Malaca Casteleiro, Concha Rousia e Chrys Chrystello, antes de se rumar a AÇORIANÓPOLIS, a décima ilha açoriana, Florianópolis no Estado de Santa Catarina.

Em 2010, Bragança, no 14º colóquio, tivemos poemas de Vasco Pereira da Costa, uma vídeo homenagem ao autor e a declamação ao vivo do poema “Ode ao Boeing 747” em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhana, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo).

Em 2011, no 15º colóquio, uma numerosa comitiva deslocou-se a Macau com o generoso apoio do Instituto Politécnico local e lá se firmaram novos protocolos. Ali se lançou o livro *Crónica Açores* vol. 2 de Chrys Chrystello.

No 16º colóquio, fomos pela primeira vez a Santa Maria, Ilha-Mãe homenagear Daniel de Sá. Em Vila do Porto, além de apresentar a Antologia bilingue de autores açorianos, aprovou-se uma DECLARAÇÃO DE REPÚDIO pela atitude de Portugal que olvidando séculos de história comum da língua, excluiu a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades lusófonas. A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo Acordo Ortográfico e o seu léxico foi integrado em vários dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão *a posteriori* do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

Em 2012 no 17º colóquio na Lagoa, reunimos 9 autores na HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO:

Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá), C. Valadão Serpa (EUA); de São Miguel: Eduíno de Jesus, Fernando Aires (representado pela viúva Idalinda Ruivo e filha Mª João); Daniel de Sá; da Ilha Terceira, Vasco Pereira da Costa e Emanuel Félix representado pela filha e poeta Joana Félix; da Ilha do Pico, Urbano Bettencourt, e do Brasil, Isaac Nicolau Salum (descendente de açorianos) com a presença da filha Maria Josefina.

Em outubro 2012, no 18º colóquio, levamos os Colóquios a Ourense, Galiza, parcela esquecida da Lusofonia, berço da língua de todos nós. Ali houve uma cerimónia especial da AGLP em que foram empossados oito novos Académicos Correspondentes. Foi um evento rico em trabalhos científicos e apresentações, mas com fraca adesão de público. Nesse ano difundimos o MANIFESTO AICL 2012, a língua como motor económico (<http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/manifesto2012aicl.pdf>) contributo para uma futura política da língua no Brasil e em Portugal. Dois importantes projetos viram a luz do dia em 2011 e 2012, a Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos e a Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos (em 2 volumes), da Calendário de Letras e autoria de Helena Chrystello e Rosário Girão, lançadas em Portugal e Açores (2011-2013), Galiza e Toronto (2012) bem como as obras completas em poesia celebrando 40 anos de vida literária de Chrys Chrystello num volume intitulado *Crónica do Quotidiano Inútil* (vols 1 a 5).

Na Maia (2013) no 19º colóquio, surgiram vários novos projetos, a Antologia 9 Ilhas 9 escritoras, o projeto de musicar poemas, e novo Prémio Literário AICL Açorianidade. Registou-se a presença, pela primeira vez de representantes do Camões e do IILP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa) da CPLP além do convidado de honra Dom Ximenes Belo.

Em Seia (2013) no 20º colóquio, criou-se um projeto de levantamento do Corpus da Lusofonia pelo Grupo Interdisciplinar, de Pesquisas em Linguística Informática (GIPLI).

Iremos continuar com o projeto de musicar poemas de autores açorianos, como a Ana Paula Andrade demonstrou no 19º e 20º colóquios ao apresentar temas de Álamoliveira, Luísa Ribeiro, Norberto Ávila, Concha Rousia e Chrys Chrystello. Igualmente iremos prosseguir com o projeto de musicar autores em versão pop, como tem sido feito pelo grupo de professores da Escola da Maia em São Miguel. Prosseguiremos à medida das disponibilidades dos nossos tradutores, com traduções de excertos de autores açorianos. Tenta-se colocar a Antologia no Plano Nacional (já consta do Plano Regional de Leitura dos Açores).

2014, o 21º colóquio teve a particularidade de obrigar a fechar as inscrições dois meses antes da data por excesso de oradores para o idílico local – a Praia dos Moinhos de Porto Formoso. Lançou-se o 2º Prémio Açorianidade (Poesia). Lançamos neste 21º Colóquio mais dois projetos: a Coletânea de Textos Dramáticos de autores açorianos, da autoria de Helena Chrystello e Lucília Roxo (incluindo Álamoliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo T Almeida) bem como a Antologia no feminino “9 Ilhas, 9 escritoras” incluindo Brites Araújo, Joana Félix, Judite Jorge, Luísa Ribeiro, Luísa Soares, Madalena Féerin, Madalena San-Bento, Natália Correia, Renata Correia Botelho.

Em 2014, no 22º colóquio em Seia, tivemos dois dos maiores vultos da ciência portuguesa, desconhecidos para a maioria da população – José Carlos Teixeira do Canadá, especialista em Geografia Humana e o professor José António Salcedo, especialista mundial em ótica e laser. Conseguimos trazer um grupo de 20 dançarinos de Timor-Leste (Timor Furak e Le-Ziaval) que ao longo de três sessões nos encantaram, numa aproximação entre culturas lusófonas distantes.

23º colóquio no Fundão 2015: Anunciou-se a preparação do volume 9 Ilhas, 9 autores 9 línguas traduzidas.

24º Graciosa 2015, aceite a proposta do associado José Soares de admitir Dom Carlos Filipe Ximenes Belo como Sócio Honorário - tentamos apoios para a publicação do livro de D. Ximenes Belo sobre um missionário açoriano no Oriente. Aceite a proposta do júri do Prémio AICL para que Norberto Ávila seja o autor a homenagear em 2016

25º Montalegre abril 2016. Foi anunciada a presença no 26º colóquio do outro Prémio Nobel da Paz de 1996, Dr José Ramos-Horta. Nesse colóquio lançaremos o CD de autores açorianos musicados. Em 2018 no Pico iremos ter um concerto especial com partituras do Padre Áureo da Costa Nunes e convidaremos autores picoenses ainda vivos

26º colóquio Lomba da Maia 2016: PROJETOS SAÍDOS DESTE COLÓQUIO

A possibilidade de se editar em Portugal o livro infantojuvenil do presidente Ramos-Horta, aceitar Ramos-Horta como sócio honorário da AICL e patrono. Nomear Urbano Bettencourt como autor escolhido para a Homenagem contra o Esquecimento 2017 em Belmonte e Vila do Porto.

27º colóquio Belmonte 2017: Aceitar a proposta da EMPDS e da Câmara Municipal de sediar os próximos colóquios de forma definitiva em Belmonte.

Aceitar a proposta de revitalizar o nosso projeto de 2009 do Museu da Lusofonia e construir nos próximos dois anos o primeiro módulo dedicado ao período de início da língua galaico-portuguesa até Carta de Pero Vaz de Caminha, a fim de poder ser incluído no Museu dos Descobrimentos. Foi já criada uma equipa multidisciplinar liderada pelo Professor Malaca Casteleiro, coadjuvado pelas professoras Maria Francisca Xavier e Maria de Lourdes Crispim. A preparação de imagens e textos deverá estar pronta no prazo de um ano a fim de a entregarmos à EMPDS para encomendar a transposição para elementos interativos. Posteriormente iremos tratar do segundo módulo, com a inclusão de línguas nativas da era dos Descobrimentos e posteriores (tupi, guarani, etc.) e evolução até aos nossos dias.

28º colóquio da lusofonia Vila do Porto 2017. Foram firmados novos protocolos com o Município de Belmonte e Hotel Belmonte Sinai a vigorar – pelo menos – durante quatro anos, em que a nossa base será em Belmonte e nela se realizará um colóquio anual. Foi renovado o protocolo com o IECCPMA (Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes). Face ao protocolo com a autarquia de Belmonte tivemos de mudar a nossa programação futura (mais 4 em Belmonte, até 2021, e os restantes obviamente nas ilhas dos Açores). O autor açoriano homenageado em 2018 será a compositora e maestrina Ana Paula Andrade. No Pico apresentaremos com a Ana Paula Andrade e Raul Leal Gaião a obra musical do Padre picoense Áureo da Costa Nunes e faremos uma Homenagem a Dom Jaime Garcia Goulart na Candelária com Raul Gaião e Dom Carlos Ximenes Belo. Igualmente iremos introduzir temática arqueológica e apresentar novo documentário de Timor-Leste e convidaremos a Mirateca ARTS a colaborar. Projetos a apoiar e desenvolver nos próximos 2 a 3 anos:

Editar o 2º livro da série *Missionários açorianos em Timor* de Dom Carlos F Ximenes Belo; Iniciar o projeto de poemas dedicados aos Açores a fotografias do Porto pela Fátima Salcedo; Trabalhar na preparação do 2º CD de autores açorianos musicados pela Ana Paula Andrade e divulgar o 1º CD; Prosseguir na antologia dos açorianos traduzidos em várias línguas que a Helena Chrystello começou em 2015 e apoiar dentro das nossas possibilidades não-financeiras, a edição do Dicionário de Crioulo Macaense de Raul Leal Gaião e a futura edição crítica das obras anglófonas dedicadas aos Açores na segunda metade do séc. XIX, a produzir por Rolf Kemmler. Por sugestão do nosso patrono e presidente da Assembleia-Geral, em 2018 iremos experimentar o modelo de 20 minutos para todas as sessões.

29º colóquio da lusofonia Belmonte março 2018,

- a EMPDS vai diligenciar para musealizar e converterem conteúdo digital o primeiro módulo do Museu da Lusofonia
- proposto para ser incluído no Museu dos Descobrimentos já no 31º colóquio abril 2019 (Dos primeiros documentos em galaico-português à Carta de Pero Vaz de Caminha)
- o ICPD (Instituto Cultural de Ponta Delgada, Vice-Presidente (João Paulo Constância) vai assinar um protocolo com a AICL para a colaboração ativa em vários projetos, a AICL vai lançar, em moldes ainda por determinar, o 2º volume de Dom Ximenes Belo missionários Açorianos em Timor, a AICL vai convidar a MiratecArts para colaborar numa sessão especial do 30º colóquio na Madalena do Pico em outubro 2018

30º colóquio da lusofonia Madalena do Pico out 2018 Conclusões –

1. Congratulamo-nos pelo acordo com a Câmara de Ponta Delgada para ali realizarmos o 34º colóquio de 1 a 5 outº 2020 EDUCAÇÃO: uma ciência transversal que todos os governos deviam privilegiar, com os Convidados de honra Alexandre Quintanilha Presidente da Comissão Parlamentar de Educação e Ciência <https://www.parlamento.pt/DeputadoGP/Paginas/Biografia.aspx?ID=5930>; José António Salcedo cientista <https://www.facebook.com/jose.a.salcedo.988> e ainda o escritor Richard Zimler como escritor convidado.
2. Congratulamo-nos com os reforços dos laços com a autarquia de Belmonte que vai instalar o núcleo da Lusofonia no Museu dos Descobrimentos com abertura prevista para abril 2019
3. Congratulamo-nos com o resultado das diligencias da AICL que irão permitir a geminação entre a Madalena do Pico e Belmonte, e conta-se com a presença lá do Sr. Presidente da Câmara,
4. Depois de propormos à C M Madalena o regresso dos Colóquios a esta vila ficou o mesmo mutuamente acordado para 23 a 27 de setº de 2021
5. Congratulamo-nos, que graças à ação da AICL, Ponta Delgada possa vir a ser incluída na Rede das Judiarias e que esse acordo seja já celebrado no próximo colóquio em abril 2019
6. Por proposta de Frederico Cardigos do Gabinete dos Açores em Bruxelas, vamos estudar a possibilidade de levar um grupo restrito (10-12) de autores açorianos a Bruxelas para numa sessão de 1 a 2 dias, divulgar a literatura de matriz açoriana e alguma da sua obra (livros ou excertos já traduzidos noutras línguas)
7. Proposta da AICL de acolher como sócio Sérgio Rezendes e promovermos a sua deslocação a escolas secundárias para promover o conhecimento da História dos Açores
8. Vamos prosseguir com o projeto de finalizar o projeto do busto de Dom Carlos Ximenes Belo com um custo entre os 6 e os 8 mil euros cujo molde inicial foi feito pelo artista plástico picoense Rui Goulart (ver em <http://coloquios.lusofonias.net/XXX/ximenes%20um%20busto.mp4>). Pensamos que uma autarquia ou outra entidade que financie esta obra possa ficar com ela para expor em local apropriado.
9. Damos publicamente um voto de congratulação á MIRATECARTS por colocar ao longo destes últimos sete anos, o Pico no mapa cultural internacional através das suas atividades diversificadas
10. Os autores homenageados pela AICL em 2019 e 2020 serão, respetivamente, EDUÍNO DE JESUS e ONÉSIMO T ALMEIDA

CONCLUSÕES 31º colóquio da lusofonia, Belmonte 12-15 abril 2019

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Salientamos com satisfação a assinatura de protocolo entre o Museu Judaico de Belmonte e a Sinagoga de Ponta Delgada, promovido no 30º colóquio da Madalena do Pico, a que se seguirá no 25 de abril a celebração da geminação da Madalena do Pico com a vila de Belmonte, também originado no 30º colóquio. Estas sinergias intermunicipais refletem bem o caráter agregador e dinâmico da AICL que agradece a presença do Sr. Presidente José Manuel Bolieiro e da sua delegação. Salientamos a participação de académicos de várias áreas científicas, vários países e regiões com a habitual presença da Galiza (Alexandre Banhos e Margarida Martins), a presença pela quinta vez de representação diplomática de Timor-Leste e a segunda participação de Cabo Verde pela académica, poetisa e juíza desembargadora Vera Duarte, nossa nova associada, e do nosso patrono e sócio-honorário Dom Carlos Ximenes Belo que assinalou a sua sétima presença de forma bem vocal no painel dedicado aos 20 anos após o referendo de Timor-Leste de 1999. Foi oficialmente confirmada a participação de 3 autores lusófonos no 32º na Graciosa (Teolinda Gersão, Joel neto e José Luís Peixoto) e de cerca de uma vintena de autores açorianos, em novos moldes com formato de mesa redonda. Notável envolvimento da comunidade local nas sessões, em especial nos concertos e recitais em que a sala do auditório municipal praticamente encheu. Foi assinalada a qualidade dos 5 livros apresentados pelos autores neste colóquio (D Ximenes Belo, **Missionários açorianos em Timor vol. 2**; Raul Gaião, **Dicionário de Crioulo Macaense**; Vera Duarte **“A Matriarca”** e **“A reinvenção do mar”**; José Andrade **“Açores no Mundo: as 15 Casas dos Açores”**, Luciano Pereira, **“Lusofonografias, Ensaio pedagógico-literários”**. Regista-se com apreço a enorme capacidade de Ana Paula Andrade de conglomerar vontades para apresentar **“Sodade”** de Cesária Évora como música de fundo na intervenção do escritor timorense Luís Cardoso de Noronha (Takas) e em seguida, apresentou a mesma versão cantada, em versão impromptu com Piki Pereira e Mintó Deus, além de chamar ao palco a jovem talento local Joana Carvalho que cantou, de improviso, em segunda voz **“As ilhas de bruma”**.

A participação local de jovens intérpretes foi uma agradável surpresa e enviamos os nossos parabéns a todos (Francisca Marques (piano), Edgar Costa (acordeão), Juliana e Rodrigo Bernardo (o mais jovem maestro português) e a Joana Carvalho. O associado Terry Costa da MiratecArts apresentou um ambicioso projeto da Quinta da Lusofonia, um espaço de cerca de 800 metros quadrados dedicado às palavras, dos poetas e das poetisas de língua portuguesa, espalhados pelo mundo - desde os que já disseram o seu último adeus, às novas gerações que por aqui passam. A Quinta da Lusofonia está projetada para uma inauguração no outono 2021, arrancando as celebrações dos 10 anos da Associação MiratecArts, e na altura do 36º Colóquio da Lusofonia a acontecer na Madalena, ilha do Pico.

Foi bastante proveitosa e participada a divulgação do tema Judaísmo quer na visita à Sinagoga, Museu Judaico ou mesmo nas duas sessões dedicadas ao tema, muito enriquecidas pela apresentação por José de Mello da História da Sinagoga de Ponta Delgada e da inauguração de uma exposição de peças da mesma sinagoga que ficará em exibição até finais de maio.

Numa reunião com Paulo Monteiro (GloryBox) responsável pela instalação do Museu dos Descobrimentos e pela sua próxima remodelação foi possível aumentar o polo da lusofonia para 3 módulos a saber: 1, medieval do galego-português a Pero Vaz de Caminha, seguindo-se o português clássico renascentista, e 3º módulo os crioulos e dialetos locais e sua influência na língua. Se bem que o primeiro módulo coordenado pela equipa de Malaca Casteleiro, Maria de Lourdes Crispim e Maria Francisca Xavier esteja pronto será preciso trabalhar no segundo módulo e para o terceiro a AICL disponibilizou já os contactos a fim de a empresa encarregue da renovação do Museu tratar diretamente com os especialistas.

O presidente da Direção da AICL comprometeu-se a oferecer a sua Biblioteca pessoal a Belmonte como prova de gratidão aos excelentes anfitriões dos Colóquios 2016-2021,

A EMPDS mostrou-se disponível para renovar este ano o nosso protocolo por mais 5 anos (até 2026). Luís Mascarenhas Gaivão comprometeu-se a expor a sua **“Angola: Muxima, desenho e texto (ver <https://www.dailymotion.com/video/x6hg5l2>)”** de sua coautoria com Luís Ançã no 33º colóquio em Belmonte e apresentar o seu mais recente livro no 32º na Graciosa

A AICL pediu o apoio do Presidente da Câmara de Ponta Delgada (que prontamente acedeu) para ali levar no 34º colóquio uma exposição de pintura chinesa de Lotus de Jade Tchum e pediu apoio na deslocação da jovem Joana Carvalho à Graciosa e a EMPDS comprometeu-se a custear a viagem da jovem intérprete dando a AICL apoio na estadia. A AICL decidiu também patrocinar e levar à ilha branca, ilha da música, as sonoridades de Timor com Piki Pereira e Mintó Deus. Vera Duarte comprometeu-se a estar presente, uma vez ao ano, e tentar obter apoios para uma pequena comitiva da AICL organizar um encontro em Cabo Verde, o que temos vindo a tentar há vários anos. A Câmara de Ponta Delgada prontificou-se a aceitar o repto do Presidente da Câmara de Belmonte para se juntar à Rede das Judiarias e se geminarem as duas localidades num futuro próximo. Saudamos o nosso patrono e cessante Presidente da Mesa da Assembleia-Geral Professor Malaca Casteleiro e a sua afável Conceição Casteleiro pelo apoio prestado e glorificação dos colóquios no período de 2007 a 2019. De igual modo saudamos o outro patrono fundador Professor Evanildo Bechara e Dona Marlit, por tão meritória ação em prol dos colóquios e publicamente anunciamos aqui que na última Assembleia-Geral de 12 de abril os elegemos Presidentes Honorários da AICL em preito de admiração pela projeção que trouxeram a estes eventos. Ao novo presidente da Mesa Luciano Pereira desejamos as maiores venturas.

CONCLUSÕES 32º colóquio Graciosa 2019

- 1.1. Assinala-se a importância da celebração de novo acordo entre a Câmara de Belmonte e a AICL garantindo a presença dos colóquios em Belmonte de 2022 a 2026 e a consolidação do projeto do núcleo da Lusofonia no Museu dos Descobrimentos.
- 1.2. Celebra-se a intenção aceite pelas partes da geminação entre a Câmara de Belmonte e a de Santa Cruz da Graciosa que irá permitir intercâmbios a nível de teatro e de grupos musicais (coros, etc.) entre ambas as Vilas, e que permitiu já a vinda da jovem cantautora Joana Carvalho. Assim prevemos que Manuel Avelar presidente da Câmara de Santa Cruz assine esse protocolo de geminação na abertura do 33º colóquio
- 1.3. Assinala-se com honra a presença neste 32º colóquio de Teolinda Gersão e de José Luís Peixoto, duas referências a nível da literatura nacional e internacional que muito brilho vieram trazer a este colóquio e satisfaz anunciar a sua vontade de estarem presentes no 33º em Belmonte.
- 1.4. Temos igualmente a promessa da participação no 33º em Belmonte de Joel Neto (ausente por motivo de força maior) e do cientista Félix Rodrigues
- 1.5. A Casa dos Açores em Lisboa enviou uma mensagem a congratular-nos pela homenagem a Eduíno de Jesus autor AICL 2019 a qual foi lida na sessão dedicada ao poeta.
- 1.6. Recebemos e aceitamos o convite a regressar à Graciosa que ficou desde já previsto para 2023
- 1.7. A comunicação social de Santa Catarina, Brasil (que aqui esteve representada por Sérgio e Marize Prosdócimo) deu cobertura ao evento, bem como a Rádio Graciosa, RTP Açores e Lusa além de outros jornais açorianos

2. Agradecimentos são devidos ao prestimoso Presidente da Câmara de Santa Cruz, Manuel Avelar, bem como ao Governo Regional e suas Direções Regionais do Turismo, das Comunidades, da Cultura, ao Hotel Graciosa Resort e Adão Torres que foi seu diretor executivo até dia 29/9, e à **Neuza Muzemba atual gestora**, ao Dr Jorge Cunha, diretor do Museu coordenador da vertente cultural (rotas geoculturais) deste evento, ao Conselho Executivo da EBS Graciosa que nos recebeu e agradeceu com um delicioso almoço. O nosso apreço vai para os convidados de honra que, prontamente, aceitaram o nosso convite, escritores Teolinda Gersão, José Luís Peixoto, cientista Professor Félix Rodrigues e ao nosso mestre, decano das letras açorianas EDUÍNO de JESUS homenageado da AICL em 2019. Agradecemos ao nosso parceiro institucional, a Câmara de

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Belmonte aqui representada pelo Eng.º Joaquim Feliciano da Costa, que aqui nos traz a fabulástica voz da jovem cantante JOANA CARVALHO, e agradecemos a disponibilidade total que, desde 2018, demonstram os amigos e músicos timorenses Piki Pereira e Mintó Deus que muito enriquecerão as nossas sessões. Encómios ainda para os convidados escritores Eduardo Bettencourt Pinto do Canadá, Jorge Arrimar de Angola, Álamo Oliveira, Manuel Jorge Lobão e Victor Rui Dores da Graciosa. Demos as boas vindas aos novos associados o escritor Pedro Almeida Maia dos Açores, e o escritor cabo-verdiano Hilarino da Luz, terminando congratulando a presença do Conservatório Regional de Ponta Delgada, com a maestrina, compositora e pianista Ana Paula Andrade, a violinista Carolina Constância, a soprano Carina Andrade.

Ao nosso laborioso adjunto da direção, Pedro Paulo Câmara coadjuvado pela infatigável Carolina Cordeiro, o nosso obrigado pelo incomensurável apoio na seleção de convidados e na gestão da sua estadia. **Por fim reiteramos a nossa gratidão ao Governo Regional aqui representado pela Secretária Regional da Energia, Ambiente e Turismo (Marta Guerreiro), cujo apoio financeiro nestes últimos dois anos tem sido fundamental para o leque alargado de mais de 20 escritores presentes.**

Muito resumidamente, foi isto que os Colóquios fizeram numa década e meia. Leia o sempre atual MANIFESTO (2012) contra a crise: a língua como motor económico <http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/manifeto2012aicl.pdf>

2. TEMAS

TEMA 1 AUTORES LOCAIS E TEMAS

- 1.1. HOMENAGEM a (Pedro Álvares) Cabral. Belmonte e o Brasil.
- 1.2. Autores nativos de Belmonte que se distinguiram em qualquer ramo do saber
- 1.3. Belmonte: o concelho, história, etnografia, geografia, tradições e cultura.
- 1.4. Judeus em Belmonte e no mundo
- 1.5. Outros temas locais

TEMA 2 LUSOFONIA E LÍNGUA PORTUGUESA (TEMAS PERMANENTES)

- 2.1. Língua Portuguesa no mundo. Lusofonia e diásporas
- 2.2. Língua Portuguesa: Língua de Identidade e Criação.
- 2.3. Língua Portuguesa como língua científica. Vocabulários Científicos
- 2.4. Língua Portuguesa na Comunicação Social e no Ciberespaço
- 2.5. Língua Portuguesa, Ensino e currículos. Corpus da Lusofonia.
- 2.6. Política da Língua
- 2.7. Lusofonia na arte e noutras ciências
- 2.8. Ortografia, Desafios, constrangimentos e projetos sobre a ortografia
- 2.9. Outros temas lusófonos, outras ciências do saber lusófono.

TEMA 3 Açorianidades (TEMAS PERMANENTES)

- 3.1 Arquipélago da Escrita - Literatura de matriz açoriana - Autores açorianos
- 3.2. Açorianos em Macau e em Timor – Cardeal Costa Nunes, D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa, Nunes e D. Paulo José Tavares, (bispos açorianos em Macau), Áureo da Costa Nunes de Castro, José Machado Lourenço, Silveira Machado, etc.
- 3.4. Revisitar a Literatura de Autores estrangeiros sobre os Açores, – por exemplo: ·
Ashe, Thomas / Haydn, Joseph (1813): History of the Azores, or Western Islands, London.
Bullar, Joseph / Henry (1841): A winter in the Azores: and a summer at the baths of the Furnas, London.
Henriques, Borges de F. (1867) A trip to the Azores or Western Islands, Boston: Lee and Shepard.
Orrico, Maria" Terra de Lúdia";
Petri, Romana "O Baleeiro dos Montes" e "Regresso à ilha";
Tabucchi, Antonio, "Mulher de Porto Pim";
Twain Mark (1899): The Innocents Abroad, vol. I, New York; London: Harper & Brothers Publishers. (capítulos sobre os Açores, Faial), CAP. V/VI; ·
Updike, John. "Azores", Harper's Magazine, March 1964, pp. 11-37

TEMA 4 Tradutologia (TEMAS PERMANENTES)

- 4.1. Tradução de Literatura lusófona
- 4.2, tradução de e para português

3. COMISSÕES

COMISSÃO EXECUTIVA DO 33º COLÓQUIO

PRESIDENTE, Chrys Chrystello, MA, Presidente da Direção e da Comissão Executiva Colóquios

VICE-PRESIDENTES,

Helena Chrystello, Vice-Presidente da Direção da AICL, Mestre, Escola EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

Pedro Paulo Câmara, APRODAZ e UAç

ADJUNTO DA DIREÇÃO, Pedro Almeida Maia, Psicólogo Organizacional Univ Coimbra

VOGAIS: EMPDS (Joaquim Feliciano da Costa, Susana Miranda e Elisabete Manteigueiro) e Câmara Municipal (Presidente António Dias da Rocha)

SECRETARIADO EXECUTIVO

PRESIDENTE: Helena Chrystello, Mestre, Coordenadora de Departamento, EB 2,3 Maia, Açores

ADJUNTOS: João Costa Simões Chrystello, Univ dos Açores

VOGAIS: EMPDS (Joaquim Feliciano da Costa, Susana Miranda e Elisabete Manteigueiro) e Câmara Municipal (Presidente António Dias da Rocha)

COMISSÃO CIENTÍFICA PERMANENTE – TRIÉNIO 2017- 2020

1. Chrys Chrystello, MA, Academia Galega Da Língua Portuguesa, Presidente da Direção da AICL, Açores
2. Evanildo Cavalcante Bechara Academia Brasileira de Letras Brasil
3. Luciano B. Pereira, Escola Superior de Educação, Instº Politécnico Setúbal, Portugal
4. Manuel Urbano Bettencourt Machado, Universidade os Açores (Jubilado)
5. Maria de Lourdes Crispim, FCSH (Universidade Nova)
6. Maria Helena Anacleto-Matias, ISCAP, Instº Politécnico do Porto, Portugal
7. Maria Helena Ançã, Universidade de Aveiro, Portugal
8. Maria Helena Chrystello, Mestre, Vice-Presidente da AICL, Coordenadora Dept.º EBI 2,3 Maia, Açores
9. Rolf Kemmler, Academia de Ciências de Lisboa, Portugal
10. Hilarino Carlos Rodrigues da Luz, Univ. NOVA FCSH e CHAM, Centro de Humanidade

4. INSTRUÇÕES PARA PUBLICAÇÃO ATUALIZADO EM 16/04/2021

[NB: Ortografia: dado haver inúmeras ortografias oficiais desde 1911, a AICL converteu e uniformizou, após 2007, todos os escritos posteriores a 1911 para o AO 1990]

1. ■ A sinopse (e os biodados do autor) da comunicação a apresentar tem de ser enviada por correio eletrónico dentro dos prazos fixados na FICHA DE INSCRIÇÃO
2. ■ Não deve (sinopse) exceder 300 palavras e nela deve constar SEMPRE, após o título do trabalho e nome do/a autor/a, o TEMA e SUBTEMAS em que se insere (ver TEMAS)
3. ■ Tem de ser escrita exclusivamente em português.
4. ■ Será incluída na parte inicial do trabalho final a apresentar para publicação nas Atas/Anais.
5. ■ Deve ser acompanhada de notas biográficas (biodados) até 300 palavras (não mais) Não queremos um currículo académico, CV, mas sim uma súmula ou resenha da atividade do autor.
6. Reservamo-nos o direito de amputar (sempre que o entendermos necessário) toda a informação excedendo as 300 palavras.

Muito importante

6.1. Deve enviar o TRABALHO FINAL por correio eletrónico dentro das datas indicadas (VER FICHA DE INSCRIÇÃO), para ser incluído no CD-DVD de Atas/Anais do Colóquio.

6.2. O não-envio dos trabalhos finais, dentro das datas estipuladas, permite à Comissão Organizadora excluir o orador e pode implicar a não-publicação do seu trabalho final no CD-DVD de Atas/Anais do Colóquio.

7. ■ **Cada orador dispõe de exatamente 20 minutos** para fazer a apresentação. Visa-se permitir alguns minutos de debate no fim da sessão e o orador será atempadamente avisado pelo Moderador durante a sessão, se dispõe ainda de 10 ou de 5 minutos antes de lhe ser mostrado o sinal de que acabou o tempo.

8. **MODERAÇÃO.** São funções do Moderador: (1) a apresentação dos participantes na sessão; (2) o controlo do tempo das apresentações; (3) a dinamização da discussão dos trabalhos. Concorde-se ou não, o Presidente da Mesa (Moderador) é soberano na condução dos trabalhos e no rigoroso respeito pela duração das sessões, cumprimento esse que sempre foi apanágio dos colóquios ao contrário do que acontece na maior parte de eventos.

9. O Moderador deve focar a sua atuação para que as questões postas no período de debate sejam tão breves quanto possível, a fim de haver tempo para um efetivo debate e evitar que as perguntas do público presencial se transformem em apresentações.

10. COMITÉ CIENTÍFICO:

10.1 . *Escreva de modo a persuadir um especialista da sua área de que as suas ideias merecem aprovação. Simultaneamente deve convencer um perito com cultura científica que não seja necessariamente um especialista na área de candidatura.*

10.2 . *O objetivo da sua candidatura é convencer os avaliadores de que as ideias propostas são suficientemente importantes e relevantes para que sejam apresentadas.*

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

- 10.3. *Pode, se for o caso, salientar a relevância do plano de trabalho proposto face a interesses nacionais e ou internacionais específicos.*
11. **Critérios formais: qualidade, cientificidade, rigor, originalidade e estado da arte**
- 11.1. *O estado da arte corresponde à situação atual, na perspetiva científica, na área de investigação em que o candidato pretende desenvolver o seu trabalho.*
- 11.2. *Esta informação pretende situar o impacto científico que o trabalho proposto pelo candidato poderá vir a ter e a originalidade do seu contributo*
12. **Critérios informais de apreciação pelo comité científico:**
- 12.1. *tratamento de tema e subtema interessante e atraente para uma audiência genérica e para os sócios da AICL em geral*
- 12.2. *Ter cabimento dentro dos temas e subtemas propostos para cada colóquio...*
- 12.3. *Ter interesse e estar conforme aos principais objetivos dos colóquios*
- 12.4. *Prenunciar mais-valias para uma audiência genérica e latitude até 2 ou 3 temas especializados*
- 13.1. Formato: Microsoft Word 2007-2016
- 13.2. Tipo de letra (Font): TIMES NEW ROMAN 12 (espaçamento 1,5)
- 13.3.1. **Número de páginas do trabalho a ler: 5 páginas (A4 TIMES NEW ROMAN 12 espaçamento 1,5) para não exceder os 20 minutos.**
- 13.3.2. **Número de páginas do trabalho final não pode exceder 15 páginas, mas deverá ter em média 12 páginas A4 TIMES NEW ROMAN 12 espaçamento 1,5) incluindo notas de rodapé, de fim e gráficos.**
- 13.4. Título: negrito.
- 13.5. Autor(es): incluir nome que quer ver utilizado.
- 13.6. Instituição Ensino / ou Trabalho: sem espaçamento entre o nome do autor e o da instituição.
- 13.7 Subtítulos: negrito. Use algarismos árabes com decimais.
- 13.8. Outras divisões: algarismos árabes com decimais.
- 13.9. Citações, notas (incl. rodapé) e referências: **em itálico**, autor, data de publicação, vírgula e número(s) de página(s): i.e. como Sager afirma (1998:70-71) Times New Roman tamanho 8 (espaçamento 1).
- 13.10. Referências Bibliográficas - sempre no final do artigo.
- 13.10.1. Livro: *Melby, Alan K. (1995) The Possibility of Language, Amsterdam: John Benjamin's.*
- 13.10.2. Artigo sobre livros: *Bessé, Bruno. (1997) 'Terminological Definitions.' In Sue Ellen Wright and Gerhard Budin (eds.) Handbook of Terminology Management. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company.*
- 13.10.3. Artigos de jornal/revista: *Corbeil, Jean-Claude (1991) "Terminologie et banques de données d'information scientifique et technique" in Meta vol. 36-1, 128-134.*
- 13.10.4. Internet: *Pym, A (1999) 'Training Translators and European Unification: A Model of the Market' in 'Translation Theory and practice.'* Disponível em <http://europa.eu.int/comm/translation/theory/gambier.htm> em __/__/__
- 13.13. NOTAS: SEMPRE RODAPÉ.**
- 13.14. GRÁFICOS E TABELAS:** numeradas consecutivamente. Deve ser feita menção ao seu título e número no texto.

5. BIODADOS PATRONOS

1.3. AGLP – ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA



Associação Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa foi constituída em 1 de dezembro de 2007, dia da Restauração da Independência e aniversário do primeiro ato público de Nunca Mais. Cerca de 20 pessoas de diferentes âmbitos da defesa da língua reuniram-se na cidade de Compostela com um objetivo comum: apoiar a criação duma Academia Galega da Língua Portuguesa. Após um intenso e frutífero debate decidiu-se constituir a "Associação Cultural Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa" para o qual se aprovaram uns estatutos e uma Junta Diretiva composta de 10 membros. Da primeira Junta Diretiva da associação fizeram parte as seguintes pessoas:

- **Presidência: Ângelo Cristóvão**

- **Vice-presidência: Concha Rousia**
- **Tesouraria: Isabel Rei**
- **Secretaria: António Gil (substituído mais tarde por José Tubio Rodríguez)**
- **Vogais: José-Martinho Montero Santalha, Luís Gonçalves Blasco (Foz), Ernesto Vázquez Souza, Francisco Paradelo, Rudesindo Soutelo, Luís F. Figueiroa**

Em janeiro de 2011 a Associação Cultural Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa promoveu a constituição da Fundação Academia Galega da Língua Portuguesa, com um património inicial de 30.000 euros, inscrita sob o assento n.º 980 do Registo de Fundações do Ministério da Cultura da Espanha, sendo-lhe conferido o estatuto de Fundação de Competência Estatal, segundo consta na Ordem Ministerial CUL/1075/2011, de 1 de março, publicada no *Boletín Oficial del Estado* de 29 de abril de 2011 (p. 43782). Os Estatutos da Fundação (Art. 24º) contemplam a manutenção de um órgão académico especializado para o cumprimento dos fins fundacionais sob a denominação Academia Galega da Língua Portuguesa.

Em Assembleia Geral Ordinária celebrada em 25 de abril de 2011, a Associação Cultural Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa acordou que a Academia Galega da Língua Portuguesa e o conjunto da sua atividade passem para a Fundação Academia Galega da Língua Portuguesa.

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Reunido pela primeira vez o Pleno do Patronato da Fundação em 18 de junho de 2011, acorda a incorporação da Academia Galega da Língua Portuguesa como órgão académico especializado, ratificando as Normas de Regime Interno pelas que se regerá. A Academia Galega da Língua Portuguesa foi constituída em 20 de setembro de 2008 realizando a sua Sessão Inaugural em 6 de outubro de 2008. A Academia é incorporada como órgão interno da Associação Cultural Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa, criada em 1 de dezembro de 2007 com o fim estatutário de “promover, colaborar, assistir e contribuir materialmente à constituição e desenvolvimento da Academia Galega da Língua Portuguesa” (Art. 3º). O Pleno da Academia Galega da Língua Portuguesa aprovou em 20 de setembro de 2008 a anterior versão destas Normas de Regime Interno, ratificadas pela Associação Cultural Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa em Assembleia Geral Ordinária. Em janeiro de 2011 a Associação Cultural Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa promoveu a constituição da Fundação Academia Galega da Língua Portuguesa.

A **Academia Galega da Língua Portuguesa** é uma instituição científica e cultural da Galiza que atende aos critérios históricos e científicos por que se regem as línguas europeias ^[1], tendo sido reconhecida com o estatuto de Observador Consultivo pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.



Na atualidade é presidida pelo Professor Rudesindo Soutelo e apresenta-se como uma continuação histórica da ideia de unidade do galego-português que representaram vultos como Guerra da Cal, Carvalho Calero, Rodrigues Lapa ou Lindley Cintra, que em 1984 incluíra os dialetos da língua galega como parte dos do português europeu na Gramática que editou junto de Celso Cunha. Criada seguindo a tradição das academias, mas como uma iniciativa da sociedade civil, independente dos organismos políticos galegos, a Academia Galega da Língua Portuguesa define-se como uma «instituição científica e cultural ao serviço do povo galego» que pretende «promover o estudo da Língua da Galiza para que o processo da sua normalização e naturalização seja congruente com os usos que vigoram no conjunto da Lusofonia».

A AGLP como Sócia-fundadora da AICL e patrona esteve representada por Ângelo Cristóvão até outubro 2011 e por Concha Rousia até outubro 2016.

1.4. DOM CARLOS FILIPE XIMENES BELO, BISPO RESIGNATÁRIO DE DILI, PRÉMIO NOBEL DA PAZ 1996, SÓCIO HONORÁRIO #1



DOM CARLOS FILIPE XIMENES BELO.

Filiação: Domingos Vaz Filipe e Ermelinda Baptista Filipe (ambos falecidos);

NASCIDO: 3 de fevereiro de 1948, em Uailacama, Vemasse, Concelho de Baucau, Timor-Leste.

Instrução Primária

(Ensino básico): Escola Masculina da Missão Católica de Baucau (1956-1960) e Colégio de Santa Teresinha do Menino Jesus, Ossú (1961-1962).

- Ensino Secundário:

Seminário de Nossa Senhora de Fátima, Dare, Díli Timor-Leste (1962-1968); Seminário São João Bosco, Mogofores – Anadia (1969-1970); Escola Salesiana do Estoril (1971-1972),

Filosofia (Instituto Superior de Estudos Teológicos de Lisboa (1973-1974); Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lisboa (1977-1979); **Licenciatura:** Universidade Pontifícia Salesiana de Roma (1980-1981)

- Formação religiosa:

Noviciado Salesiano em Manique do Estoril (1972/1973); Primeira Profissão religiosa na Congregação Salesiana (21.9.1973); Profissão Perpétua (7.12.1978)

Formação sacerdotal: Ordenação sacerdotal, em Lisboa, a 26 de julho de 1980, das mãos do Bispo Auxiliar de Lisboa, Dom José Policarpo. Ordenação Episcopal, no Largo de Lecidere, Díli (Timor), a 19 de junho de 1988, como Bispo Titular de Lorium e Administrador Apostólico ad nutum Sanctae Sedis, da Diocese de Díli.

Funções:

Professor no Colégio de Fatumaca (Timor) 1974-1975;
Professor no Colégio Dom Bosco de Macau (1975/1976).
Mestre de Noviços salesianos em Fatumaca, Timor (1982).
Diretor do Colégio de Fatumaca – Timor-Leste (1983).
Administrador Apostólico de Diocese de Díli: 1983-2002.
Resigna em novembro de 2002, por razões de saúde.
Missionário em Maputo, Moçambique: 2004/2005.

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

No Colégio de Mogofores - Anadia: 2007-2008.
Nas Edições Salesianas do Porto: 2009-2017.

Prêmios:

Óscar Romero, Roma, 1995;
John Humphrey - Montreal, 1995;
Prémio Nobel da Paz, Oslo, 1996;
Premio della Pace, Taranto, Itália, 1997;
Premio della Pace, Ostuni, Bari, Itália, 1998;
Premio Internazionale della Testemunianza, Vibovalenza, Itália, 1998.

Condecorações:

A Grã-Cruz da Ordem da Liberdade da República Portuguesa: 1998;
Grã-Cruz al mérito Bernardo O'Higgins, República do Chile, 2000.
Doutoramentos Honoris Causa:
University of Yale (USA) 1997;
Universidade Pontifica de Roma, 1998;
Universidade de Évora, Portugal, 1998;
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, 2000;
Universidade Pontifica de Campinas, Brasil, 2000;
Catholic University of Thaichung - Taiwan, 2000;
Universidade do Porto, 2002;
Australian Catholic University, Sydney, 2001;
Universidade São Tomas, Chile, 2002;
Universidade FASTA, Mar de Plata, Argentina, 2002,
Universidade Cardeal Herrera, CEU, Valência, Espanha, 2006.



4º COLÓQUIO BRAGANÇA 2005



4º COLÓQUIO BRAGANÇA 2005



19º MAIA 2013



19º MAIA 2013



26º LOMBA DA MAIA 2016



26º LOMBA DA MAIA 2016



30º MADALENA DO PICO 2018



26º LOMBA DA MAIA 2016



19º MAIA 2013

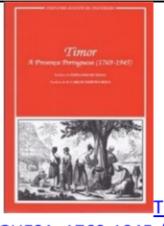
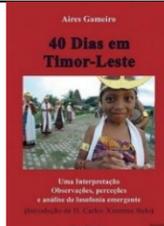
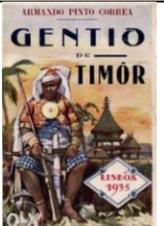
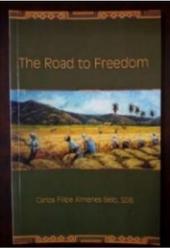
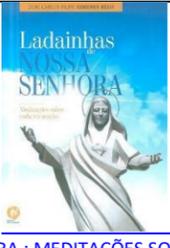
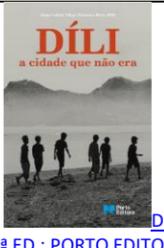
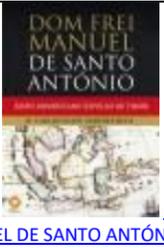
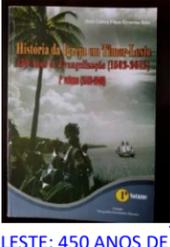
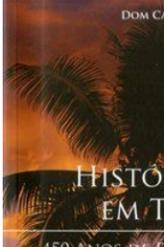
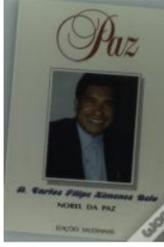
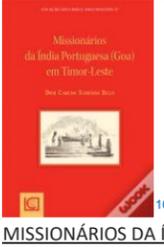


19º MAIA 2013



ALGUMA BIBLIOGRAFIA:

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

 <p>DEMI PERDAMAIAAN DA KEADILAN, THE VOICE OF THE VOICES (JACARTA, 1997).</p>	 <p>SUBSÍDIO PARA A BIBLIOGRAFIA DE TIMOR LOROSA'E: LISTAGEM CRONOLÓGICA DE LIVROS, REVISTAS, ENSAIOS, DOCUMENTOS E ARTIGOS DE 1515 A 2000 / APRES. DE VÍTOR MELÍCIAS. LISBOA: CENTRO DE ESTUDOS DOS POVOS E CULTURAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA, 2002.</p>	 <p>DISCURSOS NA CERIMÓNIA DO PRÉMIO NOBEL DA PAZ: SALESIANAS, 1998. ISBN 972-690- 336 PEF. JORGE SAMPAIO; TRAD. ROSA ISABEL GORETI. LISBOA: COLIBRI, 1997. ISBN 972-8288-56-5.</p>	 <p>TIMOR: A PRESENÇA PORTUGUESA, 1769-1945 / FERNANDO AUGUSTO DE FIGUEIREDO; [PREF. FERNANDO DE SOUSA; POSFÁCIO XIMENES BELO]. LISBOA: CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DA UNL, 2011.</p>	 <p>40 DIAS EM TIMOR-LESTE: UMA INTERPRETAÇÃO: OBSERVAÇÕES, PERCEÇÕES E ANÁLISE DE LUSOFONIA EMERGENTE / AIRES GAMEIRO; INTRO. D. XIMENES BELO. PEARLBOOKS, 2012. ISBN 978-989- 9732-86-5.</p>	 <p>GENTIO DE TIMOR / ARMANDO PINTO CORRÊA; PREF. DOM XIMENES BELO. 2ª ED. CÂMARA DE LOBOS: 2009. ISBN 978-972-8684-80-8.</p>
 <p>THE ROAD TO FREEDOM, SYDNEY: CARITAS AUSTRÁLIA, NEW SOUTH WALES, 2001. NÓS SOMOS PEREGRINOS / DELFINA DA SILVA CARDOSO RIBEIRO; PREF. XIMENES BELO. CASTANHEIRO DE OURO: ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO POVO DE TIMOR LOROSAE, 2004</p>	 <p>LADAINHAS DE NOSSA SENHORA : MEDITAÇÕES SOBRE CADA INVOCAÇÃO / PORTO: SALESIANAS, 2016. - 139 P.; 21 CM. - ISBN 978-989-8850-21-8</p>	 <p>OS ANTIGOS REINOS DE TIMOR-LESTE: REYS DE LOROSAY E REYS DE LOROTHIBA, CORONÉIS E DATOS / 2ª ED.: PORTO EDITORA, 2012. ISBN 978-972-0-09649-4.</p>	 <p>DÍLI: A CIDADE QUE NÃO ERA / 1ª ED.: PORTO EDITORA, 2014. ISBN 978-972- 0-06289-5.</p>	 <p>HISTÓRIA DA IGREJA EM TIMOR-LESTE 450 ANOS DE EVANGELIZAÇÃO 1562-2012 FUNDAÇÃO ENG.º ANT.º DE ALMEIDA 2014</p>	 <p>DOM FREI MANUEL DE SANTO ANTÓNIO : BISPO DOMINICANO EXPULSO DE TIMOR. / PORTO: EDIÇÕES SALESIANAS, 2013. ISBN 978-972-690-820-3.</p>
 <p>VOZES SEM ROSTO: O MUNDO VISTO DO LADO DOS MAIS POBRES / ORBIS - COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO; PREF. XIMENES BELO. 1ª ED. SETE MARES 2009 ISBN 978- 989-8128-09-6.</p>	 <p>HISTÓRIA DA IGREJA EM TIMOR-LESTE: 450 ANOS DE EVANGELIZAÇÃO (1562- 2012) / LISBOA: FUND. ENG. ANT.º DE ALMEIDA, 2013. ISBN 978-972-8386-94-8.</p>	 <p>HISTÓRIA DA IGREJA EM TIMOR-LESTE 450 ANOS DE EVANGELIZAÇÃO (1562-2012) 2º VOLUME - 1940-2012 HISTÓRIA DA IGREJA EM TIMOR-LESTE: 450 ANOS DE EVANGELIZAÇÃO (1562-2012)º, 2º. VOLUME.</p>	 <p>PAZ EDIÇÕES SALESIANAS EDIÇÃO:04-1998</p>	 <p>TIMOR LESTE NOBEL DA PAZ - DISCURSOS PROFERIDOS POR OCASIÃO DA OUTORGA DO PRÉMIO NOBEL DA PAZ 1996 EDIÇÕES COLIBRI EDIÇÃO:04-1997</p>	 <p>MISSIONÁRIOS DA ÍNDIA PORTUGUESA (GOA) EM TIMOR-LESTE DE DOM CARLOS XIMENES BELO</p>
 <p>FILHOS DE TIMOR LESTE FOI EDITADO EM MAIO DE 2002. COMO EDIÇÃO COMEMORATIVA DO DIA DE INDEPENDÊNCIA DAQUELE PAÍS.O LIVRO CONTÉM 100 FOTOS E UM CD COM MÚSICA TRADICIONAL DE TIMOR. UMA DESSAS FAIXAS REPRODUZ A MÚSICA INTERPRETADA NO DIA DE ATRIBUIÇÃO DO PRÉMIO NOBEL DA PAZ A D. XIMENES BELO E A RAMOS HORTA,</p>	 <p>UM AÇORIANO, MISSIONÁRIO EM TIMOR</p>	 <p>VOL.2 MISSIONÁRIOS AÇORIANOS EM TIMOR ED AICL Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, SDB MISSIONÁRIOS AÇORIANOS EM TIMOR-LESTE vol. 2</p>	 <p>Arnold S. Kohen Da Terra dos Mortos AS LUTAS EPICAS DO BISPO XIMENES BELO INTRODUÇÃO DO DOUTOR CARLOS XIMENES BELO</p>	 <p>Biografia de D. Ximenes Belo POR TIMOR ARNOLD S. KOHEN</p>	 <p>APRESENTAÇÃO DO LIVRO DE D. XIMENES BELO MISSIONÁRIOS TRANSMONTANOS EM TIMOR-LESTE 15 DEZEMBRO 2018 AUDITÓRIO MUNICIPAL FREIXO DE ESPADA À CINTA</p>

OUÇA AQUI A PRIMEIRA ENTREVISTA (1989) A DOM CARLOS XIMENES BELO (POR CHRYS CHRYSTELLO) EM [HTTPS://BLOG.LUSOFONIAS.NET/?P=61326](https://blog.lusofonias.net/?p=61326)

2013 RTP NO 19º NA MAIA [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IPDXC41QK9S&t=0s&index=168&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=IPDXC41QK9S&t=0s&index=168&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C4TVTKERI)

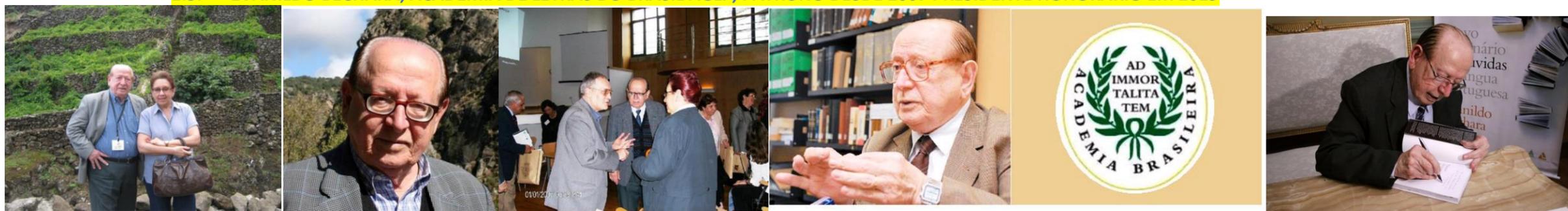
2018 IMAGENS DO LANÇAMENTO EM PDL DE MISSIONÁRIOS AÇORIANOS VOL. 2 [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VHLMRA0SBK4&T=0S&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=11](https://www.youtube.com/watch?v=VHLMRA0SBK4&T=0S&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=11)

2018 RTP 30º NA MADALENA DO PICO [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=8YURWFBB8ZQ&T=0S&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=10](https://www.youtube.com/watch?v=8YURWFBB8ZQ&T=0S&LIST=PLWJUYRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=10)

2018 NOVO PROJETO DA AICL A ELE DEDICADO [HTTP://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXXI/BUSTO%20DE%20XIMENES%20BELO.MP4](http://coloquios.lusofonias.net/XXXI/BUSTO%20DE%20XIMENES%20BELO.MP4)

SÓCIO HONORÁRIO #1 DESDE 2015 PATRONO DOS COLÓQUIOS. PRESENTE NO 4º COLÓQUIO, BRAGANÇA 2005, NO 19º MAIA 2013, 24º GRACIOSA 2015, 26º LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018

1.5. EVANILDO BECHARA, ACADEMIA DE LETRAS DO BRASIL AGLP, PATRONO DESDE 2007 PRESIDENTE HONORÁRIO EM 2019



EVANILDO BECHARA, nascido no Recife a 26 de fevereiro de 1928, filólogo, linguista e lexicógrafo, é professor titular e emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF). Atua nos cursos de pós-graduação e de aperfeiçoamento para professores universitários e de ensino fundamental e médio oferecidos pelo Liceu Literário Português, além de ministrar palestras sobre Educação e Língua Portuguesa em escolas e universidades dentro e fora do país. É membro do Comitê Científico da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, como representante da Academia Brasileira de Letras, Membro da Comissão Nacional do Brasil junto ao Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP), membro da Academia Brasileira de Filologia, Sócio-Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, Doutor *honoris causa* da Universidade de Coimbra, membro da Societé de Linguistique Romane, membro da Academia Brasileira de Letras e da Comissão de Lexicologia e Lexicografia da mesma instituição, e o representante brasileiro do novo Acordo Ortográfico. Recentemente em sua homenagem foi instituída pelo Instituto de Letras da UERJ a *Cátedra Evanildo Bechara*, criada para promover eventos sobre a Língua Portuguesa e estudos linguísticos no Brasil e em outros países.

Evanildo Bechara, nascido no Recife em 1928, é professor titular e emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF), atuando nos cursos de pós-graduação e de aperfeiçoamento para professores universitários e de ensino médio e fundamental.

É membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filologia, Sócio-Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa,

DADOS BIOGRÁFICOS MAIS COMPLETOS --- ACADEMIA@ACADEMIA.ORG.BR EBECHARA@ACADEMIA.ORG.BR



Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra, e o representante da Academia Brasileira de Letras para o novo Acordo Ortográfico.

Quinto ocupante a Cadeira nº 33, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa.

Aos onze para doze anos, órfão de pai, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de completar sua educação em casa de um tio-avô.

Desde cedo mostrou vocação para o magistério, vocação que o levou a fazer o curso de Letras, modalidade Neolatinas, na Faculdade do Instituto La-Fayette, hoje UERJ,

Bacharel em 1948. Licenciado em 1949. Aos quinze anos conheceu o Prof. Manuel Said Ali, um dos mais fecundos estudiosos da língua portuguesa, que na época contava entre 81 e 82 anos.

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Essa experiência permitiu a Evanildo Bechara trilhar caminhos no campo dos estudos linguísticos.

Aos dezessete, escreve seu primeiro ensaio, intitulado Fenômenos de intonação, publicado em 1948, com Prefácio do filólogo Lindolfo Gomes.

Em 1954, é aprovado em concurso público para a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e reúne no livro Primeiros Ensaios de Língua Portuguesa artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas. Concluído o curso universitário, vieram-lhe as oportunidades de concursos públicos, que fez com brilho, num total de onze inscritos e dez realizados. Aperfeiçoou-se em Filologia Românica em Madri, com Dámaso Alonso, nos anos de 1961-62, com bolsa do Governo espanhol. Doutor em Letras pela UEG (atual UERJ), em 1964.

Convidado pelo Prof. Antenor Nascentes para seu assistente, chega à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (atual UERJ) em 1964.

Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992.

Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994.

Professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Convidado pelo Prof. Antenor Nascentes para seu assistente, chega à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (atual UERJ) em 1964.

Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992.

Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994.

Professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais (citem-se: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal).

Em 1971-72 exerceu o cargo de Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e de 1987 a 1989 igual cargo na Universidade de Coimbra (Portugal).

Professor Emérito, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e Universidade Federal Fluminense (1998).

Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra (2000).

Distinguido com as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional (da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro), e medalha Oskar Nobiling (da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura).

Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992.

Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994.

Foi convidado por acadêmicos amigos para candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, na vaga do grande Mestre Afrânio Coutinho, na alegação de que a instituição precisava de um filólogo para prosseguir seus deveres estatutários no âmbito da língua portuguesa. É o quinto ocupante da Cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa.

Foi Diretor Tesoureiro da Instituição (2002-2003) e Secretário-Geral (2004-2005). Criou a Coleção Antônio de Moraes Silva, para publicação de estudos de língua portuguesa. É membro da Comissão de Lexicologia e Lexicografia e da Comissão de Seleção da Biblioteca Rodolfo Garcia.

Entre centenas de artigos, comunicações a congressos nacionais e internacionais, escreveu livros que já se tornaram clássicos, pelas suas sucessivas edições.

Diretor da revista Littera (1971-1976) – 16 volumes publicados; da revista Confluência (1990-2005) – até agora com 30 volumes publicados.

Orientador de dissertações de Mestrado e de teses de Doutorado no Departamento de Letras da PUC-RJ, no Instituto de Letras da UFF e no Instituto de Letras da UERJ, desde 1973.

Membro de bancas examinadoras de dissertações de Mestrado, de teses de Doutorado e de livre Docência na Faculdade de Letras da UFRJ, no Instituto de Letras da UERJ e em outras IES do país, desde 1973

Membro de bancas examinadoras de concursos públicos para o magistério superior no Instituto de Letras da UFF, no Instituto de Letras da UERJ e no Dept.º de Letras da USP, desde 1978.

Secretário-Geral do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro 1965-75;

Diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, de 1976 a 1977;

Membro do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1978 a 1984;



21º MOINHOS 2014



17º LAGOA 2009



8º BRAGANÇA 2007



15º MACAU 2011



18º OURENSE, GALIZA 2012

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021



Foi Diretor do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1974-80 e de 84-88;

Chefe do Departamento de Filologia e Linguística do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1981 a 1984; Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Dentre suas teses universitárias contam-se os seguintes títulos:

A Evolução do Pensamento Concessivo no Português (1954),

O Futuro em Românico (1962),

A Sintaxe Nominal na Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta (1964),

A Contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa (1964),

Os Estudos sobre Os Lusíadas de José M^o Rodrigues (1980),

As Fases Históricas da Língua Portuguesa: Tentativa de Proposta de Nova Periodização (1985).

Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro.

Membro da Société de Linguistique Romane (de que foi membro do Comité Scientifique, para o quadriênio 1996-1999) e do PEN Clube do Brasil.

Sócio-Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

Foi eleito por um colegiado de educadores do Rio de Janeiro, uma das dez personalidades educacionais de 2004 e 2005.

A convite da Nova Fronteira integra o Conselho Editorial dos diversos volumes do Dicionário Caldas Aulete.

Em 2005 foi nomeado membro do Conselho Estadual de Leitura do Rio de Janeiro e da Comissão para a Definição da Política de Ensino, Aprendizagem, Pesquisa e Promoção da Língua Portuguesa, iniciativa do Ministério da Educação.

Foi professor da UERJ e da UFF. Autor de duas dezenas de livros, entre os quais a Moderna Gramática Portuguesa, amplamente utilizada em escolas e meios acadêmicos, e diretor da equipe de estudantes de Letras da PUC-RJ que, em 1972, levantou o Corpus lexical do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, sob a direção-geral de Antônio Houaiss.

Membro da ABL.

Foi nomeado ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA em outubro 2012.

[OUÇA-O AQUI NO 15º EM MACAU 2011](https://www.youtube.com/watch?v=AJWYE2VM4X8&t=0S&index=264&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI) [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=AJWYE2VM4X8&T=0S&INDEX=264&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI](https://www.youtube.com/watch?v=AJWYE2VM4X8&t=0S&index=264&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI)

[NO 29º COLÓQUIO BELMONTE 2018](https://www.youtube.com/watch?v=SA4YUC9ZBN0&t=0S&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&index=19) [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SA4YUC9ZBN0&T=0S&LIST=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&INDEX=19](https://www.youtube.com/watch?v=SA4YUC9ZBN0&t=0S&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C_4TVTKERI&index=19)

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. E PATRONO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA DESDE 2007.

NOMEADO PRESIDENTE HONORÁRIO EM 2019 –

PERTENCE AO COMITÊ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÊNIO 2020-2023.

PARTICIPOU NOS COLÓQUIOS DE BRAGANÇA 2007, 2008, 2009, LAGOA 2008, 2009, BRASIL 2010, BRAGANÇA 2010, MACAU 2011, SANTA MARIA 2011, LAGOA 2012, GALIZA 2012, MAIA 2013, SEIA 2013, MOINHOS DE PORTO FORMOSO E SEIA 2014, FUNDÃO 2015. POR MOTIVO DE SAÚDE NÃO ESTEVE PRESENTE EM 2016, REGRESSOU EM VILA DO PORTO 2017 NO 28º E EM BELMONTE 2018 NO 29º. FALTOU POR MOTIVO DE SAÚDE A PARTIR DO 31º BELMONTE 2019

1.6. JOÃO MALACA CASTELEIRO, ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (ACL), AGLP, PATRONO DESDE 2007 PRESIDENTE HONORÁRIO EM 2019

JOÃO MALACA CASTELEIRO licenciou-se em filologia românica em 1961. Doutorou-se em 1979, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma dissertação em sintaxe da língua portuguesa.

Foi desde 1981 professor catedrático na mesma faculdade. Lecionou e coordenou sintaxe e semântica do português, no âmbito da licenciatura, e vários seminários nas áreas da sintaxe, léxico e didática, no âmbito do mestrado. Foi diretor de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, e conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica.

Presidiu ao Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa entre 1984 e 1987. Coordenou e colaborou em diversos projetos de investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros.

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021



19º MAIA 2013

21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

27º BELMONTE 2017

27º BELMONTE 2017

17º LAGOA 2012

14º BRAGANÇA 2010



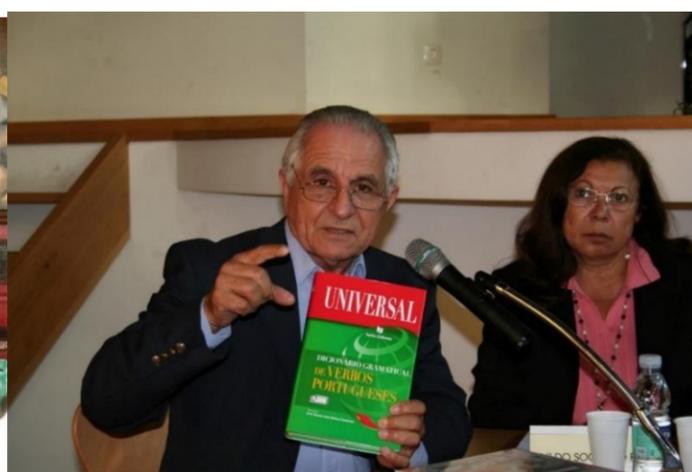
01/02/2007 07:57 PM

8º COLÓQUIO BRAGANÇA 2007



01/02/2007 08:43 PM

8º COLÓQUIO BRAGANÇA 2007



28º VILA DO PORTO 2017



13º RIO 2010 15º MACAU 2011



25º MONTALEGRE 2016



25º MONTALEGRE 2016



Professor convidado na Universidade da Beira Interior, no Departamento de Artes e Letras.
 Membro da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1979. Foi presidente do seu Instituto de Lexicologia e Lexicografia entre 1991 e 2008.
 Ao longo da sua carreira de professor orientou já mais de meia centena de teses de doutoramento e de mestrado.
 Em representação da Academia das Ciências de Lisboa, Malaca Casteleiro fez parte da delegação portuguesa ao Encontro de Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa, realizado na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. Em 1986 participou também no Anteprojeto de Bases da Ortografia Unificada da Língua Portuguesa, em 1988, assim como nos trabalhos que conduziram ao Acordo Ortográfico de 1990, firmado nesse ano, em Lisboa.
 A 24 de abril de 2001 foi feito Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.
 João Malaca Casteleiro foi o responsável pela versão portuguesa do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.
 Foi o coordenador científico do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea e do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa editado pela Porto Editora outº 2009. O reconhecimento dos seus méritos e do seu trabalho traduz-se em especial no respeito que académicos de todo o mundo têm demonstrado pela sua obra, pelos inúmeros convites para que participe em Conferências e Seminários Internacionais, recebeu do Governo Francês o Grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas, julho de 1998.

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

João Malaca Casteleiro foi galardoado com o Grande Prémio Internacional de Linguística Lindley Cintra, da Sociedade de Língua Portuguesa, em 1981. A 26 de abril de 2001 foi agraciado pelo Senhor Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

A sua bibliografia, iniciada com a tese de licenciatura em 1961, é constituída por muitas dezenas de títulos sobre Linguística, Didática do Português - Língua Estrangeira e situação da língua portuguesa no mundo.

Publicou obras como

A Língua e a Sua Estrutura,

A Língua Portuguesa e a Expansão do Saber,

Nouvelles perspectives pour l'enseignement du portugais en tant que langue étrangère,

A Língua Portuguesa em África e A Língua Portuguesa no Oriente: do séc. XVI à Atualidade.

Malaca Casteleiro tem tido diversas intervenções públicas em prol do Acordo Ortográfico.

Subscreveu, em 2008, o manifesto de Evanildo Bechara, académico da Academia Brasileira de Letras e promotor do Acordo Ortográfico no Brasil, - "Considerações em torno do Manifesto-Petição dirigido ao senhor Presidente da República e aos Membros da Assembleia da República contra o Novo Acordo Ortográfico de 1990" -, divulgado no âmbito do 3º Encontro Açoriano da Lusofonia (9º colóquio da lusofonia na Lagoa 2008), no qual se pode ler: «Só num ponto concordamos, em parte, com os termos do Manifesto-Petição quando declara que o Acordo não tem condições para servir de base a uma proposta normativa, contendo imprecisões, erros e ambiguidades».

Este manifesto responde às críticas que foram dirigidas ao Acordo Ortográfico pelos signatários da petição Manifesto em defesa da Língua Portuguesa e conclui que «as falhas que se podem apontar no Acordo Ortográfico, facilmente sanáveis, não devem impedir que a língua escrita portuguesa perca a oportunidade de se inscrever no rol daquelas que conseguiram unificação no seu sistema de grafar as palavras».

Em 2005, respondendo ao pedido de pareceres que o Instituto Camões enviou a diversas instituições sobre o Segundo Protocolo Modificativo de 2004 do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, Malaca Casteleiro emitiu, em nome da Academia das Ciências, parecer favorável à aplicação do Acordo do qual foi um dos autores.

Patrono dos Colóquios da Lusofonia desde 2007 foi um convicto defensor do Acordo Ortográfico de 1990 em cuja conceção participou.

Faleceu em fevereiro 2020

SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL. 2010-2019.

NOMEADO PRESIDENTE HONORÁRIO EM 2019 –

PERTENCEU AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.

PARTICIPOU EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE 2007 - AUSENTE NO 29º BELMONTE 2018 E 30º MADALENA DO PICO 2018 POR MOTIVO DE DOENÇA. ESTEVE NO 31º BELMONTE 2019, FALECEU EM 2020

1.7. JOSÉ RAMOS-HORTA, PRÉMIO NOBEL DA PAZ 1996. PATRONO DESDE 2016, SÓCIO HONORÁRIO #2 DESDE 2016

JOSÉ MANUEL RAMOS-HORTA

- Atual Membro do Painel de Alto-Nível da ONU para Mediação (UN Secretary-General's High-Level Advisory Board on Mediation)
- Ministro de Estado do 7º governo da RDTL 2016-2018
- Conselheiro para a Segurança Nacional do 7º governo da RDTL 2016-2018
- Presidente da República Democrática de Timor-Leste (2007 - 2012)
- Primeiro-ministro e Ministro da Defesa (2006-2007)
- Vice-Primeiro-Ministro, Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação (2002-2006)
- Membro do Gabinete, Administração Transitória das Nações Unidas para Timor-Leste - UNTAET (2000-2002)
- Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Comunicação no 1º Governo proclamado em dezembro 1975 após a Declaração Unilateral de Independência de Timor-Leste, Porta-voz da Resistência (1975-1999).
- Presidente do Painel de Alto-Nível sobre Operações de Paz da ONU, encarregue da revisão dos mecanismos de paz e de segurança da ONU (novº 2014)
- Copresidente da Comissão Independente Multilateral (Reforma da ONU).
- Representante Especial do Secretário-geral da ONU e Chefe da Missão Integrada da ONU de Apoio à Construção da Paz na Guiné-Bissau (janeiro 2013- junho 2014) Membro do Conselho de Estado, um órgão de consulta do Presidente da República.
- Vice-Presidente do Conselho Asiático de Paz e Reconciliação (APRC), desde setembro 2012. O APRC, com Secretariado em Bangucoque abarca os líderes asiáticos que trabalham numa segunda via de diplomacia e mediação

Direitos Humanos e erradicação da pobreza extrema:

- Está sobejamente documentada a dedicação e o empenhamento de Ramos-Horta na proteção e promoção dos Direitos Humanos e não se limita nem se limitou jamais ao seu próprio país, Timor-Leste.
- J. Ramos-Horta lançou em janeiro 1990, na Universidade da Nova Gales do Sul (Sidney, Austrália) o primeiro curso, jamais existente, de educação e formação em diplomacia e direitos humanos na Ásia, numa abordagem inovadora no ensino de direitos humanos através de um curso multidisciplinar para prepara os defensores dos direitos humanos com conhecimentos práticos e teóricos sobre os instrumentos de direito internacional relativos aos direitos humanos e à diplomacia discreta e advocacia pública, a fim de promover ativamente os direitos humanos na ordem do dia.
- O programa continua a ser o programa de maior sucesso em toda a região Ásia-Pacífico, com ações de formação desenvolvidas ao longo do ano em diferentes países, beneficiando mais de dois mil defensores de direitos humanos.
- Ramos-Horta liderou o primeiro programa de formação em educação sobre direitos humanos e advocacia na Birmânia em julho 1994, e, desde então programas idênticos têm sido conduzidos na Indonésia, Timor-Leste, Malásia, Tailândia, Filipinas, Hong-Kong, Índia, Nepal, Qatar (dirigidos aos direitos dos trabalhadores imigrados).

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

- Tem falado e escrito abundantemente sobre a situação dos direitos humanos em Myanmar (Birmânia), Irão, Coreia do Norte, Afeganistão, etc. Durante mais de trinta anos tem defendido os direitos das minorias e dos povos indígenas relativamente à necessidade de respeito mútuo e tolerância entre as diferenças crenças.
- Como Chefe de Estado, José Ramos-Horta nunca se coibiu de condenar publicamente os abusos dos direitos humanos na Coreia do Norte e do Irão enquanto outros líderes asiáticos se mantiveram silenciosos em relação ao tema.
- Com a sua influência e liderança, desde 2002 que Timor-Leste vota a favor de todas as Resoluções das Nações Unidas em situações específicas de direitos humanos em países como Irão, Myanmar (Birmânia) e Coreia do Norte.
- Ramos-Horta recebeu o seu primeiro prémio internacional em 1993, o Prémio de Direitos Humanos Professor Thorof Rafto (Bergen, Noruega, 1993), devido aos seus incansáveis esforços na promoção dos direitos humanos.
- Sendo o primeiro-ministro dos estrangeiros de Timor-Leste, trabalhando em estreita cooperação com o falecido Sérgio Vieira de Mello, José Ramos-Horta defendeu e conseguiu que Timor-Leste acesse e ratificasse todos os principais tratados internacionais de direitos humanos logo no primeiro dia da independência de Timor-Leste em 2002.
- Durante o período em que desempenhou as funções de ministro dos estrangeiros, primeiro-ministro e Presidente, Ramos-Horta geriu com extrema convicção humanitária os incidentes com "boat-people (refugiados em fuga por barco)", sempre lembrando aos legisladores e ao povo de Timor-Leste a sua obrigação em darem apoio aos povos que fogem de regimes tirânicos, da pobreza extrema ou da guerra.
- Durante a pior crise política e humanitária em Timor-Leste em 2006 numa extraordinária manifestação de compaixão, abriu os portões de sua casa em Dili para albergar centenas de mulheres, crianças e idosos – durante várias semanas – até que foram realojados num campo de refugiados do ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados).
- Durante a sua Presidência, J. Ramos-Horta lançou uma série de iniciativas simples e criativas, de combate à pobreza, destinadas a melhorar a vida aos mais pobres dentre os pobres.
- Dentre essas medidas, lançou um programa comunitário de habitação para os extremamente pobres e vulneráveis, capacitando os jovens nas vizinhanças mais pobres para identificar os beneficiários e as terras, permitindo aos jovens construir as casas através do programa dinheiro por trabalho. Esta iniciativa e o programa de capacitação teve enorme sucesso contribuindo para reduzir as tensões e os conflitos nas vizinhanças pobres.
- Durante os seus cinco anos em funções, o Presidente Ramos-Horta fez a doação de metade do seu salário mensal e do seu bônus do 13º a diversos projetos sociais e humanitários. As suas ajudas de custo de viagens locais foram doadas ao seu pessoal de mais baixos salários, pessoal da limpeza, condutores, etc. Todas as suas participações públicas pagas como palestras e outras foram doadas a diversos grupos em Timor-Leste, em especial as ONG encarregues de proporcionar abrigo, proteção e aconselhamento a mulheres e jovens vítimas de violência doméstica e violência sexual.
- Durante a sua missão como Representante Especial do Secretário-Geral (RESG) das Nações Unidas na Guiné-Bissau, Ramos-Horta pagou do seu próprio bolso para vários doentes crónicos, pobres, serem evacuados para Lisboa a fim de receberem tratamento urgente.

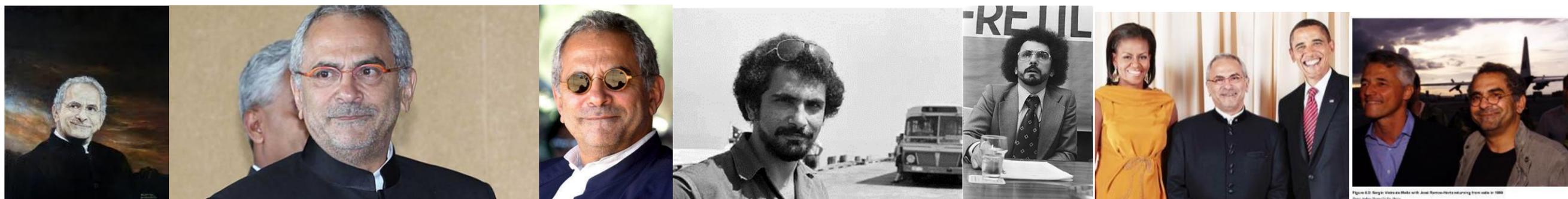
Mediação

- Negociou com sequestradores de reféns na Colômbia em 1998, garantindo com sucesso a libertação de 15 reféns sequestrados pelo Ejército de Liberación Nacional, da Colômbia;
- Enviado Especial da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – como Mediador na Guiné-Bissau, 2003, 2004.
- Mediou inúmeras disputas e conflitos em Timor-Leste num período de mais de dez anos, desde violência de gangues de jovens a disputas sobre posse de terras, crises no seio dos militares, das polícias e das elites políticas.
- Concebeu a campanha da Maratona Internacional "Dili, Cidade de Paz", a Volta a Timor em bicicleta, iniciativas contra a pobreza, etc.

Vida Académica

- Membro Honorário do Advisory Council of the Institute for Global Law and Policy da Universidade de Harvard, 2012 -
- Candidato ao Doutoramento em Relações Internacionais na Universidade do Minho, Braga, Portugal (2007 -)
- Diploma, Executive Program, Leaders in Development, John F. Kennedy School of Government, Universidade de Harvard (1998)
- Senior Associate Member, International Relations, St. Antony's College, Universidade de Oxford (1987)
- Masters of Arts in Peace Studies, Antioch University, Ohio, USA (1984)
- Advanced Diploma, Public Relations, Centro Internacional de Marketing (1970-1974).
- Frequentou e completou cursos em Direito Internacional Público, a Academia de Lei Internacional da Haia (The Hague Academy of International Law), Legislação Internacional de Direitos Humanos, Instituto Internacional de Direitos Humanos de Estrasburgo (1983).
- Doutor Honoris Causa por Universidades da Austrália, Japão, Coreia, Tailândia, Filipinas, Brasil, Portugal, EUA.
- Presidente Fundador do DTP – Programa de formação em diplomacia e direitos humanos na Faculdade de Direito, Universidade de Nova Gales do Sul, Sidney, desde 1990. Ministrou aulas sobre os sistemas das Nações Unidas, criou e dirigiu modelos do Conselho de Segurança da ONU:
- Professor Convidado Universidade de Nova Gales do Sul, Sidney (Austrália), desde 1996.
- Distinto Professor Convidado da Universidade de Vitória, Melbourne (Austrália), desde 2007.
- Professor Convidado da Universidade Internacional Ewa Women, Seul (Coreia do Sul), 2007-2012

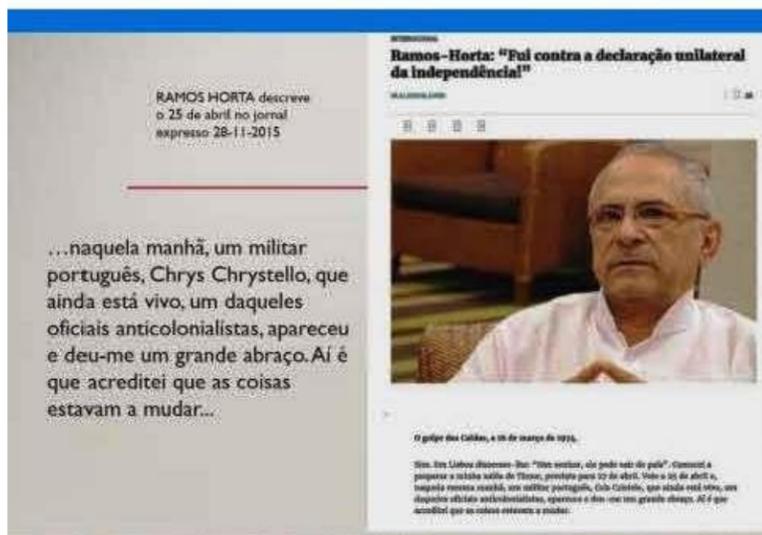
ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021



1975 COM OBAMA E MICHELE COM O MALOGRADO SÉRGIO VIEIRA DE MELO Figure 3.3: Sérgio Vieira de Mello with Andriamananjato returning from exile in 1988



28º VILA DO PORTO 2017 28º VILA DO PORTO 2017 28º VILA DO PORTO 2017 26º LOMBA DA MAIA 2016 26º LOMBA DA MAIA 2016



O golpe das Caldas, a 16 de março de 1974.

Sim. Em Lisboa disseram-lhe: “Sim senhor, ele pode sair do país”. Comecei a preparar a minha saída de Timor, prevista para 27 de abril. Veio o 25 de abril e, naquela mesma manhã, um militar português, Cris Cristelo, que ainda está vivo, um daqueles oficiais anticolonialistas, apareceu e deu-me um grande abraço. Aí é que acreditei que as coisas estavam a mudar.

RAMOS-HORTA RECORDA ASSIM O 25 DE ABRIL EM TIMOR

Membro de vários importantes organismos internacionais

- Club de Madrid, Madrid
- Fundação de Liderança Global (Global Leadership Foundation), Londres
- Iniciativa para a Segurança dos Oceanos [Ocean Security Initiative/ Iniciativa para la Seguridad de los Océanos (OSI)], Cartagena, Colômbia
- Iniciativa de Equidade Global (Global Fairness Initiative), Washington, DC, EUA
- Painel de Alto-Nível (High-Level Panel), Programa Salvar o Sonho (Save the Dream Programme), uma iniciativa do Comité Olímpico do Qatar (QOC) e do Centro Internacional de Segurança do Desporto, destinado a restaurar a fé no ideal dos Jogos Olímpicos, Doha, Qatar.
- Sócio Honorário e Patrono da AICL (Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia) desde 2016

Línguas

- Para além das línguas-mãe Tétum e Português, fala fluentemente Inglês, Francês e Espanhol.

Principais Prémios

Ordem de Timor-Leste (2012), Ordem de Dom Boaventura (2006), Prémio Nobel da Paz (1996)
Ordens Honoríficas de Portugal, Brasil, Cuba e Cabo Verde E Vários Prémios Internacionais

Livros e outras obras publicadas

1987 - FUNU: THE UNFINISHED SAGA OF EAST TIMOR, RED SEA PRESS, TRENTON, NJ, USA.

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

1994 - TIMOR-LESTE: AMANHÃ EM DILI, CAMINHOS DA MEMÓRIA, DOM QUIXOTE, LISBOA.

1997 - POR ESSES OCEANOS... AO ENCONTRO DE CULTURAS – BY CORSINO FORTES, ALBERTINO BRAGANÇA, PEPETELA, MIA COUTO, MÁRIO DE MIRANDA, CARLOS MORAIS JOSÉ, RAMOS-HORTA CARLOS LOPES (AUTHOR)

1999 - INSIDE OUT - EAST TIMOR – BY XANANA GUSMÃO; JOSÉ RAMOS HORTA; BISHOP CARLOS XIMENES BELO (AUTHOR)

2000- LA SAGA DU TIMOR-ORIENTAL, PRÉFACE DE MONSEIGNEUR JACQUES GAILLOT (FRENCH) PAPERBACK

2005 - A MATTER OF PRINCIPLE: HUMANITARIAN ARGUMENTS FOR WAR IN IRAQ BY THOMAS CUSHMAN (EDITOR) WITH CHRISTOPHER HITCHENS, JOSÉ RAMOS-HORTA E OUTROS. EDITOR PAPERBACK, 1º ED., 372 PÁGINAS, PUBLICADO EM 11 JULHO 2005 PELA UNIVERSITY OF CALIFORNIA PRESS;

2010 - O MUNDO PERDIDO DE TIMOR-LESTE / THE LOST WORLD OF TIMOR-LESTE, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, UNICEF, DILI, TIMOR-LESTE (2010), UM LIVRO INFANTIL ESCRITO COM PATRICIA VICKERS-RICH, E ILUSTRADO POR PETER TRUSLER (300 MIL CÓPIAS EM 16 LÍNGUAS)

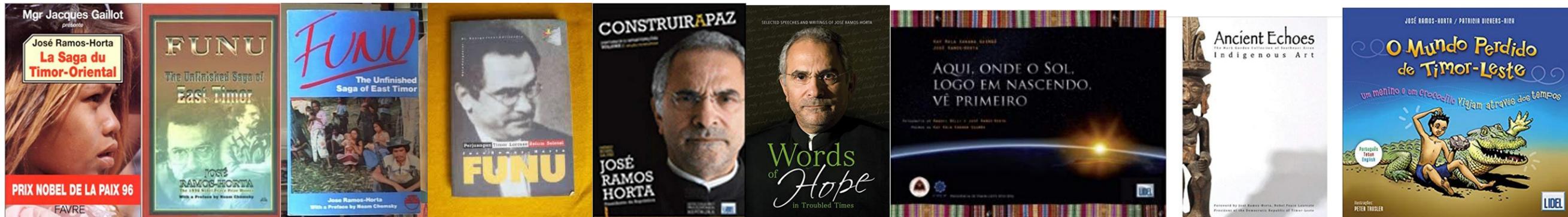
2011 ANCIENT ECHOES: THE MARK GORDON COLLECTION OF SOUTHEAST ASIAN INDIGENOUS ART KINDLE EDITION BY TOBY SHELLEY AND JOSÉ RAMOS HORTA

2014 - AQUI, ONDE O SOL, LOGO EM NASCENDO, VÊ PRIMEIRO (PORTUGUESE EDITION) BY RAQUEL BELLI E JOSE RAMOS-HORTA KAY RALA XANANA GUSMÃO

-2017 "O MUNDO PERDIDO DE TIMOR-LESTE" DE JOSÉ RAMOS-HORTA ED. AICL E LIDEL

2018 - WORDS OF HOPE IN TROUBLED TIMES: SELECTED SPEECHES AND WRITINGS OF JOSÉ RAMOS-HORTA

TEM ESCRITO AMPLAMENTE SOBRE RELAÇÕES INTERNACIONAIS PARA O INTERNATIONAL HERALD TRIBUNE, NEW YORK TIMES, WALL STREET JOURNAL, HUFFINGTON POST, THE DAILY BEAST / NEWSWEEK,



CANTIGAS AO DESAFIO EM HONRA DE RAMOS-HORTA NO 26º COLÓQUIO NA LOMBA DA MAIA 2016

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=J6NSJKA4B0W&t=0s&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C4TVTKERI&index=69](https://www.youtube.com/watch?v=J6NSJKA4B0W&t=0s&list=PLWJUJRYOUWOKYMKAIEPZIF1C4TVTKERI&index=69)

PARTICIPOU NO 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016 ONDE FOI NOMEADO PATRONO E SÓCIO HONORÁRIO POR PROPOSTA DO PROFESSOR MALACA CASTELEIRO. PARTICIPOU PELA SEGUNDA VEZ EM VILA DO PORTO NO 28º COLÓQUIO EM 2017

6. HOTEL [HTTPS://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXXIII/LODGING.HTML](https://coloquios.lusofonias.net/xxxiii/looding.html)

7. LISTA DE PARTICIPANTES

Nº	Nome	Instituição e País ou Região	Participação
1.	CAROLINA CORDEIRO	Escritora, Universidade dos Açores	Açores Orador
2.	CHRYS CHRYSTELLO	MEEA, UTS Sydney, NAATI Canberra	Austrália / Açores Orador Org
3.	HELENA CHRYSTELLO	EBI Maia S Miguel	Açores Org
4.	HILARINO DA LUZ	FCSH - Universidade NOVA de Lisboa	Cabo Verde Orador
5.	ISABEL REI	Conservatório de Santiago de Compostela	Galiza Recitais E Orador
6.	JOANA CARVALHO	BELMONTE	Portugal Recitais
7.	JOÃO CHRYSTELLO	Universidade dos Açores	Açores Sonoplastia e apoio técnico
8.	JOAQUIM FELICIANO DA COSTA	EMPDS BELMONTE	Portugal Orador Org
9.	LUCIANO PEREIRA	ESE-IPS	Portugal Orador
10.	LUÍS FILIPE SARMENTO	Escritor	Portugal Orador
11.	MÁRIO MELEIRO	IPG Guarda	Portugal Orador
12.	PEDRO ALMEIDA MAIA	Escritor S Miguel	Açores Orador
13.	PEDRO PAULO CÂMARA	APRODAZ, Junta de Freguesia dos Ginetes, Univ, Açores	Açores Orador
14.	RAUL LEAL GAIÃO	Investigador	Portugal Orador
15.	ROLF KEMMLER	ACL Investigador UTAD	Alemanha Portugal Orador
16.	Sérgio Prosdócimo GIRA TEATRO	FLORIANÓPOLIS, STA CATARINA,	BRASIL Teatro "CONFINA-MENTE"
17.	Beatriz Jorge	Escola de Música de Belmonte	Portugal recitais
18.	António Costa	Escola de Música de Belmonte	Portugal recitais
19.	Susana Miranda	EMPDS	Portugal ORG
20.	Elisabete Manteigueiro	EMPDS	Portugal ORG
21.	Marco Santos Silva	EMPDS	Portugal ORG

8. LISTA DE ORADORES

Nº	Nome	Instituição e País ou Região	Participação
1.	Carolina Cordeiro	Escritora PDL Açores	Autobiografia, de José Luís Peixoto
2.	Chrys Chrystello	UTS Sydney, NAATI Canberra Austrália	Poesia Açoriana / In Memoriam Malaca Casteleiro
3.	HILARINO Da Luz	FCSH - Universidade NOVA de Lisboa Cabo Verde	Problematização da abordagem de Gilberto Freyre sobre a realidade cabo-verdiana
4.	ISABEL REI	Conservatório de Santiago de Compostela Galiza	Três mulheres guitarristas galegas + Recitais
5.	Joaquim F Da Costa	EMPDS BELMONTE Portugal	Lusofonia e Judeus
6.	Luciano Pereira	ESE-IPS Portugal	O Haiku em Português
7.	Luís Filipe Sarmento	Escritor Portugal	Ao rubro, O autor pelo próprio
8.	Mário Meleiro	IPGUARDA Portugal	Ricardo Reis em O ano da Morte de Ricardo Reis de José Saramago: do heterónimo à personagem saramaguiana
9.	Pedro Almeida Maia	Escritor, Psicólogo, S Miguel Açores	Contos e outros escritos
10.	Pedro Paulo Câmara	APRODAZ, junta de Freguesia dos Ginetes Açores	Côrtes-Rodrigues
11.	Raul Leal Gaião	Investigador Portugal	Açorianos em Macau - José Silveira Machado
12.	Rolf Kemmler	ACL Investigador UTAD Alemanha	S. Miguel e seus habitantes em Happy Days: a Summer Tour to the Azores and Lisbon (1880) Marianna Gibbons (1846-1929)
13.	GIRA TEATRO	FLORIANÓPOLIS, STA CATARINA, BRASIL	Teatro "CONFINA-MENTE"

9. ROTA CULTURAL

9.1. MÚSICA DA GALIZA O REGRESSO DA GUITARRA MÁGICA DA GALIZA POR ISABEL REI



9.2. JOANA CARVALHO UMA FABULÁSTICA VOZ DE BELMONTE - JOANA CARVALHO (BELMONTE)



9.3. ESCOLA DE MÚSICA DE BELMONTE OUÇA AQUI (PROF.ª BEATRIZ JORGE E ALUNO ANTÓNIO COSTA) AO VIVO



9.4. BELMONTE ENIGMÁTICA! TORRE DE CENTUM CELLAS VEJA O CURTO FILME AQUI [HTTPS://YOUTU.BE/IWIC4CAV KW](https://youtu.be/iwic4cavkw)

10. DISCURSO PRESIDENTE DA AICL

ABERTURA DO 33º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 9-10 abril 2021

Nem nos sonhos mais delirantes imaginei em 2001 ao preparar o 1º colóquio que chegaríamos ao 33º, o quarto em Belmonte, que passou a ser a nossa casa depois da primeira visita em 2015. Estou hoje, também, imensamente feliz por ter concretizado grande parte da modesta doação à Empresa Municipal de Promoção e Desenvolvimento de Belmonte dos poucos milhares de livros do meu espólio literário. Reitero em nome da AICL, os agradecimentos e o caloroso reconhecimento ao Presidente da autarquia, Dr **António Pinto Dias da Rocha** e ao Eng.º **Joaquim Feliciano da Costa**, Presidente da Empresa Municipal, pela visão demonstrada ao firmarem um convénio estabelecendo Belmonte como capital da Lusofonia até 2026, e a criação do núcleo da Lusofonia no Museu dos Descobrimentos, agradecimentos sempre extensíveis aos incansáveis Susana Miranda, Elisabete Manteigueiro, Hugo Nabais e Marco Santos Silva.

Graças a estas sinergias oportunamente se celebraram parcerias e protocolos entre Belmonte e os Açores, com as autarquias de Ponta Delgada, Madalena do Pico e Santa Cruz da Graciosa e que se não fosse a pandemia se repercutiriam hoje aqui com a presença da senhora presidente da câmara de Ponta Delgada, Dra. Maria José Lemos Duarte. o historiador Dr. José de Almeida Mello, além da habitual presença do Dr José Andrade, atual diretor regional das comunidades. Foi assim que levamos a jovem cantautora Joana Carvalho à Graciosa que agora nos iria retribuir com a vinda do diretor do museu, Dr Jorge de Medeiros Borges e Cunha que, com o Art'Trio nos trariam música da ilha branca. Com estas parcerias pretendemos levar e dar a conhecer Belmonte a outras paragens e trazer a este recanto de Portugal, um pouco das 9 ilhas dos Açores.

Depois de 12 meses de incertezas, medos e pandemia, adiamentos e mudanças, decidimos avançar na plataforma Zoom e página Facebook, um novo formato que nos priva do calor humano e do contacto pessoal que sempre nos caracterizou mas nos permite a ilusão de estarmos ainda todos juntos nos nossos sonhos e utopias.

Na edição deste ano temos a presença do aclamado poeta Luís Filipe Sarmiento que traduziu a Torá, dos escritores açorianos Pedro Almeida Maia, Pedro Paulo Câmara, Carolina Cordeiro e o regresso da associada, a guitarrista galega Isabel Rei que compôs o nosso Hino da Lusofonia. Infelizmente este evento fica marcado pelo súbito desaparecimento do nosso patrono Professor Malaca Casteleiro e da Maria Francisca Xavier que, com Maria de Lourdes Crispim, foram os obreiros do núcleo da lusofonia no Museu dos Descobrimentos. A sua falta será sentida por todos mas a melhor forma de os recordarmos será continuarmos a obra que nos deixaram. Como 2020 foi o ano de todas as homenagens a Álvaro Oliveira nós aqui lhe prestamos mais um pequeno tributo. Queria lembrar que os Colóquios da Lusofonia pugnam por concretizar utopias num esforço coletivo, em torno da ideia abstrata de união pela mesma Língua. Partindo dela construímos pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou residência.

No final do século passado quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o projeto de Lusofalantes na Europa. Desde então, definimos a nossa versão de Lusofonia, das mais abrangentes possíveis, e que visa incluir todos os que trabalham com a Língua.

Depois do nosso primeiro patrono, tornaram-se patronos em 2007, dando uma enorme projeção aos colóquios João Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa) e Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras). Acrescentamos a Academia Galega da Língua Portuguesa em 2011, e em 2015 e 2016, acrescentamos os lusofalantes do Prémio Nobel da Paz 1996, Dom Carlos Ximenes Belo e Ramos Horta.

Idealizamos os Colóquios da Lusofonia como palco privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de partilha. A partir de 2005, nos Açores agregamos académicos, estudiosos, artistas e escritores em torno da divulgação da identidade, escrita, lendas e tradições não só nas comunidades lusofalantes, mas na Eslovénia, Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, França, Itália, com traduções de autores açorianos. Somos uma tertúlia lusófona reforçando a açorianidade e vincando bem a insularidade.

A Lusofonia é uma capela sistina inacabada; é comer vatapá e goiabada, um pastel de bacalhau ou cachupa, regados com a timorense tuaka ao ritmo do samba ou marrabenta; voltar a Goa com Paulo Varela Gomes, andar descalço no Bilene com as Vozes anoitecidas de Mia Couto, ler No país de Tchiloli da Olinda Beja, rever os musseques da Luanda com Luandino Vieira, curtir a morabeza cabo-verdiana ao som De boca a barlavento de Corsino Fontes, ouvir patuá no Teatro D. Pedro IV na obra de Henrique de Senna-Fernandes e na poesia de Camilo Pessanha; saborear a bebinca timorense em plena Areia Branca ao som das palavras de Francisco Borja da Costa e Fernando Sylvan, atravessar a açoriana Atlântida com mil e um autores telúricos, reencontrar em Salvador da Bahia a ginga africana, os sabores do mufete de especiarias da Amazônia, aprender candomblé e venerar Iemanjá, visitar as igrejas e casas coloridas de Ouro Preto, Olinda, Mariana, Paraty, Diamantina, e sentir algo que não se explica em Malaca, nos burghers do Sri Lanka, em Korlai ou no bairro dos Tugus em Jacarta. É esta a nossa lusofonia

11. ATAS COM TRABALHOS FINAIS, SINOPSES E BIODADOS PARTICIPANTES NAS PÁGINAS SEGUINTE

11.1. CAROLINA CORDEIRO, ESCRITORA, UNIV DOS AÇORES AICL.



26º LOMBA 2016



27º BELMONTE 2017



25º MONTALEGRE 2016



29º BELMONTE 2018



32º GRACIOSA 2019



26º LOMBA DA MAIA 2016



30º MADALENA DO PICO



27º BELMONTE 2017



30º MADALENA DO PICO 2018



32º GRACIOSA 2019

CAROLINA CORDEIRO é licenciada em Estudos Portugueses e Ingleses, pela Universidade dos Açores e pós-graduada em Língua Portuguesa — Investigação e Ensino (Universidade Aberta).

Desde 2005 que tem vindo a aproximar a sua profissão de professora e formadora à escrita criativa. Leciona as línguas portuguesa, inglesa e alemã.

Publicou os seus primeiros poemas na coletânea *The International Who's Who in Poetry* (International Library of Poetry. 2004).

Mais tarde, em 2012, publicou o seu primeiro livro de poesia *Invictas Brotassem*, sob o pseudónimo Clarice Nunes-Dorval, com a chancela da Chiado Editora.

Em 2013, participou na *Antologia de Poesia Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho"*, vol. IV (Chiado Editora) bem como na *Antologia Nós Poetas Editamos — PARTE V* (2014).

Em dezembro de 2013, editou o primeiro volume da trilogia Tempo, com o seu romance histórico *No Meu Tempo* (Pastelaria Estudios); Em junho de 2015, apresentou o segundo volume, o romance *Naquele Tempo* (Letras Lavadas). Tem participado, regularmente, em diversas revistas e jornais literários regionais e nacionais.

De igual modo, coordena campos de férias e ministra workshops de escrita criativa, a públicos de diversas idades.

Entre 2013 e 2015, representou e colaborou com o programa EscreViver (n)os Açores; foi vencedora do concurso de poemas *Calendário Artelogy 2014*;

Em 2016, foi vencedora da 4ª edição do Prémio de Escrita MiratecArts com o "Conto da Mulher de Cordas".

Carolina Cordeiro tem dinamizado vários eventos, em diversas escolas, com pequenos contos infantis tentando projetar a leitura como "bem essencial à vida".

Participa ativamente no *Azores Fringe Festival*. É uma das responsáveis pela área cultural da Casa do Povo de S. Vicente Ferreira.

Defendeu a tese de mestrado com foco em Daniel de Sá e a componente autobiográfica da escrita açoriana.

Uma abordagem à obra Autobiografia de José Luís Peixoto por Carolina Cordeiro

É sabido que Autobiografia é um relato de uma vida, da vida própria de quem a escreve. Contudo, como tudo, os tempos mudam, definições interligam-se e cria-se uma nova ideia sobre o que outrora existia. A obra *Autobiografia*, de José Luís Peixoto é uma reinterpretação do género que Phillippe Lejeune defende. Um escritor escreve sobre um escritor onde as linhas da narrativa cruzam-se e revelam o outro lado do espelho, qua Narciso. Que leitura nos espera ao ler esta nova obra de Peixoto? Que Saramago pretendemos encontrar? Ou, será que o título é apenas um título de um romance que nos envolve nas angústias de um escritor? Seguindo os passos de Lejeune e de Clara Crabbé Rocha tentaremos desvendar os meandros de uma ficção cuja nomenclatura é apenas o início de uma (re)interpretação.

«Contar-me a mim próprio através do outro e contar o outro através de mim próprio, eis a literatura.»

José Luís Peixoto

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Desde os primórdios da espécie humana, o desejo de comunicar esteve sempre patente nas mais variadas circunstâncias.

Nas palavras de Posteguillo “todos os autores são, em determinada altura, influenciados por um outro autor anterior a ele. São influenciados pelo trabalho e por aquilo que as obras deixam transparecer. (Posteguillo, 2012: 113). Carvalho afirma que “Um dia, os autores empíricos morrerão mas as suas palavras não, nem tão pouco os seus personagens” (Carvalho, 2014: 21) É através da Literatura que o Homem aprenderá como integrar-se, melhorar-se e compreender-se melhor.

Ao abordarmos um tema tão vasto quanto o da Literatura, não podemos dissociá-lo das suas mais variadas *nuances*. Todos os leitores são influenciados pelas múltiplas interpretações e são, de igual modo, interpelados por todos os escritores. A Literatura ajuda a manter o Homem e as suas existências vivas, em todos os seus parâmetros, apesar das suas condicionantes exteriores. No nosso caso, a Literatura é tão vida quanto o ler é beber e comer pois o espírito que não lê emagrece como um corpo que não come, como Victor Hugo (Hugo, 1990: 45) afirmou.

Quem escreve, escreve sobre o que sabe ou sobre o que vive ou viveu. Há uma mundividência que se reflete na escrita de cada autor, quer se queira quer não se queira, quer seja apreciada ou não (Almeida, 2011: 198).

Em cada escrito há irremediavelmente a presença do autor nas linhas produzidas, pois “cada pessoa carrega consigo um rascunho, perpetuamente reescrito da história da sua vida” (1989: *xixi apud* 1986: 32) e há influências recebidas e uma subsequente metamorfose dos autores já que todo o escritor é permeável e há um número indeterminado de modos de apropriação das influências recebidas. (Garcia, 1993: 98) É nessa senda que nos propomos discutir o título da obra de José Luís Peixoto, nomeadamente o seu romance de 2019, *Autobiografia*.

A palavra a autobiografia no contexto da Literatura, quanto às marcas do seu género, poderão ser tão díspares e imensuráveis como a inspiração/emoção vinda do que o/a rodeia ou, simplesmente, poderão ser tão individuais como a presença do seu visível “eu” real que oscilará, por ventura, entre a forma e a função desse mesmo “eu” (Rocha, 1992), até porque tratará de um assunto já resolvido e fechado, por assim dizer, daí amiúde servindo-se da memória e, de tal forma que, por vezes, o autor desse género literário é apelidado de “aquele que mente sobre si mesmo” (Lacouel-Labarthe e Nancy, 1978: 125 *apud* Catelli, 1991: 10). Lembremo-nos que a palavra escrita é um veículo de comoção e de tratamento da realidade. Dessa feita, a leitura tanto pode emocionar como relatar um simples facto histórico ou biográfico.

“A autobiografia [é] considerada como parte de variadas manifestações do *eu*.” (Didier, 2012: 16). Uma autobiografia “é poder ser também entendida como “uma forma de salvação individual num mundo que começa a descer de sucessivos modelos ideológicos de salvação coletiva.” (Rocha: 1992, 19), ou ainda como Lejeune afirmou: “não é apenas um texto no qual alguém diz a verdade sobre si próprio, mas um texto em que alguém real diz que a diz. E este compromisso produz efeitos particulares sobre a receção.” (Lejeune: 2013, 538) Acreditamos que em toda a obra de ficção está patente o traço autobiográfico de quem a concebe, provocando um olhar “impuro” — por assim dizer — já que se trata, na narrativa, de um olhar que já passou por diversas interpretações, e que há, também, um certo traço de “intimidade”, até porque se nesta obra se dá voz a uma pessoa já falecida e cuja importância para a História da Literatura é incalculável, poderemos afirmar, de certa maneira, que toda a obra faz parte de uma prosopopeia “limite último del intercambio retórico” (Catelli, 1991: 52)

Segundo Todorov “não se dá vida ao outro deixando-o intacto, assim como não se pode fazê-lo abafando completamente a sua voz. (...)” (Todorov, 1999) É por isso que, ainda segundo Todorov, “pode-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogénea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um *eu* também, sujeito como eu” (*Ibidem*).

Há um eu “eu” que é o ponto de partida e há um outro “eu” que é o ponto de chegada, e na autobiografia, por esta ser o relato da própria vida do “eu” emissor “no instante em que a narração começa (...) aparecem dois sujeitos: um que ocupa o lugar da forma e outro o lugar da máscara que o desfigura. E dois sujeitos: um eu que se apresenta e um outro eu, ambos intercambiáveis.” (Catelli, 1991: 17)

Esse fator leva-nos ainda a um outra questão que nos parece deveras pertinente: o quanto pode um escritor ser influenciado por todos os fatores exteriores ao seu nascimento, crescimento e educação e, conseqüentemente, o quanto desses elementos ele/ela carregará no corpo e da sua escrita, quando escreve para um público? O que nos importa é evidenciar que um/a escritor/a não se separa do espelho de quem é. E, segundo a nossa perspectiva, o/a autor/a empírico e individual não se desvincula taxativamente da sua escrita, pois ao escrever pode ser-se muitas coisas, mas não se pode deixar de ser quem é. A palavra solta-se de várias formas, a grafia altera-se em distintos traços mas o âmago de quem escreve é sempre o mesmo, é o do Ser.

De acordo com o Dicionário Literário de Carlos Ceia, uma obra autobiográfica é

“em sentido estrito: a centralidade do sujeito da enunciação colocado numa relação de identidade com o sujeito do enunciado e com o autor empírico do relato; o pacto referencial, que institui a representação de um percurso biográfico factualmente verificável; a acentuação da experiência vivencial detida por esse narrador que, perfilhando uma situação expressa ou camufladamente autodiegética, projeta essa experiência na dinâmica da narrativa; o teto quase sempre exemplar dos acontecimentos relatados, concebidos pelas autor como experiências mercedores de atenção. A classificação de uma narrativa como autobiografia releva de um pacto autobiográfico implícita ou explicitamente estabelecido segundo o qual se observa a relação de identidade entre autor, narrador e personagem.” (Reis, 1996: 36)

Inicialmente, e parafraseando Lejeune, para a distinção entre autobiografia e o romance, o leitor teria apenas a necessidade de descortinar os elementos externos aos textos, elementos como a verificação dos dados biográficos que suporta e tem a identidade do autor, do narrador e do protagonista. (1989: ix). Todavia, escrever sobre um “eu” é uma tarefa difícil. Logo, enquanto escrita autobiográfica, poderá haver a necessidade de subdividir a questão entre uma abordagem literária e uma abordagem sociológica.

Para além da autobiografia poder desviar-se temporalmente do discurso, bem como usar antecipações, ter características catárticas, com ou sem a volúpia da autocontemplação e a humildade das confissões cristãs, ainda pode conter outros propósitos, tais como os elencados por Rocha:

“1) o escritor pode responder à expectativa do leitor que deseja conhecer na intimidade uma figura pública (...); 2) corrigir ou desmentir opiniões erradas de que foi ou pode vir a ser vítima (...); 3) dar-se corajosamente na revelação do seu lado “bom” e do seu lado “mau” (...); 4) pedir uma absolvição; 5) fazer a crónica pessoal dum tempo, transformar a autobiografia num testemunho; 6) tentar recuperar o passado através da memória (...); 7) exprimir a angústia do futuro, a vertigem do escoamento do tempo.” (Rocha, 1992: 33-34)

Utilizando as palavras de Rocha, o pacto de leitura entre o autor e o leitor, a fiabilidade da escrita será, então, “com a verificação da identidade do autor/do narrador/da personagem ao nível do texto com o(s) empíricos e que o pacto romanescos equivale à garantia do carácter fictício do texto uma vez que a identidade de nomes não a mesma, logo ficção. Haverá ainda um terceiro pacto, o pacto zero que se patenteia pela ausência de qualquer um dos anteriores e, também, pela ausência de nome da personagem. Assim, existiria um contrato de leitura da narrativa indeterminado.” (Rocha, 1992: 36)., sabendo que

“a crítica deixou de procurar na autobiografia a representação mais ou menos fiel da história pessoal, e prefere entendê-la como uma recriação em que se fundem memória e imaginação, uma combinação entre a experiência vivida e efabulação. Nesta perspectiva, a formação do eu através da palavra corresponde a um segundo nascimento, e o sujeito que (se) narra é um outro, um duplo

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

da pessoa real. Esse eu é uma personagem, que apenas difere da personagem de ficção por ser protagonista numa vida da qual o próprio eu não é autor, é somente o coautor” (Ricoeur *apud* Rocha, 1992: 46)

Literariamente falando, e continuando nas palavras de Rocha, o *eu* que fala não é o *eu* físico mas o *eu* de quem esse já mantém “uma relação distanciada (...) [onde] existe um desvio temporal entre o *eu* passado e o *eu* presente, entre o ator e o autor da enunciação.” (Rocha, 1992: 49). No fundo, “[na] ambivalência da sua natureza, o eu é ainda e sempre razão de ser de uma busca afinal impossível.” (Rocha, 1992: 47)

Ora, seguindo essa explanação, o título da obra de Peixoto é sugestivo e amplamente interpretativo. Trata-se de uma narrativa centrada numa Lisboa dos finais dos anos noventa, um jovem escritor em crise vê o seu caminho cruzar-se com o de um grande escritor. Dessa relação, nasce uma história que mescla realidade e ficção, um jogo de espelhos que coloca em evidência alguns desafios. É assim a sinopse comercial da obra.

Segundo Pilar del Rio, a obra “Autobiografia” é uma narrativa que não deixa ninguém desprevenido, pois o leitor saberá que existirá comunicação muito próxima entre um jovem escritor chamado José (quicá do autor empírico) que se encontra com um autor consagrado como o é José Saramago. Entre essas duas personagens uma que, à partida não existiu fora do contexto do livro e outra que sim, existiu na vida real, surge uma história de encontros e desencontros numa atmosfera que às vezes lembra, em outro tempo e circunstância, a que José Saramago criou para contar a vida de Ricardo Reis e Fernando Pessoa durante o ano em que ambos morreram. Cria-se, aqui, então, o referido pacto de ligação entre o que está escrito e o que o leitor esperará.

Ainda segundo Pilar del Rio

“A história de Peixoto, ao contrário da de José Saramago, não é sobre morte, conta uma vida que começa com brios e desejos. O escritor consagrado é a referência, o futuro desejado, que provoca admiração e um incontrolável repúdio: em todas as circunstâncias da vida os mestres são a medida das coisas, o estímulo que precisa de ser combatido para que o aprendiz não fique cerceado. Este livro é a agónica luta do escritor jovem com amores e perdas, aventuras diversas aqui e ali, personagens que vêm de outros mundos, vozes diáfanas e vozes misteriosas, todas elas no compasso do ritmo próprio e já consagrado de José Luís Peixoto.” (Rio, 2014)

Temos, então duas personagens chamadas José e, juntamente com o José, o autor empírico da obra, forma-se uma tríade homónima que se entrelaça irremediavelmente no enredo, desorientando sobretudo o personagem do jovem autor perdido, refletido como homem duplicado, quicá triplicado! numa narrativa que orbita em si mesma, presa num circuito excitante, onde as definições de um eu, de um outro, de um romance, de uma biografia e de uma autobiografia se embaralham na medida em que tudo é invenção. Nesse desnorteio vertiginoso, não só espacial mas também temporal, há o

“livro, esquecido por momentos, caiu-lhe da ponta dos dedos. Esse estrondo puxou Saramago dos pensamentos. Levantou-se, dobrou-se, posição acrobática, e apanhou o livro. Voltou a acomodar-se na cadeira e folheou o romance de José até à página certa. Entrou numa frase, palavra a palavra, e prosseguiu. Tomando consciência de si próprio, ou transformando-se naquelas linhas, lia sobre alguém que lia. E, sem que ninguém o testemunhasse, sozinho no escritório, pareceu-lhe que a menção a um rosto imóvel, nem festivo, nem acabrunhado, se referia ao seu próprio rosto. (Peixoto, 2019: 96)

Há, na obra de Peixoto, uma Lisboa com todas as suas particularidades. Segundo Real, “o seu tempo narrativo interliga-se entre os momentos da existência das personagens, formando um puzzle, no qual, porém, um novo momento temporal da narração não só condensa todos os momentos e factos narrados anteriormente como revela um sentido antes oculto à história narrada, como se, em cada capítulo, uma outra estória estivesse a acontecer e o romance avançasse por camadas sucessivas”, situação que vai exigir do leitor um trabalho extra de atenção, já que a ficção se funde, por vezes, com a realidade e que a personagem fictícia se metaforize no discurso do narrador.

Nesta obra são abordados diferentes temas, desde a escrita *per se*, passando pelo colonialismo, pela ausência parental até chegarmos à luta emocional do “eu”. A estrutura da narrativa, o diálogo recorrente com o leitor, a inclusão de personagens e de acontecimentos de vários livros de Saramago torna a leitura do livro *Autobiografia* numa leitura intertextualmente muito cativante, pois há um entendimento claro da literatura enquanto jogo de espelhos, enquanto “espaços vazios a serem preenchidos por quem os interpreta”; há sobreposição de vidas, de espaços e de factos que confundem ainda mais o leitor na distinção entre a realidade e a ficção. Descobrir se o jovem escritor José acaba ou não por escrever a biografia de Saramago, fica para a interpretação de cada um, já que dependerá, também da leitura que cada um fará de quem é o verdadeiro autor dessa biografia, e, portanto, quem será o autor da *qua* “autobiografia”.

Autobiografia, de José Luís Peixoto, é, na nossa opinião, um texto ficcional de cariz biográfico já que se trata de uma abordagem dos momentos comuns entre as vidas de José Saramago e de José Luís Peixoto, num palco da literatura, orientado pela criatividade da língua, num fio temporal intrinsecamente ligado à memória de um passado, aproximando-a a uma ansiosa vivência de um presente quase irreal.

Bibliografia

- ALMEIDA, Onésimo Teotónio. (2011). *Açores, Açorianos, Açorianidade*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2a ed.
- CATELLI, Nora. (1991). *El espacio autobiográfico*. Barcelona: Editorial Lumen, Pa- labra Crítica no12.
- GARCIA, José Martins. (1993) “Lirismo e “ficção nos poemas de Roberto de Mesquita” in *Atas da III Semana de estudos da Cultura Açoriana e Catarinense*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. 97-108.
- LEJEUNE, Philippe. “Da autobiografia ao diário, da Universidade à associação: itinerários de uma pesquisa” in JACOBY, Sissa e CABALLÉ, Anna. (orgs) (2013) *A escrita auto/biográfica = la escritura auto/biográfica*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Centro de Estudos da Língua Portuguesa, Letras de hoje; 48 (4).
- PEIXOTO, José Luís. (2019) *Autobiografia*. Lisboa: Quetzal Editores. 1ª ed. ISBN:978-989-722-459-1
- POSTEGUILLO, Santiago. (2012) *A Vida Secreta dos Livros*. Lisboa: Clube do Autor.
- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina. (1996) *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Livraria Almedina. 5a ed.
- RICOEUR, Paul. (1991) “O si-mesmo como um outro” Campinas: Papiros in JA- COBY, Sissa e CABALLÉ, Anna. (orgs) (2013) *A escrita auto/biográfica = la escritura auto/biográfica*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Centro de Estudos da Língua Portuguesa. Letras de hoje; 48 (4), ISSN 0101-3335).
- ROCHA, CLARA. (1992) *Máscaras de Narciso: estudos sobre a literatura auto- biográfica em Portugal*. Coimbra: Almedina.

[CADERNO AÇORIANO Nº 31 \[HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ARQUIVOS/426/CADERNOS-\\(E-SUPLEMENTOS\\)-DE-ESTUDOS-ACORIANOS/884/CADERNO-31-CAROLINA-CORDEIRO-CADERNOS-DE-ESTUDOS-ACORIANOS.PDF\]\(https://www.lusofonias.net/arquivos/426/cadernos-\(e-suplementos\)-de-estudos-acorianos/884/caderno-31-carolina-cordeiro-cadernos-de-estudos-acorianos.pdf\)](https://www.lusofonias.net/arquivos/426/cadernos-(e-suplementos)-de-estudos-acorianos/884/caderno-31-carolina-cordeiro-cadernos-de-estudos-acorianos.pdf)

SÓCIO DA AICL. SECRETÁRIA DO CONSELHO FISCAL

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE

PARTICIPOU EM SEIA 2014 NO 22º COLÓQUIO, NO 25º COLÓQUIO EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES), 27º BELMONTE 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019

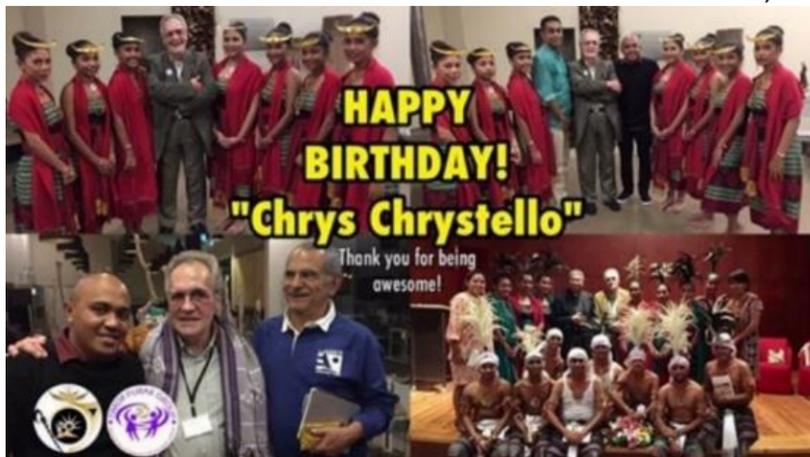
11.2. **CHRYS CHRYSTELLO. AGLP, AJA/MEEA E UTS SYDNEY, NAATI CAMBERRA, AUSTRÁLIA.¹**

CHRYS CHRYSTELLO, cidadão australiano, multicultural, de uma família mesclada de Alemão, Galego, Português, Brasileiro e marrano transmuntano. Publicou o seu 1º livro (poesia) em 1972. O exército colonial português levou-o a Timor (73-75) onde foi Editor-chefe do jornal A Voz de Timor (1974). Jornalista desde 1967 (rádio, TV e imprensa) escreveu sobre o drama de Timor-Leste. Foi Executivo na Eletricidade de Macau (1976-82). Em Macau foi Redator, Apresentador e Produtor na rádio e TV (Macau e HK). Em Sydney, Austrália, esteve envolvido na definição da política multicultural. Foi Jornalista, Tradutor, Intérprete em ministérios federais e estaduais australianos.

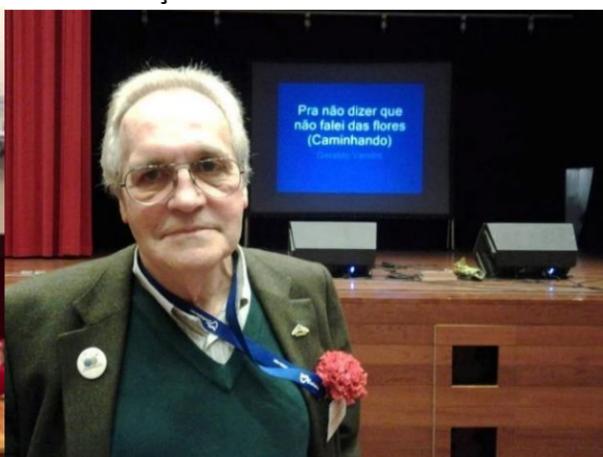
Divulgou a descoberta portuguesa da Austrália 1521-25 e a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português. Desde 2017 é J membro vitalício Honorário da MEEA-AJA [Australian Journalists' Association] por ter atingido 50 anos de profissão, JORNALISTA. Tradutor Profissional desde 1984. Fundador do AUSIT (Ordem dos Tradutores Australianos) 1989. Lecionou Tradutologia na UTS (Univ. Tecnologia de Sydney), sendo por mais de vinte anos responsável pelos exames dos Tradutores e Interpretes (NAATI). Assessor de Literatura Portuguesa no Australia Council (1999-05). Mentor dos finalistas de Literatura da ACL da University of Brighton (UK 2000-2012); Revisor da Universidade de Helsínquia, Dept.º Tradução (2006-2012); Consultor do Programa REMA, UAçores. (2008-12). Certificado de Aptidão Profissional - Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional desde 2000. Académico Correspondente da AGLP desde 2012,

É Editor dos **Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL**, publicação online, 2019 Nomeado Vice-presidente de PPdM - OCEANIA - Vice-Presidente para a Oceânia do Movimento Poetas do Mundo 2019 Nomeado membro do Pen International (Açores) Preside, desde 2010, à Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia que organiza desde 2001-2002 (32 edições, 2 ao ano).

Atual colunista do Diário de Trás-os-Montes desde 2005, do Diário dos Açores desde 2018 e Tribuna das Ilhas desde 2019. <https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html> www.lusofonias.com



26º LOMBA DA MAIA 2016



25º MONTALEGRE 2016



26º LOMBA DA MAIA 2016



29º BELMONTE 2018



30º MADALENA DO PICO 2018



32º GRACIOSA 2019



28º VILA DO PORTO 2017



15º Macau 2010



12º BRAGANÇA 2008

Eulogia a João Malaca Casteleiro e Maria Francisca Xavier

Há textos que jamais se espera escrever e este é um deles. Dia 7 de fevereiro 2020 é um dia muito triste, vinte e oito anos e um dia depois da morte do meu pai morreu um dos meus mentores, uma pessoa que muito estimava e que me honrava com a sua amizade. Escrevo estas linhas, a quente, pouco depois de ter sabido da notícia e tenho pena de não ter acedido aos pedidos dos associados da AICL, Luciano Pereira e do Rolf Kemmler em 2018, quando propuseram fazer uma homenagem aos nossos dois patronos, e decidimos que eles fossem (na nossa assembleia-geral de 2019) nomeados nossos Presidentes Honorários e continuassem como Patronos. Esperava eu que a sua longevidade nos permitisse fazer essa homenagem num colóquio inteiramente dedicado a ambos.

Claro que os homenageamos a ambos durante os anos em que com eles aprendemos tanto quando, connosco, humildemente partilhavam o seu saber. Iremos manter a nossa tradição de sempre homenagear os nossos autores em vida

O Professor João Malaca Casteleiro surgiu no nosso seio em outubro 2007 com Evanildo Bechara quando ambos aceitaram o meu ousado convite a estarem presentes, e lembro-me, como se fosse hoje, que depois de um dos jantares, no Poças em Bragança, quando regressávamos a pé, à velhinha Residencial Classis onde estávamos todos alojados, eles me perguntarem já perto da meia-noite se eu os queria aceitar como

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

nossos patronos, dado que o primeiro patrono JOSÉ AUGUSTO SEABRA falecera em 2004. Nem queria acreditar que a sorte nos bafejara naquela conversa informal, quando eu me queixava da falta de visibilidade do 8º colóquio em 2007.

Logo a seguir, fruto desse mesmo colóquio em Bragança, a comunicação social daria tanto relevo ao acordo ortográfico de 1990 que ali se debatera, que prontamente o estado português o ratificou e começou a implementar. A partir desse momento, durante anos a fio, em escolas, universidades, colóquios, Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara eram as faces mais visíveis dos colóquios e do AO 1990, da Galiza a Portugal, Brasil, Macau, catapultando estes colóquios para a ribalta.

Durante os primeiros anos estabelecemos as metas necessárias para que a novel Academia Galega da Língua Portuguesa se pusesse de pé e frutificasse e a sua palavra e as suas estratégias ajudaram a conseguir o que poucos acreditavam ser possível numa Galiza espanholizada e castelhanizada linguisticamente.

Quando em outubro de 2010 fomos vítimas de uma ameaça da Câmara Municipal de Bragança de tomar conta dos nossos colóquios encontrei em ambos, o apoio necessário para avançar a todo o gás para a nossa associação, a AICL, garantindo os direitos de autor do nosso logótipo, do nosso nome e do nome dos colóquios.

Depois, foi Malaca Casteleiro quem coordenou as diligências para irmos a Macau em 2011, no ano a seguir à nossa bem-sucedida ida ao Brasil, onde marcamos presença na conferência de Brasília da CPLP (março 2010), no Museu da Língua em São Paulo e no 13º colóquio em Florianópolis. Assim, acabaríamos por levar uma extensa comitiva de 43 participantes, dos quais 19 totalmente apoiados pelo Instituto Politécnico de Macau.

Recordo as passadas rápidas e vigorosas de Malaca Casteleiro na nossa ida ao Canadá em setº 2012, pela Yonge St abaixo rumo à Universidade de Toronto, onde a Manuela Marujo nos esperava para celebrar os 65 anos de estudos portugueses. Antes disso, em abril 2009 na Lagoa, o nosso patrono recusara a carrinha de 9 lugares que andava numa lufa, para a frente e para trás, e decidira meter pés ao caminho que separava o teatro da Lagoa da residencial Arcanjo na vizinha Atalhada, onde estava hospedado, e quase conseguia chegar ao mesmo tempo que a viatura.

Durante os primeiros anos estabelecemos as metas necessárias para que a novel Academia Galega da Língua portuguesa se pusesse de pé e frutificasse. Já em 2016 em Montalegre, em amena cavaqueira, com ele, e a sua inseparável Conceição, perdemo-nos do nosso guia, o célebre Padre Fontes e fomos a pé cavalcando as ruas e caminhos de Vilar das Perdizes, enquanto os restantes faziam a rota cultural estabelecida.

Mais tarde quando o meu filho João foi convidado pelo Ministro da Ciência e Tecnologia a ir falar a Picoas, ao atual edifício Altice, em maio 2017 nos 30 anos do programa Ciência Viva, o Malaca e a Conceição lá estavam, a partilhar o meu orgulho imenso, jantando connosco e ficando em amena cavaqueira até altas horas quando fecharam o bar do Hotel.

E sempre estiveram connosco desde 2007, menos no ano de 2018 quando a saúde do nosso mestre e patrono o traiu e ele não pode estar presente no 29º Belmonte 2018, 30º Madalena do Pico 2018 e 32º na Graciosa 2019 (por temer a falta de condições hospitalares em caso de necessidade urgente nas ilhas). Ainda em novembro último confirmara a sua presença em Belmonte este ano...

Não vou falar da sua notável carreira, nem da sacanice da perseguição que a Academia lhe moveu nos últimos anos que nos levou em 2009 a propor uma ACADEMIA DE LETRAS DE PORTUGAL mas que infelizmente, não lograria apoios suficientes para arrancar e deixar de ser uma subserviente Secção de Letras da Academia de Ciências de Lisboa, mas recordarei sempre a sua confissão de que tinha vindo de uma família humilde e, como quase todos os desta geração, subira a pulso, fruto de muito trabalho e estudo, coisas que, indubitavelmente fazem falta hoje em dia. Muitas vezes falamos disto, da ética de trabalho, da necessidade de sermos exigentes e perseverantes.

Guardarei comigo tudo o que partilhamos nestes 13 anos de convívio são e fico eternamente grato pelo muito que com ele aprendi e que tanto nos ajudou e influenciou. Continuará sempre como nosso patrono e Presidente Honorário, ele que presidiu à Mesa da Assembleia-Geral da AICL desde a sua fundação em 2010 até à Assembleia-Geral de 2019.

Igualmente deixo aqui uma pequena recordação e que peca pela exiguidade de imagens nos nossos arquivos, da grande obreira do projeto do Museu da Lusofonia juntamente com Malaca Casteleiro e Maria de Lourdes Crispim, a Maria Francisca Xavier, que há poucos meses também nos deixou e que durante dez anos foi presença sensata, cordial, amiga com a sua suave postura. Também ela nos deixou órfãos pela sua sabedoria, extrema humildade e pela enorme estima com que sempre nos presenteou a todos. Termina com as imagens da passagem de ambos no nosso seio (ver em <https://youtu.be/bxPpv43gM1E>), e faço votos de que possamos honrar a sua memória continuando o vasto legado que nos deixaram

Chrys Chrystello, 9.2.2020 Presidente da Direção da AICL, Colóquios da Lusofonia



32º GRACIOSA 2019



32º GRACIOSA 2019



24º GRACIOSA 2015



POESIA, GRUTA DE CAMÕES 15º COLÓQUIO MACAU 2011

POESIA DO VOL. 1 CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL 1972

378. *EU SOU O RIO* 1972 **CHRYS**

eu sou o rio
tenho-to dito repetidas vezes.
caminho da nascente
direito às areias,
o rio não acaba
nem se reproduz em lago ou mar
vai fraco, moribundo
até às dunas.
eu sou o rio.

só se é rio uma vez.

222. *inconfessável* 1970 **PEDRO PAULO**

fecha os olhos
imagina-te
debruçado sobre o rio

com um dedo
pressão ligeira
igual a empurrão

abrirás os olhos
na convicção
de teres realizado
um dos inconfessáveis
desejos teus.

343.1. *dia de fiéis* 1971 **carolina**

parado, com respeito de vivo
por entre veneradores de memórias-saudade
observo as faces humoradas das pessoas anónimas
sinaleiros uniformizados regulam o trânsito
param com um sorriso malicioso nas pupilas brilhantes
com corpo de adormecer estrelas
passa uma figura impante de formas
os carros param, há comentários
brilham sóis no sexo das pedras pisadas
e lá dentro no cemitério do “eterno repouso”
nem um só morto se moveu dentro do caixão.

309. *insofridamente, vives* 1971 **LUCIANO**

Esta lua inventada
prostituta velha, desdentada
de face rugosa, caiada
espera na esquina do TEMPO VAGO
um louco ou poeta que a vá buscar
dormirá com ele em lençóis de luar.
dará o corpo, o nome, a alma,
dela ficarão as palavras dum poema a chorar.

0. *CRÓNICA O DO QUOTIDIANO* 1970 **CHRYS**

- 11 h.
a correr do café com leite para o elétrico torrado.
palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.

- Quinze tostões.
Direito a empurrões, pisadelas.
O pó é grátis.

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Por vezes o cheiro da democracia custa a engolir.

- O século vinte é o da poluição.

Chiar metálico, profundo, a fundo.
Projetam-se corpos em várias direções.
Desculpas.
Insultos.
Protestos.

- Chego sempre depois do prof.

Subo as escadas repetidas.
Essencial não correr AGORA.
47 degraus, 4 patamares, 23 degraus mais dois patamares.
Inconvenientes de haver faculdades em sótãos.
Corredores austeros e mudos.
Portas gravemente fechadas.
Abro uma, baixo a cabeça.
Equilibrismo
Sento-me na última fila.
Ao longe, mesmo lá onde o fumo acaba, um tipo discursa.
Língua de símbolos que ninguém entende.
Papalvos olham sem escutarem.
Palavras metálicas chocam na surdez das paredes.

- INEXORAVELMENTE O TEMPO.

Chegar.
Dormir.
Sair.
Sempre caras iguais

gordas
coradas
tímidas

sem remorso nos OLHOS INÚTEIS
sempre iguais

esguias
pálidas

ousadia dançando nos lábios sensuais.

O Tó-filho-família continua a trocar de carro cada três meses
ar de superioridade afivelado ao desdém.
Sentado à minha direita um barbudo sebento
limpa unhas com fósforos (ah! estes contestatários!)
Enfim, uns leem, outros fingem que escrevem.
De repente como impelidos por molas, saem, misturam-se.
Perdem-se até se reencontrarem nos mesmos sítios, dias, horas.
Um dia não aparecem.
Passados meses são homenageados, postumamente.
HERÓIS-DE-ESPADAS-DE-TÉDIO;
escudados na indiferença venceram a vida:
jamais tornarão a ler jornais desportivos.
Engrossarão o slogan dos que deixaram de fumar.

- Saio.

Respiro ar poluído e não noto.
Paro à porta da U.
Entram. Saem. Espero.
Por entre corpos que caminham, vejo-a.
atravessámos o HÁBITO INCORRUPTO feito rua,
tomámos o mesmo elétrico.
Falamos, nada dizemos: “adeus, até logo”.
Vejo se há correio, subo.
2 degraus, patamar,
mais 18 degraus no elevador das pernas.
Chave na fechadura.
Sobretudo no bengaleiro, num aconchego.
Livros na cadeira.
Um almoço igual a outros.
À tarde, o café, os amigos de ontem,
esperando hoje um amanhã que os leve.

As petas do costume.
Conversas repetidas.
Irreprimível vontade de mudar,
algo se escoia por entre os dedos do tempo.
Sol disfarçado de sombras
proporcionais à altura, à luz, à superfície.
Nas profundezas a revolta de um grito adiado.

- Jantar.
"A família é um ente coletivo, sagrado, indestrutível".
Perguntas morrendo sem resposta.
O enfado. O café. Os amigos.
Uma cama com um jornal, um rádio com música.
essencialmente música.
Um sono.
Dormir.
Este todo que se esgota, se repete.
Monólogo de vida,
até um diálogo de morte.
Quem sabe se sonho, pesadelo?
Desânimo.
Um da, noite, sempre.
Até que seja tarde.
Irremediavelmente
como certeza na angústia, essa DOR DERROCADA.
- INCOMPLETA A OBRA.

271. LISBOA porto e maio 1968 PEDRO PAULO

LISBOA, este sentir de perto o longe tão longe
amar o amor não amando
desejo súbito de fugir
LISBOA este amanhã que ficará por hoje
este dar-se de dentro renovado em cada recusa.
LISBOA chão que piso, imagem de sol que amo
este sentir de perto o longe tão longe
LISBOA de ti fala a memória dos dias longe e perto
LISBOA cidade pequenina, onde as pessoas se chocam e seguem
na indiferença ao rio-destino,
provincianismo mesquinho de te saber distante, ausente.
LISBOA impessoal
 europeia
 americana
 que nunca portuguesa
LISBOA este correr rápido, constante, asfixia, cansa, mata,
tempo de agora vivido na pressa de cada momento.
a gente,
os carros,
bulício mecânico,
roda-dentada da civilização rotineira
grilheta do desenvolvimento.
a fauna,
monólogos que se entrechocam.
cara,
mãos,
olhos de cidade,
gestos urgentes que se dão e se vendem,
promessas-mentiras de prostituição aviltada, sofisticada.
LISBOA coletiva,
social,
necessária, enojantemente vendida ao mito,
 ao desejo
 à farsa
 até onde à beleza?
LISBOA onde nunca, mesmo nunca, encontrarás um lisboeta.

366. *A lembrança dos dias (à mi) 1971 carolina*

bato à lembrança dos dias
pela porta entreaberta
 ouço saudade
entro na sala vazia
nas paredes nuas e frias
nem uma fotografia
para enganar os olhos

vasculho nos cantos e buracos imaginados
nem uma migalha para a memória
incrédulo saio a correr
com a sensação de ter perdido
parte de mim.

360.2 *a planta da cidade na parede em frente 1971 LUCIANO*

e as ruas do silêncio onde estão?
onde moram as prostitutas de corpos engelhados sem direito à reforma?
onde são os bairros elegantes e as avenidas novas da mentira?
onde fica o casebre-de-lata construído de ilusões?
onde ficam as ruelas de má-fama com sonhos desfeitos,
 trapos pendurados às janelas sem sol?
onde vivem os frustrados, os padres-ricos, os senhores?
coabitam todos no emaranhado de traços, do papel da parede?
os cidadãos coma 4ª classe que vão aos barbeiros de 4ª,
vivem em enxovias e comem o pão que ninguém mais quer, onde estão?
os barqueiros do douro prematuramente reformados
à espera de sonhos para passarem à outra banda,
onde dormem com suas barcas velhas?
os mendigos das esquinas, os pedintes, os aleijados,
os estropiados, os cegos arranhando violinos mudos, onde comem?
os meninos sem casa, crescendo por entre a vida
onde vão fazer amor com as raparigas sem futuro?

-- e a isto nada me responde a planta da cidade --

312. *ESTE TEMPO É QUADRADO 1971 CHRYS*

este tempo é quadrado
em cada canto uma angústia
o centro sou eu.
meu pai chama-me (sempre) egocentrista.

281-1 *ALQUYBIRISMOS 1971 PEDRO PAULO*

zuniam martelos
 de voz sem gente
mudos fantoches
soletradas tradições
 sonoras imagens
acidental
 (in)organicamente
 colorávamos sentidos

(azul – paráfrase de amizade
irisado formigueiro
 multiforme
deslizando dos cabelos).

perdidos projetos
 no verde espanto
escancaradas
 as bocas jamais vencidas

sofriamos sedes
 fomes de muitas eras

obrigado
 silente
 searas esquecidas
 de mãos nos cabelos
 e foices na alma
 tudo de meu passou a nada

exaltados pensamentos
 agitantes
 aquietavam mordanças

escalavrados outros
 futuro nunca o souberam

imaginavam
 vaga
 inseguramente
 o tempo

acreditando-se
 únicos
 privilegiados habitantes

adormecentes
 os indeclináveis erros

ancestrais lutas
 soterravam

justificar-se não podiam
 condenados
 por tribunais do povo

nada (pre)nunciavam
 eternos-escravos-do-malquisto-sonho

vogavam névoas antigas
 governados por reis de gaze
 perdidos na poeira dos compêndios
 sorriam

entrevados destinos
 miseras lágrimas
 párias

e de tanto esperarem
 lhes nasceram neves nos olhos

e de tanto sonharem
 respiravam vulcões já extintos

e de tanto viverem
 sem o pressentirem
 iludidos morreram

ninguém deles
 hoje ouviu

defenestradas memórias
 colonizadores de paisagens

398.1. *bucólica (à helen mcneill) 1972 carolina*

colinas tranquilas do tédio
 resgatam céus do hábito
 pastores de entoar estrelas
 sacro ofício de deuses
 ninfas de lã
 sacolejantes
 campesinas

descendo aldeias de lousa
 vendendo corpos de inverno.

- ciclos transumantes de vida –

cabanas de colmo
com odor de homem
áridos sons
montesa linguagem
frugais merendas de condutores de rebanhos
sonhos de fome e frio
rústica paisagem
fragosas escarpas
cio longo
noites de vigília
uivantes lobos
no hálito das trevas
agrestes vales
povoados
anjos desasados
estábulo com horizontes de lua-cheia
poeira de tojo esventrando a solidão
mulheres nascidas de bafo
cristais de cinza
na terra esboroada
estes pastores
na sorte diferentes.

407. ODE 1972 *LUCIANO*

os dedos são o engenho ancestral
boca, sexo, movimento perpétuo
animo-os repetidamente com gestos pensados

calculados
repetidos.

Os dedos são a medida do TEMPO VAGAROSO
suados
calosos
trémulos
linguagem universal de poesia.
Os dedos são a poesia
vibrantes pedras
raro metal,
eternas máquinas de fabricar dinâmica
eles partem e vão
arrojados exploradores do silêncio
à conquista da seiva branca, virgem,
empunhando moderna arma
filha da técnica atual:
a esferográfica.
Os dedos-bandeirantes-sem-medo
partem e vão, indómitos
desbravando a folha branca, enorme
trilhando caminhos insuspeitados
traçando hieróglifos nos confusos mapas
carícias brandas de cristal que não arde.
Não rasgam corpos de bruma
nem destroem ignotas civilizações
apenas escrevem poemas nas folhas de papel.

338.4. CROSSROADS 1972 *CHRYS*

seguimos caminhos cruzados
na esperança infundada
de nos encontrarmos no infinito:
e ninguém lhe vai pedir
a antecipação desse encontro.

293. A PALAVRA-BREVE 1971 PEDRO PAULO

A PALAVRA-BREVE suspende-se do fio tenso das bocas
expande-se pelas propriedades elásticas
queda-se no limiar deste SILÊNCIO MASTIGADO.

A PALAVRA-BREVE é uma saudade
dor plangente por quem parte
vai-se de nós esse instante
fica-nos a muda constelação do sonho.
Acordámos com um travo salgado de lágrimas ou estrelas.

A PALAVRA-BREVE nasce com a amizade
na fronteira do interesse
cresce por entre ondas de necessidade
e vai repousar exangue no suor húmido dos amantes.

A PALAVRA-BREVE é o instante-não-imaginado
mediando vida e morte
detendo-se no enfadonho momento
a que postumamente chamaremos feliz
quedar-se-á numa laje branca de cemitério.

409 a mulher de metal . à maria teresa horta 1972 carolina

*(ainda a parede em frente
eivada rotina do insulto
mística música de pedras
não partem
não cedem.)*

a mulher-de-metal emergiu
sacrossanta (mas não muito)
entoava um qualquer eletrónico salmo
ridente pendia um crucifixo

sexo irradiante de aço
mecânica erupção
roliças ancas
inconclusos seios
o reflexo de zinco compunha
fria linguagem
metal-de-mulher

linear o tijolo e a calíça
talha grosseiro de cristo
acobreada pelo cio
primavera-de-uma-só-noite
robô-de-mulher-teleguiada
refulgente é o olhar
iridium-4
carnuda
desenganosa engrenagem
oleada
para não cerrar dentes
ao prazer
à derrota
sonora
inflorescente fêmea

- também tu crês na emancipação da mulher? -

414 a poesia é uma bola sempiterna 1972 LUCIANO

*(a poesia é uma esfera sempiterna
máquina de fabricar sonhos)*

*semovente tablado dos dias
a António Gedeão, poeta e homem*

a esta bola colorida
deslizando frágil
 irisado vitral da imaginância
devo o fugaz instante
 combustão de amor
 em pedra dura
 – CASA
 – MUSEU
 – AQUÁRIO de mim mesmo.
circundo a cabeça
 sórdida aldeia
no sonolento cenário
 a sibilante esfinge
imponderal contraponto
 na superfície do eu
no palco do centro
 rolantes águas se projetam
 contra as paredes do corpo

- (há um eu a boiar dentro de mim!) –

esfera colorida
 nas mãos de uma criança
verso branco da ideia
refulgente íris de mil sóis
 na refração do instante
boiam gemidos nas esporas da canção
livres margens da poesia
 sem forma nem lei
aparente alfabeto
 sem adornos de lua velha

bola colorida
 matizada
cintilante angústia
 ora me choca
 ora me afaga
inquebrantável raiz de não ser-só
adolescente apoteose
 coruscante liturgia
 apunhala a garganta do grito
saber dos outros
 a opaca sinfonia

lá fora
 no mundo longe
ascendem clamores
 deliquescentes compassos
 e o ator sou eu nesta CASA
 MUSEU
 AQUÁRIO de mim mesmo.

isolado
mudo e suplicante
sem gritar que existo
 só
memória de invenção antiga

EU (o) DEUS DE MIM PRÓPRIO

347. como é triste sermos adultos 1971 *CHRY*S

eu queria ser deus

com alma de criança,
para não ouvir as crianças
dizerem mal de deus.
quem cria o homem
a fome, a guerra e a morte
tem forçosamente de ser tido por mau.

343.2. *a farsa dos dias no calendário 1971* PEDRO PAULO

as flores hoje venderam-se bem
para cumprirem o dever anual de murcharem
por entre castiçais, velas, ossadas

hoje as flores sentem-se sagradas
vão nas mãos dos vivos dar cor e perfume aos mortos

mas ninguém reparou
naquela flor murcha
na jarra do "TEMPO INÚTIL"

ninguém pegou nela com mãos de vida
e ela morreu sem flores nem velas.

415 *missmundície 1972* carolina

autoestrada da fama fácil
estirada

 jacente confusão
intricados ossos

 sangue e ferros

 contorcidos

perdida a grande corrida
sem títulos que valessem
nem sorrisos vagos

 desocupados

onde os olhos-de-embalar-promessas

 publicidade

objeto - sim(biótica mulher) de símbolos

 signos

coisificado o mito da feminilidade

viagens

 prémios

 diversões

e um automóvel-caixão

 para morrer à fatal velocidade

 concurso de beleza última

já no tabuleiro frio da morgue

se ergueu trémula

para se maquilhar de branco

 tom suave

 próprio para o evento

bela-de-dia-se-deitou

 extenso sorriso noturno

e o corpo premiado na grande exposição

à terra desceu

 sem ovações nem desejo.

422.2. *heróis à força, sem força 1972* LUCIANO
runaway schoolboy, a allen ginsberg)

rescende no instante a muda seiva

gorgolejante

 apocalítico rumor

horizonte longe

perdido limite sem idade
refratário sol
no grande Canyon de todos nós
abrasa-nos este suco de texas-tea

impetuosa
a boca do vento
rasgou a fonte do olhar

diante de nós *the trip*
miragens eternizadas
paisagens sem nome

inundadas armas do ventre
lento se abriu
o tempo do delta
fulminantes deuses
estátuas de visco
o triângulo
vertiginosas ancas

crecemos na seca sede
- o país do corpo em retrato inteiro –
espoliamos a nudez virgem
sem um vagido

correm duendes na floresta da seiva
irreprimida alegria escrava
pérfidos os gestos
devoravam a paisagem de medos

e tu
minha pobre árvore despedaçada
permaneceste

extensa
plácida testemunha
e duma só vez
ao homem prometido
silenciaram o relógio das veias
amputadas vinte-e-três vozes de mistério

o grande escravo branco da medicina
encolheu indiferentes ombros
sarcástico cuspiu
god's away on a trip

então o intenso aroma
peyote nos estremecia
e pintávamos
jeronimus bosch na cela hospitalar
ríamos do *straight PhD MD*
gettin' high embandeirámos o desprezo

lembras-te, meu amor?
o Berkeley tribe tão póstumo

na face do cortejo
frisco era a cidade

e nunca lá fomos.

388.2. um poeta-ministro das finanças 1972 CHRYS

Um poeta-ministro das finanças
seria uma calamidade económica.

Se houvesse um ciclone
não importaria o vento nas frestas do ministério
haveria subvenções aos desgraçados dos “bidonvilles”.
Quando houvesse um terramoto
seriam salvos os soterrados mais pobres
para terem uma vida (MAIS) decente.
Os ricos pagariam mais impostos
miseráveis, pedintes, velhos
seriam a elite do desafogo.
Os novos teriam subsídios de amor.
Os industriais da guerra passariam a lavradores
para ninguém morrer de fome.
Num país assim os poetas seriam desnecessários
para dar corpo a tal mito.
Mas é urgente descobrir um poeta

REPITO
É INDISPENSÁVEL UM SÓ!
PARA MINISTRO DAS FINANÇAS.

Poesia do planeta açores 2010-2021 E de CQI CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL VOL 5 E 6 2012-2020

573. fados e sambas 2013 Luciano

ser ilhéu é um fado triste
entoado como um samba alegre
cantigas ao desafio
cantorias desgarradas

os corpos e as palavras
pintam realidades inesperadas
todos ficam todos partem
em dia de são vapor
tão longe sempre perto
em calafonas e canadás

ser ilhéu é um fado triste
entoado como um samba alegre
manta remendada de nove cores
tapete voador da saudade
sementes da memória
nas paredes do tempo
rasgando o silêncio
mundos mágicos sem chave

e eu ilhéu de abril
filho de muitas ilhas
choro este fado

632. ser açoriano, 2013 Luciano

não se é ilhéu
por nascer numa ilha
é preciso sentir-lhe a alma
partilhar raízes e dores
acartá-la nos partos difíceis
tratá-la nas enfermidades
acariciá-la nas alegrias
plantar, semear e colher seus frutos
alimentar as suas tradições
preservar a sua identidade

não se é açoriano

sem amar as suas ilhas
levá-las ao fim do mundo
morrer por elas

com elas
para elas

660. *demo-cracia, 2014* **LUCIANO**

tanto mar, tanto sal
tanta dor em portugal

primeiro foi-se o império
depois finou-se a ditadura
hoje agoniza a democracia
sujeita à banca e à usura

e neste recanto da ilha do arcanjo
sonha-se poesia e utopia
como se ainda houvesse esperança
ou o político se vestisse de anjo
por entre crimes e desgovernação

tanto mar, tanto sal
tanta dor em portugal

703. *mar de palavras, à Ana Paula Andrade. 2018* **LUCIANO**

parti as palavras
como quem parte pedra
com elas calcetei avenidas
de sonhos incumpridos
plantei catos e cardos
como quem planta rosas
colhi espinhos
como quem colhe pétalas

e do ramo que te ofertei
brotaram palavras felizes
neste mar de letras que habitamos

559. *alabote 2012 (ao vasco pereira da costa e Eduardo bettencourt.pinto)* **Isabel**

o mar de novo
e sempre
as ondas e a espuma
sem sabor a maresia
esperma salgado do atlântico

não se vive sem mar
numa ilha

580. *primaveras 2013, (à ni)* **Isabel**

trazias primaveras nos cabelos
e verões no olhar
demos as mãos e rumámos ao futuro
voamos nas asas do vento
vivemos vulcões, tremores e furacões
cruzámos mares e continentes

perdemos o norte e o rumo
encontrámos paraísos desconhecidos
sussurrámos promessas e sonhos
navegando as asas da açorianidade
assim se explicam os açores
ilhas de mil e uma dores

641. *aos açores, 2013 Isabel*

aos açores só se chega uma vez
depois são saídas e regressos
transumâncias
trânsitos e errâncias
...
dos açores não se parte nunca
levamo-los na bagagem
sem os declararmos na aduana
acessório de viagem
como camisa que nunca se despe
...
nos açores nunca se está
a alma permanece
o corpo divaga
mas a escrita perdurará.

675 *mar e bruma (2015) Isabel*

todos os poetas
que escreveram sobre os açores
gastaram a palavra mar
e a bruma

a mim para escrever açores
resta-me a palavra
amar

557. *açores (ao luiz fagundes duarte) 2012 Pedro Paulo*

estar numa ilha é um modo de vida
por vezes sinto-a prisão sem grades
rodeado de mar, céu e vacas
aves e peixes que não me falam

peessoas com passados heroicos
gestas de povo sofrido e resignado
de basalto e pedra-pomes também
gente que veio no mar e a ele se condenou
em terra e nas ondas dos baleeiros
quando a terra não tremia
e os vulcões estavam silentes

mares de mil e uma cores
do azul ao negro e ao vermelho do sangue
cheio de monstros e poucas sereias
gente que veio com sonhos e fomes
sofreu a escravatura infame dos senhores

feudalismos tardios e encobertos
a coberto do manto da igreja
em troco de promessas etéreas

suor, lágrimas e sacrifícios

povo que dominou fajãs
gente que criou maroiços
construiu ambições e voou
para outros países sem deixar este
à roda do qual o mundo gira
e regressam sempre e sempre
superando os que ficaram
e construíram estas nove ilhas
do enorme orgulho pátria
ser açoriano é ser único
em nove identidades afins

não sei descrever os sons
os cheiros, as cores, os paladares
todos iguais, todos diferentes
todos açorianos

aceito este destino estrangeiro
moldo-me e adapto-me
ao clima e ao ritmo
a esta velocidade lenta
de início de mundo
a este fatalismo ingente
a estas devoções salvadoras
às promessas com que se enganam
romagens de comprar perdões
folclores e tradições recriadas
alheios ao que roda lá fora

toleram a autonomia que não têm
e no meio destas gentes
surgem escritores, poetas, autores
neles me encontro e observo
imagem refratada doutro espelho
o lado de lá do eu
até quando?

615. *brumas 2013* Pedro Paulo

eram de espuma
as palavras
eram de sal
as ondas
eram de gaze
as nuvens
eram de orvalho
as lágrimas
eram de névoa
os montes
o verde surreal
as lagoas
eram de medos
os vulcões
e procissões
eram de espuma
as ilhas dos açores

652. literários voos, 2014 PEDRO PAULO

o pássaro furtivo
veio debicar a palavra
migalha de frases
que o poeta jorrara

na ilha do arcanjo
e noutras ilhas dos açores
os pássaros chilreiam poesia

676 o ruído do poema, (2015) PEDRO PAULO

o ruído do poema
enche o silêncio da palavra
pássaro fugaz
alquimia breve

há magias por decifrar
na negra lava
vulcões silentes
no ruído da palavra

no porto de abrigo
sem naus nem caravelas
palavras mudas
no ruído do poema

510. lancha do pico (2011) chrys

lá vem a lancha

lá vem

traz imigrantes, viajantes
memórias vãs por limar
da terra, do fogo
do tempo sem prazo
da fome e do medo
das socas de milho
das pedras por maroiçar
votaram com os pés
fizeram-se ao mar
sem botes nem baleias
para a lonjura das amercas
novas vinhas por esmoutar
voltam abonados
impantes de dólas
sem sueras nem albarcas
ao rossio do mar
lampeiros, apatacados
emigrantes mendigos
de memórias por aparar
perderam as terras
ganharam o mar

lá vem a lancha

lá vem

a bordo não traz ninguém
picarotos perdidos

como só esta ilha tem

comem e bebem

reveem parentes
 e gente de bem
 perdidos em tempos idos
 repetem saudades dos entes
 sabe-se lá de quem
 apadrinham festas e procissões
 pagam dízimos e promessas
 missas por alma de quem partiu
 emigrados em amarcanas missões
 lágrimas da ilha que os repeliu
 do sangue fizeram vinho
 do magma medraram uvas
 em terra de rola pipas
 debouçam bocainas, traveses e jarões
 plantam casas e novos luxos
 nas ilhas vazias de gente
 com leiva de memórias idas
 musgo de antepassados
 à espera de filhos e netos
 sem regressos nem partidas

lá vem a lancha
 lá vem
 vazia
 já não traz ninguém

576. onde os açores não voam, 2013 chrys

tu que nasceste açoriano
 nem vais acreditar
 onde os açores não voam

não bebi café em ouarzazate
 não fui aos 2 mil anos de persépolis
 não cacei leões na gorongosa
 não comi chicharrinhos em rabo de peixe
 não vi petra nem os budas de bamiyan
 nem vi índios de roraima
 não fumei ganza nas praias de goa
 nem fui em adoração a katmandu
 nunca cheguei a machu picchu
 nem a hotel de gelo nórdico
 nadei na areia branca em dili
 em cheoc van em coloane
 em bondi de sydney
 em kuta beach de bali
 em pattaya tailandesa
 no bidé das marquesas de s. martinho do porto
 na praia azul de espinho
 nas águas límpidas de daydream island
 nas areias de byron bay
 banhei as mãos em tijuca
 as cataratas do niágara molharam-me
 vi o sol a pôr-se na lapónia
 e a nascer em bobonaro
 vi sóis, luas, mares e céus
 no faial, pico e flores
 e nas 3 ilhas santas dos açores
 nadei em rotnnest island
 comi em fremantle
 dormi em towal creek comara

vivi no amial, maria pia e campo lindo
mafra, tomar e leiria
bobonaro na montanha
lecidere em dili
nas antas e em macau
cottesloe e claremont em perth
waverley, centennial park
randwick em sydney
prahran em melbourne
e em caminha
sou de bragança sem lá ser parido
sou australiano sem lá ter nascido
carrego frações da galiza e do brasil
de cristãos novos e alemães
minhotos e marranos
das cruzadas até áfrica
onde nunca estive

e de todos esses locais
que terás de buscar num mapa
encontrei as tuas ilhas
nelas serei açoriano até morrer.

710. não quero saber o teu nome, 4.8.2019 *CHRYS*

não quero saber o teu nome
nem a tua idade
nem o teu bairro
nem o teu emprego

não quero saber a tua riqueza
nem o teu carro
nem as tuas férias
nem a tua família

quero saber como tratas as estrelas
e os animais

quero saber onde nasce teu sorriso
e as tuas lágrimas

quero saber como tratas as nuvens
e a bruma
e o sol pôr

quero saber como sonhas
onde moram teus sonhos
e se neles há lugar para os meus

711. desculpa o atraso 5.1.2020 *chrys*

Meu amor desculpa o atraso
Fiquei preso num poema
Que nunca cheguei a escrever
Que nunca cheguei a declamar
Que nunca cheguei a dedicar
E queria tanto ter chegado a horas
Queria tanto ter escrito
Queria tanto declamar

Meu amor desculpa o atraso
Fiquei preso num poema
Com as palavras que nunca te disse
Com os sentimentos que nunca te expressei
Como se o amanhã existisse
E queria tanto ter dito
Queria tanto expressar esse amor
Como se o amanhã fosse hoje
Meu amor desculpa o atraso
Fiquei preso num poema
E só tu me podes libertar

**SÓCIO FUNDADOR,
PRESIDENTE DA DIREÇÃO DOS COLÓQUIOS,
PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA,
MEMBRO DO COMITÉ CIENTÍFICO,
TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE,
PARTICIPOU EM TODOS OS COLÓQUIOS**

11.3. ESCOLA DE MÚSICA DE BELMONTE, ATUAÇÃO MUSICAL PROF BEATRIZ JORGE E ALUNO ANTONIO COSTA EM FLAUTA

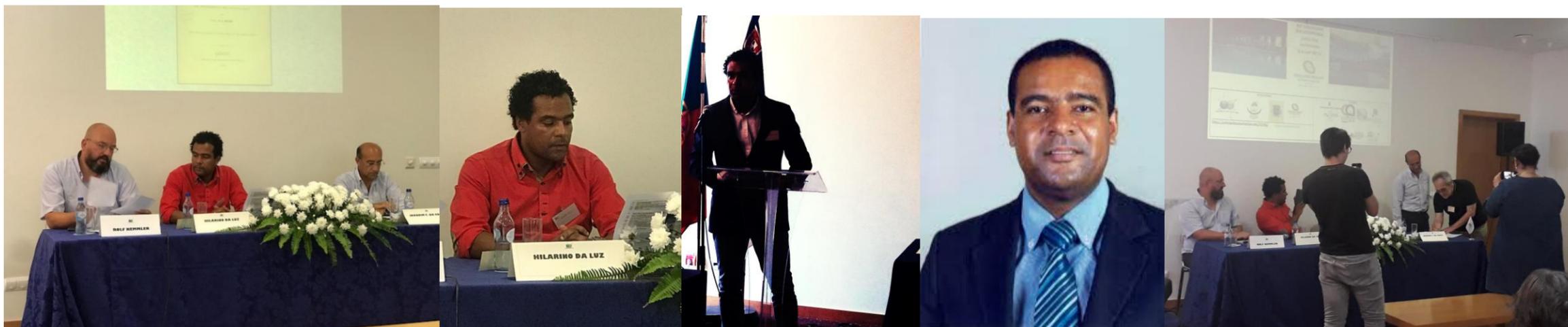


Belmonte 2019

JÁ PARTICIPARAM NO 27º COLÓQUIO EM BELMONTE 2017, 29º EM BELMONTE 2018, 31 COLÓQUIO EM BELMONTEº 2019

11.4. HILARINO DA LUZ, CABO VERDE – INVESTIGADOR DA NOVA FCSH E INVESTIGADOR INTEGRADO DO CHAM, FCSH-UNL/UAC





32º GRACIOSA 2019

HILARINO CARLOS RODRIGUES DA LUZ, Investigador da NOVA FCSH e Investigador Integrado do CHAM, Centro de Humanidades, onde foi Bolseiro de Pós-Doutoramento, de julho de 2015 a junho de 2018, é Doutor em Estudos Portugueses, especialização em Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa (2013), Mestre em Estudos Portugueses, especialização em Estudos Literários (2008) Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, Variante de Estudos Portugueses (2006), pela FCSH - Universidade NOVA de Lisboa.

Além de artigos publicados e de uma vasta experiência profissional, nomeadamente como professor no ensino público português, tem organizado e participado em vários congressos internacionais em Portugal, Cabo Verde, Itália e Polónia.

Problematização da abordagem de Gilberto Freyre sobre a realidade cabo-verdiana, Hilarino da Luz Carlos Rodrigues da Luz, CHAM, Departamento de Estudos Portugueses, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa Universidade dos Açores, Correio eletrónico: hluz@fcs.unl.pt ORCID: [0000-0001-5694-5781](https://orcid.org/0000-0001-5694-5781)

SINOPSE

PALAVRA-CHAVE: Brasil; Cabo Verde; Gilberto Freyre; viagem; realidade cabo-verdiana; intelectuais.

Pretendemos, com este artigo, abordar a problematização que Gilberto Freyre fez da realidade cabo-verdiana, resultante da sua passagem pelo país, aquando de uma viagem que fez por Portugal e pelas colónias portuguesas, na década de 1950. Nessa altura, Cabo Verde já conhecia a modernidade literária, consequente da publicação da revista *Claridade*, uma revista fundada por nomes como Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, em março de 1936. (Luz, 2013).

Publicada em duas fases, essa revista sofreu um interregno entre 1938 e 1946. Com o texto de abertura “*Lantuna & 2 motivos de finançom* (batuque da ilha de Sant’Iago)”, a primeira fase, de março de 1936 a março de 1937 e com apenas três números publicados, ficou marcada pela colaboração de poucos autores. (Luz, 2013). Aos seus fundadores acrescentaram-se apenas os nomes de Osvaldo Alcântara – pseudónimo de Baltasar Lopes –, com três poemas “*Almanjarra*”, “*Noturno*” e “*Mamãe*”; Pedro Corsino Azevedo, com “*2 Poemas*”; de José Osório de Oliveira, com o artigo “*Palavras sobre Cabo Verde para Serem Lidas no Brasil*”; com Artur Augusto, que publicou o texto “*O Sentido Heroico do Mar*”, e João Lopes, com o texto “*Apontamento*”. Conta com dois textos visados pela censura (“*O Lobo e o Chibinho – Conto Popular de S. Nicolau*” e “*Tomada de Vista*”, de Manuel Lopes. No final da página 10, do terceiro número, os seus responsáveis dão a conhecer alguns periódicos que receberam de Portugal:

“*HUMANIDADE (quinzenário de defesa e propaganda do Ultramar Português). Lisboa. n.ºs 12-20; PORTUCALE (Revista Ilustrada de Cultura Literária e Científica). Porto. n.ºs 49-50; O MUNDO PORTUGUÊS (Revista de Cultura e Propaganda, de Arte e Literatura Coloniais. Lisboa. n.ºs 30-37; COMÉRCIO DA BEIRA (Semanaário noticioso e literário). Beira. n.ºs 13/146-31/164*”. (CLARIDADE, 1937:10).

O artigo “*Palavras sobre Cabo Verde para Serem Lidas no Brasil*”, de José Osório de Oliveira, um ensaísta e jornalista português, que muito escreveu sobre Cabo Verde, foi antecedido pelas seguintes palavras:

“*Por deferência do autor, publicamos estas notáveis considerações de José Osório de Oliveira, cuja compreensão do caso crioulo se tem traduzido de forma tão inteligente e assídua. Congratulamo-nos com a colaboração de Osório, sempre Benvinda nesta revista que, justamente, procura revelar a mensagem da alma patrícia*”. (Osório, 1936:4).

A segunda fase, com seis números publicados e irregulares, decorreu de 1947 a 1960. Assim, em 1947 foram publicados os números quarto e quinto; em 1948 o sexto; em 1949 o sétimo, em 1958 o oitavo e em 1960 o nono. Nuno Miranda foi editor dos números quarto a sétimo e Joaquim Tolentino dos números oitavo e nono. Teve como principal dinamizador Baltasar Lopes, sendo que Jorge Barbosa se encontrava a trabalhar na ilha do Sal e Manuel Lopes nos Açores. Registou um maior número de colaboradores, tais como: António Aurélio Gonçalves; Félix Monteiro; Baltasar Lopes; Jorge Barbosa; Corsino Fortes; Manuel Lopes; Gabriel Mariano; Sérgio Frusoni; Aguiinaldo Brito Fonseca; Arnaldo França; Pedro Corsino de Azevedo; Nuno Miranda; Tomás Martins; Osvaldo Alcântara; Manuel Serra; Mário Macedo Barbosa; Teixeira de Sousa; e outros nomes. (Luz, 2013).

Viveu-se com a sua publicação uma era agitada, através da eliminação de muitos preconceitos em detrimento da exposição de contradições económicas e sociais. Promoveu-se, ainda, o debate de ideias entre escritores e artistas. Surgiu, assim, um novo tipo de tratamento da realidade cabo-verdiana, através da tematização da seca; da fome; da morte; da emigração, baseada na evasão e no dilema bipartido (querer partir – ter de ficar; querer ficar – ter de partir); da solidão; da nostalgia; da ansiedade; da evasão; da esperança; das festas; das histórias tradicionais; das crenças; dos cantares; do movimento dos cargueiros; da insularidade; do património cultural – o crioulo, a culinária, a morna, a tabanca, o batuque –; da emigração forçada para S. Tomé e Príncipe; do declínio do Porto Grande de S. Vicente. (Luz, 2013).

O dilema anteriormente referido, querer partir – ter de ficar; querer ficar – ter de partir, esteve muito presente na produção literária dos claridosos. Esse desejo bipartido é suscitado pela vivência do cabo-verdiano que, estando a viver num meio insular com poucos recursos financeiros, recorre à prática agrícola para tentar a sua própria forma de sobrevivência. A escassez da chuva acaba por o desiludir com constância,

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

restando-lhe apenas a emigração com única saída. A esperança de que no dia seguinte vai chover faz com que ele se mantenha preso nas ilhas porque quando chove há produção agrícola em abundância, logo há abundância.

Quando não chove, embora com um forte apego à terra natal, o cabo-verdiano sente a necessidade de sair para procurar novas formas de sobrevivência, de modo a ajudar a sua família. Abandona a sua terra natal de coração partido, como se nota na seguinte passagem da obra *Famintos*, de Luís Romano:

“- Minha terra tem fala que está no sangue da gente: - Menino morrendo, segura a torrar o campo, homem dando e levando de chicote, toda esta grande estiagem, é falar que entra dentro do povo e pega para deixar ninguém daqui. Este lugar não tem coisa nenhuma, a não ser maldade e afronta. [...]. Pois, agora que eu vou embarcar é que eu [estou] sentindo saudade, pedindo, rogando para eu não deixar esta ilha. [...]. Terra tem poder que ninguém sabe onde está. Saudade é que dá cabo da criatura e marca destino de quase tido o filho daqui.” (Romano, 1983:334).

Há, contudo, aqueles que fantasiavam uma viagem conseqüente das circunstâncias miseráveis vividas no país, mas que, por vezes, acabam por a renunciar. Mané Quim, um personagem da obra *Chuva Braba*, de Manuel Lopes, de mala pronta, renunciou uma ida ao Brasil, com o seu padrinho, assim que começou a chover, dizendo as seguintes palavras: “Não é uma pouca água. Choveu toda a noite. Chuva braba. O Ribeirãozinho deve estar a transbordar até ao primeiro pilar, com certeza... É lá o meu lugar agora”. (Lopes, 1965:249).

Desta feita, havendo uma realidade e um imaginário locais, o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, ao abordar a realidade cultural cabo-verdiana causou um certo desconforto nas forças vivas, mormente em Baltasar Lopes e Jorge Barbosa. O primeiro chegou a referir que “o messias desiludiu-nos”. (Lopes, 1956:8). Trata-se de um termo que utilizou em resposta a algumas afirmações feitas pelo dito sociólogo aquando da sua passagem pelo país A sua curta estadia e o pouco contacto que estabeleceu com os seus intelectuais fizeram-no formar uma visão errónea da realidade sociocultural cabo-verdiana, desiludindo esses jovens que o apreciavam e desejavam a sua presença no arquipélago, a par do estudioso português Artur Ramos – que, refira-se, teve morte prematura (Luz, 2013), conforme podemos confirmar nas seguintes palavras de Baltasar Lopes:

“Logo, como fogo em mato seco, começou a alastrar-se entre os do nosso grupo a esperança de que viessem um dia a Cabo Verde deslocar a sua tenda de estudos de campo estes dois especialistas das culturas tropicais, munidos, como estavam, de técnicas e experiência que nenhum de nós possuía. [...]. No que diz respeito a Artur Ramos, o maná não pode cair diretamente. Se não fosse a sua morte prematura, estou a ver o que ele poderia apurar e sistematizar em matéria de aculturação, relações de raças e de cultura [...]. Enfim, Gilberto Freyre veio. Chegou, viu, interpretou. Porém, [...] poderia ele dar das nossas ilhas uma interpretação não eivada de pressa jornalística ou turística, no tão pequeno espaço de tempo e na pobreza de contactos com que teve [...]”. (Lopes, 1956: 7-8).

Neste sentido, o mesmo autor defende que:

“Há um pouco mais de vinte anos, eu e um grupo reduzido de amigos começámos a pensar no nosso problema, isto é, no problema de Cabo Verde. Preocupava-nos sobretudo o processo da formação social destas ilhas, o estudo das raízes de Cabo Verde. Entrevíamos o problema, mas faltava-nos a especialização e também a experiência desta espécie de estudos. Se excetuarmos um ou outro raro domínio como, por exemplo, o da linguagem, éramos perfeitamente hóspedes em tantos outros, como o da antropologia cultural, da aculturação, das relações de raças e de cultura, do folclore, entendido como ciência. Precisávamos de certezas sistemáticas, que só nos podiam vir, como auxílio metodológico e como investigação, de outras latitudes”. (Lopes, 1956: 6).

Porém, Gilberto Freyre fez uma interpretação *tant bien que mal*, segundo o autor anteriormente citado. Nesta senda, também asseverou que o sociólogo manifestou algum menosprezo ao crioulo de Cabo Verde, atualmente língua cabo-verdiana, incentivando Jorge Barbosa a também dizer que: “O grande sociólogo brasileiro, que todos nós, de há muito, estimámos e admiramos, não tem razão.” (Barbosa, 1953:24). Nesta linha de pensamento, José Osório Oliveira já tinha escrito no segundo número da *Clareza* que:

“[É], precisamente, essa resignação que os cabo-verdianos cultos precisam de combater no seu povo. Bem sei que a luta do homem de Cabo Verde com a inclemência do clima é trabalho de Sísifo. [...]. Falei dum jovem poeta de Cabo Verde. Quero dizer aos brasileiros que escutaram estas palavras que em Cabo Verde existe um grupo de poetas e de prosadores que só por si justifica toda a simpatia por aquelas ilhas perdidas no Atlântico. Porque quero dizer isso especialmente aos brasileiros? O alto nível mental dos cabo-verdianos é, há muito, uma das maiores provas da excelência da colonização portuguesa [...]. (Oliveira, 1936:4)

Esses intelectuais manifestaram-se profundamente desiludidos com a interpretação de Cabo Verde que o sociólogo escreveu, sobretudo em *Aventura e Rotina*. Nessa obra, esse “irmão” brasileiro, antes estimado pelos jovens intelectuais islenhos, viu os habitantes das ilhas como sendo mestiços ou crioulos, e como africanos que, tendo recebido certos valores europeus, se encontravam num estado de indefinição cultural, justificada pela fragilidade económica, pelo uso “generalizado” do crioulo, incapaz de servir como meio complexo de expressão, e ausência de uma arte popular legítima. (Freyre, 1953). Baltasar Lopes, que se encontrava no Brasil aquando da sua presença em Cabo Verde, conforme referimos anteriormente, respondeu-lhe com o seu artigo *Cabo Verde Visto por Gilberto Freyre*, em 1956, onde, além de explicar as razões que levaram o seu grupo a ansiar pela ida do sociólogo ao arquipélago, apresentou os pontos negativos da sua abordagem, chegando a afirmar que do seu trabalho só se aproveitavam algumas “migalhas” (Luz, 2013), como se nota na seguinte transcrição:

“Como todo o arrazoado que fica aí, pretendi sugerir que metodologicamente não devemos tomar como traduzindo o Cabo Verde cabo-verdiano certas conclusões a que implícita e explicitamente chegou Gilberto Freyre no seu livro “Aventura e Rotina”. Muito mais, mas muitíssimo mais, teria o mestre brasileiro de observar, talvez melhor, de surpreender, para que essa necessidade de interpretação a que há pouco aludia pudesse ser satisfeita. As próprias dificuldades de comunicação que impressionaram Gilberto Freyre determinam vivências insuspeitadas, que não se aprendem com uma rápida visita a centros urbanos de poucas ilhas. [...]”. (Lopes, 1956:10).

Quanto à literatura do arquipélago, Gilberto Freyre, além de ter ficado desapontado, achou-a parecida com a brasileira e entendeu que os poetas cabo-verdianos precisavam de se distanciarem da do seu país. Apesar de manifestar a sua oposição em relação às ideias de Gilberto Freyre, Jorge Barbosa, já referido, assumiu a influência da literatura brasileira na cabo-verdiana. (Luz, 2013). No entanto, desvalorizou uma situação de dependência, visto que os cabo-verdianos construíram o seu próprio caminho literário e que essa influência foi pontual, na medida em que, segundo o próprio, não foi “tão duradoura, porque depressa soubemos encontrar o nosso caminho, embora tivesse ficado em nossos escritos, por coincidência de reações, alguma parecença com a literatura brasileira. Uma parecença de família”. (Barbosa, 1953:24).

Manuel Ferreira apontou dois pontos de distinção entre a poesia cabo-verdiana e as demais, a nível temático, ao procurar a afirmação de uma personalidade originada da mistura de duas raças diferentes (o negro e o branco), sendo que o mestiço se movimentava “livremente (tão livremente quanto é possível numa sociedade estruturada em formas tradicionais) reagindo perante o meio socioeconómico com uma consciência sábia e refletida”. (Ferreira, 1960:9-10).

Nessa ótica, José Lopes, similarmente, já tinha antecipado no artigo “Apontamento”, publicado no número dois da revista *Clareza*, que:

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

“Podemos considerar em Cabo Verde dois grupos de cultura, se não totalmente diferenciados, pelo com características que em parte lhes definem fisionomia própria. E essa dualidade resulta, a meu ver, das bases económicas e agrícolas em que assentou o teor da vida do arquipélago. Neste capítulo, dada de materiais de estudo que permitam refazer a história económica e social das ilhas, temos de preencher lacunas com ilações tiradas da situação atual e subsidiariamente dos estudos levados a efeito no Brasil, para explicação do fenómeno brasileiro, em cuja integração aturam os dois fatores capitais da formação de Cabo Verde: o europeu e o afronegro (Lopes, 1936:9).

Nesta linha de pensamento, o supracitado Baltasar Lopes, no seu artigo “Uma Experiência Românica nos Trópicos”, na sua abordagem sobre Gilberto Freyre referiu que:

“O eminente sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, nas suas conferências na Europa, reeditadas em 1940, com o título *O Mundo Que o Português Criou*, apresenta um ponto de vista rico de sugestões e que, quando transportado para o problema linguístico, está de acordo com o que suponho ser a tenacidade românica nos territórios ultramarinos de cunho português. Para o ensaísta brasileiro, “Portugal, o Brasil, a África e a Índia Portuguesas, Madeira, os Açores e Cabo Verde constituem hoje uma unidade de sentimento e de cultura”. Os lusodescendentes – puros e mestiços – de áreas diversas (continua Freyre) quando se põem em contacto uns com os outros são para se sentirem espantosamente semelhantes nos seus motivos e nos seus estilos de vida. [...]”. (Lopes, 1947:15).

Essa teoria deu um novo alento ao regime salazarista, ao ter apresentado características que, no entender do seu autor, suportavam a ideologia desse regime, sobretudo por uma natureza etnicamente democrática, assente em boas relações entre os escravos e senhores, e pela capacidade civilizadora portuguesa nos trópicos:

“Também quanto à relativa benignidade nas relações, no Brasil, entre os vários grupos etnoculturais. São grupos que, interpenetrando-se, vêm concorrendo, através de considerável mobilidade social, quer horizontal, quer vertical. Para favorecer, nesta parte da América, sob forma de uma civilização moderna em ambiente tropical, uma democracia dinamicamente étnico e cultural com o mérito pessoal tendendo, cada vez mais, a superar desvantagens tanto de etnia quanto de classe que possa prejudicar indivíduos.” (Freyre, 1971: XXI).

Ainda no que se concerne à sua ida ao arquipélago de Cabo Verde, em resposta à sua opinião em relação aos respetivos intelectuais insulares, Gilberto Freyre afirmou que:

“Fiquei, de certo modo, dececionado, pois esperava mais e melhor. A influência brasileira é manifesta. Prejudicial porque dela os intelectuais de Cabo Verde não souberam libertar-se. Falta-lhes, portanto, originalidade. Falta-lhes personalidade. Uma literatura própria diferenciada, não se cria pela insistência na escolha de temas locais. É necessário ir mais longe, trazer esses temas para o plano universal.” (apud Barbosa, 1953:23).

Esta abordagem fez Jorge Barbosa, igualmente supracitado, acusá-lo de não ter obtido elementos suficientes que o pudessem ajudar a ter uma visão positiva das ilhas, ao ter passado pouco tempo no país e ao ter tido pouco contacto com os “homens das letras”, conforme também defendeu Baltasar Lopes:

“Ora, não sei se Gilberto Freyre terá colhido elementos informativos suficientes para fazer aquela rápida alusão às pessoas, bem poucas por sinal, que em Cabo Verde se dedicam às letras. Teve entre nós, como não podia deixar de ser, passagem de bem curta duração. Seus contactos connosco foram limitados e poucos. [...] Como terá sucedido em vários climas em várias épocas, e terá sucedido no Brasil também, não é caso invulgar os escritores e as literaturas sofrerem influências de outros escritores, mesmo na sua fase de renovação, em que se iniciam, portanto, novas rotas, diferentes das segundas até então. [...]”. (Barbosa, 1953: 23).

Em suma, Jorge Barbosa também defendeu que as obras produzidas no país nem sempre se limitaram aos assuntos locais, conforme defendeu o sociólogo brasileiro, visto que também tiveram a preocupação em procurar universalizar a literatura cabo-verdiana, pelo que, mais uma vez, não concordava com a interpretação da realidade cabo-verdiana que o autor de *Sobrados e Mucambos* intentou. (Barbosa, 1953).

Referências bibliográficas

- Barbosa, Jorge (1953). “Crónica de S. Vicente: nós e Gilberto Freyre”. *Cabo Verde - Boletim de Propaganda e Informação*, 42, 23-24.
- Cardão, Marcos et Castelo, Cláudia (orgs.). 2015. *Gilberto Freyre. Novas Leituras do Outro Lado do Atlântico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Carvalho, Alberto Duarte (1988). *A Ficção de Baltasar Lopes. Contributo para a Originalidade da Literatura cabo-verdiana*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- Ferreira, Manuel (1960). “Uma Página de Artes e Letras”. *Cabo Verde. Boletim de Propaganda e Informação*, 133, 9-10.
- Ferreira, Manuel (Org., coord. e dir.) (1936). *Clareza. Revista de Arte e Letras*, S. Vicente, 1937, 10.
- Freyre, Gilberto (1953). *Aventura e Rotina. Sugestões de uma Viagem a Procura das Constantes Portuguesas e de Ação*. Lisboa: Livraria José Olímpio Editora.
- Freyre, Gilberto (1971). *Novo Mundo nos Trópicos*. São Paulo: CEN / EDUSP.
- Lopes, Baltasar (1947). “Uma Experiência Românica nos Trópicos”. Ferreira, Manuel (Org., coord. e dir.), *Clareza. Revista de Arte e Letras*, 4, 15.
- Lopes, Baltasar (1956). “Cabo Verde Visto por Gilberto Freyre”. *Cabo Verde. Boletim de Propaganda e Informação*, 84, 7-17.
- Lopes, Manuel Lopes de (1965). *Chuva Braba*: Ulisseia.
- Luz, Hilarino da (2013). *O Imaginário e o Quotidiano Cabo-verdianos na Produção Literária de Jorge Barbosa*. Tese de Doutoramento apresentada à FCSH - Universidade NOVA de Lisboa.
- Oliveira, Osório de. 1936. “Palavras sobre Cabo Verde para Serem Lidas no Brasil”. *Clareza. Revista de Arte e Letras*, S. Vicente, 1936, 4.
- Romano, Luís (1983). *Famintos*. Lisboa: Ulmeiro.

SÓCIO AICL EM 2019,
PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO,
TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE
PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 32º NA GRACIOSA 2019

11.5. ISABEL REI SANMARTIN, ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA E CONSERVATÓRIO PROFISSIONAL DE MÚSICA DE SANTIAGO DE COMPOSTELA



Isabel Rei Samartim (1973) nasce na Estrada (Galiza). Isabel Rei começou os seus estudos musicais no Conservatório da sua vila natal, Estrada.

Anos mais tarde, em 1995, com 22 anos de idade rematou a sua carreira no Conservatório Superior de Música da Corunha, estudando com o professor António Rocha.

Posteriormente foi bolsista da Fundação “Segundo Gil Davila” e recebeu aulas magistrais de músicos como José Tomás, John Mills, David Russell, Fabio Zanon, Margarita Escarpa, Marco Socías, Miguel Trápaga, Alex Garrobé, Eduardo Isaac, William Kanengiser. Titula-se no Conservatório Superior de Música da Crunha, na especialidade de Guitarra, instrumento do qual é destacada intérprete e cursou estudos de Pós-graduação na Hochschule für Musik «Franz Liszt» de Weimar com o professor e concertista Thomas Müller-Pering.

Estuda com os maestros David Russell, **Thomas Müller-Pering (Hochschule für Musik «Franz Liszt»** Weimar, Alemanha) e com **outr@s grandes** intérpretes. Realizou diversas colaborações com a Fundação *Pedro Barrié de la Maza* e com as Universidades de Compostela e Lugo, dando recitais na Corunha, Lugo, Ourense e Ponte Vedra, assim como em outras localidades galegas e portuguesas, em Bruxelas (Bélgica) e na Itália, onde participou vários anos no *Festivale Internazionale di Chitarra di Udine*. Colaborou na primeira edição do festival de música “*Via Stellae*” que comemora as diferentes rotas seguidas pelos peregrinos no seu caminho a Compostela.

Autora de “o arquivo de música da família Valladares”. Em junho de 2019 participou no IV Simposium Internacional EDiSo (Associação de Estudos sobre Discurso e Sociedade), na Universidade de Santiago de Compostela, com a comunicação intitulada *Nova abordagem do discurso histórico sobre a guitarra/viola peninsular*.

É premiada em diversos concursos da Espanha e da Itália e convidada a festivais na Itália, Galiza e Portugal. Foi premiada no *V Concurs per a Joves Intérpretes* de Vila-Real (Castelló), no *III Ciclo de Jóvenes Intérpretes* da Fundação *Pedro Barrié de la Maza*, no *Concurso Internacional de Guitarra de Cantábria* (Comillas), no *Concorso Internazionale di Chitarra Fernando Sor* (Roma) e nos concursos internacionais de guitarra de Petrer (Alicante) e Linares (Jaén).

Estreou obras de vários compositores e realizou concertos em diversos países europeus e o Brasil.

Publicou o *Cancioneiro de Marcial Valladares "Ayes de mi país"* junto com José Luís do Pico Orjais (Dos Acordes, 2010); *Suite Rianjeira* (Barbantia, 2010); *Suite Céltica* (Atas do Congresso Os Celtas da Europa Atlântica, Narão 2011); *Proel e o Galo. Poesia e Prosa Galega Completa de Luís G. Amado Carvalho* (Edições da Galiza, 2012).

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Em 2014 lança o disco *A Viola no Século XIX: Música de Salão na Madeira*, patrocinado pelo Governo Regional da Madeira.

Participa regularmente em encontros portugueses de relacionamento com Galiza como o *Congresso da Cidadania Lusófona* (Lisboa), o *Festival da Cultura Lusófona* (Portalegre) ou o *Munda Lusófona* (Montemor-o-Velho).

Recentemente visitou Sever do Vouga (Aveiro) para participar na sessão de encerramento do *Festival Guitarras Mágicas*.

Como reintegracionista e ativista social integrou a *Sociedade Cultural Marcial Valadares* da Estrada, a *Sociedade Astronómica da Estrada* (SADE) e o coletivo *Assembleia da Língua* (AL).

Em 2007 ajudou a constituir a *Associação Cultural Pró Academia Galega da Língua Portuguesa*, entidade encarregada da fundação e organização da *Academia Galega da Língua Portuguesa* (AGLP) em 2008, de que é académica fundadora, e desde 2011, sócia do seu patronato.

Trabalhou na candidatura da academia para integrar, na modalidade de Observador Consultivo, a *Comunidade de Países de Língua Portuguesa* (CPLP).

É sócia fundadora da *Associação Internacional 'Colóquios da Lusofonia'* (AICL) que promove encontros anuais com participação galega.

Colaborou no processo de recolha de assinaturas da *Iniciativa Legislativa Popular Valentim Paz-Andrade*, aprovada em março de 2014 no Parlamento Galego e publicada em abril desse ano como *Lei para o aproveitamento da língua portuguesa e vínculos com a Lusofonia*. Entre 2012 e 2016 coordenou a *Equipa de Dinamização da Língua Galega* (EDLG) do conservatório compostelano.

Escreve regularmente no *Portal Galego da Língua* (PGL). Tem colaborado no blogue português *A Viagem dos Argonautas*, na revista brasileira *Identidades* e em jornais em papel como o *Novas da Galiza*.

Três mulheres guitarristas galegas

Depois da grande transformação política e social acontecida na Europa a partir da Revolução Francesa com a criação dos novos Estados atuais, seguiu-se na Galiza um fenómeno social que na Alemanha denominaram período *Biedermeier* e nós bem podemos encarnar na personagem valenciana do Senhor de Montenegro. Este Senhor de Montenegro é uma figura representante da fidalguia galega em decadência, no contexto dos novos valores liberais e capitalistas que traziam a cultura urbana da industrialização e do afastamento da terra e a cultura popular. O *Biedermeier galego* é esse período entre o final da Guerra do Francês (1814) e a revolução soberanista de Solís (1846) em que o ambiente bélico dominava a vida social na Galiza. Nesse período produziu-se o fenómeno contrário a esse belicismo, a burguesia recolheu-se nas casas familiares e, longe dos campos de batalha, desenvolveu uma cultura musical característica galega e europeia, em que a guitarra/viola foi protagonista.

Em 2014 gravamos o disco intitulado *A viola do século XIX: Música de salão na Madeira*, patrocinado pela Direção da Educação Artística e Multimédia do Governo Regional madeirense. No artigo de apresentação do disco publicado na revista *Glosas* do Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa (*mpmp*), dissertávamos sobre o ambiente vespertino no Funchal, imaginávamos os sons da viola/guitarra a saírem de alguma janela aberta e descerem pelas ruas junto do aroma a bolos do caco com manteiga e alho, e lembrávamos os cadernos por onde liam a música os intérpretes, que hoje são autênticos tesouros nacionais. Os serões musicais eram também na Galiza um meio de relacionamento social que gerou numerosos desses tesouros para a história da guitarra/viola. As reuniões de sociedade em torno da música, acompanhada dos petiscos imprescindíveis, deixaram coleções de partituras a representar toda uma época comum à Madeira e à Galiza, e também a toda a Europa.

Alguém poderia perguntar-se por que motivo devemos falar da viola, ou guitarra, num Congresso Internacional como os Colóquios da Lusofonia, sendo a Lusofonia um conjunto de países em que o uso das violas foi, e será parte quotidiana da vida das pessoas, especialmente das que se dedicam à expressão musical. Como no resto de países lusófonos, Galiza também foi desde sempre um território propício para o uso das violas, ou guitarras. As pessoas galegas também tocaram cordofones dedilhados ao longo da sua história até ao presente de modo quotidiano. Então, por que trazer à baila este tema?

Como mulher, galega e guitarrista, devo advertir ao auditório de que a situação de anormalidade política que vivemos na Galiza, sendo como é, um território lusófono governado pelo Reino da Espanha, as questões mais corriqueiras são sujeitas a alterações inusitadas e controvérsias inesperadas, que não aconteceriam em países em boas condições democráticas. Imaginemos como será, se falarmos de questões menos corriqueiras como é uma atividade artística.

No caso da guitarra, ou viola, um dos elementos que me levou a realizar a longa investigação que hoje, em parte, apresento aqui, foi o estudo e definição do conceito político, que não musicológico, da expressão “guitarra espanhola”, que na Galiza provocou o receio do instrumento no mundo cultural e, durante a época franquista em que esse conceito ganhou intensidade, ele provocou também o desconhecimento dos valores próprios do país.

O conceito de “guitarra espanhola” associado à música castelhano-andaluza surge no novo Reino da Espanha com o objetivo de construir um símbolo musical espanhol num momento, o último terço do século XIX, em que, curiosamente, a guitarra galega está em expansão popular com o *boom* das orquestras de plectro, a atividade das Tunas universitárias e são mais frequentes as visitas de guitarristas profissionais em giras e recitais. O afã espanhol de definir musicalmente o Estado, na sua incipiente construção nacional, deixa de fora a música galega para guitarra, com grave prejuízo para as intérpretes e para a música galega em geral, que não se vê refletida no modelo espanhol.

Fazendo parte duma família de músicos galegos e galeguistas, que tocavam música galega para guitarra e outros instrumentos, foi chocante o modo como eu descobri ao entrar a estudar no Conservatório de Música, que a viola ali era chamada de “guitarra espanhola”. Isto que eu vivi sempre como uma contradição, foi o motivo do início das minhas pesquisas. Após sete anos oficiais, e mais não oficiais, a fazerem um total de vinte anos, as pesquisas frutificaram numa tese de doutoramento sobre o estudo da guitarra na Galiza.

A tese prova a existência e uso na Galiza de guitarras, violas de mão, cistres, alaúdes, e todo o tipo de instrumentos cordofones dedilhados, desde o século XII até ao XIX. A quantidade e qualidade de documentos referentes a textos históricos, iconografia, intérpretes, construção e venda de instrumentos, ensino oficial e não oficial, famílias e fundos guitarrísticos de partituras, os conjuntos de guitarras e outros instrumentos de plectro, e as composições para estes agrupamentos definem um mapa inicial da intensa atividade guitarrística galega.

Dentro dessa atividade hoje quero debruçar-me sobre três mulheres guitarristas nascidas no século XIX, duas delas conhecidas por outras atividades diferentes da música e a terceira bem desconhecida em todos os âmbitos, que dedicaram parte das suas vidas à aprendizagem e cultivo da guitarra, ou viola, contribuindo para o desenvolvimento da música galega, cada uma no seu âmbito de atuação. Estas três mulheres são a estradense Avelina Valladares Núñez, a compostelana Rosália Castro de Murguía e a lucense Paz Armesto Quiroga.

Avelina Valladares Núñez nasce em Vilancosta, Berres, em 1825 e morre setenta e sete anos mais tarde no mesmo lugar, em 1902. A sua é uma família fidalga, dona de terras e da conhecida por Casa Grande no lugar de Vilancosta, que pertencia à família da mãe Concha Núñez. O pai, José Dionísio, natural de Graba (Silheda), ao casar entra a viver na casa da mulher. Ele estudou no Seminário de Lugo e depois na Universidade de Compostela, onde acabou a carreira de Letras. Em ambos os lugares é provável que ele tenha tido contacto com a música e tenha aprendido a cantar, a tocar guitarra e a conhecer todos os instrumentos. Sabemos isto pelos documentos musicais que a família foi acumulando, entre os que há partituras desde bem o início do século até atingir uma coleção de perto de 700 obras para diversos instrumentos, principalmente para fortepiano, guitarra, violino, flauta de bisel e canto.

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

O pai, e possivelmente também a mãe, ensinaram música aos filhos e filhas, os irmãos e irmãs de Avelina que tocavam cada um o seu instrumento: Sérgio, a flauta; Marcial, o violino e também guitarra e piano; Isabel, Luísa e Segunda, o piano e o canto. Neste contexto não admira que Avelina Valladares tenha sido uma boa intérprete de guitarra, de piano, de canto e de teatro, além de ser compositora de várias obras para guitarra e piano.

Avelina e o irmão Marcial viveram na Casa Grande de Vilancosta até à sua morte, que acontece no início do século XX. Assim, durante mais dum século a casa está ocupada pelos seus donos e donas, num tempo em que era costume das famílias fidalgas abandonar as terras e ir morar na cidade. Ali tinham mais perto os cartórios e as instituições, mas não reparavam em que era a presença nas terras e o cuidado dos lavradores e lavradoras a sua maior fonte de legitimidade histórica, aquilo que lhes conferia a carta de nobreza num mundo cada vez mais diferente. Na cidade, estas famílias acharam uma nova elite legitimada no novo Estado, muitas vezes composta por sujeitos não galegos, que concorria com força pelos poderes e o governo. E, nessa concorrência, se não tinham as contas e propriedades bem reconhecidas havia muitas possibilidades de as perderem.

Não foi assim para a família Valladares, pois Avelina foi uma das encarregadas de cuidar e manter o património familiar, que ela entendia também como património social e galego. Veja-se a sua participação em concursos agrícolas em que era premiada, as obras benéficas na comunidade de Berres que ela levava para a frente, e o legado do pai de quem o génio popular tinha composto uma cantiga: “O senhor de Vilancosta / só a ela tem apego / vive entre os seus lavradores / honra-se de ser galego”. Poderia dizer-se o mesmo da senhora de Vilancosta, Avelina Valladares. Desse modo é que a família conseguiu trazer até ao século XXI uma casa em perfeito estado de conservação, uma biblioteca com inúmeros exemplares de grande valor e uma das maiores e mais completas coleções de partituras dos fundos musicais galegos. Dessa coleção queremos hoje destacar a obra de Avelina Valladares, que é a primeira obra documentada, escrita por uma mulher galega para guitarra, no século XIX. Intitulada ‘Soidade’, a peça é um delicado exemplo dos sentimentos de Avelina, que escolheu viver solteira e dedicada ao património familiar. Imaginamos Avelina a compor o seu poema musical para guitarra durante as horas do entardecer no Vale do rio Ulha, no jardim da parte de trás da Casa Grande onde os Valladares teriam passado tantas veladas felizes.

Na sala da música da Casa Grande está o fortepiano da família, onde Avelina teria composto as três obras para piano que também nos deixou: *Melodia, Valsa e Mazurca a L. E.*, esta última dedicada ao seu sobrinho e herdeiro, Laurentino Espinosa. Além disso, conservam-se rascunhos com a assinatura de Avelina, e um Método para guitarra, anónimo, manuscrito, muito completo e adornado, cujo título indica que foi escrito para uso da pessoa com as iniciais A. V., portanto, Avelina Valladares, e representa o método para guitarra mais antigo dos achados até agora nos fundos guitarrísticos galegos.

Rosália Castro de Murguia, a poeta fundadora da recuperação da língua na Galiza no século XIX, nasce em Compostela em 1837, e morre muito cedo, em Padrão, em 1885. Escritora, poeta, romancista, cantora, atriz de teatro, a talentosa Rosália era também pintora e música. Ela tocava vários instrumentos como o fortepiano, a flauta e várias guitarras. Desse modo, o filho Ovídio Murguia herdou a vocação da pintura e aprendeu a tocar guitarra com a mãe.

E por falar em vocações, uma muito forte de Rosália era a docência. Rosália era uma autêntica professora, como se vê no relato que o viúvo Murguia escrevia em lembrança pela morte da mulher, em 1885. Conta Murguia que no intervalo de descanso duma representação no Teatro Principal de Compostela, foi conversar com Rosália num desses momentos que na Galiza chamamos de “mocear”, que refere a fala dos namorados. Rosália contou-lhe uma anedota que tinha acontecido dias antes na casa dela. Era que estava ela reunida com vários convidados quando ouviram entrar pela janela um som absolutamente fascinante. A talentosa e musical Rosália desceu as escadas às carreiras e procurou na rua a origem daquela beleza. Achou um menino a pedir, uma criança pobre que visitava a cidade em 1853, ano de fome que seguia a outros anos de fome anteriores. Rosália pediu para a criança que subisse e cantasse para eles. Como o menino não tinha nada que perder, e mesmo algo poderia ganhar, subiu e no salão cantou para os convidados da nossa poeta. A sua voz era maravilhosa, afinada, e cantava com beleza umas canções galegas desconhecidas, que a criança variava e aumentava como faria um compositor. Ficaram todos fascinados. Então Rosália colheu a sua guitarra inglesa (que é muito semelhante à guitarra portuguesa) e tocou para a criança a Barcarola da ópera *A Estrangeira*, de Vincenzo Bellini, o compositor italiano mais famoso e mais tocado da época.

A criança chorava de emoção e alongava o braço para chegar às cordas, por ver de as premer com os seus dedos. Então Rosália ficou ciente de que o menino tinha verdadeiro talento para a música e ofereceu-lhe ir todos os dias à sua casa para comer, vestir e aprender instrução geral e de música. E assim foi durante um tempo, até que um dia a criança apareceu e disse que não poderia voltar, porque tinha de ir com a sua família trabalhar a Castela, daqueles empregos temporários na sega. A decepção foi imensa, mas dela nasceu uma aprendizagem: A mensagem de Rosália e de Murguia é que devemos criar, cuidar e manter as condições sociais necessárias para desenvolver os nossos talentos.

Graças a este relato podemos ver Rosália a tocar na sua guitarra inglesa, mas ela também possuía uma guitarra clássica, com caixa em forma de oito, que foi o instrumento que o filho Ovídio aprendeu. Repassando na ópera *A Estrangeira* de Bellini, vemos provável que a Barcarola interpretada por Rosália fosse a da primeira ária que abre a ópera, intitulada “Voga, voga, il vento tace”. Entra dentro dos nossos planos de futuro recuperar esta transcrição para guitarra.

Paz Armesto Quiroga foi uma guitarrista galega que nascia em 1882 em Pinheiras, um lugar do município de Guntim, em Lugo, e falecia em Barcelona em 1964. Ainda desconhecemos os motivos vitais que a levaram até à Catalunha. Paz Armesto deveu chegar na capital catalã por volta de 1903 junto com o que já devia ser o seu marido, António Quiroga Camba, médico, professor universitário e empresário nascido em 1885 e assassinado em 6 de agosto de 1936. Paz era filha do notário João Armesto Erro, natural de Pinheiras, e de Filomena Quiroga Vázquez, natural de Melide. Uma das irmãs de Paz Armesto foi a freira Sor Mercedes del Corazón de Jesús (1866-1938), arquivista e cronista das clarissas do Mosteiro da Anunciada, em Vila Franca do Bierzo, que deixou escrito o primeiro volume da *Crónica da Anunciada*, a conter umas quatrocentas páginas de história do mosteiro.

A vida em Lugo oferece um alto ambiente guitarrístico já desde a primeira metade do século XIX. Por essa época envolve a estadia da família Valladares nessa cidade e a elaboração do fundo para guitarra conservado no Arquivo da Catedral, manuscrito pelo violinista e guitarrista Luís Vila, membro da Capela de Música, em que se acha uma obra do famoso guitarrista João de Arizpacochaga. A atividade de grupos de plectro e de orfeões foi crescente e notável em Lugo no último terço do século. Havia lojas a servirem instrumentos e acessórios como a de José Varela Hortas e a de Ubalda Ulhoa. Vários guitarristas visitavam frequentemente os seus teatros e cafés como Agostinho Rebel, Rafael Tost, Miss Zaida e Julia Óscar, criavam-se certames onde participavam coros e orquestras de plectro, fundava-se a *Estudiantina Lucense* ao abrigo do grande compositor galego João Montes. O próprio Montes organizou um recital em Lugo ao virtuoso cego e andaluz Antonio Jiménez Manjón, em 1886, como depois fez com o ferrolano João Parga em 1889. Na época está o também guitarrista cego Gerónimo Ducha a tocar e a estabelecer-se em Lugo com uma tabacaria onde vendeu durante muito tempo cordas e acessórios para guitarra. Também os virtuosos irmãos Salaverri, de Mondonhede, tocam em Lugo por volta de 1896. Registam-se na cidade várias orquestras de plectro desde 1892, e havia também conhecidos guitarristas locais como o duo de cítara e guitarra formado pelos senhores Álvares e Jesus Rodrigues Lopes, os barbeiros da cidade Vicente Armas e Franciso Doel que apresentam os filhos como meninos prodígio em 1899, ou o famoso Chiva, guitarrista e autêntico animador sociocultural da cidade, de que se tem notícia desde 1866. E há que ter também em conta os indícios de atividade guitarrística e musical em diversas localidades lucenses durante o século XIX como Monforte, Samos, Viveiro e Ribadeu.

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

No meio deste fragor guitarrístico, não seria de estranhar que a menina Paz Armesto Quiroga recebesse lições de guitarra e se entusiasmasse pelo instrumento. Domingo Prat, um historiador de guitarristas, diz dela que tocava diariamente a guitarra e que foi a impulsora, através dos seus contactos no Centro Galego de Barcelona, dos concertos que um jovem Andrés Segóvia realizou entre os anos de 1915 e 1916, quando estava a iniciar a ascensão da sua carreira artística. Com efeito, o casal devia ter influência sobre a vida social barcelonesa, pois o marido, António Quiroga, ocupou lugares de importância na diretiva do Centro Galego e a sua atividade como cirurgião, professor universitário e empresário era bem conhecida e noticiada na imprensa.

Para finalizar, diremos em resumo que com estas breves informações biográficas e os comentários sobre o ambiente galego, quisemos dar a conhecer tanto a atividade guitarrística na Galiza quanto três das suas melhores cultivadoras, mulheres, guitarristas, galegas. Muito obrigada.

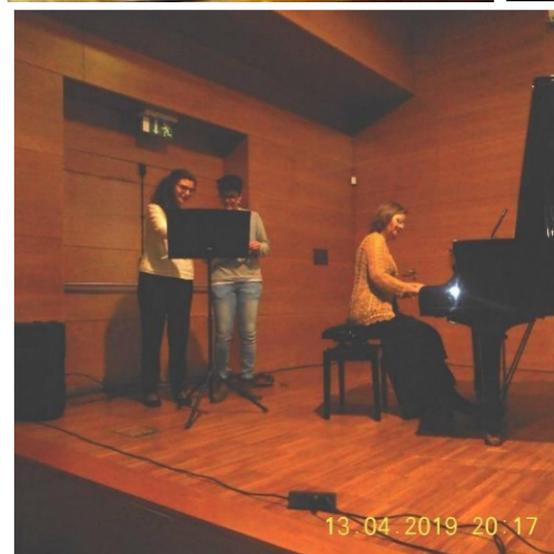
**É SÓCIA FUNDADORA DA AICL,
TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE
É AUTORA DO HINO DA LUSOFONIA CRIADO EM FLORIPA 2010 (LETRA: VASCO PEREIRA DA COSTA, CONCHA ROUSIA E ISABEL REI, MÚSICA ISABEL REI).
FOI PRESENÇA HABITUAL NOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA ATÉ 2010 TENDO TOMADO PARTE NO 6º BRAGANÇA 2006, 8º BRAGANÇA 2007, NO 11º COLÓQUIO 2009 LAGOA, 12º BRAGANÇA 2009, 13º BRASIL 2010,
DÁ RECITAL DE GUITARRA COM MÚSICA GALEGA E COLABORA NA POESIA.
OUÇA-A AQUI [HTTPS://YOUTU.BE/DLOX0RU1WN8](https://youtu.be/DLOX0RU1WN8)**

11.6. JOANA CARVALHO, A FABULÁSTICA VOZ DE BELMONTE, APRESENTAÇÃO MUSICAL ²

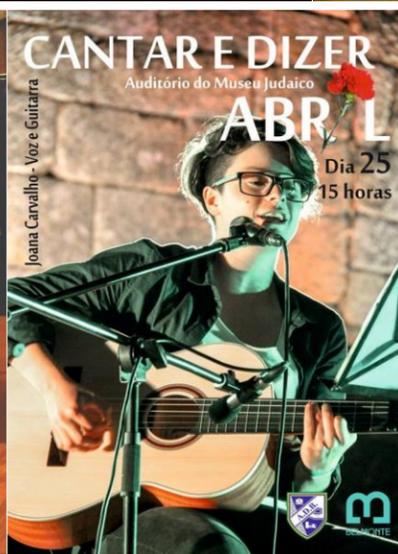
[Joana Carvalho](#) (Belmonte) ouça AQUI a fabulástica Joana carvalho [primeiro esta composição de Zeca Afonso](#)



31º Belmonte 2019



31º BELMONTE 2019



32º GRACIOSA 2019



ATUOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 31º EM BELMONTE 2019 E NO 32º GRACIOSA 2019

11.7. JOAQUIM FELICIANO DA COSTA, PRESIDENTE DA EMPDS, EMPRESA DE PROMOÇÃO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL DO CONCELHO DE BELMONTE



29º BELMONTE 2018



27º BELMONTE 2017



30º MADALENA DO PICO 2018



32º GRACIOSA 2019



É presidente da Empresa de Promoção e Desenvolvimento Social do Concelho de Belmonte
Lusofonia e os Judeus de Belmonte
Trabalho final não-recebido

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE –

JÁ PARTICIPOU NO 27º COLÓQUIO BELMONTE 2017, NO 29º BELMONTE 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019 –

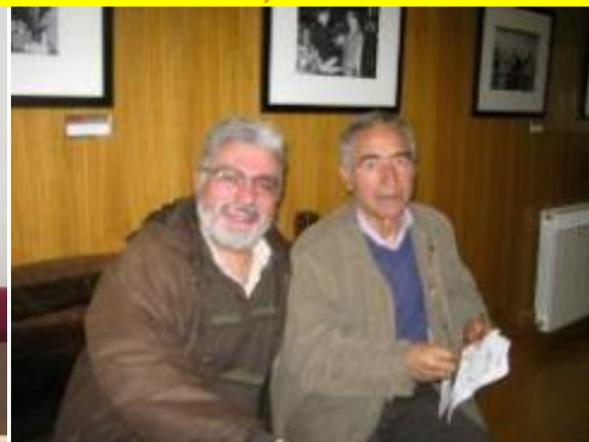
REPRESENTOU O PRESIDENTE DA CÂMARA DE BELMONTE, NO 30º COLÓQUIO MADALENA DO PICO 2018 E NO 32º NA GRACIOSA 2019 –

É PARCEIRO INSTITUCIONAL DA AICL DE 2016 A 2026. A EMPDS É SEDE DA AICL EM PORTUGAL PARA OS COLÓQUIOS DE BELMONTE E PARA O NÚCLEO DA LUSOFONIA NO MUSEU DOS DESCOBRIMENTOS

11.8. LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL AICL



26º LOMBA DA MAIA 2016



25º MONTALEGRE 206



13º FLORIPA 2010



29º BELMONTE 2018

LUCIANO PEREIRA

Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês), 1982,

Mestre em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa, 1992

Doutor em Línguas e Literaturas Românicas – Especialidade de Literaturas Românicas Comparadas, 2004

PUBLICAÇÕES³



32º GRACIOSA 2019



32º GRACIOSA 2019



11º Lagoa 2009



13º Floripa 201



16º SANTA MARIA 2011



15º MACAU 2011



29º BELMONTE 2018



13º FLORIPA 2010

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

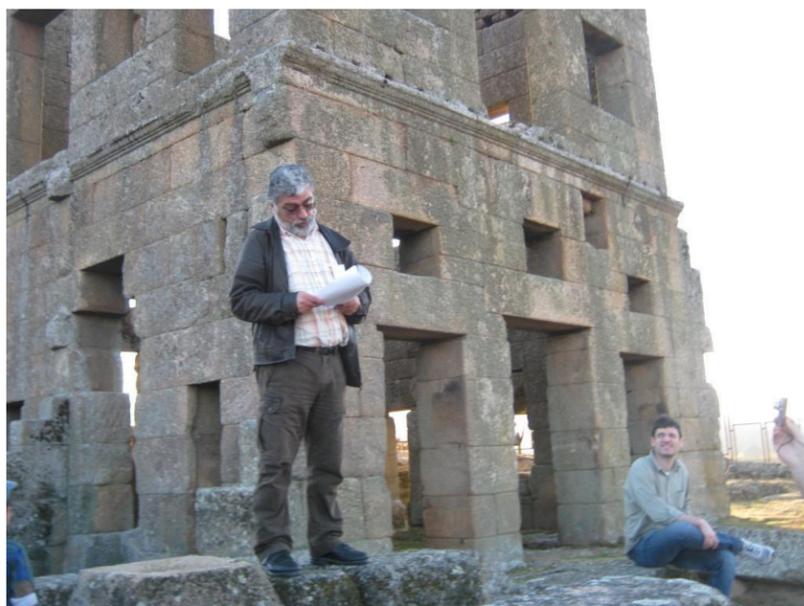
O Haiku português, Palavras de Luz, Luciano Pereira, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Setúbal, Belmonte, 2 a 5 de abril

1. Introdução

Foi desde a primeira metade do século XVI que a cultura portuguesa se enfeitiçou pelos mistérios do extremo Oriente. O exotismo oriental tornou-se rapidamente um dos aspetos mais típicos da nossa literatura e em particular da nossa literatura de viagens. Gil Vicente, Camões, Fernão Mendes Pinto, Diogo do Couto, Lucena, Faria e Sousa, Francisco de Sousa, João de Barros, Gaspar Coreia, António Galvão, Gaspar da Cruz, Bocage, Roberto de Mesquita, Eugénio de Castro, Alberto Osório, Eugénio de Castro, Camilo Pessanha...

Muitas serão as descrições e as reflexões sobre as distantes paragens tais como a Índia, a China e o Japão.

O Padre Luís Fróis (1553-1597) foi o primeiro autor português de uma História do Japão. A experiência nipónica foi para Wenceslau de Moraes a sua maior experiência literária e de vida. O fascínio da cultura nipónica tem continuado a revelar-se em traduções e criações recentes. Casimiro de Brito é talvez o primeiro a traduzir e adaptar haikus nos anos sessenta. Teresa Ferro, em parceria com a francesa Bernadette Poisson, apresenta-nos em 2013, na senda de uma longa e prestigiada tradição feminina que nos chegou, em 2007, pela mão de Luísa Freire, uma obra bilingue, Português/Francês, *Os haikus da Lusitânia*. Foi também em 2013, que, tanto pela mão de Jack Kerouac, como pela inspiração do próprio Bashô, e após uma viagem ao Japão, que Tolentino Mendonça nos oferece a sua magnífica obra: *A Papoila e o Monge*, dando assim uma expressão moderna à relação entre o misticismo do Extremo Oriente e ao misticismo do extremo ocidente que Dalila da Costa já havia tão bem interpretado em algumas das suas obras.



23º FUNDÃO 2015



25º MONTALEGRE 2016



25º GRACIOSA 2015



19º MAIA 2013



19º MAIA 2013



21º MOINHOS 2014



16º SANTA MARIA 2011

2. O Haiku um género literário

O *haikai*, forma arcaica do universalmente conhecido *haiku*, é constituído por três versos de dezassete sílabas numa disposição de 5-7-5. Género poético de expressão oriental e totalmente original, o haiku desenvolveu-se no Japão. São pequenos poemas que transmitem um especial e incisivo poder de observação. É-nos apresentado como uma imagem instantânea. O seu hiperrealismo é tão intenso que nos projeta para o mundo da maravilha. Capta-se ou captura-se o ínfimo momento que se eterniza pela magia da palavra. A sua dimensão ecológica aproxima-o da poesia mística ou é uma das formas da expressão do misticismo. Não é por acaso que é um monge o seu criador e mestre absoluto: Bashô. Também não é de admirar a sua entusiasta recepção por parte de alguns místicos e religiosos ocidentais, tais como o brasileiro monsenhor

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Primo Vieira e o português Cardeal Tolentino Mendonça.

O haiku apresenta uma forma e um ritmo muito próprio, difícil de se expressar nas línguas ocidentais. Em português, tradutores e autores confrontaram-se com esse forte constrangimento. A nossa língua exige um muito maior número de palavras para referir ou descrever uma paisagem ou uma situação muito breve que ela seja. Para além da sua estrutura poética e silábica, acrescentou-se a obrigatoriedade de incluir um *kigo* (palavra que remete para uma das cinco estações do ano japonesas). Uma das outras regras que apresentava uma dificuldade bastante acrescida era a proibição da utilização de palavras de origem chinesa. Afirmava-se assim, como um género extremamente nacionalista, de um amor sem limite à sua terra, ao seu império e ao seu imperador.

Nenhum dos nossos tradutores e dos nossos autores se inibiu perante tais características e não deixou de se maravilhar perante as situações e a expressividade de uma forma de pensamento tão intensa quanto delicada e concisa.

O escritor e o leitor parecem transportados para uma outra dimensão do tempo e do espaço, inefável, talvez seja essa a definição mais perfeita do Além.

Apresentemos para ilustrar esta introdução uma magnífica composição de Moritake (século XVI), e três *haikus* do mestre por excelência, o monge zen Bashô. O seu tradutor, José Carlos Raposo Nunes (1977:5) não nos deixa de merecer profunda simpatia e admiração:

Uma pétala caída

Regressa ao seu ramo

Ah: é uma borboleta

Moritake - tradução inédita de Luciano Pereira a partir da versão francesa de Dussert (2003:6)

Acende o lume

Mostrar-te-ei uma coisa bonita -

Uma grande bola de neve.

Lua nova

Na terra esbranquiçada

As flores de trigo negro

No rabanete

Que me amarga a boca

O vento do outono

A sua origem é bastante modesta, nasce num ambiente de serena paz familiar, embora numa forma mais longa: o *hokku*, com cinco versos, tal como tal como o seu antepassado, o *tanka*. Contenta-se em ser um jogo de palavras, utilizando um reduzido vocabulário, bastante particular a que se chama *pushi-mono*. A sua dimensão oral mal tem sido referida, condicionando, todavia, tanto a sua dimensão formal como a sua dimensão temática. Trata-se de uma disciplinada expressão dos sentimentos, submissa a regras estreitíssimas e a um formalismo inviolável. Um dos elementos da família dizia os dois primeiros versos apelidados de *hokku* e um outro completava-o com três versos, apelidados de *haiku*. Cada palavra explode em múltiplos significados, evoca diversificadas impressões e sensações. Abre-se um mundo de maravilhas e de fantasia, de uma tessitura imaginária de muito difícil acesso para os leigos na riquíssima cultura nipónica. Espreitam conotações e simbologias imbuídas das diferentes filosofias e religiões orientais, taoísmo, budismo, xintoísmo, em cada palavra, um mito, uma lenda, uma constelação de símbolos, uma festa de sentimentos e emoções. A partir de 1500 da era cristã, constata-se uma rápida e profunda transformação pragmática, temática e formal que consolidará o género que hoje conhecemos como haiku. *Haijins* (autores de *haikus*) tais como Mori Také (1473-1549), Sokan (1553) e Teito Kou em torno do qual se viria a estruturar uma verdadeira escola poética no fim do século (por volta de 1600) seriam as figuras proeminentes que permitiram o surgimento de um *Kigin*, o grão-mestre que viria a instruir aquele que a crítica viria a considerar o seu expoente máximo, Bashô. Foi ele que consolidou a sua forma clássica e definitiva, dedicando toda a sua vida literária exclusivamente ao género que tanto prezava. Deixou-nos uma curiosa definição de si próprio: *Nem monge nem leigo, nem pássaro nem rato, mas algo de intermédio.*

Oriundo de uma família de Samurais e após um grande desgosto, eventualmente de amor, Bashô retira-se de uma vida socialmente ativa e ociosa para peregrinar pelas amenas e mimosas paisagens nipónicas. Abraçou a pobreza como uma dádiva divina. Repousava onde a sorte aconselhava, ora sob o teto de um rico admirador, ora protegido pela luminosidade do céu estrelado. Constrói uma cabana humilde e simples onde se recolhe nos intervalos das suas deambulações e onde exerce o seu ministério de Mestre de Haiku.

3. Bashô e a sua herança

O mestre reúne à sua volta discípulos das mais diversas condições sociais, muitos ricos samurais outros pobres camponeses e até marginais, sem afastar criminosos arrependidos que, como ele, procuravam uma forma alternativa de se aproximarem da natureza, dos seus espíritos e da radical essência do ser, longe das multidões e mais perto do silêncio e dos imperceptíveis signos do eterno. A todos prodigava os seus afetos, a sua compreensão e a sua sensibilidade poética que se afirmava como uma forma de oração e uma catar-se na procura do absoluto. O seu retiro foi construído junto a um bananal, árvores que idolatrou acima de todas as outras. Em japonês, *bashô* significa bananeira, a árvore que está na base do seu nome e foi uma bananeira que os seus discípulos decidiram plantar junto ao seu último espaço de repouso. A sua fama percorreu todo o país, vinham de todos azimutes e de todas as regiões. Eram tantos (mais de dois mil) que Bashô formou um grupo distinto chamado *Jittetsu*, dez sábios. Foi durante esses anos que publicou a maior parte das suas obras, diários e notas de viagens.

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Os seus poemas revelam a ternura e o respeito por todas as formas de vida e traduzem o mais profundo amor pela natureza ora com humor, ora recorrendo a neologismos, ora ocultando-se e fundindo-se com a natureza.

ver a cerejeiras em flor
é algo maravilhoso –
mas o que eu tive de andar!
Palma, Joaquim M. (2016, 365)

durante a Festa das Estrelas
se não há encontro de corações
resta o êxtase da chuva a cair
Palma, Joaquim M. (2016, 391)

o sol de inverno congelou
a sombra do monge
sobre o cavalo
Palma, Joaquim M. (2016, 392)

Animais e vegetais são metáforas dos homens e das mulheres, o poeta recorre a outros poetas e personalidades históricas, a intertextualidade é uma forma de valorizar e enriquecer a sua própria estética:
como é frágil
uma flor
no calor do verão
Palma, Joaquim M. (2016, 393)

quando floresce a ameixeira
nada sei
como o coração dos poetas
Palma, Joaquim M. (2016, 393)

O *Sabi* corresponde a uma forma de beleza nostálgica, de solidão, desolação e algo de indefinido que nos assola:
pela estrada
onde ninguém passa
parte o outono
Palma, Joaquim M. (2016, 394)

A comparação entre elementos extremamente distantes e quanto mais distantes maior será o efeito emocional e estético:
como uma menina
a lua crescente
vai cedo para a cama
Palma, Joaquim M. (2016, 394)

Nada era vulgar para ele. Solitário escreve um dia, *estou só e escrevo para a minha alegria*. Envolve-o a lenda – diz-se que foi uma rã que o despertou para a verdade do zen:
*Ah! o velho lago
e quando uma rã mergulha
o ruído da água.*
Nunes, João Carlos Raposo (2016:53)

Kobaya Issa, nascido em 1763, na aldeia de *Kashiwabara*, bem no centro do Japão, merece uma palavra especial pela sua fecundidade poética. Nos cerca dos seus vinte mil *haikus*, é sempre possível encontrar um poema para cada momento da existência. Curioso é também o facto de ter dedicado mais de dois mil aos animais, apresentando um verdadeiro bestiário enraizado no pensamento budista e xintoísta, em total conformidade com o pensamento do grupo religioso chamado *Jôdoshinsu* (O verdadeiro ensinamento da terra pura), a que veio a aderir. Os mistérios da reencarnação nas mais frágeis formas de vida estão constantemente presentes, numa exuberante exaltação da vida:

menino
não a mates
essa pulga tem filhos!
Palma, Joaquim M. (2019, 280)

que doce harmonia
poder renascer
como borboleta do campo!
Palma, Joaquim M. (2019, 71)

Serpente na toca
Vê se consegues ser borboleta
Na próxima vida!
Palma, Joaquim M. (2019, 329)

O género difundiu-se até se tornar uma das práticas socioculturais mais apreciadas e emblemáticas da cultura contemporânea nipónica:

A atmosfera onde este exercício literário se passa tem a ver com a qualidade de ação do indivíduo, neste mundo, sendo essa ação, na sua relação com que está mais além da matéria, encarada segundo uma perspetiva unificada e unificadora suportada pelos pilares da paz, justiça e liberdade.

Palma, Joaquim M. (2016, 14)

Apreciado ao mais alto nível não apenas pelos eruditos, mas pela generalidade do povo japonês, o género aparece, na sua pureza ou com pequenas variantes formais, incrustado nos mais diversos géneros literários tal como nos romances de Prémio Nobel da Literatura de 1968, Yousunara Kawabata:

*A menina e o cricri, a borboleta,
O gafanhoto, a cigarra e o ralo
Encantam as montanhas.*
Carvalho, Armando da Silva, 2003,110

Fora do Japão, ainda no oriente, recordemos apenas os poemas breves de Tagore:

Tagore, nascido em Calcutá, talvez o mais fecundo dos homens das artes e das letras, começou a escrever *Pássaros Perdidos* ainda no Japão (1916), onde tomou contacto a cultura nipónica e onde a pintura e a poesia o sensibilizaram profundamente. É o haiku que serve de inspiração a este seu livro. Não segue a forma canónica do género, mas é o resultado de uma vivência que questiona o real e o transcendental de forma lapidar e minimalista. Alguns poemas apresentam magníficos laivos platónicos afirmando a sua universalidade: *Tu não vês o que realmente és; o que vês é a tua sombra*. Palma, Joaquim M. (trad.) (2016, 23). Terá uma forma de cartesianismo inspirado o pensamento seguinte: *Existo. Que maravilhosa surpresa é a vida!* Palma, Joaquim M. (trad.) (2016, 24). Aqui fica uma reflexão que o mais puro dos cristianismos imediatamente subscrive: *A vida foi-nos dada e nós, dando-a, a merecemos*. Palma, Joaquim M. (trad.) (2016, 33).

Formalmente mais próximo do haiku, refira-se esta pérola poética do pensamento:

Fotografia –
uma memória da luz
guardada pela sombra.
Palma, Joaquim M. (trad.) (2016, 139).

4. O Haiku no Ocidente

O *haiku* no Ocidente teve um grande impacto, motivou poetas de vários países na busca dessa forma simples mas tão profunda de economia verbal. A dificuldade surge na construção do poema, nas 17 sílabas, tal como já referimos para a língua portuguesa.

Nos Estados Unidos, a geração Beat e os seus cultores, na esteira de Ezra Pound, operaram múltiplas transformações temáticas e formais, pesquisando exaustivamente todas as potencialidades da língua inglesa atingindo resultados surpreendentes. Na Europa, a pesquisa inglesa, francesa e alemã caminhou de forma paralela e articulada, tornando o haiku uma das formas poéticas mais universais e vanguardistas, um verdadeiro emblema de uma nova cultura globalizada. A exigência básica centra-se na estrutura constituída por três versos curtos, sendo o último uma espécie de chave tal como o soneto nos havia habituado. Basil Hall Chamberlain, foi o primeiro autor inglês a apresentar um estudo desenvolvido sobre o género que publicou em *The Transactions of the Asiatic Society of Japan* (1902): *Basho and the Japanese Poetical Epigrams*, embora tenha sido William George Aston a apresentar o primeiro estudo sumário sobre o género: *A History of Japanese Literature* (1899). Em França surge no início do século XX em circunstâncias bastante peculiares. Dezassete anos antes da publicação da *Nouvelle Revue Française* (NRF) dirigida por Jean Paulhan em 1920 com o objetivo de divulgar e promover o haiku, enquanto género universal e merecendo destaque nacional,

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

três *haijins* franceses (Couchoud, Faure e Poncin) publicaram uma brochura de trinta páginas: *Au fil de l'eau* (1903), impressa em trinta exemplares e fora do comércio que foram seduzindo um público bastante vasto e entusiasta. O género reavivou um certo gosto clássico pelo terceto tradicional, lembrando produções de Francis Ponge ou as *Cent Phrases pour un éventail* de Paul Claudel (1927). Foi verdadeiramente impressionante a entusiasta recepção do género pelos franceses:

« [...] nous sommes aux environs de l'année 1900. Quelques amis, tous étudiants, se réunissent périodiquement, rue Champollion, dans la chambre de l'un d'eux, Paul-Louis Couchoud, qui, titulaire d'une bourse de la fondation Kahn, revient d'un voyage au tour du monde, imprégné, ébloui, parfumé de son contact avec les anciens maîtres, sages et poètes, du Japon. Tout en nous offrant du saké dans de minuscules tasses nippones [...] tout en déroulant pour nous quelques-uns des précieux kakémonos rapportés de là-bas, il nous dévoile les beautés de Bashô et de Buson, nous initie à la sensibilité japonaise, nous explique ce qu'est le haïcaï, et, entre les trois noms qui désignaient alors cette forme de poésie, choisit celui qui devait bientôt prévaloir définitivement. [...]

En 1905, trois des compagnons susvisés, Couchoud, Faure et Poncin, encore tout pénétrés des longues causeries d'antan, décident de faire en péniche un voyage d'excursion sur les canaux français. [...] Vocance, Julien, « Sur le Haïkai français », in *Revue France-Japon*, n° 38, 15 février 1939, p. 80, em Dussert, Éric (2004: 7-8).

São estes três *haijins* os que expressaram, pela primeira vez, com alma e sensibilidade nipónica as suas impressões e sensações vividas ao longo da sua espartana viagem pelos calmos e sugestivos canais de França:

Dans une lettre du 4 mai 1924, Paul-Lois Couchoud salue les vers de Julien Vocance, le meilleur *haijin* de sa génération derrière lequel l'étoile de Paul Éluard pâlit terriblement : « Vous avez porté le haïkaï français aux sommets de la poésie, note Couchoud. Vous en avez fait l'instrument de la sincérité absolue, de la substance pure, de la note essentielle et criante. » Car c'est bien « la note essentielle » que traque le haïku. Il doit faire vibrer l'instant, rendre compte de l'éphémère lorsqu'il touche paradoxalement au permanent ou à l'universel. Pour reprendre les mots de la poète Valérie Rouzeau, « le haïku est une épiphanie » ce moment fugitif où l'être perçoit avec une forte netteté sa relation au monde, au cosmos. Il n'est pas indifférent de constater à ce propos que la *Beat génération* américaine, éprise de bouddhisme, de philosophie extrême-orientale et d'esprit zen, popularisera à son tour l'haïkaï aux États-Unis dans les années 1950. À bon escient : les haïkaïs de Jack Kerouac sont probablement les plus beaux d'Occident. Dussert, Éric (2004 : 11)

Durante e depois da segunda guerra mundial, registou-se um certo desinteresse pelo género que Roland Barthes descreveu como “un mince horizon de mots”, não é menos verdade que, em França, os chamados poetas Beat dos anos 50, deixam-se novamente fascinar pelo Oriente misterioso e, em particular, pelos seu misticismo, tão exaltado nos *haïku*. Volta-se a redescobrir certos poetas, tais como Augusto Gilbert de Voisins (1877-1939), que após uma viagem à China, deixou-nos um conjunto de poemas delicadas tonalidades budistas:

Respectez une grenouille
Sage. devant l'escargot
Réfléchi, Je m'agenouille.
Augusto Gilbert de Voisins em Dussert (2003)

No finais do século passado até aos nossos dias o haïku tornou-se omnipresente e onisciente, raros são os poetas que lhe ficaram insensíveis, raros são os temas que lhe escaparam:

Saison chaude des gares
Où le métal se dissout
Dans une brume noisette
Jean-Richard Bloch em Dussert (2003)

5. O Haiku em língua portuguesa 5.1. O haiku no Brasil

Em 1988, foi publicado, em São Paulo, *O haïcaï no Brasil*, de H. Masuda Goga (1911-2008). Escrito originalmente em japonês, publicado em Tóquio, em 1986, a obra apresenta o percurso do haïku por terras brasileiras. O tradutor para o português, José Yamashiro, comentou:

Para o *haijin* (poeta de haïku) Hidekazu Masuda, cujo nome haicaístico é Goga, [O haïcaï no Brasil] representou a coroação de um longo e persistente trabalho de pesquisa e aperfeiçoamento na bela arte poética de Bashô. [...] Esta obra – pequena em volume, rica em conteúdo – narra as origens e expansão do haïcaï nos meios intelectuais brasileiros, onde se destacam nomes de haicaístas como Afrânio Peixoto, Jorge Fonseca Júnior, Oldegar Franco Vieira, Guilherme de Almeida, Waldomiro Siqueira Júnior, Pedro Xisto, Monsenhor Primo Vieira, Luís Antônio Pimentel, Paulo Leminski, entre outros. Nunes, Roberson de Sousa. 2011:60

Masuda Goga, respeitado *haijin* japonês chegou ao Brasil no final da década de 1920. Após ter trabalhado nos cafezais (como a grande maioria dos primeiros imigrantes no Brasil nesse período), Goga tornou-se mestre e fundou o Grémio Haïcaï Ipê. É o próprio Goga que, numa curta metragem, nos revela que O haïku chegou ao Brasil através de duas entradas: Por um lado, acompanhou os primeiros imigrantes, por outro, chegou através de outras línguas em particular do francês e do inglês (Gaijin: caminhos da liberdade, de Tizuka Yamazaki.)

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Monsenhor Primo Vieira destacar-se-á de entro uma plêiade de cultores, nos quais também se inserem grandes nomes da poesia brasileira contemporânea, tais como Cecília Meireles e Manuel Bandeira. *Borboletas Brancas* transporta o género ao seu expoente no Ocidente. A sua simplicidade mergulha-nos até ao limite da interiorização e até ao interior dos mais subtis movimentos do universo. Em rigor é ele, no Brasil, o que melhor articula a filosofia cristã com a filosofia budista através da língua portuguesa:

Humilde atinge os píncaros da poesia: *Por minhas mãos, hoje, / Deus atirou aos pardais/migalhas de pão*. E atinge o futuro pela lembrança: Uma folha mortal de malva no livro antigo.../ Tão viva saudade...

João Carlos Raposo Nunes in, jornal Europeu, 25-1-1989, pp.16-17 em Nunes, João Carlos Raposo (2016: 55).

5.2. O haiku em Portugal

O haiku não podia ter sido omitido na reflexão de Wenceslau de Moraes sobre a arte e a literatura japonesa que constituiu o capítulo décimo do seu *Relance da alma japonesa*, obra amadurecida ao longo do seu ensaio histórico sobre o Japão, constituindo uma espécie de complemento:

[...] Alma que se apraz na impersonalidade, que esquiva da cena para deixar livre o campo à serena sucessão das modalidades naturais, que por isto mesmo experimenta repugnâncias tenazes em se ocupar em considerações de si própria – alegrias e sofrimentos próprios -, a alma japonesa sentiu, criou uma poesia sua, em perfeita concordância com as suas preferências afetivas. A poesia japonesa pouco mais é e pouco mais pretende ser do que uma exclamação – um! – ordinariamente inspirada na beleza do cenário, nas surpresas da paisagem, mas podendo alcançar outros assuntos – os assuntos de ordem moral. Em todo o caso, não é nem pode ser uma descrição, é uma sugestão; não aspira ao completo acabamento de uma ideia, antes prefere limitar-se a enunciar-lhe o início, deixando o resto para ser adivinhado; bastando-lhe assim as dezassete sílabas do *hokku*; devendo acrescentar-se que soube realizar o seu propósito de uma maneira magistral. Está-se vendo como a arte poética se inspirou no mesmo espírito estético das outras artes, da pintura por exemplo – fluidez no traço, simples esboço, ignorância dos detalhes, embora possam ser imaginados. Há pintores japoneses, sendo Hokusai um deles, que se deleitam em desenhar um objeto – uma cegonha, um pato, uma tartaruga, ou outra coisa – de um só rápido movimento de pincel, como a nossa pena de europeus traça, correndo, um a cursivo no papel; pois o *tanka* e o *hokku* correspondem, na poesia japonesa, à cegonha de Hokusai, em pintura.

Para estudiosos portugueses, todavia, o *tanka* e o *hokku* não devem merecer tanta estranheza. Nós temos a quadra portuguesa, a nossa deliciosa quadra popular, tão cheia de seduções que, uma só, pode constituir um poema emocionante. Dá-se também a circunstância de serem certos processos de construção, de uso vulgar na poesia japonesa, como o jogo de palavras, o calembur, ou então a reunião de dois períodos, independentes um do outro no sentido, também vulgares na quadra portuguesa. Em minha opinião, a nossa quadra, quando habilmente manejada, seria suscetível de dar excelentes traduções dos poemas japoneses.

Para encurtarmos razões, vão seguir-se alguns *hokku*, com a sua tradução, literal quanto possível, em chata prosa. A alguns acrescentei, por desfastio, a tradução em versos – e pé quebrado, é evidente, ficando o leitor incumbido, com mais pachorra do que eu, de fazer as correções.

Eis um *hokku* de Bashô:

*Furu-iké ya
Kawazu tobi-komu
Mizu no oto*

A tradução é a seguinte: Ah, o velho tanque! E o ruído das rãs, atirando-se para a água!... O leitor não se encontra prevenido para poder encontrar belezas, assim de surpresa, numa pequenina poesia japonesa. Mas pense um pouco. Não acha encantador este instantâneo, recordando a paz de um lugar, provavelmente junto de algum vetusto templo budístico, em cujo terreiro se encontra um velho tanque, sendo o silêncio apenas cortado pelo som melancólico que acompanha a queda das rãs sobre a água adormecida?...

Eis a tradução em verso:

Um templo, um tanque musgoso;
Mudez, apenas cortada
Pelo ruído das rãs,
Saltando à água. Mais nada...
Eis um outro *hokku*, de outro autor:

*Moski nakabá
Chôchô kago no
Ku wo uken*

A tradução é como segue: Se a borboleta cantasse, teria de sofrer o martírio de uma gaiola. Quer isto dizer que a borboleta é tão formosa, pelas cores de que se adorna, que, se cantasse, toda a gente quisera tê-la como prisioneira, dentro de uma gaiola; salva-a a sua desengaçada mudez.

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Bashô era extremamente bondoso para com todos os animais, não admitindo que os maltratassem, mesmo por pensamento. Em certa ocasião, jornadeava ele campos fora, em companhia de kikaku, seu discípulo. Este dando fé de um tira-olhos escarlate, exclamou em verso:

*Aka tombô
Hane wo tottara
Tô-garashi*

que quer dizer: Arranquem as asas a um tira-olhos escarlate; ficará um pimento. Esperava o discípulo, talvez, do mestre um cumprimento. Mas Bashô repreendeu-o vivamente por tão cruel brincadeira; e, corrigindo os versos, proferiu:

*Tô-garashi
Hane wo tsuketara
Aka tombô*

que quer dizer: Juntem asas a um pimento; ficará um tira-olhos escarlate.

Não esqueça este famoso *hokku*, considerado como uma das mais delicadas produções do género e devido a Chiyo, célebre poetisa:

*Asagao ni
Tsurubé torarete
Morai mizu*

Traduz-se por esta forma: A trepadeira (campainhas, *Convolvulus tricolor*) enrolou-se à corda do poço; vai-se pedir água ao vizinho. A poetisa, mulher de fino gosto, indo uma manhã buscar água ao seu poço, deu com o pequenino evento que contei; não ousando molestar a planta, cujas flores são muito apreciadas no Japão, decidiu-se a ir pedir água ao vizinho...

Segue-se a tradução em verso:

A trepadeira trepou
Pela corda do pocinho;
Para não a molestar,
Vai pedir-se água ao vizinho.

Eis um interessante poemazinho pitoresco:

*Furu tera ya
Kané mono iwasu.
Sakura chiru*

Traduz-se por este modo: Oh, o velho templo! O sino não toca; flores de cerejeira caem sobre o solo...

Outro no mesmo género:

*Yuki no mura
Niwa-tori naite
Aké shiroshi*

Quer isto dizer: Aldeia coberta de neve; galos cantando; rompe a madrugada.

Outro, de género bem diferente:

*Chôchô ni
Kyonen shishitaru
Tsuma koishi*

Traduz-se desta maneira: Duas borboletas!... No ano passado, a minha querida esposa morreu...

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Expliquemos. No Japão, um par de borboletas simboliza gentilmente um consórcio feliz; e é costume antigo mandar aos noivos, como presente do noivado, um par de borboletas de papel. O solidário viúvo, achando-se no seu jardim - imaginemos -, poisou o olhar em duas borboletas e lembrou-se então dos presentes de noivado, que ele recebera anteriormente... Aqui fica pois apontado um *hokku* amoroso, embebido em saudade. Convém observar a propósito que na, poesia japonesa, o autor do poema nunca canta uns lindos olhos, ou uma bela trança de cabelo, ou a delicadeza do perfil do ente que ele estima, ou estimou; verso, o amor nipónico apresenta-se sempre como que pudicamente coberto por um véu, do qual uma das pontas se houvesse desprendido, deixando entrever uma nesga do mistério.

Eis a tradução em verso:

Passa um par de borboletas
Emblema do amor ditoso...
Há um ano, se finou
A mulher de quem fui 'sposo...

E por último um *hokku* moderno, tresandando a realismo, mas nem por isto menos curioso:

Nusundaru

Kagashi no kasa ni

Amé kyû nari

Traduz-se assim: Cai duramente a chuva no chapéu que eu roubei ao espantalho.

Quando o arroz está próximo da colheita, nuvens de pardais caem sobre o arrozal, na ânsia de devorar os bagos, maduros quase. O aldeão japonês fabrica então uns bonecos, uns espantalhos – e com que arte e graça! – veste-os com quimonos esfarrapados e inúteis, cobre-lhes as cabeças com chapéus de palha, da clássica forma piramidal, mas evidentemente podres à força de uso, não prestando para nada; e dispõe de espaços em espaços, no arrozal, alguns destes mostrengos, em trágicas posturas, a fim de espantarem os pardais. Para o nosso caso, devemos imaginar um pobre diabo qualquer, talvez um estudante pobre – e há tantos estudantes pobres no Japão!... – que fosse caminhando pela estrada, cabeça nua; surpreendido por um aguaceiro, arranca da cabeça de um espantalho o chapéu pobre, enfia-o na própria cabeça e continua o seu caminho, compondo, talvez por passatempo, a poesia que citei... Em tão minguadas linhas, não se poderia ser mais expressivo, ao descrever um quadradinho de penúria...

Segue-se a tradução em verso:

Vai molhado até aos ossos;
Cai a chuva, mais e mais,
No chapéu, que foi roubar
No campo ao 'spanta-pardais.

Em 1970, a Moraes Editores publicou 50 *Haiku*, uma obra magnífica, em papel vergé, folhas soltas numa caixa de tela, impressão dourada, numa tiragem muito limitada de quinhentos exemplares. Trata-se de uma edição bilingue (Português-Japonês), com reproduções de caligrafias japonesas de Yukio Kito e tradução de Paulo Rocha e António Reis. A edição de quinhentos exemplares tornou-se raríssima, contém cinquenta haikus dos principais haikins japoneses.

Em 1977, João Carlos Raposo Nunes, com apenas 21 anos publica 30 *Haiku* e Flores Dispersas – Haiku em 1986, obra constituída por 23 poemas. Em 2016, João Carlos Raposo Nunes, agora resistente livreiro, contra ventos, marés e enchentes, na baixa histórica de Setúbal, volta a publicar parte da sua publicação anterior e alguns dos seus poemas posteriores inéditos, assim como duas reflexões que havia publicado nas duas primeiras publicações. Penso que João Carlos é verdadeiramente um dos primeiros cultores do género em língua portuguesa e seguramente um dos seus maiores admiradores.

Jorge de Sousa Braga, em 1987, seguindo quase integralmente a versão espanhola de Octávio Paz (*Sendas de Oku*), ofertou-nos a sua tradução: O caminho estreito para o longínquo norte, mais próximo do título da versão inglesa de Nobuyuky Yuasa (*The narrow road to the deep north*):

Depressa se vai a primavera
Choram os pássaros e há lágrimas
Nos olhos dos peixes.
Bashô, Matsuo 1987:18

Em 2007, Luísa Freire, de forma muito pertinente, publicou O Japão no feminino II Haiku séculos XVII a XX.:

Provando a dureza –
um vaso de sempre noiva
bem no meio da neve.
Den Surjo (1633-1698), Freire, Luísa, 2007: 23

Neve na primavera
como promessas quebradas –

caindo, caindo.

Katayama Yumiko (n. 1952), Freire, Luísa, 2007: 134

É dia da mãe –
e acabei por fazer
a minha mãe chorar.

Mayuzumi Madoka (n. 1965), Freire, Luísa, 2007: 137

Casimiro de Brito, nascido no Algarve em 1938, começou a publicar em 1957 (Poemas de solidão imperfeita), publicou mais de setenta títulos, dirigiu várias revistas literárias, esteve ligado ao movimento “Poesia 61”, ganhou vários prémios literários nacionais e internacionais, tal como o Prémio Mario Luzi, para o melhor livro de poesia europeu editado em Itália em 2006 com o “Libro delle cadutte” (Livro das Quedas), assim como o muito prestigiado Prémio Mundial de Haikus, atribuído pela World Haiku Association, de Tóquio. A sua obra Memória do Paraíso encena o amor, feliz, ora com uma tranquila sensualidade, ora com febril paixão:

eis o paraíso
quando nossos corpos cantam
a mesma canção

olhando para ti
contemplando um sol terreno
eis-me nu e cego

a casa regresso
sentado no meu haiku
tapete voador
Brito, s.d.: 11

Teresa Ferro, em 2013, publica uma obra bilingue, em português e em francês, com Bernadette Poisson: Haikus da Lusitânia. Teresa Ferro é professora da Universidade do Porto desde 1992, publicou poesia, em França (Un peu de vie en poesie), participou em três antologias francesas (2011-2012). Participa regularmente em várias revistas de poesia francesa e em concursos poéticos internacionais, ganhou vários prémios e teve a feliz ideia de publicar com Bernadette Poisson uma verdadeira joia artística e literária. Bernadette é professora destacada da Academia de Lille no Instituto de Francês do Porto, durante trinta anos, pintora e poeta, publicou duas obras de poesia e de prosa poética. Participou em várias antologias portuguesas. A paixão dos haikus que as uniram, exhibe antes de mais uma pronunciada delicadeza extremamente feminina, um gosto pelas coisas simples da vida, pelas imagens singelas do quotidiano, pelo espanto que provocam os íntimos segredos da natureza, pelo prazer das sensações e ternas emoções. Obra profusamente ilustrada, cada poema, bilingue, dialoga com apontamentos de cores felizes e alegres, figuras, mais sugeridas que retratadas como se a pintura se quisesse discreto sussurro de um fugaz sopro poético. A obra é um sereno convívio de línguas num cerimonial sonho orienta. O haiku desabrocha na sua plenitude estética e pedagógica.

Chega a madrugada
No canto da cotovia –
Espreita o falcão.

L’aube se devine
Au premier chant d’alloutr –
L’oeil du faucon guette!
Ferro, 2013:14

Um palpite de asas
Aventura-seno céu –
Medo e liberdade!

Um battement d’ailes
S’aventure dans l’azur –
Peur et liberté!
Ferro, 2013. 15

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Joaquim M. Palma destacar-se-ia pela qualidade das suas traduções, em particular da obra de Bashô (2016) e de Kobayashi Issa (2019) já aqui referidas e bastante ilustradas.

Género que conquistou os espaços escolares e todas as tertúlias poéticas, imprescindível na pedagogia da escrita criativa, o género conquistou o coração do sagrado. Como um sopro, torna-se beijo do criador apaixonado pelas suas criaturas. Como uma oração torna-se namoro apaixonado entre a criatura e o seu criador. José Tolentino Mendonça, visita o Japão, no silêncio monacal de quem se habituou a viver o místico êxtase provocado pelas maravilhas da criação. Levava Jack Kerouac e o seu Book of Haikus na memória e Bashô no coração, dedicando-lhe uma espécie de ternura fraternal e amor universal. *A papoila e monge* representa um dos momentos mais altos de uma antiquíssima relação entre o Oriente e o Ocidente que a filosofia e religiosidade Sufi tão bem souberam expressar.

Oiçamos a voz trémula e apaixonada de Tolentino Mendonça, em *A Papoila e o Monge*:

O silêncio só raramente é vazio
diz alguma coisa
diz o que não é.
Mendonça, Tolentino. 2013:15

Fazer calar para fazer dizer:
uma injunção paradoxal
o silêncio fala de si
Mendonça, Tolentino. 2013:17

Quando o templo se esvazia
então brilha
esplêndido
Mendonça, Tolentino. 2013:19

Há vários silêncios
desde o início aprende a dizer
o Plural
Mendonça, Tolentino. 2013:27

Em silêncio o rochedo
vê chegar e partir
as estações
Mendonça, Tolentino. 2013:29

Silêncio:
na ravina inacessível
o pardo em flor
Mendonça, Tolentino. 2013:37

A montanha segue em silêncio
os passos
do peregrino
Mendonça, Tolentino. 2013:45

Os que se assemelham a nada
assemelham-se
a Deus
Mendonça, Tolentino. 2013:51

A noite escuta com a mesma indiferença
a toada solitária do monge

a canção rouca das prostitutas
Mendonça, Tolentino. 2013:63

Os estandartes de seda do tempo
foram oferecidos
pela corporação dos mendigos
Mendonça, Tolentino. 2013:163

6. Conclusão

O haiku contemporâneo é muito mais que um jogo de palavras ou uma mera representação dos prazeres sensuais proporcionados pela magia dos momentos fugidios e sazonais. O haiku reforçou a sua dimensão mística, íntima, secreta, telúrica e cósmica. Afirma-se, hoje como um hino à beleza e solidariedade universal. Uno e múltiplo, aproximou os pensamentos mais distantes e aparentemente opostos.

Já Dalila L. Costa da Silva havia apontado a intensa relação entre estas duas formas de pensamento, tão distantes e tão próximas:

Filosofias transcendentalmente naturalistas, suas imagens arquetipais serão o Céu e a Terra. Na linguagem taoista, como o Criativo e o Recetivo, Yang e Yin, elas serão formas de energia manifestando-se dualmente, mas nascidas e movidas por um princípio único, sentido ou Via única, inominável, e invisível., o Tao ou o espírito. Dualismo aparente que se resolvera em monismo, o pensamento português e o taoismo, serão filosofias do movimento, onde a realidade visível se desenvolve como interação de uma polaridade; em complementaridade e na oposição.

É nessa polaridade visível e invisível, alto e baixo, espiritual e material, terra e céu, um terceiro termo haverá que obrará a ligação entre ambos: O homem. Será ele, como mediador e ainda regulador, entre as forças do céu e da terra, a quem incumbirá o papel de pontífice da ordem cósmica. (Costa, Dalila, 1989:254)

Os sufistas também eles, já haviam, de facto, afirmado com vigor essa improvável unicidade na pluralidade mais radical: Tão revolucionário pensamento já havia encontrado a sua expressão mais perfeita no conceito de ágape, amor radical e incondicional pelo seu semelhante, amor universal e amor cósmico como manifestação do amor pelo criador e pelas suas criaturas:

O merveille ! Un jardin parmi les flammes...

Mon cœur est devenu capable de toutes formes.

C'est une prairie pour les gazelles et un couvent pour les moines

Chrétiens,

Un temple pour les idoles e la Ka'ba du pèlerin.

Les Tables de la Tora et le livre du Qorân.

Je professe la religion de l'Amour, et quelque direction

Que prenne sa monture, l'Amour est ma religion et ma foi.

Ibn'Arabi in Corbin Henry (1976 :109)

Em suma, não resisto a concluir com o mesmo registo poético que tanto nos enfeitiçou:

Os ventos do Oriente

nas praias do Ocidente

palavras de Luz.

Luciano Pereira (2020, Inédito)

Bibliografia

Bashô, Matsuo (2016), *O eremita viajante [haikus – obra completa]*. Porto: Porto Editora Assírio e Alvim.

Bashô, Matsuo (1987), *O caminho estrito para o longínquo norte (Oku no osomichi)*. Lisboa: Fenda Edições Limitada.

Bernardes, José Augusto Cardoso; Castro, Aníbal Pinto de; Ferraz, Maria de Lourdes A., Melo, Gladstone Chaves de; Ribeiro, Maria Aparecida (dir.) (1997), *Biblos Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. vol. 2, pág. 960-962, Lisboa: Verbo.

Braga, Teófilo (2019), *Agostinho da Silva e das Festas do Espírito Santo* em A ideia - revista de cultura libertária, II.ª série – ano XLV – vol. XXII – números 87/88/89 – outono, Évora.

Brito, Casimiro de Brito (s.d.). *Memória do paraíso*. Lisboa. Editora Licorne.

Coelho, Jacinto do Prado (1976), *Dicionário de Literatura*. vol. 2, pág. 770-772, Porto: Figueirinhas.

Corbin, Henry (1976). *L'imagination créatrice dans le soufisme d'Ibn'Arabi*. Paris.Flammarion.

Costa, Dalila L. Pereira da (1989), *A Ladainha de Setúbal E o Eremita da Arrábida*. Porto: Lello & Irmão – Editores.

Costa, Dalila L. Pereira da (1986), *Místicos Portugueses do século XVI*. Porto: Lello & Irmão – Editores.

Dussert, Éric (2004), *Au Fil de Léau. Les premiers haiku français*. França: Éditions Mille et une Nuits.

Poisson, Bernadette e Ferro, Teresa (2013) *Haikus da Lusitânia. Haikus de Lusitanie*. Lisboa; Chiado Editora.

Issa, Kobayashi (2019), *Os animais [haikus]*. Porto: Editora Assírio e Alvim.

Janeira, Armando Martins (1993) (Seleção e introdução) Wenceslau de Moraes, *Antologia*. Lisboa: Vega.

Kawabata Yasunari (2003), *Terra de Neve*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Mendonça, José Tolentino (2014), *A papoila e o Monge*. Porto: Editora Assírio e Alvim.

Moraes, de Wenceslau (1993), *Antologia*. Lisboa: Vega.

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

- Moraes, de Wenceslau (1999), *Relance da Alma Japonesa*. Lisboa: Veja.
- Moraes, de Wenceslau (1974), *Traços do Extremo Oriente*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Nunes, João Carlos Raposo (2016), *Brancura. Livro de Haikus*. Portugal: Editora Licorne.
- Nunes, Roberson de Sousa (2011), *Haikai e performance: imagens poéticas*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras (Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Literatura Comparada.)
- Pires, Daniel (2004) Wenceslau de Moraes, Permanências e errâncias no Japão. Lisboa: Fundação Oriente.
- Poisson, Bernadette; Ferro, Teresa (2023), *Haikus da Lusitânia*. Lisboa: Chiado Editora.
- Renondeau, G. (1971), *Anthologie de la poésie japonaise classique*. França: Gallimard.
- Santos, Luís Carlos dos (2019) *O pensamento ecuménico de Agostinho da Silva em A ideia* - revista de cultura libertária, II.ª série – ano XLV – vol. XXII – números 87/88/89 – outono, Évora.
- Silva, Agostinho de (1990), *Educação de Portugal*. Lisboa: ulmeiro.
- Stachak, Faly (2005), *Écrire, un plaisir à la portée de tous. 350 techniques d'écriture créative*. Paris: Eyrolles.
- Tagore, Rabindranath (2016), *A Asa e a Luz*. Porto: Editora Assírio e Alvim.
- Página consultada em 25.02.2020, <http://www.nipocultura.com.br/o-haikai-haikai-ou-haiku/>
- Página consultada em 25.02.2020, <https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/02/poema-haikai-monsprimo-vieira-com.html>
- Página consultada em 25.02.2020, https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-8HCP4D/1/tese_rob_definitiva.pdf

SÓCIO FUNDADOR DA AICL, –

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL DESDE 2019 –

PERTENCEU AO CONSELHO FISCAL DESDE 2010,

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE

TOMA PARTE DESDE O PRIMEIRO NO PORTO 2002, 2º BRAGANÇA 2003, 3º BRAGANÇA 2004, 4º BRAGANÇA 2005, 5º RIBEIRA GRANDE 2005, 6º BRAGANÇA 2006, 7º RIBEIRA GRANDE 2007, 8º BRAGANÇA 2007, 9º LAGOA 2008, 10º BRAGANÇA 2008, 11º LAGOA 2009, 12º BRAGANÇA 2009, 13º BRASIL 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 16º VILA DO PORTO 2011, 17º LAGOA 2012, 18º GALIZA 2012, 19º MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 22º SEIA 2013, 23º FUNDÃO 2015, 24º GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019 E 32º GRACIOSA 2019

11.9. LUÍS FILIPE SARMENTO, ESCRITOR CONVIDADO

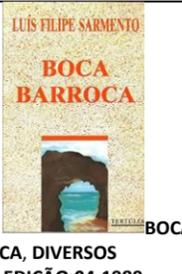
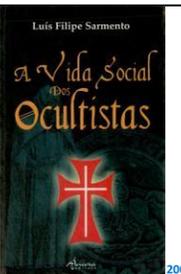
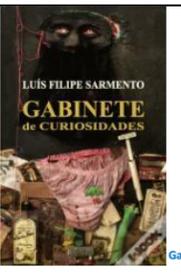


LUÍS FILIPE SARMENTO nasceu a 12 outº 56, escritor, tradutor, jornalista, editor, realizador de cinema e televisão, professor de escrita criativa, de História dos Modernismos e da Estética, estudou Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É um dos principais poetas, prosadores e cronistas contemporâneos portugueses, com livros e textos traduzidos para o inglês, espanhol, francês, italiano, árabe, mandarim, japonês, romeno, macedónio, croata, turco e russo. Produziu e realizou a primeira experiência de vídeo livro feita em Portugal no programa «Acontece» para a RTP (Radio e Televisão Portuguesa), durante sete anos assim como para outros programas de televisão. Produziu e realizou conteúdos para o programa «Em Português Nos Entendemos» numa coprodução da RTP e da TV Cultura de São Paulo. Já publicou vinte e duas obras e traduziu mais de cem livros. É Membro do International P.E.N. Club, da Associação Portuguesa de Escritores e do International Committee of World Congress of Poets. Foi Coordenador Internacional da Organization Mondial de Poètes (1994-1995) e Presidente da Associação Ibero-Americana de Escritores (1999-2000). Alguns dos seus textos encontram-se traduzidos em inglês, espanhol, francês, italiano, árabe, mandarim... Iniciou sua carreira literária aos 18 anos com a obra «A Idade do Fogo» (1975); seguida por «Trilogia da Noite» (1978); «Nuvens» (1979); «Orquestras & Coreografias» (1987); «Galeria de um Sonho Intranquilo» (1988); «Fim de Paisagem» (1988); «Fragmentos de Uma Conversa de Quarto» (1989); «Ex-posições» (1989), «Boca Barroca» (1990); «Matinas Laudas Vésperas Completas» (1994), «Tinturas Alquímicas» (1995); «A Ocultação de Fernando Pessoa, a Desocultação de Pepe Dámaso» (1997); «A Intimidade do Sono» (1998); «Crónica da Vida Social dos Ocultistas» (2000); «Gramática das Constelações» (2012); «Ser tudo de todas as Maneiras, ensaio e antologia da obra de Fernando Pessoa», Lisboa (2012); «Como Um Mau Filme Americano» (2013); «Efeitos de Captura» (2015); «Repetição da Diferença» (2016); e «Gabinete de Curiosidades» (2017). Como tradutor destacam-se a «Torah em português», uma edição luxuosa com o nome hebraico das perashiot, tradução apoiada em La Torá do Rabi Daniel ben Itzhak na Torá e Lei de Moisés do Rabi Meir Matzliah Melamed e em outros textos de Theo Klein, A. Falk e Y. Azoulay; «101 Dias em Bagdá», de Åsne Seierstad; «Erec e Enide», de Manuel Vázquez Montalbán; «O Regresso dos Cátaros», de Jorge Molist; «O Luxo Eterno - Da Idade Sagrada ao Tempo das Marcas», de Gilles Lipovetsky e Elyette Roux; «Biblioteca de Nag Hammadi - III: A Revelação de Pedro e Outros Textos Gnósticos», apresentação e edição de António Piñero, José Montserrat Torrents e Francisco García Bazán; «Madeiro de Buxo», de Camilo José Cela, dentre outras obras.

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS, PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

[Alguma bibliografia](#)

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

 <p>LUÍS FILIPE SARMENTO KNK POESIA 2019</p>	 <p>LUÍS FILIPE SARMENTO GABINETE de CURIOSIDADES POESIA 2017</p>	 <p>LUÍS FILIPE SARMENTO REPETIÇÃO DA DIFERENÇA CASADOS MUNDOS IRREPETÍVEIS POESIA 2016</p>	 <p>Luís Filipe Sarmento Efeitos de Captura POESIA 2015</p>	 <p>OS MENSAGEIROS Antologia de Fernando Pessoa 2012</p>	 <p>LUÍS FILIPE SARMENTO BOCA BARROCA BARROCA, DIVERSOS EDIÇÃO:04-1989</p>
 <p>luís filipe sarmento AO RUBRO completas ED.2020</p>	 <p>A Intimidade do Sono 998 isbn: 9789727112401 ed: Pergaminho, abril</p>	 <p>LUÍS FILIPE SARMENTO CRÓNICA da vida social dos OCULTISTAS 2007</p>	 <p>Luís Filipe Sarmento <i>a Vida Social</i> dos Ocultistas 2000</p>	 <p>LUÍS FILIPE SARMENTO GABINETE de CURIOSIDADES Gabinete de Curiosidades Poética Edição:04-2017</p>	

11.10. (MARIA) HELENA CHRYSTELLO, EB 2,3 MAIA & VICE-PRESIDENTE DA AICL HELENA.CHRYSTELLO@EBIMAIA.NET

(Maria) HELENA FERREIRA DA COSTA SIMÕES CHRYSTELLO, Vice-Presidente da direção desde a fundação, Membro dos comités científico e executivo dos Colóquios desde o primeiro Colóquio da lusofonia, Preside ao secretariado e modera sessões. Helena Chrystello tem uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês. Tem o curso superior de secretariado do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), Lisboa;

Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse - Le Mirail. É Mestre (pré-Bolonha) em Relações Interculturais, subordinado ao tema *Da Língua à Interculturalidade: um estudo de caso*, pela Universidade Aberta. Certificado de Aptidão Profissional - Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional desde 2000. Lecionou, desde 1976 e durante vários anos no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e da PAP - Prova de Aptidão Profissional). Foi professora assistente na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (2002 - 2005) e supervisora de estágios.

Foi tradutora da PNN-LUSA, Sydney, proporcionando serviços de apoio de tradução, interpretação e comunicação social, nos campos linguístico, literário e técnico em congressos (1995-2005). Foi tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986 - 1988). Participou e foi oradora em vários congressos (Portugal, Espanha, Canadá, Brasil e Macau), com trabalhos publicados em Atas e revistas científicas da especialidade.

É Membro da ACT - CATS 'Association Canadienne de Traductologie' desde 1999. Pertenceu à extinta SLP (Sociedade de Língua Portuguesa).

Membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia 2007 a 2009 e 1º Prémio Literário AICL Açorianidade 2013 Judite Jorge.

Na EB 2,3 da Maia foi 9 anos Coordenadora do Departamento de Línguas e exerce funções de Avaliadora do Desempenho Docente. (2011-2020).

Coautora com a Professora Doutora M^ª Rosário Girão dos Santos (Universidade do Minho) da Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos incluída no Plano Regional de Leitura. A edição bilingue (PT-EN) Antologia de (15) Autores Açorianos Contemporâneos foi lançada no 16º Colóquio em Vila do Porto 2011 e no 19º Colóquio (Maia 2013)

Posteriormente lançou nos 17º, 18º e 19º colóquios a edição monolíngue da Antologia em 2 volumes. No 21º colóquio (Moinhos de Porto Formoso 2014) lançou a Coletânea de Autores Dramáticos Açorianos e a Antologia no feminino "9 Ilhas, 9 escritoras".

Prepara nova antologia de autores açorianos



26º LOMBA DA MAIA 2016



16º VILA DO PORTO 2011



19º MAIA 2013



16º VILA DO PORTO 2011

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021



18º GALIZA 2012



10º BRAGANÇA 2008



19º MAIA 2013



13º FLORIPA 2010



32º GRACIOSA 2019



FLORIPA 13º BRASIL 2010



13º FLORIPA 2010



BRASILIA 13º BRASIL 2010



BRASILIA 13º 2010



15º MACAU 2011



30º MADALENA DO PICO 2018



28º VILA DO PORTO 2017



15º MACAU 2011



32º GRACIOSA 2019



15º MACAU 2011



32º GRACIOSA 2019



32º GRACIOSA 2019



BGA TERCEIRA 2017



BGA FAIAL 2017



PICO 2018

- SÓCIO FUNDADOR DA AICL.
 - PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.
 – É VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL.
 PRESIDE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.
 TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE
 PARTICIPOU EM 31 COLÓQUIOS, POR DOENÇA ESTEVE AUSENTE NO 29º BELMONTE 2018, REGRESSANDO NO 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019

11.11. MÁRIO JOSÉ SILVA MELEIRO, (UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR, ESE, COMUNICAÇÃO E DESPORTO, INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA)

Nasceu em Soutelo – Mogadouro (Trás-os-Montes), em 1974 e reside na Guarda, onde fez o estágio profissional na Escola Secundária Afonso de Albuquerque.

Licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, mestre em Linguística Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade Católica – Polo de Viseu e doutorado em Linguística (Linguística Histórica) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,

É docente da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto, do Instituto Politécnico da Guarda, desde 2000. Além da docência, desenvolveu a sua atividade como formador do Programa Nacional do Ensino do Português (PNEP), da Terminologia Linguística para o Ensino Básico e Secundário (TLEBS), do Acordo Ortográfico (AO 1990) e das Metas Curriculares de Português (MCP).

Com participação em diversos congressos, em alguns deles com apresentação de comunicação, a área de investigação centra-se na morfologia e no léxico da língua portuguesa, embora com algumas incursões pela literatura, área de investigação atual.



SEIA 2014



LOMBA DA MAIA 2016



Ricardo Reis em O ano da Morte de Ricardo Reis de José Saramago: do heterónimo à personagem saramaguiana. Mário José Silva Meleiro (Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior, Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto, Instituto Politécnico da Guarda)

Não é novidade que as principais personagens do romance *O ano da Morte de Ricardo Reis*, de José Saramago, são o resultado de uma intertextualidade com um dos maiores poetas portugueses, senão o maior. Nomes como Ricardo Reis e Lídia (bem como a própria “personagem” Fernando Pessoa) são criação de Fernando Pessoa, mas são sobretudo uma adaptação literária por parte de Saramago que não se coibiu de alterar, talvez em excesso, as suas características humanas. Relativamente a Marcenda, ficará por esclarecer a verdadeira origem do nome, se uma magistral adaptação de Saramago, se um pequeno erro de interpretação da ode onde este gerúndio ocorre.

O que se pretende neste artigo é mostrar como Saramago desconstrói as principais personagens criadas por Fernando Pessoa, tornando-as mais humanas, mais reais, mais completas do ponto de vista das sensações extremas, quer de felicidade plena quer de uma tristeza profunda, ambas incompatíveis como um heterónimo extremamente disciplinado.

Assim, será feito um breve levantamento das principais características do heterónimo Ricardo Reis, partindo de exemplos concretos das suas odes, e contrapondo-as com as características deste novo Ricardo Reis, personagem criada por Saramago, recorrendo, igualmente, a exemplos concretos retirados da obra. No fundo, parece que Saramago quis mesmo pregar uma partida a Fernando Pessoa.

1. Introdução

O ano da Morte de Ricardo Reis, de José Saramago, publicado em 1984, é, nas palavras de Carlos Reis (2017), um romance extenso, escrito num estilo peculiar, onde Saramago nos conta uma história com personagens, lugares e acontecimentos conhecidos. Não é novidade que as principais personagens do romance são o resultado de uma intertextualidade com um dos maiores poetas portugueses, senão o maior. Nomes como Ricardo Reis e Lídia são criação de Fernando Pessoa, mas são sobretudo uma adaptação literária (incluindo a própria “personagem” Fernando Pessoa) por parte de Saramago que não se coibiu de alterar as suas características. Relativamente ao nome Marcenda, é um excelente aproveitamento do gerúndio latino, cujo valor semântico está bem vincado na personagem.

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

A personagem principal do romance é, claramente, Ricardo Reis, que se vai relacionando com um conjunto de outras personagens secundárias ao longo da obra e em vários eixos de ação, nomeadamente o eixo da ação amorosa, o eixo da ação literária, o eixo da ação social e política e o eixo da ação histórica. Para quem está familiarizado com a obra, o esquema (figura 1) do professor e ensaísta Carlos Reis (2017:84) é, por si só, bastante ilustrador:

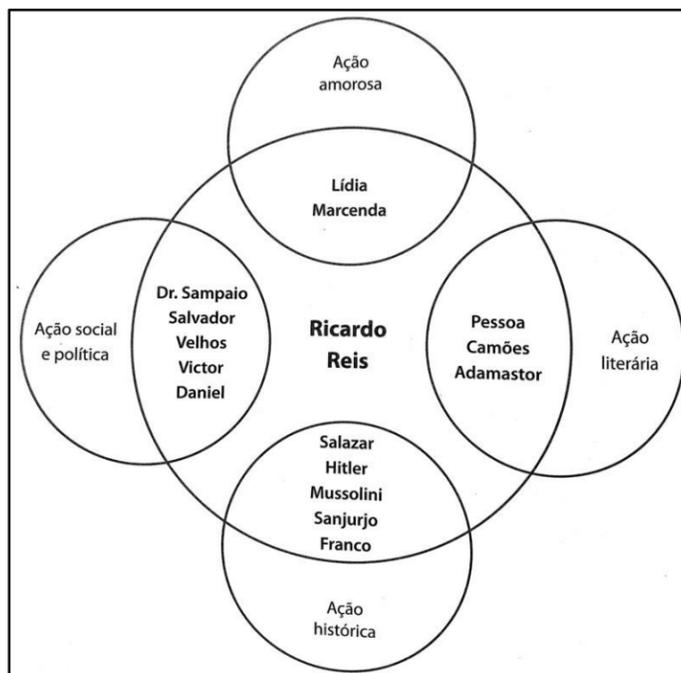


Figura 1 – Universo das personagens de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

2. Ricardo Reis, criação de Fernando Pessoa

A necessidade de multiplicação por parte de Fernando Pessoa é deveras conhecida e está sobejamente estudada. A grandeza interior não lhe cabia toda em si e, talvez também por isso, fragmentado, sentiu necessidade de se multiplicar. A explicação deixou-a numa carta ao amigo Adolfo Casais Monteiro (Pessoa, 1999:337), em resposta à também pergunta que este lhe dirigiu numa carta.

Numa tentativa que pretendia clara, Pessoa afirma:

“Desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram. (...) Esta tendência para criar em torno de mim um outro mundo, igual a este mas com outra gente, nunca me saiu da imaginação. (...) E assim arranquei, e propaguei, vários amigos e conhecidos que nunca existiram, mas que ainda hoje, a perto de trinta anos de distância, oiço, sinto, vejo. Repito: oiço, sinto, vejo... E tenho saudades deles” (Pessoa, 1999:341).

Mais adiante, particulariza:

“Aí por 1912, salvo erro (que nunca pode ser grande), veio-me à ideia escrever uns poemas de índole pagã. Esbocei umas coisas em verso irregular (não no estilo Álvaro de Campos, mas num estilo de meia regularidade), e abandonei o caso. Esboçara-se-me, contudo, numa penumbra mal urdida, um vago retrato da pessoa que estava a fazer aquilo. (Tinha nascido, sem que eu soubesse, o Ricardo Reis). (...) Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome, e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o via” (Pessoa, 1999:342-343).

Por fim, termina:

“Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil. (...) Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mas seco. (...) Reis de um vago moreno mate; (...) Ricardo Reis, educado num colégio de jesuítas, é, como disse, médico; vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico. É um latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria” (Pessoa, 1999:344-345).

Temos, então, criado o heterónimo Ricardo Reis, pelo menos no que se refere à sua identidade, às suas características físicas e ao seu percurso de vida. Contudo, a nível psicológico, a nível da sua filosofia de vida, é à sua obra que temos de recorrer para o caracterizar.

Assim, podemos destacar alguns princípios, como:

- **A efemeridade da vida ou o fatalismo da morte** (Pessoa, 1994:173)³:

³ Pessoa, F. (1994). Poemas de Ricardo Reis - Volume III (Edição crítica de Luiz Fagundes Duarte.) Lisboa: IN-CM. Todas as referências aos poemas de Ricardo Reis serão a partir desta edição.

*Sereno aguarda o fim que pouco tarda.
Que é qualquer vida? Breves sóis e sono.
Quanto pensas emprega
Em não muito pensares*

- **a apologia da suprema indiferença** (Pessoa, 1994:132):

*E, enquanto lá por fora,
Ou perto ou longe, a guerra e a pátria e a vida
Chamam por nós, deixemos
Que em vão nos chamem, cada um de nós
Sob as sombras amigas
Sonhando, ele os parceiros, e o xadrez
A sua indiferença.*

- **o gozo comedido** (Pessoa, 1994:74):

*Prazer, mas devagar,
Lídia, que a sorte àqueles não é grata
Que lhe das mãos arrancam.*

com destaque para a ode *Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio*, um verdadeiro exemplo de vida moderada (Pessoa, 1994:98-99):

*Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos).
(...)
Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.
Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.
Mais vale saber passar silenciosamente
E sem desassossegos grandes.
(...)
Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro
Ouvindo correr o rio e vendo-o.*

- **a apologia do *carpe diem*** (Pessoa, 1994:152):

*Tão cedo passa tudo quanto passa!
Morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.*

3. Ricardo Reis, criação de José Saramago

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Até ao final de 1935, Ricardo Reis é um poeta inventado, um heterónimo de Pessoa. A partir de 30 de dezembro de 1935, quando regressa a Portugal, Ricardo Reis passa a ser uma personagem saramaguiana, a principal do romance a que dá nome: *O ano da morte de Ricardo Reis*, publicado por Saramago em 1984.

Enquanto personagem de ficção, Ricardo Reis é muito mais do que um heterónimo de Fernando Pessoa, embora possamos encontrar em ambos traços em comum e traços diferenciadores.

Quanto aos traços em comum, verifica-se uma correspondência na identidade, no nome, idade, naturalidade, estado civil, profissão:

“nome Ricardo Reis, idade de quarenta e oito anos, natural do Porto, estado civil solteiro, profissão médico, última residência Rio de Janeiro, Brasil, donde procede” (Saramago, 2016:19)⁴

No que se refere ao aspeto físico, também os traços são idênticos:

“Um homem grisalho, seco de carnes (...) homem moreno” (Saramago, 2016:11-12)

A referência à sua atividade literária também não é esquecida:

“e calou-se repentinamente ao notar que formara, de enfiada, três versos de sete sílabas, redondilha maior, ele, Ricardo Reis, autor de odes ditas sáficas ou alcaicas, afinal saiu-nos poeta popular,” (Saramago, 2016:50)

Como cidadão, é um espetador dos anos 30, testemunha da política de Salazar, da afirmação do fascismo, e do nazismo, do início da guerra civil de Espanha, no fundo, dos preparativos para a II Guerra Mundial.

Porém, é a nível psicológico, a nível da sua filosofia de vida, que Saramago nos apresenta um Ricardo Reis com traços diferenciadores, um Ricardo Reis pouco moderado, que vive até mais do que uma ligação amorosa. Uma com Lídia, relação física, erótica:

“então Lídia entra, segura ainda a toalha à sua frente, com ela se esconde, não delgado cendal, mas deixa-a cair ao chão quando se aproxima da cama, enfim aparece corajosamente nua, hoje é dia de não ter frio, dentro e fora todo o seu corpo arde, e é Ricardo Reis quem treme, chega-se infantilmente para ela, pela primeira vez estão ambos nus, depois de tanto tempo, a primavera sempre acabou por chegar, tardou mas talvez aproveite.” (Saramago, 2016:298)

outra com Marcenda, relação mais afetiva:

“Ricardo Reis segurou-lhe a mão esquerda, levou-a aos lábios, depois bafejou-a muito devagar como se estivesse a reanimar uma ave transida de frio,” (Saramago, 2016:344)

Esta alteração de carácter, do Ricardo Reis pessoano para a Ricardo Reis saramaguiano, não passou despercebida ao próprio Fernando Pessoa que, irónico, mas afetuoso, comenta os amores de Reis e o interroga, apontando as diferenças entre o Reis do passado e o Reis do presente:

“O que eu não esperava era que você fosse tão persistente amante, para o volúvel homem que poetou a três musas, Neera, Cloe e Lídia, ter-se fixado carnalmente em uma, é obra, diga-me cá, nunca lhe apareceram as outras duas, Não” (Saramago, 2016:322)

Ao longo da obra, é possível assistir a uma evolução da personagem. Assim, se no início da obra Ricardo Reis nos é apresentado como *“um espetador do espetáculo do mundo”*, que se caracteriza pela deambulação, não tendo outro propósito nem ocupação, um transeunte que não comenta a ação:

“São horas de almoçar, o tempo foi-se passando nestas caminhadas e descobertas, parece este homem que não tem mais que fazer, dorme, come, passeia, faz um verso por outro, com grande esforço” (Saramago, 2016:77)

aos poucos, percebemos que vai abandonando a sua atitude de distanciamento em relação ao mundo:

“Ricardo Reis quer apenas manter-se a par das notícias, de maneira discreta e reservada, ouvi-las num íntimo murmúrio, assim não se sentirá obrigado a explicar a si mesmo, ou a tentar decifrar, que sentimento inquieto o aproxima do aparelho” (Saramago, 2016:458)

Porém, no final da obra, Ricardo Reis já não corresponde à figuração original da criação pessoana, pautado por um ideal de indiferença e distanciamento:

“Coitadinhos, refere-se aos marinheiros, mas Ricardo Reis sentiu esta doce palavra como um afago, a mão sobre a testa ou suave correndo pelo cabelo, e entra em casa, atira-se para cima da cama desfeita, escondeu os olhos com o antebraço para poder chorar à vontade, lágrimas absurdas, que esta revolta não foi sua” (Saramago, 2016:489)

Ricardo Reis já não se contenta com o espetáculo do mundo, ganhou consciência cívica, mas não ganhou a força para viver segundo novos ideais. Assim, acompanhará Fernando Pessoa ao cemitério:

“Então vamos, disse Fernando Pessoa, Vamos, disse Ricardo Reis.” (Saramago, 2016:494)

4. Conclusão

⁴ Saramago, J. (2016). *O ano da morte de Ricardo Reis*. Porto: Porto Editora. Todas as referências a esta obra serão a partir desta edição.

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Resumindo, podemos dizer que o Ricardo Reis pessoano nasceu no Porto, em 1887, que vive no Brasil desde 1919, é de estatura média, forte, mas magro, com pele morena. É médico, monárquico e defensor do Epicurismo, do Estoicismo, do gozo comedido e do *carpe diem*. No fundo, um ser humano que valoriza a moderação e se apresenta extremamente disciplinado, quer na forma quer no conteúdo da sua obra.

Quanto a Ricardo Reis saramaguiano, nasceu no Porto, em 1887, vive no Brasil desde 1919, é de estatura média, forte, mas magro, com pele morena. É médico, monárquico, mas amante plural, observador mas também crítico do mundo. Saramago desconstrói a personagem criada por Fernando Pessoa e recria-a, tornando-a mais real, mais completa do ponto de vista das sensações extremas, quer de felicidade plena quer de uma tristeza profunda, ambas incompatíveis como um heterónimo extremamente disciplinado. No fundo, humanizou-a, como referiu Ana Paula Arnault, no congresso internacional "José Saramago: 20 anos com o Prémio Nobel". Saramago deu-lhe mais vida, prolongou "a biografia do heterónimo num singular processo de sobrevivência e de refiguração" (Marfins, 2020:342).

A literatura não ficou, certamente, ofendida com a esta transformação. E os admiradores, quer de um quer de outro, certamente que também não.

Bela partida que Saramago pregou a Pessoa.

Bibliografia

Arnault, A. P. (2017). *Para ler... O ano da morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Edições Asa.

Diccionario de personajes Saramaguianos. Buenos Aires / Córdoba: Santillana / EDUCC, 2008. (Vários autores; Direção de Dr. Miguel Koleff; Codireção de María Victoria Ferrara).

Martins, J. (2020). "Reinvenção saramaguiana de Ricardo Reis: Impassibilidade perante o espetáculo do mundo" in *Atas do Congresso internacional José Saramago - 20 Anos com o Prémio Nobel (2020)*.

Organização de Carlos Reis. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Pessoa, F. (1994). *Poemas de Ricardo Reis - Volume III* (Edição crítica de Luiz Fagundes Duarte.) Lisboa: IN-CM.

Pessoa, F. (1999). *Correspondência 1923-1935* (Edição de Manuela Parreira da Silva.) Lisboa: Assírio & Alvim.

Reis, C. (2015). *Diálogos com José Saramago*. Porto: Porto Editora.

Reis, C. (2017). *O Ano da Morte de Ricardo Reis. Educação Literária - Leituras orientadas*. Porto: Porto Editora.

Saramago, J. (2016). *O ano da morte de Ricardo Reis*. Porto: Porto Editora.

Seixo, M. A. (1999). *Lugares da ficção em José Saramago. O essencial e Outros Ensaios*. Lisboa: IN-CM.

Silva, T. (1989). *Entre a história e a ficção: uma saga de Portugueses*. Lisboa: D. Quixote.

É SÓCIO AICL,

TOMOU PARTE NO 16º COLÓQUIO EM SANTA MARIA 2011, NO 22º SEIA 2014, 26º NA LOMBA DA MAIA 2016, 29º BELMONTE 2018

11.12. PEDRO ALMEIDA MAIA, ESCRITOR, S MIGUEL, AÇORES CONVIDADO4



Pedro Filipe Almeida Maia

Nasceu em 29 de junho de 1979 na cidade de Ponta Delgada,

é psicólogo, mestre em Psicologia do Trabalho, das Organizações e dos Recursos Humanos (WOP-P) pela Universidade de Coimbra e pela Universidade de Barcelona,

Licenciado em Psicologia pela Universidade dos Açores.

Na área da Psicologia, é coautor na série de livros infantis "Vamos Sentir com o Necas" (Minotauro, Grupo Almedina), que integra o Panorama Editorial de 2015 do Boletim do Núcleo Cultural da Horta, e o Plano Regional de Leitura dos Açores.

Na escrita de ficção, é autor dos romances policiais "Bom Tempo no Canal: A Conspiração da Energia" (Letras Lavadas, 2012), vencedor do prémio literário Letras em Movimento 2010, e "Capítulo 41: A Redescoberta da Atlântida" (Letras Lavadas, 2013), que integra o Plano Regional de Leitura dos Açores.

Escreveu também o drama "Nove Estações" (Letras Lavadas, 2014), selecionado para a Mostra LabJovem 2014, e o romance de ficção científica "A Viagem de Juno" (Letras Lavadas, 2019).

Na poesia, venceu o prémio Discover Azores 2014 com o poema "Vinhas e Epigeus", e publicou "A Escalada de um Manco" (e-Manuscrito, 2017).

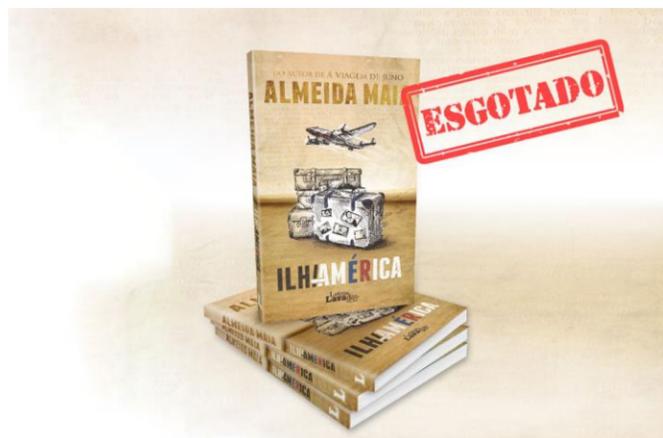
ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Assinou crónicas dedicadas às artes, na rubrica “Pavilhão Auricular”, e à sátira, em “Cronicista”, tendo contribuído para os jornais Terra Nostra, Fazendo, Diário Insular, Correio dos Açores, Açoriano Oriental, Portuguese Times (EUA) e Mundo Lusíada (Brasil). No conto, escreveu “O Galheteiro de Prata”, selecionado para a Antologia de Contos 2018 do Centro de Estudos Mário Cláudio.

Foi um dos membros fundadores da PENA (Plataforma de Escrita Nova Açoriana) e também do Coletivo NAU (Novos Autores Unidos).

Foi considerado Escritor do Ano 2014 pelo jornal Correio dos Açores, integra o Conselho Editorial da Letras Lavadas edições desde março de 2018.

Prepara uma série televisiva.



ILHAMÉRICA” ROMANCE DO ROMANCE, ALMEIDA MAIA, Colóquios da Lusofonia — edição #33 (Belmonte on-line, 10 de abril de 2021)

A escrita de *Ilha-América* durou dois anos e foi o processo mais excêntrico de todas as minhas incursões na literatura, pelo menos até agora. A produção do texto teve início em novembro de 2017 e terminou em novembro de 2019, mas a sua publicação ocorreu apenas em setembro de 2020. Estes intervalos explicam-se sobretudo pelas inúmeras tentativas de localizar o verdadeiro protagonista da história. O processo deu azo a uma série de episódios, mas pretendo aqui relatar apenas uma parte.

É sabido que o meu interesse no tema surge com a leitura do artigo “O Avião e o Sonho”, do jornalista Pedro Barros Costa, com quem passei a corresponder-me periodicamente. Facultou-me dois números de telefone, do tempo em que ele próprio entrevistara o protagonista. Supunha-se que teria ainda residência em Fall River, onde se localizava a fábrica onde trabalhou quando chegou aos Estados Unidos da América.

Apesar da tentação, evitei telefonar para aqueles números. Preferi preparar um conjunto de perguntas que considerasse relevantes, enquanto iniciava a pesquisa. Reuni, por exemplo, artigos de jornais, como o *Diário de Notícias* ou *O Século*, mas também uma entrevista do *Portuguese Times*, gentilmente cedida pelo diretor Francisco Resendes, informando que Raimundo Delgado, autor da peça, já teria falecido. Era o primeiro grande obstáculo.

Durante a busca, outra das primeiras pessoas com quem falei foi Carlos Bicudo, que me encaminhou para José Fernando Valério e Pedro Bicudo, contactos que se concretizaram mais tarde.

Outra peça fulcral para a investigação foi uma participação do protagonista no programa “Gente Nossa”, conduzido por Emanuel Carreiro em 1986. Contactado por mim, o jornalista da RTP Açores informou da possível existência de familiares, aconselhando-me a questionar José Lopes de Araújo.

A viver em Lisboa, Lopes de Araújo revelou ter sugerido aquele convidado para o programa televisivo; ter conhecido o seu pai, enquanto arrumador no Atlântida Cine; e ter recebido, em 2018, a notícia do seu falecimento, embora não segura. Encaminhou-me para outra pessoa que talvez pudesse ajudar: Rosélio Reis, autor de inúmeros textos ligados à história de Santa Maria.

Rosélio Reis adicionou aspetos do naufrágio do Arnel e experiências na primeira pessoa, mas outro grande contributo foi a forma de contactar o irmão mais velho do protagonista, que eu utilizaria mais tarde, e um segundo número, que utilizei em último recurso, como adiante explicarei. Sugeri ainda que eu contactasse Zenália Vargas, natural de Vila do Porto, então residente em Randolph, Massachusetts, e ainda José Fernando Valério, em São Miguel — que já tinha sido apontado por Carlos Bicudo.

Dona Zenália lamentou não saber notícias do protagonista desde 2015, mas referiu que a irmã dele vivia no Canadá.

Por esta altura, eu já trocava *e-mails* com José Fernando Valério, que forneceu a suposição de que Daniel de Sá pudesse ter conhecido o protagonista, por ter apontado esta aventura nos seus livros. Daí o potencial encontro em *Ilha-América*.

Estavam reunidas as condições para escrever um romance apaixonante e, acima de tudo, fiel aos factos. Imaginei-me ao telefone com o protagonista, horas e horas, ou mesmo a entrevistá-lo presencialmente. Preparei o guião e considerei deslocar-me aos Estados Unidos da América para esse empreendimento. Estávamos num mundo pré-pandémico.

No telefonema para o primeiro número a que recorri, atenderam de uma loja de conveniência. Perguntei se não seria de uma casa particular, ao que a funcionária — mascando pastilha elástica audivelmente —, disse desconhecer qualquer passado alternativo para aquele número. Do segundo número de telefone não obtive resposta.

No dia 22 de junho de 2018 decidi arriscar contacto com o irmão mais velho. Enquanto ouvia o sinal de chamada, revivi os meses de trabalho já investidos no projeto e na investigação. Atendeu uma voz simpática e disponível. Passámos quase uma hora a conversar sobre o passado, a vida nos Açores e outras questões existenciais. Quando abordei a aventura do irmão mais novo, notei desconforto. Ele confessou-me que a família tentava contactar o irmão mais novo há quase três anos, sem sucesso. O telefone de casa tinha sido desligado.

Com a informação obtida neste telefonema, complementei a história e continuei a redigir, com base no restante material. Na minha visão, seria uma questão de tempo até chegar ao contacto com o protagonista — com a vantagem de ele mostrar-se acessível e bastante expositivo, pelo menos nas entrevistas cedidas à comunicação social até então. No entanto, a realidade foi bastante diferente: seguiram-se meses de frustração e de insucesso. O guião e as perguntas para uma suposta entrevista estavam a aumentar, enquanto a minha esperança diminuía.

Decidi dirigir esforços para as redes sociais. Nas publicações relativas a este caso, abordei desconhecidos; pessoas que afirmavam conhecer o protagonista.

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Um dos contactos foi António Ferra. Facultou-me o “Manuscrito do Pistolas”, que narrava uma tentativa de emigração análoga; aliás, episódio descrito em *Ilha-América*. Dedicou-me também a poesia da sua autoria “Cantigas de Santa Maria”, onde relata a história de «um rapaz que fugiu desta ilha escondido num trem de aterragem».

A segunda pessoa contactada nas redes sociais foi Francisco Estrela, um micalense próximo à minha família por muitos anos, atualmente morador em Fall River. Sugeriu que o protagonista vivia nos arredores de Boston, pois associava a história a alguém que chegara aos Estados Unidos num bote, colhido por um navio maior — factos de uma história paralela, disse-lhe eu.

Em terceiro lugar, contactei João Carlos Carreiro, que tivera contacto com um colega de trabalho do protagonista; porém, esse colega já falecera, o que impossibilitou obter informação adicional.

Seguiu-se o contacto com Luís Quental, furnense que informou desconhecer, nas Furnas, descendentes da família. Predispôs-se a consultar pessoas em Fall River.

Outra das tentativas pelas redes sociais foi através de Louis Melim, mariense residente em Fall River. Respondeu pacientemente a todas as minhas perguntas durante a investigação e tentou intermediar por diversas vezes, mas não era possível materializar o encontro ambicionado. Era hora de abandonar o projeto. Imaginei-me, num possível futuro, a revelar este colossal fracasso às minhas filhas.

Decorrido algum tempo, em troca de impressões com Terry Costa, diretor da MiratecArts, fui alertado para a genial série de televisão “Histórias da Terra e da Gente”, de Vasco Pernes e Rui Machado. Num dos episódios, narrava-se a aventura de um clandestino açoriano rumo à América. Contudo, a peça visava outra tentativa ocorrida a partir da Base das Lajes, envolvendo uma aeronave militar, também no ano de 1960.

Mas foi no dia 10 de fevereiro de 2019 que recebi a mensagem que me abalou os alicerces: «Caro Pedro, infelizmente já morreu em Fall River. Também precisei de falar com ele, mas cheguei tarde. Ficou a casa, em Fall River, vazia. Sobre familiares, também segundo conhecidos meus, ninguém sabe aonde param! Desculpe, mas não vou poder ajudá-lo neste pedido». O remetente tinha legitimidade para que esta informação fosse verdadeira. A minha alma adoeceu.

Poucos dias após, também por mensagem de uma outra pessoa próxima do procurado, recebi a garantia de que ele estaria vivo, mas não queria ser incomodado. Instalou-se a confusão. De qualquer forma, fiquei feliz por saber que ele ainda estava vivo. A esperança de o entrevistar ressuscitou.

E quanto ao segundo número de telefone facultado por Rosélio Reis? A senhora que atendeu começou por dizer que não falava português e que não conhecia ninguém com aquele nome, mas depois perguntou-me, com alguma impetuosidade, o motivo da minha procura. Eu disse-lhe que estava a escrever um livro e... antes de me deixar continuar, ela emitiu um «hum-hum» veemente. «I see...», acrescentou ela, e ainda enfatizou, em inglês, que eu devia ter vergonha por andar a destruir famílias. «Wrecking families» foram as palavras exatas. Desculpei-me e argumentei educadamente, mas a senhora já não estava a ouvir.

Liguei para a City Hall de Fall River, e a menina que me atendeu não encontrou informação daquele senhor. Significava que ainda podia estar vivo.

Telefonei ao Consulado de Portugal, e o senhor do outro lado foi extremamente prestável: fez uma pesquisa exaustiva nas bases de dados a que tinha acesso, começando pela portuguesa, confirmando a data de nascimento do nosso procurado e conferindo os registos estatais. Concluiu que ele podia não estar registado em Fall River.

No entanto, surgiu uma morada de alguém com o seu nome na Flórida. Apressei-me a telefonar para o número correspondente, atendendo uma senhora simpática, que informou que alguém com aquele nome vivera naquela morada, sim, mas que se tinha mudado há cerca de um ano e não tinha deixado outra morada nem contacto. Era o fim do rasto, a dissolvência das minhas esperanças.

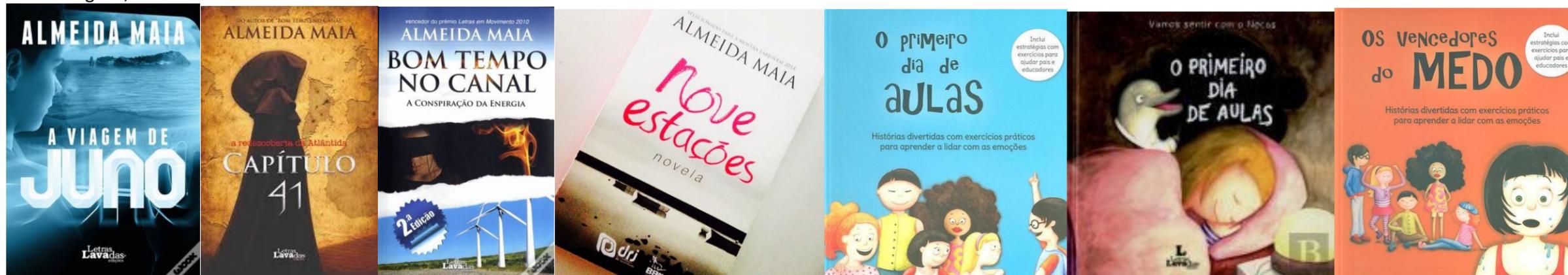
Em desalento, a 27 de novembro de 2019, liguei novamente para o irmão mais velho, que me disse que ele provavelmente teria morrido há cerca de um ano, porque soubera que andava doente, mas não tinha a certeza de onde teria falecido. Nesta segunda conversa, afirmou que desconhecia se o irmão tinha tido filhos.

Helena e Chrys Chrystello apontaram-me o contacto com João Luís Morgado Pacheco, natural da Ribeira Grande a viver em East Providence, que se dirigiu a vários meios de comunicação social, sem que, no entanto, tivesse obtido respostas concretas.

Falei com outros amigos que se prontificaram a ajudar, entre eles: Ana Loura, Diniz Borges, Francisco Melo, João Figueiredo, José Pastor, Manuela Marujo, Onésimo Teotónio Almeida, Paulo Jorge Machado e Vamberto Freitas. Mais adiante, durante a Páscoa de 2020 e após um telefonema de Carlos Bicudo, o assunto foi encaminhado para Pedro Bicudo, que me respondeu por *e-mail*, predispondo-se a contactar pessoas nos EUA provenientes das Furnas ou de Vila do Porto. Mencionou também a possibilidade de publicarmos um anúncio no *Portuguese Times* ou mesmo de contratarmos um detetive privado.

Foi quando decidi dar por terminada a busca, ou estaria a escrever o romance sobre a escrita do romance: o romance do romance. Com o mundo do avesso com um vírus, preferi colocar cá fora esta história merecedora de ser contada. Ainda bem que o fiz.

Ponta Delgada, 10 de abril de 2021



SÓCIO DA AICL

– ADJUNTO DA DIREÇÃO –

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE

PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ NO 32º GRACIOSA 2019

11.13. PEDRO PAULO CÂMARA, ESCOLA PROF. APRODAZ, ESCRITOR, AÇORES, AICL⁵



32º GRACIOSA 2019



26º LOMBA DA MAIA 2016



27º BELMONTE 2017



25º MONTALEGRE 2016



29º BELMONTE 2018



27º BELMONTE 2017



29º BELMONTE 2018



30º MADALENA DO PICO 2018



32º GRACIOSA 2019

PEDRO PAULO CÂMARA

Pedro Paulo Câmara, licenciado em Português-Inglês, pela Universidade dos Açores, com Curso de Especialização em Estudos Interculturais – Dinâmicas Insulares, também pela Universidade dos Açores, é professor desde 2003, sendo, na atualidade, coordenador do Centro de Ocupação CircumEscolar “Farol dos Sonhos” e formador, em diversas escolas privadas, das disciplinas de Português; Linguagem e Comunicação; Fundamentos de Cultura, Língua e Comunicação; Portefólio Reflexivo de Aprendizagem; Cultura, Comunicação e Media; Culturas de Urbanismo e Mobilidade; Língua Estrangeira - Inglês (Iniciação e Continuação) e Aprender com Autonomia.

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Desde Setembro de 2019 leciona Inglês na Academia Sénior da Universidade dos Açores.

É mestre em Estudos Portugueses Multidisciplinares, com a classificação de 19 valores, por unanimidade, com a dissertação *Violante de Cysneiros: o outro lado do Espelho de Armando Côrtes-Rodrigues?*

É autor das obras *Perfumes* (Poesia, 2011); de *Saliências* (Poesia, 2013), do romance histórico *Cinzas de Sabrina* (2014), *Na Casa do Homem Sem Voz* (Poesia, 2016), sendo a sua mais recente colaboração em coletâneas a *Luz de Natal*, da Editora Sui Generis.

Participou, anteriormente, na coletânea *Entre o Sono e o Sonho*, da Chiado Editora, em 2013, em *O Lado de Dentro do Lado de Dentro*, projeto que visa a promoção da leitura em ambiente prisional, em 2015, em *Coletânea Literária I* da Academia de Letras e Artes de Portugal e em *O Livro da Amizade*, uma obra que visa promover a aproximação literária entre os Arquipélagos da Madeira e Açores.

É culturalmente bastante ativo, tendo dinamizado diversos encontros literários e conversas literárias dentro e fora da Região Autónoma dos Açores.

Apresentou, ainda, diversas obras de escritores regionais e nacionais e é autor de diversos prefácios, sendo que é frequentemente convidado para realizar palestras em escolas.

Durante o período da sua existência, foi colaborador da revista poética *A Chama – Folhas Poéticas*.

Ainda no que diz respeito a revistas, em 2017, foi convidado a participar na revista *Sem Equívocos*, e, ainda, em 2017, assinou uma crónica quinzenal na *Bird Magazine*.

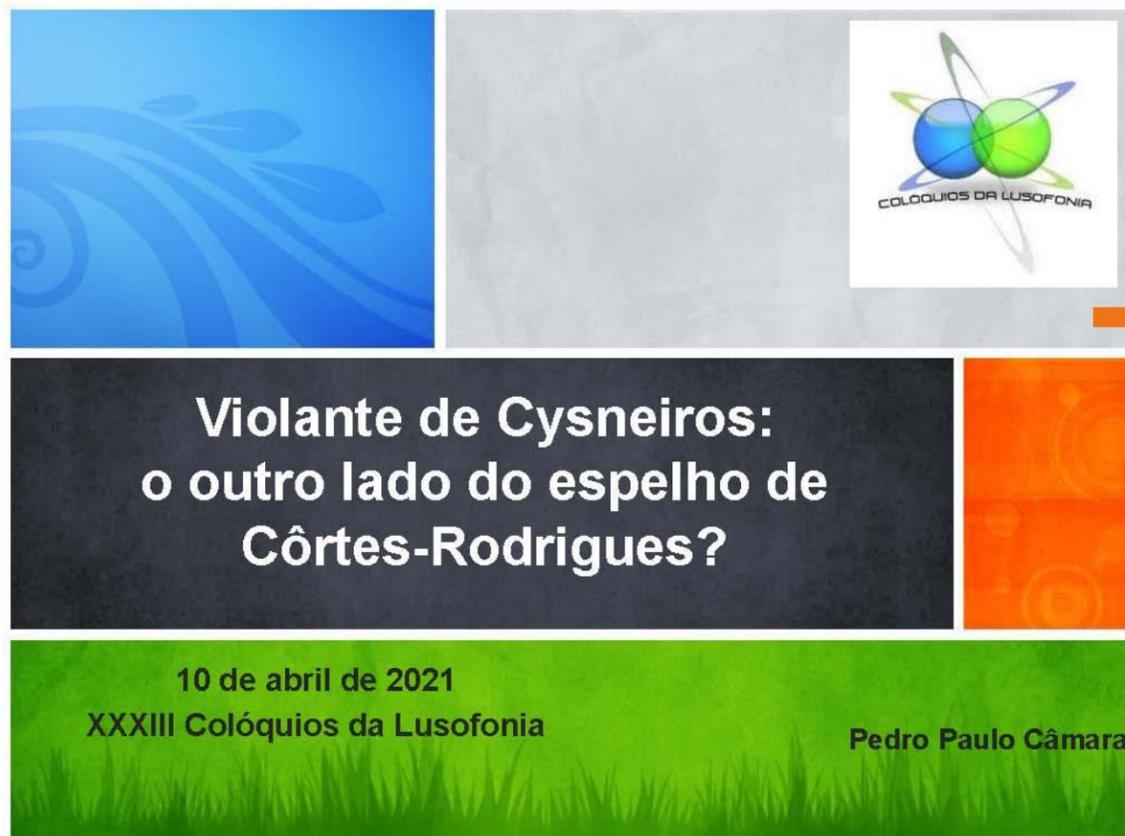
Em 2011, foi galardoado com a menção honrosa no Concurso Aveiro Jovens Criadores, na área de Literatura, com o conto “*Madrugadas*”, pela Câmara Municipal de Aveiro, e, em 2013, foi o vencedor do concurso regional DiscoverAzores, promovido pela MiratecArts, com o conto *(Re)Descobrir Açores*, sendo que, desde então, colaborou na organização de várias iniciativas no Azores Fringe Festival e tem participado em diversos eventos do mesmo. Em 2018, foi o vencedor do Concurso Literário “*Até que a Vida nos Separe*”, promovido pela editora Papel d’Arroz, com o conto “*Não te quero Assim*”.

Em 2016 foi reconhecido pela Junta de Freguesia de Ginetes, na Gala “*Prémios Evidência*”, na categoria Arte, com atribuição de Troféu, em reconhecimento pelo “importante contributo na dinamização cultural e promoção cultural local e regional”. Em 2016, recebeu, ainda, a distinção Cruz de São Jorge – 3ª classe – Bronze, do Corpo Nacional de Escutas, em reconhecimento pelos serviços prestados. É, desde 1993, membro do Agrupamento 1065 – São Sebastião, do Corpo Nacional de Escutas, tendo assumido, em 2015 as funções de Chefe de Agrupamento, imprimindo uma nova dinâmica ao Agrupamento.

Foi, em 2014, colaborador do magazine local *O Poente* e, nos anos de 2014, 2015 e 2016, o coordenador dos saraus poéticos “*Vozes de Lava*”.

De 2006 a 2010 foi membro da Assembleia de Freguesia de Ginetes e membro da Direção da Casa do Povo de Ginetes.

É, atualmente, também, o mentor da iniciativa socioeducativa e artística *Cadernos de Atividades de Extensão e Dinamização Cultural*, na freguesia de Ginetes, projeto este que visa promover o espírito de comunidade e educar pela arte. Foi, em 2017, representante, em São Miguel, da Chiado Editora. Desde 2015, é membro da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, tendo sido em 2017, secretário do Conselho Fiscal. Em 2018 passou a assumir funções de Adjunto da Direção, tendo apresentado, já, diversas comunicações nos Colóquios organizados pela Associação e sido responsável pelos serviços de Secretariado dos mesmos Colóquios. Tem desempenhado funções, ainda, de moderador de diversos painéis. É, desde julho de 2017, Académico Correspondente da Academia de Letras e Artes de Portugal, vulgo ALA, com sede em Cascais. É, desde abril de 2018, Académico da Sociedade Brasileira de Poetas Aldravianistas.



**Violante de Cysneiros:
o outro lado do espelho de
Côrtes-Rodrigues?**

10 de abril de 2021
XXXIII Colóquios da Lusofonia

Pedro Paulo Câmara

APRESENTA A SUA MAIS RECENTE OBRA “*Violante de Cysneiros - o outro lado do espelho de Côrtes-Rodrigues*”

Quem é quem?



Armando Côrtes-Rodrigues
(1891, Vila Franca do Campo
-1971, Ponta Delgada)



"[...] um anónimo ou anónima
que diz chamar-se Violante de
Cysneiros" (*Orpheu 2*)

Objetivos:

- ▶ Realçar uma visão que se crê em falta para com o autor Armando Côrtes-Rodrigues e para com a sua escrita, e, em especial, para com Violante de Cysneiros;
- ▶ analisar as diferenças temáticas e formais entre os poemas publicados em *Orpheu 2* e os restantes textos dispersos pelo *O Autónomico*, pelo *Folha de Angra* e pelo *A Actualidade*;
- ▶ contribuir para a compreensão do papel de Violante no movimento órfico, mas, também, a prolongação da sua existência literária para além deste...

Violante de Cysneiros: pseudónimo
ou heterónimo?



Anabela Almeida:

As constantes de Orpheu na obra de Côrtes-Rodrigues, (2014)
Armando Côrtes-Rodrigues, Vida e Obra do Poeta Açoriano de Orpheu (TRL) (2019)

Anna Klobucka:

"A mulher que nunca foi: para um retrato bio-gráfico de Violante de Cysneiros" (1990)
"A propósito de Violante de Cysneiros: Orpheu, Nova Sapho e as poéticas e políticas de género no Modernismo português" (2015)

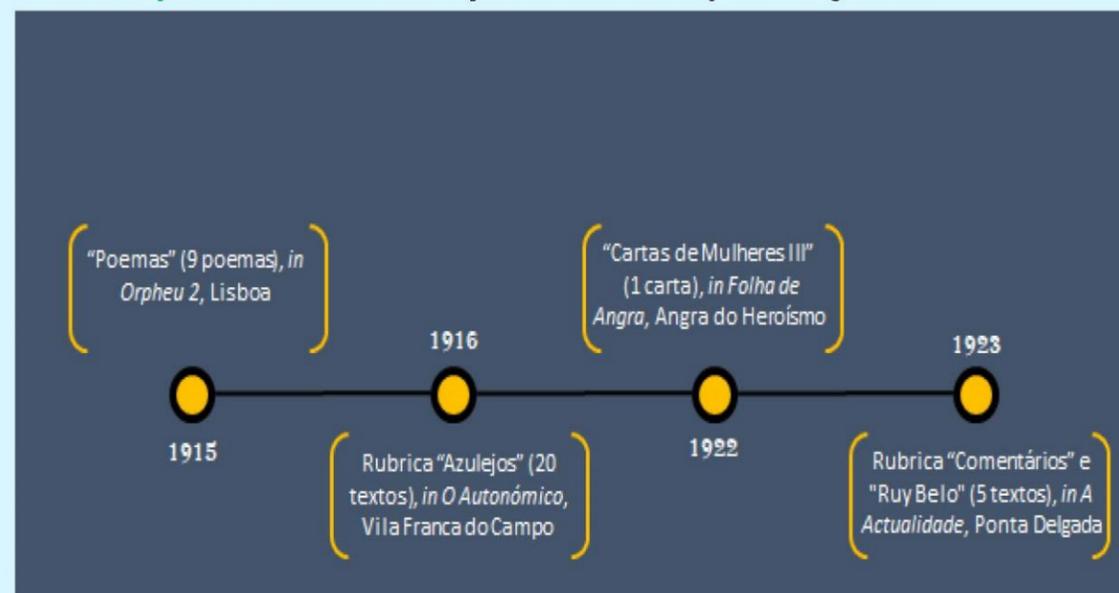
Alfredo Margarido:

"Uma carta quase inédita de Violante de Cysneiros" (1990)

Eduíno de Jesus:

Antologia de poemas de Armando Côrtes-Rodrigues (1956)

O Corpus? Violante de Cysneiros: suas publicações...



Como?

Em *Orpheu 2...*

A Álvaro de Campos, o Mestre
Ao Sr. Mário de Sá Carneiro
Ao Sr. Fernando Pessoa
Ao Sr. Alfredo Pedro Guisado
Ao Sr. Côrtes-Rodrigues
A mim própria, de há dois anos

Violante assinala a participação feminina na revista, ainda que forjada*...

Papel: unificar o grupo de homenageados pelos seus poemas (e por consequência todo o grupo órfico)

...alimentar, a *“atmosfera de expectativa, já antecipadamente irascível ou entusiasta [...] em que ia cair o segundo número da revista.”* (KLOBUCKA, Anna; 1990:104).

“Nada porém foi possível incluir de Cortes-Rodrigues, que é directamente de Orpheu, e os poemas de cuja personalidade inventada, Violante de Cysneiros, são uma maravilha subtil de criação dramática.”

“Aqui lhe deixamos, num abraço, a expressão da nossa camaradagem de sempre; e o perpetrador destas linhas, velho amigo seu, acrescenta a ela o desejo de que Cortes-Rodrigues se não embrenhe demasiado, como de há tempos se vai **embrenhando, no catolicismo campestre, pelo qual facilmente se aumenta o número de vítimas literárias da pieguice fruste e asiática de S. Francisco de Assis**, um dos mais venenosos e traiçoeiros inimigos da mentalidade ocidental!”

Textos de Crítica e de Intervenção . Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1980. - 227

Sudoeste

“Nós os de Orpheu”

**Análise do que os dados sugerem...
uma dúvida alimentada...**

Assim...

no *O Autónomico*
no *Folha d'Angra*
no *A Actualidade*

Violante reflete o (para Pessoa) indesejado (um adeus à sensualidade)...

- Forte pendor religioso (teor franciscano).
- Forte inclinação regionalista.

“«Tinha-me negado a dar qualquer poema, com receio de que isso me trouxesse complicações no exame do fim do ano. O Dr. Adolfo Coelho, meu mestre, que morava em Paço de Arcos, era meu companheiro de comboio entre Algés e Lisboa e, se vínhamos ao pé um do outro, levava toda a viagem a desancar impiedosamente os do Orpheu. Foi então que Fernando Pessoa, que muito frequentemente me recomendava a duplicação de personalidade (a frase era dele), sugeriu que arranjasse um **pseudónimo** de mulher, achando até excelente que aparecesse uma colaboração [feminina] entre tantos poetas, guardado o costumado sigilo para provocar maior curiosidade. E foi ele quem escolheu o nome» (*O Primeiro de Janeiro*, 1953:3).

«O próprio Côrtes-Rodrigues, todavia, em 1960, numa das muitas entrevistas que concedeu ao longo da vida, justifica a criação de Violante com o seguinte argumento: “O interesse de um nome feminino que espicaçasse a curiosidade pública e quebrasse a monotonia da revista no aspeto da sua colaboração só masculina” teria sido a razão que “fez com que Pessoa idealizasse esse **heterónimo**. Aceitei-o porque me agradava a sonoridade mediévia do nome”.» (*Exposição Orpheu 100 anos – “Nós, os de Orpheu”*)

Porém...

Ainda os dados...

- » **Não** se verifica, na criação de Violante, uma atitude de duplicação emocional, psicológica, ideológica ou estética.
- » **Não** se verifica o reaproveitamento adulterado, em movimento original de desprendimento, de um determinado elemento textual previamente apresentado, com vista a uma original interpretação.
- » **Verifica-se, sim**, uma atitude perene de conservação ininterrupta; uma postura textual de continuidade, pelo reforço conceptual de perspetivas, embora assinadas por um nome alternativo, que não revela plasticidade suficiente que fomente distanciamento relativamente ao eu-criador, assumindo, portanto, uma posição sólida de perpetuidade.
- » “[...] a empresa heteronímica [...] equivalia à total negação do eu como sujeito coeso e estável — atitude de máximo radicalismo dentro do Modernismo português e europeu” (ZENITH, Richard, 1997).

Assim...

...não há antagonismo, desdobramento ou afastamento formal e temático entre Violante e Côrtes-Rodrigues. Completam-se...

Conclusões :



Não se assiste, ao contrário do que ocorre em Pessoa, ao desdobramento do "eu", pela multiplicação de identidades.



...**concêntrica coesão temática e quase unidade formal, dos textos assinados por Côrtes-Rodrigues e Violante.**

“obra pseudónima é do autor em sua pessoa, salvo no nome que assina; a heterónima é do autor fora da sua pessoa, é de uma individualidade completa fabricada por ele, como seriam os dizeres de qualquer personagem de qualquer drama seu” (FEIJÓ, António, 2015:19).

Se consideramos que alguns dos *personagens* de Côrtes-Rodrigues nascem e se revelam assaz próximos da sua própria **postura moral**, revelando, vários deles, **características doutrinárias, éticas, sociais e ideológicas e estético-formais** que sobremaneira os harmonizam, permitimo-nos afirmar que esta proximidade também ocorre com Violante.

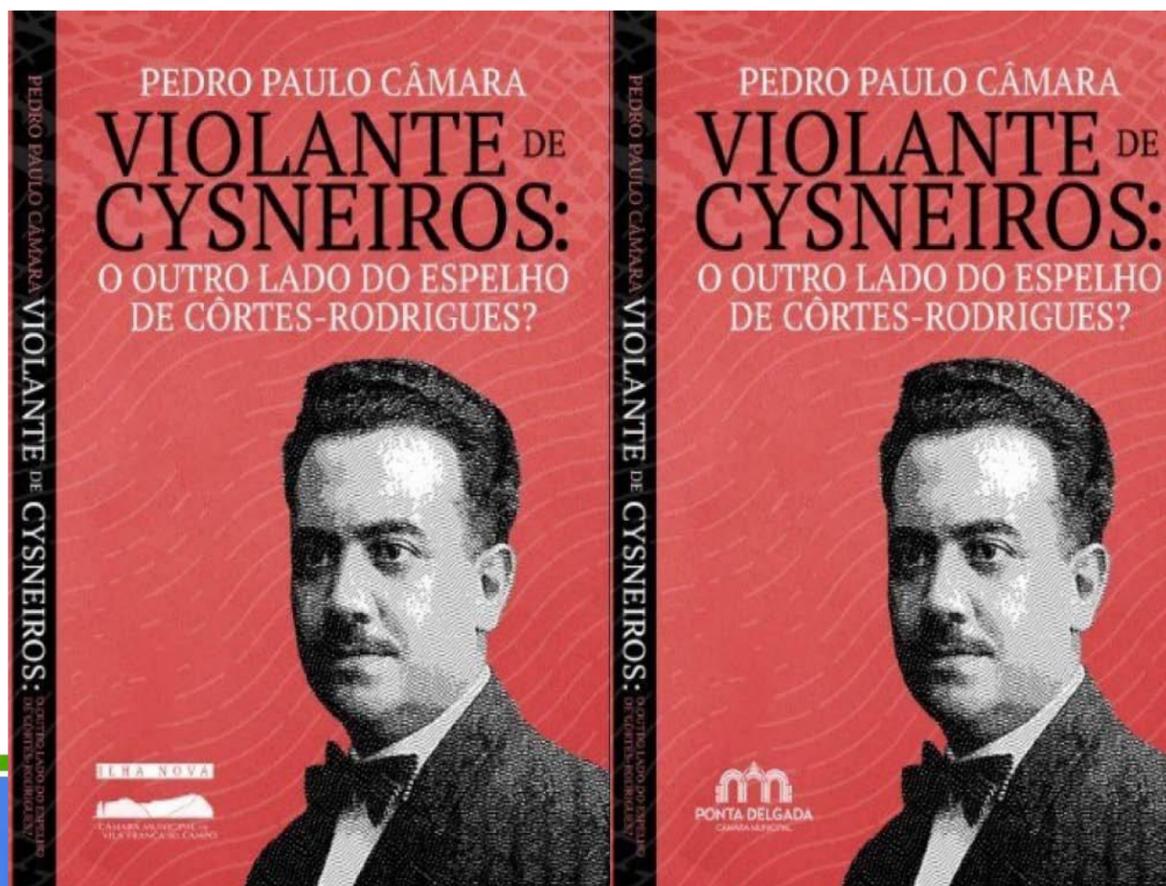
Recomendações:

Uma vez que... “[o] ato artístico concretizado de criação de pseudónimos não é alheio a Côrtes-Rodrigues já que se conta cerca de uma dezena de nomes fictícios por si gerados e que surgem em diversos jornais [...]” (CÂMARA, Pedro; p. 38)

- » Rusticus
- » Simão de Vilanova
- » Severo (de) Verdade(s)
- » Ninguém
- » A
- » X (1910)
- » Cesário Negro (1912)

► **Ampliar a investigação sobre os restantes pseudónimos de Armando Côrtes-Rodrigues.**

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/9040>





Violante de Cysneiros: o outro lado do espelho de Côrtes-Rodrigues?

“Escrever é cavar!” (*Cântico das Fontes*, ACR, 1934)

Obrigado!

Pedro Paulo Viveiros Câmara

SÓCIO DA AICL.

– VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL, –

MEMBRO DA COMISSÃO EXECUTIVA, FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO. –

SECRETÁRIO DO CONSELHO FISCAL DA AICL.

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE

PARTICIPOU NO 22º COLÓQUIO SEIA 2014, NO 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO, 29º BELMONTE 2018, 30º NA MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019

11.14. RAUL LEAL GAIÃO, INVESTIGADOR ⁶

RAUL LEAL GAIÃO, É mestre em Língua e Cultura Portuguesa - Estudos Linguísticos pela Universidade de Macau (UM).



22º SEIA 2014



26º LOMBA DA MAIA 2016



LICENCIADO EM FILOSOFIA PELA UNIVERSIDADE DE LISBOA E EM CIÊNCIAS



28º VILA DO PORTO 2017



30º MADALENA DO PICO 2018



19º MAIA 2013

Literárias pela Universidade Nova de Lisboa.

Lecionou Filosofia e Psicologia no Ensino Secundário e Sintaxe, Semântica e Morfologia, Língua Portuguesa, Técnicas de Expressão do Português no Ensino Superior.

Colaborou na elaboração de dicionários da língua portuguesa: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (Verbo, 2001), Dicionário Houaiss da Língua portuguesa (Editorial Objetiva, 2001; Círculo de Leitores, 2002), Dicionário Global da Língua Portuguesa (LIDEL, 2014). Tem efetuado investigação na área do crioulo de Macau - falar macaense, bem como noutros temas ligados a Macau.

Em 2011 no 15º colóquio em MACAU iniciou o projeto dos missionários açorianos no Oriente.

Tema Açorianos em Macau: José Silveira Machado

José Silveira Machado, nascido em S. Jorge, Açores (1918-2007), rumou ao Oriente com destino a Macau, onde desenvolveu a sua atividade profissional como funcionário público, professor, jornalista e dirigente desportivo. Integrado na sociedade macaense, a sua atividade como animador cultural focou-se na defesa da língua portuguesa, na divulgação da cultura lusa e nos aspetos específicos da cultura macaense, preocupações refletidas no seu património escrito. Neste texto, pretendemos abordar o seu percurso singular em Macau.

Trabalho final não-recebido

É SÓCIO DA AICL

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE

- PARTICIPOU EM MACAU NO 15º EM 2010, NO 16º EM SANTA MARIA 2011, 17º NA LAGOA E 18º GALIZA 2012, 19º NA MAIA 2013, 20º EM SEIA 2013, 22º EM SEIA 2014, E 23º NO FUNDÃO 2015, MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA 2016, VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018 E 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019,

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

11.15.ROLF KEMMLER, ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA, UTAD VILA REAL – ALEMANHA

ROLF KEMMLER, Nascido em Reutlingen (Alemanha) em 23 setembro de 1967, Rolf Kemmler atualmente é professor auxiliar convidado (60%) na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real), membro integrado e Secretário do Centro de Estudos em Letras (CEL) da UTAD. É agregado em Ciências da Linguagem pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro desde 9 de abril de 2014 e possui dos graus de doutor. Desde 6 de julho de 2005 é *Doktor der Philosophie* (Dr. phil.) pela área das Ciências da Linguagem e da Literatura Universidade de Bremen (Alemanha).

Recentemente, em 9 de novembro de 2018, defendeu com máximo sucesso na Universidade de Vigo (Galiza) a sua tese de doutoramento dedicada aos inícios da aprendizagem e do ensino do alemão em Portugal. A sua formação académica básica na Eberhard-Karls-Universität Tübingen (Alemanha) terminou com o grau de *Magister Artium* (M.A.) em Filologia Românica em 1997.

Com vasto número de publicações originais desde 1996, que se debruçam sobretudo a questões pertencentes à historiografia linguística, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI até ao século XXI e da história das tradições gramaticográficas portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVI-XIX. Mais recentemente, tem-se dedicado ainda ao estudo de aspetos da literatura de viagens anglófona novecentista sobre os Açores e à investigação sobre a aprendizagem e o ensino das línguas modernas em Portugal (línguas alemã, francesa e inglesa).

Sócio Correspondente Estrangeiro da Academia das Ciências de Lisboa, pertence ainda a um número considerável de associações e agremiações científicas de relevo nacional e internacional, sendo sócio do Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ponta Delgada, São Miguel, Açores), do Instituto Açoriano de Cultura (Angra do Heroísmo, Terceira, Açores).

É sócio fundador da Associação Alemã de Lusitanistas (Frankfurt, Alemanha) e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (Lomba da Maia, São Miguel, Açores).

Curriculum Vitæ na plataforma CiênciaVitae: <https://www.cienciavitae.pt/pt/E316-9F0E-D494> / Curriculum Vitæ na plataforma ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4389-6551>



MONTALEGRE 2016



MACAU 2011



BELMONTE 2017



GALIZA 2012



28º VILA DO PORTO 2017



20º SEIA 2013



24º GRACIOSA 2015



19º MAIA 2013



25º MONTALEGRE 2016



32º GRACIOSA 2019



19º MAIA 2013

1 Introdução

Não obstante de termos oferecido as respetivas referências bibliográficas no nosso levantamento preliminar dos elementos da literatura de viagens anglófona sobre o arquipélago açoriano (Kemmler 2012), foi só muito recentemente que conseguimos obter acesso a um exemplar do raríssimo opúsculo *Happy Days: a Summer Tour to the Azores and Lisbon* (1880) que a professora e editora americana Marianna Gibbons (1846-1929) publicou como coleção monográfica de cartas que inicialmente tinha publicado no diário *The Times* de Filadélfia (Pensilvânia).

Na parte principal do seu opúsculo, a autora relata a sua estada no arquipélago, no breve período entre 8 e 30 de julho de 1879, narrando ainda uma brevíssima visita a Madeira, Lisboa e Sintra em inícios de agosto do mesmo ano. Ao seguir nas nossas outras investigações sobre a literatura de viagens anglófona oitocentista, pretendemos identificar as observações mais relevantes que esta autora tece sobre a ilha de São Miguel e os seus habitantes.

2 A autora Marianna Gibbons (1846-1929)

Marianna Gibbons nasceu no dia 6 de dezembro de 1846 na quinta *Beechdale Farm* que a sua família possuía no lugar de Bird-in-Hand, Upper Leacock Township, Lancaster County, Pennsylvania, em pleno espaço rural dos anabatistas 'Amish' e dos 'Menonitas', sendo filha do médico Joseph Gibbons (1818-1883)⁵ e da sua mulher Phebe Hussey Gibbons (1821-1893).⁶ Tanto os pais, como os cinco filhos, dos quais Marianna era a mais velha,⁷ pertenciam à igreja dos 'Quakers', também conhecidos como *Religious Society of Friends* ou simplesmente como *Friends*. Ao comprometerem-se com a simplicidade e a paz, Quakers regulam-se através dos princípios da solidariedade, da filantropia e do pacifismo, o que leva ao facto de um grande número de Quakers estarem envolvidos na abolição da escravatura ou mesmo na libertação de escravos.

Existe um breve obituário de Marianna Gibbons, que convém reproduzir em seguida:

BRUBAKER--On the fifth month 6, at her home near Bird-in-hand, Lancaster County, Pennsylvania, Marianna Gibbons Brubaker, widow of Oram Brubaker, in her 83 year.

She was the oldest child of Joseph and Phebe Earle Gibbons, and granddaughter, of Daniel and Hannah Wierman Gibbons and of Thomas and Mary Hussey Earle. She took two degrees at the Millersville State Normal School in 1870 and '71 and taught at Friends School at Haverford and Germantown, also in private work for Marianna Longstreth. She was an editorial writer on the PHILADELPHIA PRESS and assistant to its founder, John W. Forney, later editorial worker on the TIMES. She also appeared on the platform, speaking on Friendly matters.

Upon the founding of the FRIENDS JOURNAL, by her father in 1872, she became and remained its editor, till his death in 1883, when it was consolidated with the INTELLIGENCER. Much of this effort was hers, her father having been stricken with apoplexy shortly after its inception.

Later in life she was deeply concerned and very active in the W. C. T. U. and its labor against war and for the welfare of the Negroes. Her interest in the latter, was in a sense an inheritance, her birth place having been a "station" on the "Underground Railroad," and her maternal grandfather Vice-Presidential candidate on the "Liberty Party" in 1840.

She Edited HISTORY OF UNDERGROUND RAILROAD, IN CHESTER AND THE NEIGHBORING COUNTIES OF PENNSYLVANIA, by R. C. Smedley, Edited by Robert Purvis & Marianna Gibbons, 1883, Reprinted 1968 by Negro University press, New York.

Her brother, Daniel Gibbons, of Brooklyn, New York, survives her (*Friends Intelligencer* Fifth Month 18, 1929, em: FindAGrave 2008b).⁸

Segundo este esboço biográfico, a nossa autora terá estudado na então *Millersville State Normal School* (fundada em 1855 como *Lancaster County Normal School*),⁹ hoje *Millersville University of Pennsylvania*. Na sua vida profissional, destaca-se sua atividade como professora nas escolas dos *Quaker* nos arredores de Filadélfia que ainda existem hoje, nomeadamente na *Friends School Haverford* em Haverford, PA (1885) e na *Germantown Friends School* em Germantown, PA (1845).

***Sócio Correspondente Estrangeiro da Classe de Letras da *Academia das Ciências de Lisboa* (ACL) e investigador do *Centro de Estudos em Letras* (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). O CEL é uma unidade de investigação financiada pela *Fundação para a Ciência e a Tecnologia* (UID/LIN/00707/2020).

⁵ Também natural de Bird-in-Hand, Joseph Gibbons era filho do agricultor Daniel Gibbons (1775-1853), ainda hoje lembrado por causa da sua mentalidade abolicionista e da sua participação ativa na *Underground Railroad* ['Ferrovia Subterrânea'], cujo propósito era o auxílio à fuga de escravos fugitivos (veja-se, por exemplo, Calarco (2008:333) e Calarco / Vogel / Grover / Hallstrom / Pope / Waddy-Thibodeaux 2010: 144, 148, 310, 312, 314). Para um breve resumo biográfico sobre o pai da nossa autora, veja-se a entrada no segundo volume do *Appletons' Cyclopaedia of American Biography* de James Grant Wilson (1832-1914) e John Fiske (1842-1901):

«GIBBONS. Joseph, philanthropist, b. near Lancaster, Pa., 14 Aug. 1818; d. there, 9 Dec. 1883. He was of a family of English Quakers who came from Wiltshire about the time of Penn's settlement of the colony. He was graduated at Jefferson medical college in 1845, and in the same year married Phebe, eldest daughter of Thomas Earle, who was the first candidate of the Liberty party for vice-president of the United States in 1840, the presidential candidate being James G. Birney. Dr. Gibbons's life was chiefly identified with the practical side of the anti-slavery movement. He was instrumental with his father in aiding over 1,000 runaway slaves to freedom by the system quaintly known as the "Underground railroad". [...] Dr. Gibbons was also an earnest temperance advocate, and did much to popularize the public school system of Pennsylvania in its infancy. He was regarded as one of the founders of the Republican party in his native state [...]. He established the "Friends' Journal" in 1873 and, though partially deprived of speech by apoplexy soon afterward, conducted it until his death» (Wilson / Fiske 1892, II, 637). Veja-se também a biografia mais extensa em Meginness (1903: 659-660). Joseph Gibbons foi sepultado no cemitério *Lampeter Friends Meeting House and Burial Ground*, Lancaster County, Pennsylvania (FindAGrave 2009a).

⁶ Veja-se o seguinte trecho biográfico que Harris (1877: 234) ainda publicou em vida da mãe da nossa autora: «GIBBONS, MRS. PHOEBE EARLE, a lady of literary tastes, was born in Philadelphia, August 9th, 1821. Her father, Thomas Earle, was a man of great note in his day, and in 1840 was the first candidate of the Liberty party for Vice President. The subject of this sketch was well educated in select schools in Massachusetts, and taught in Mr. Picot's French school in Philadelphia and elsewhere for some years. In 1845 she was married to Dr. Joseph Gibbons of Lancaster county. In 1861 she began the study of Greek, with Professor William M. Nevin, of Lancaster. A portion of the *Odyssey*, translated by her was published in the *Ladies' Friend* of Philadelphia. A small medical work was translated by her from the French, for Lindsay and Blakiston, which was published in 1866. She has also translated a portion of the *Herman and Dorothea* of Goethe. At different times she has written articles for magazines. In 1872 she published a small volume, entitled "Pennsylvania Dutch", a portion of which originally appeared in the *Atlantic Monthly*. Mrs. Gibbons is an active member of the Lancaster Linnaean Society. She is a lady of varied acquirements and marked intellectual capacity». São conhecidas as duas coletâneas de ensaios, intitulados *Pennsylvania Dutch and other essays* (Gibbons 1872) e *French and Belgians* (Gibbons 1879) – curiosamente esta última obra é uma descrição dos habitantes da França e da Bélgica que a mãe da nossa autora observou no âmbito de uma viagem aos dois países em 1878.

⁷ Veja-se a genealogia de Earle (1888: 348). Tendo a segunda irmã Hannah C. Gibbons (1851-1860) falecido na infância, os restantes irmãos Caroline Gibbons (1848-1900), Frances Gibbons Pusey (1852-?) e Daniel Gibbons (1860-1929) chegaram até à idade adulta. Hannah e Daniel foram sepultados no mesmo cemitério como o pai (cf. FindAGrave 2008a, 2009) e Caroline foi sepultada junto com o seu marido no cemitério *Wilmington and Brandywine Cemetery* em Wilmington, New Castle County, Delaware (cf. FindAGrave 2014).

⁸ Millersville ainda fica em Lancaster County, mais ou menos em meia distância entre Gettysburg e Filadélfia.

⁹ Trata-se de um obituário publicado na revista *Friends Intelligencer* (Fifth Month 18, 1929) págs. 401-402. Infelizmente, ainda não conseguimos ter acesso ao texto original daquele artigo.

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Parece, no entanto, evidente, que terá adquirido mais notoriedade como jornalista nos jornais diários filadelfienses *The Philadelphia Press* (1857-1920) e *The Times* (1875-1902). No que respeita à atividade como editora auxiliar do semanário *The Journal: A Paper Devoted to the Interests of the Society of Friends* (1872-1883), de que era proprietário o próprio Joseph Gibbons, **10** nada conseguimos apurar. Seja como for, o censo de 1880 menciona tanto o pai Joseph Gibbons como a filha Marianna como 'Editor', ao passo que a mãe é referenciada como 'Author' e as duas irmãs Caroline e Frances como 'at Home' (1880, June, 17: fol. D40). **11**

Em 17 de junho de 1879, Marianna Gibbons requereu um Passaporte «[...] to Fayal, Azores Islands» que lhe foi conferido dois dias a seguir. Segundo pedido de passaporte, a nossa autora, aos 32 anos de idade era de estatura pequena (com ca. 158,75 cm de altura), tinha a testa alta, olhos azuis, o nariz direito, a boca natural, o queixo e a cara redondos, cabelo castanho e era de aparência normal:

No. 13243 Issued June 19/79

Printed and sold by John C. Clark & Sons, 230 Dock St., Philadelphia.

UNITED STATES OF AMERICA.

State of Pennsylvania }
County of Lancaster } ss.

I, Marianna Gibbons, do solemnly affirm that I was born in the State of Pennsylvania, on or about the 6th day of December, 1846, that I am a NATIVE AND LOYAL CITIZEN OF THE UNITED STATES, and about to travel abroad to Fayal, Azores Islands.

Subscribed to before me, this 17th day of June, 1879.

J. L. Lytle
Notary Public.

I, William G. Gibbons of Wilmington Del^a, do swear that I am acquainted with the above-named Marianna Gibbons and with the facts stated by her, and that the same are true, to the best of my knowledge and belief.

Sworn to before me, this 17th day of June, 1879.

Wm. G. Gibbons
Notary Public.

Description of Marianna Gibbons.

Age: 32 years.	Mouth: natural.
Stature: 5 feet 2 1/2 inches, Eng.	Chin: full
Forehead: high	Hair: brown
Eyes: blue	Complexion: fair
Nose: straight	Face: full.

I, Marianna Gibbons, do solemnly affirm that I will support, protect, and defend the Constitution and Government of the United States against all enemies, whether domestic or foreign; and that I will bear true faith, allegiance and loyalty to the same, any ordinance, resolution, or law of any State, Convention, or Legislature to the contrary notwithstanding; and further, that I do this with a full determination, pledge, and purpose, without any mental reservation or evasion whatsoever; and further, that I will well and faithfully perform all the duties which may be required of me by law. So help me God. So I affirm.

Subscribed to before me, this 17th day of June, 1879.

J. L. Lytle
Notary Public.

Marianna Gibbons

The above affidavits and oath of allegiance must be attested by a Notary Public, or other officer authorized to administer oaths, whose signature must ALWAYS be accompanied by his OFFICIAL SEAL or the CERTIFICATE OF THE COURT as to his official capacity. When husband, wife, minor children, and servants, expect to travel together, a single passport for the whole will suffice. For any other person in the party a separate passport will be required.

Address DEPARTMENT OF STATE, PASSPORT BUREAU.

(1879, June 17)

10 Veja-se o anúncio publicitário dedicado a *The Journal* no fim de Smedley (1883: [!]) que começa a justificar a publicidade com as seguintes palavras: «The Journal is now nearing the middle of its eleventh volume. Its conductors consider this a fitting time and opportunity at which to urge its claims to recognition and support upon Friends. They feel at liberty so to do because they have, to the best of their ability, made it a paper worthy of such recognition and support; such a paper, in fact, as should be in every Friend's family».

11 Ainda em 1870, o censo (1870, July, 19: fol. 36) regista que o pai ainda estava a exercer a profissão de médico ('Physician') e a mãe de dona de casa ('Keeping house'). Se Marianna não foi referida, parece que terá residido perto da escola normal onde se formaria pouco depois.

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Afirma o obituário que Marianna Gibbons terá sido ativa na *Woman's Christian Temperance Union* (1873; União de Temperança das Mulheres Cristãs). Além disso, ela dedicou-se também ao pacifismo e ao bem-estar dos seus concidadãos afro-americanos recentemente libertados. Sendo ainda registada como mulher solteira na companhia de duas sobrinhas e de uma empregada no âmbito do décimo segundo censo (1900, June, 1: fols. B1-B2), foi em 15 de janeiro de 1902 que Marianna Gibbons contraiu matrimónio com o viúvo Oram David Brubaker (1862-1929).

Depois de o seu marido ter falecido a 12 de Março de 1929, Marianna seguiu-o pouco menos de dois meses depois, devido a uma hemorragia cerebral na idade de 82 anos (1929, 6 de Maio). Os cônjuges foram sepultados lado a lado no cemitério *Bird in Hand Methodist Cemetery* (FindAGrave 2008b, 2010).

Para além do opúsculo em que documentou a sua passagem pelo arquipélago açoriano, as únicas publicações independentes que conseguimos identificar estão relacionados com a história da 'Ferrovia Subterrânea' na sua área. Em primeiro lugar, ficou incumbida de tomar conta da edição da obra *History of the Underground Railroad in Chester and the Neighboring Counties of Pennsylvania*, uma obra de XXIV, 407, [I] páginas, cujo manuscrito o autor Robert Clemens Smedley (1832-1883) já não conseguira publicar antes de falecer. Com efeito, a obra foi impressa em junho de 1883 na oficina do *supra* mencionado semanário *The Jornal*, tendo a nossa autora colaborado nos trabalhos da edição com o conhecido abolicionista Robert Purvis (1810-1898).

Décadas mais tarde, já sob o nome de Marianna Gibbons Brubaker, a nossa autora publicou o artigo «The Underground Railroad» no periódico histórico *Papers read before the Lancaster County Historical Society* (Brubaker 1911).

3 *Happy Days: a Summer Tour to the Azores and Lisbon (1880)*

Com apenas 41 páginas, o opúsculo *Happy Days: a Summer Tour to the Azores and Lisbon*, foi impresso em 1880 pelo tipógrafo e político John Andrew Hiestand (1824-1889; cf. Dodge / Koed 2005: 1248) em Lancaster. Como a autora informa no rosto, as suas experiências foram «described in a series of Letters, written for the Times» (Gibbons 1880: [1]), ou seja, trata-se de um empreendimento jornalístico em que Marianna Gibbons escreveu para publicação no diário *The Times* em Filadélfia.

As seis cartas, datadas de 17 de julho a 8 de agosto de 1879 foram redigidas em Ponta Delgada, no Funchal e em Lisboa e são intituladas como se segue:

Data	lugar	páginas	título
17 de julho	Ponta Delgada	[5]-12	THE AZORES. A LIVELY SHIP S COMPANY AND WHAT THEY DID.
24 de julho	Ponta Delgada	12-18	AZOREAN GARDENS. SWEET ROSES THAT BEAT THE WORLD.
30 de julho	Ponta Delgada	18-24	ANOTHER DONKEY RIDE. MORE GARDENS – MANNERS OF THE PORTUGUESE PEASANTRY, ETC.
8 de agosto	Funchal	24-29	FLOWERS. THE VALLEY OF THE FURNAS – THE SEVEN CITIES –MADEIRA.
5 de agosto	Lisboa	30-36	LISBON. THE TRIP TO CINTRA.
8 de agosto	Lisboa	36-41	FAREWELL TO CINTRA. PORTUGUESE POLITICS.

A obra tem a seguinte dedicatória: «To the Honorable Senhors Manoel Pedro Furtado d'Almeida, of Flores, Joao Leite da Gama, and Filigenio d'Andrade Albuquerque Bettencourt, of St. Michael's, Azores, companions in the trip to Cintra; to whom are owed so many of these "Happy Days." this little work is affectionately inscribed by the Author» (Gibbons 1880: [3]). É desta forma que a autora dedica o seu opúsculo aos seus companheiros de viagem, o florentino Manuel Pedro Furtado de Almeida, 1º visconde de Vale da Costa (1844-1914) e os micalenses João Leite da Gama e Filigénio de Andrade Albuquerque Bettencourt, sobre os quais nada mais conseguimos apurar.

O opúsculo, de que se conserva um exemplar na livraria de Ernesto do Canto (1831-1900) na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, é raríssima, pelo que não admira que até agora não seja referenciada na geralmente bem informada *Bibliografia Geral da Açorianidade* de Chrys Chrystello (2017, I/II). Também não consta que o opúsculo alguma vez tenha sido o objeto de qualquer estudo, tradução ou de outra publicação.

4 *Marianna Gibbons e os Açores*

Apesar de ter pedido o seu passaporte para uma viagem ao Faial (1879, June 17), consta que Marianna Gibbons passou por quatro ilhas do arquipélago, nomeadamente Flores, Faial e Terceira, passando a maior parte na ilha de São Miguel, de onde saiu no dia 30 de julho (Gibbons 1880: 28). Foi à tarde do 8 de julho de 1879 que o navio chegou às Flores, o que autora relata como se segue:

These islands, in the order in which they are visited by American vessels, are Flores, Fayal, St. Jorge, Graciosa, Terceira and San Miguel. Leaving the harbor of New Bedford, Mass., on the afternoon of Sunday, June, 29, in the steamer Mississippi, the property of the United States and Azorean Steam Packet Company, we got into a fog before the pilot left us and lay to until 7 P. M. Once fairly started we had generally fine weather and reached Flores on the afternoon of Tuesday, July 8 (Gibbons 1880: [5]).

Parece curiosa coincidência que Gibbons tenha chegado aos Açores no mesmo vapor *Mississipi* com o qual a sua conterrânea Charlotte Alice Baker (1833-1909) viria regressar ao país natal dois meses depois (cf. Baker 1882: 127). Com efeito, mesmo que não existam indícios de que se tenham conhecido pessoalmente, a presença das americanas no arquipélago cruzou-se, uma vez que Charlotte Alice Baker e as suas companheiras ficaram aí bastante mais tempo, chegando ao Faial em 8 de julho de 1879 e saindo de Ponta Delgada em 6 de setembro de 1879 (Kemmler 2017: 428).

Num momento bastante raro dentro da literatura anglófona de viagens que se dedica aos Açores, a nossa autora identifica alguns dos cidadãos americanos com quem partilhou a viagem. Entre as pessoas explicitamente mencionadas são as seguintes :

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Among our company were Mr. J. B. Millet, of the local staff of the Boston *Advertiser*, a brother of "F. D. M.", your artist correspondent in Paris; Miss Minnie Russel, daughter of Judge Thomas Russel, of Boston, a friend of Anna Dickinson, and at one time United States Minister to Ecuador, and Mr. Ralph P. and the Misses Dabney, son, daughter and niece of the excellent American Consul at Fayal. Of course we had the usual number of "characters" among our twenty-one passengers. Massachusetts, not to say Boston, gave the prevailing tone (Gibbons 1880: 8-9).

Sendo então jornalista e mais tarde editor em Boston, Josiah Byram Millet (1853-1938) foi, de facto, irmão do pintor e jornalista Francis Davis Millet (1846-1912).¹² Natural de Columbia, Missouri, Minnie Louise Russell Thomas (1861-1947), filha do juiz Thomas Allen Russell (1834-1921) e da sua mulher Martha Louisa Lenoir (1831-1913) foi criada em St. Louis, Missouri, onde viria a ser fundadora de uma escola para meninas (FindAGrave 2008c). Já os Dabneys mencionados devem ser Ralph Pomeroy Dabney (1859-1899),¹³ filho de Samuel Willis Dabney (1826-1893) que foi cônsul americano no Faial desde 1872 a 1892, bem como a sua prima Roxana Lewis Dabney (1827-1913), também ela autora de literatura de viagens sobre os Açores (veja-se, p. ex. Dabney 1873). Para além destas referências explícitas a elementos da alta sociedade americana, também se observa em seguida a habitual identificação de pessoas por meio de caracterizações mais estereotipadas.

Uma das primeiras impressões da autora, aquando da sua visita a Santa Cruz das Flores, não só diz respeito ao comportamento dos habitantes ao verem senhoras americanas, mas também repete o lugar comum sobre a suposta origem mourisca dos açorianos:

All the houses are built flush with the street and the dead monotony of the walls is broken only by doors and windows, out of which the women and children gaze in astonishment at the "Americanas". Many of them are as dark as mulattoes, but with clear skins. This is accounted for by the fact that there is Moorish blood in the veins of many of the natives (Gibbons 1880: 6).

Semelhantemente, Gibbons (1880: 13, 16) considera como elementos mouriscos tanto «[...] the old Moorish clock tower [...]», que nos parece ser o edifício setecentista da Torre do Relógio e campanário da antiga igreja matriz da Horta, como ainda «[...] the Moorish style of architecture [...]» da Sé Catedral de Angra do Heroísmo.

Considerando que somente passou 22 dias no arquipélago e cerca de 13 em São Miguel, pouco surpreende que as caracterizações que Marianna Gibbons faz dos Açores e dos habitantes não podem deixar de ser pontuais. Assim, como regra, os micalenses da classe baixa são descritos como humildes e acolhedores que fundamentalmente seriam avessos ao crime:

The Azorean Portuguese of the lower class are an unsophisticated and simple-minded people. Great crimes, especially against the person, are almost unknown among them. They have no idea that anyone could be afraid of them, nor, indeed, is there any cause for such fear. One evening, as I was riding near the town, the donkey became very unruly and seemed inclined either to run off or rid himself of his rider. The driver turned him suddenly into a very narrow lane between two high black walls. Coming to a wooden gate he knocked and spoke to someone within. The gate was opened and we went into a very nice flower, fruit and orange garden. The driver motioned me to get off. Not liking to show any fear, I obeyed, though it was near nightfall. Master Ass was tied and left to compose himself, while his driver and the gardener showed me the garden and pineapple house and cut me a beautiful bouquet. I gave the gardener a vinten, a clumsy copper coin worth about five cents, which was received with a most grateful smile and graceful bow, withdrew in good order and had a pleasant ride to the hotel. Imagine the consternation which such an adventure would create among one's friends were it to occur near a large city in the United States (Gibbons 1880: 22)!

Gibbons aponta aqui, com razão, que nos EUA do seu tempo provavelmente não era normal convidar estranhos para a propriedade fechada sem mais nem menos.

No entanto, aproveita outro incidente como uma oportunidade para salientar que os açorianos da classe baixa seriam bastante desonestos, já que um membro da tripulação terá sido roubado dos seus sapatos e chapéu, depois de se ter embebedado durante uma tarde e noite, até que se deitou num banco público no centro de Ponta Delgada para descansar da sua bebedeira...

Concerning the honesty of the lower class here, the less said the better. One of our crew gained some useful information on this subject in a very amusing way. About five or six o'clock on the morning of the Mississippi's second day here, as the landlord of the hotel was sitting in his little office, he heard a shuffling sound, as of someone coming up stairs. Thinking it was one of the Portuguese, the poorer of whom always go barefooted, he went out on the landing to see what was wanted. There stood poor R-, without either hat or shoes. "Why, what's this mean?" said mine host. His story was soon told. Having imbibed, during the previous afternoon and evening too much of that evil spirit which lies in wait for poor Jack in every corner of the world, he was unable to go on board, and lay down on one of the benches of the plaza and went to sleep. Sometime during the night some Azorean kindly relieved him of his good hat and shoes. Of course, there was nothing to be done but to lend him a pair of shoes and to send out and buy him a hat. Thus equipped he departed for the ship, having learned that, though the climate of the Azores may make out-door lodging agreeable, the habits and manners of the people render it somewhat expensive (Gibbons 1880: 23-24).¹⁴

Uma particularidade que se mostra especialmente perturbadora para a nossa autora desde a sua chegada às Flores, é a aproximação dos açorianos ao tempo em que estes executam qualquer tarefa:

Some of the party called for wine. How long it was coming! A Portuguese minute is an hour, and a Portuguese hour is generally about half a day. No one is ever in a hurry. The native born Azorean is constitutionally tired. I called for water, which was longer in coming than the wine, and was warm when it came. There is no ice on these islands. None is imported, and of course nature does not furnish it (Gibbons 1880: 7).

¹² Como um dos passageiros de primeira classe, Francis Millet morreu em consequência do naufrágio do navio *RMS Titanic* em 15 de abril de 1912 (para mais informações, cf. Baxter 1912).

¹³ Dado que já só havia uma outra irmã em vida que na altura ainda era menor de idade (Rose Dabney 1864-1947), parece-nos mais provável que a irmã que acompanhou Ralph P. Dabney nesta viagem deve ter sido a irmã mais velha Alice Dabney (1852-1923). Note-se que a esposa do Cônsul e mãe dos jovens Dabneys era Harriet Wainwright Webster (1830-1924), filha do professor bostoniano John White Webster (1793-1850) que em 1821 publicou uma obra monográfica sobre os Açores (cf. Kemmler 2012).

¹⁴ Neste contexto, parece-nos lícito questionar o que teria acontecido ao mesmo tempo nos EUA se um viajante estrangeiro tivesse adormecido bêbado num banco?

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Don't be in a hurry. Pacienza (patience) is the favorite Azorean word, and of all the Christian virtues, patience is the most popular here (Gibbons 1880: 10).

Como se percebe, ela entende os açorianos como não orientados para o serviço, se não preguiçosos, pelo menos lentos e imperturbáveis.

Mas nem todos os habitantes dos Açores são tão cómodos e pacientes, porque afinal as pulgas, ao contrário dos habitantes humanos, nunca chegam a descansar:

The most energetic, zealous and busy inhabitants of the Azores Islands are the fleas. Whatever may be said of the men and women, these insects are always industrious – they never tire. Morning, noon and night – yea, in the dead watches of the night – they are stirring, and the results which they accomplish upon the bodies of the unfortunate English and American visitors are something astonishing. The Portuguese do not even notice them (Gibbons 1880: 24).

Como não podia deixar de ser, o traje feminino tipicamente açoriano do Capote merece a atenção da nossa autora.

On St. Michael's Terceira, Fayal, and indeed all the islands, many of the women wear the long cloak reaching to their heels, with its very deep capote drawn over the head, which is the national costume. In such a garb a woman's own mother would not know her. One cannot help wondering whether it was not originally intended to conceal the women's faces, for certainly the ugliness of the middle-aged and old women of the middle and lower classes in the Azores is something fearful to contemplate. During one of my rides at Ponta Delgada I passed through the quarter where live the very poor. What squalid misery! In houses in which a Pennsylvania farmer would not put his animals, built of rough volcanic stone, guiltless of plaster within or without, with mud floors and rudest of wooden shutters at the unglazed windows, these people live, dirty, forlorn and comfortless. It is no wonder that the women are ugly (Gibbons 1880: 26).

Na senda do humorista americano Mark Twain (Samuel Clemens, 1835-1910) que se limita a fazer uma descrição do capote dentro do seu respetivo capítulo em *The Innocents abroad* (Twain 1869: 51-52; cf. Kemmler 2019: 146-147), Marianna Gibbons não só descreve o próprio vestuário como feio, mas observa que provavelmente as mulheres que usam o capote também devem ser feias. Assim, as utilizadores do capote teriam de ser feias, simplesmente porque viviam na mais perfeita miséria e sob condições miseráveis, indignas para seres humanos.

Semelhantemente, a nossa autora caracteriza como insólita a forma como os açorianos (e até mesmo os portugueses do continente) estariam a "namorar por distância":

Passing a house in the suburbs of Ponta Delgada one day I saw a young man standing in the middle of the road talking to a young lady who was leaning over the railing of the balcony. When he saw us he walked away. Looking back I saw that he had returned and was again chatting with the lady. In answer to my inquiring look, an English lady of the party said: "Oh! that is an Azorean courtship. They always begin in that way. Indeed, they continue in the same way for a long while. The young gentleman is not admitted to the house until about to be engaged to the young lady, and then he sees her only in the presence of other members of the family". The last rule is common to the continent of Europe as well as to these islands, but the balcony arrangement I had never heard of before (Gibbons 1880: 25-26).

No que respeita aos tão emblemáticos espaços botânicos da cidade de Ponta Delgada, o Jardim que mais impressionou a nossa viajante foi o que hoje é conhecido como Jardim António Borges, construído entre 1858 e 1861 (cf. Albergaria 2014) por António Borges da Câmara de Medeiros (1812-1879):

The most beautiful spot, created by art, on this island, is the Borges garden. It contains from five to ten acres, right in the town. This place is literally crowded with the most beautiful and luxuriant trees and flowering plants. Near the centre of the garden winding steps, made of the volcanic rock, so as admirably to counterfeit nature, lead between borders of flowers down to the mouth of an artificial cave or passageway, through which one walks, part of the time in total darkness, and finally emerges in another part of the garden. Over this passage, and in fine view from the top of the steps leading to it, is a beautiful rustic bridge of volcanic stone. Everywhere, creeping, growing over everything, are flowers; fuchsias, four o'clocks, hydrangeas, roses, convolvulus, growing "like ill weeds" (Gibbons 1880: 20).

Já outro jardim merece-lhe observações bastante mais críticas:

Many among all classes are indolent and unambitious. The finest collection of plants here is in the garden of Senhor De C. Yet right in the midst of this beautiful place is a deep depression, originally intended for a lake but now filled with rocks and stones, overrun with convolvulus and all sorts of weeds and disfiguring the whole place. Near this is the former mansion of the family. About twenty-five years ago they were shaken out of it by an earthquake. Soon after the Senhor paid thirty pounds sterling for a plan of a new house. He then bought a quantity of lumber for building. The plan is still, it is to be supposed, among his papers; the lumber, or such part of it as has not been used, is rotting in an outhouse; the old house, shattered and crumbling, still disfigures the place; the new one hasn't been begun and never will be (Gibbons 1880: 22-23).

A referência ao prédio nunca mais reconstruído parece permitir a conclusão de que o 'Senhor De C.' será José do Canto (1820-1898), em cujo jardim se localizavam as ruínas das casas quinhentistas que antes tinham pertencido a Diogo Vaz Carreiro (cf. FJC 2015).

Quanto à economia açoriana, Marianna Gibbons somente faz uma única observação relacionada com a exportação de frutos tropicais:

In the Island of St. Michael's both oranges and pineapples are cultivated with success, the former in the open air, the latter in hot houses, warmed only by the reflection of the sun upon the glass. The oranges are considered very fine. They are heavy, juicy, sweet, with a thin skin and almost without pits. Almost all of them, as well as the pineapples, are exported to England, but an effort is now being made by the United States and Azorean Steam Packet Company to establish an orange trade between St. Michael's and the United States (Gibbons 1880: 24-25).

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Sem fornecer quaisquer dados adicionais, a nossa autora comenta sobre a qualidade das laranjas. Para além disso, informa que os responsáveis pela *United States and Azorean Steam Packet Company* estariam a ponderar a exportação de ananás para os Estados Unidos. Será que esta ideia sobreviveu o declínio dos navios a vapor em finais do século XIX?

Para terminar, também a Furna do Enxofre na Ilha Graciosa merece a atenção de Marianna Gibbons:

Imagine a great oval valley, surrounded on all sides by perpendicular walls of volcanic rock, covered in some places with a scanty verdure and broken by caves. In the centre of this valley is a small lake or pond. It does not look very far from the top where we are standing, but we know that it must be far, for some sheep that are feeding on its banks do not look any larger than small dogs. After resting awhile several of the party mounted their donkeys and going around the caldero to the left found a circuitous and steep path into the bottom. Here there is a remarkable cave, which was probably the last seat of the expiring volcanic fires. The ladies did not go further than the edge of the hole by which access is had to this cavern. Three of the gentlemen slid, one by one, for a short distance along a rocky path, which descends at an angle of forty-five degrees. Then, taking a rope, they let themselves down, hand under hand, a distance of seventy feet further, where they came to a huge stone, which, having lodged in this perpendicular passageway, affords a resting-place. Then, taking the rope again, they let themselves down five hundred feet to the bottom of the great cavern, which is five hundred feet high, one thousand feet in diameter and contains a lake about five hundred feet wide – like all such bodies of water, dark, noiseless, and apparently tenantless. The Misses Dabney, daughters of the American Consul at Fayal, are the only women that have made the descent to this cavern. It is a fearful place (Gibbons 1880: 15-16).

Se os visitantes modernos podem socorrer-se da comodidade da torre «[...] com cerca de 37 metros de altura e uma escadaria em caracol com 183 degraus [...]» (Gaspar 2011), não deixa de ser impressionante a maneira de como os visitantes oitocentistas (inclusive os irmãos Dabney!) tinham de superar a descida tão íngreme.

5 Conclusões

Como uma das obras menos bem conhecidas dentro do conjunto da literatura de viagens sobre os Açores, o opúsculo *Happy Days: a Summer Tour to the Azores and Lisbon* de Marianna Gibbons é fruto do crescente interesse no arquipélago açoriano que o público americano estava a mostrar sobretudo a partir da fase de reconstrução após a Guerra Civil de 1861 a 1865.

Dado que a autora somente passou 22 dias no arquipélago (dentro dos quais cerca de 13 em São Miguel), o leque de impressões que fez decerto terá sido algo reduzido. Mesmo que algumas das observações da nossa autora não possam, por isso, ser muito profundas, não pode, ao mesmo tempo, haver dúvidas de que ela misturou as suas impressões pessoais sobre o que na verdade testemunhou com os conhecimentos e pensamentos que tinha sobre a sociedade em que ela própria, como americana, se inseria.

Desta forma, o opúsculo de Gibbons contém um testemunho de alguns poucos aspetos da sociedade açoriana novecentista, que por um lado parece ser relativamente fiel, mas por outro está permeado de julgamentos de valores, que se devem provavelmente à personalidade da autora e ao seu ideário religioso-moral como membro ativo da Igreja dos Quakers.

Naturalmente, ainda se deve ter em conta a própria natureza das seis cartas, que datam de 17 de Julho a 8 de Agosto de 1879, uma vez que, como se constata na página de rosto do opúsculo, se destinavam a ser publicadas em *The Times* em Filadélfia. Mesmo que a autora, como correspondente daquele diário americano, tenha prescindido de ir beber na fonte de outros autores, como é tão típico na literatura de viagens anterior e posterior, ela não deixa de manifestar e documentar os mesmos preconceitos contra os Açores portugueses 'atrasados' que circulavam nos Estados Unidos progressistas (e protestantes) da época.

6 Referências bibliográficas

- 1870, July, 19, – Lancaster, *Census for the Family of Joseph Gibbons*, United States 1870 Federal Population Census, Pennsylvania: (2nd) Lancaster County (part) Includes East Lampeter, Eden Elizabeth, Ephrata, Fulton, Upper Leacock, and Lancaster (NARA Series M593, Roll 1356), fol. 36, image 36 of 50, database with images, em: <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-6SSW-NK6?cc=1438024&wc=92KY-924%3A518666601%2C518867101%2C520072801> (última consulta: 1 de março de 2020).
- 1879, June 17 – Lancaster, *Passport Application by Marianna Gibbons, n.º 13243*, United States Passport Applications (1795-1925), Roll 229, vol 509-510, 1879 May-Jun, image 1132 of 1456, database with images, in: [https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q57-89DZ-9W3J?cc=2185145&wc=3XCT-6TP%3A1056306401%2C1056369501, \(M1372\), Passport Applications \(1795-1905\).](https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q57-89DZ-9W3J?cc=2185145&wc=3XCT-6TP%3A1056306401%2C1056369501, (M1372), Passport Applications (1795-1905).)
- 1880, June, 17, – Lancaster, *Census for the Family of Joseph Gibbons*, United States 1880 Federal Population Census, Pennsylvania: Lancaster County (excluding city of Lancaster), Upper Leacock Township (NARA Series T9, Roll 1140), fol. D40, image 25 of 30, database with images, em: <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:33SQ-GYBH-BXL?cc=1417683&wc=X4HX-W38%3A1589394781%2C1589408463%2C1589413759%2C1589395192> (última consulta: 1 de março de 2020).
- 1900, June, 1, – Lancaster, *Census for the Family of Marianna Gibbons*, Twelfth Census of the United States: Schedule No. 1 – Population, Pennsylvania: Lancaster County, Upper Leacock Township (NARA Series T9, Roll 1140), fols. B1-B2, images 2 and 3 of 29, database with images, em: <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-DCXW-6YQ?cc=1325221&wc=9BQN-Y48%3A1030550501%2C1032700301%2C1035773901> (última consulta: 1 de março de 2020).
- 1929, May 6 – Upper Leacock, *Certificate of Death for Marianna Gibbons Brubaker*, Pennsylvania Historic and Museum Commission, Harrisburg, Pennsylvania, Pennsylvania (State), Death certificates (1906–1967), Range of file numbers, 057001-060000, File N.º 57464, em: https://search.ancestry.de/cgi-bin/sse.dll?indiv=1&dbid=5164&h=4412117&tid=&pid=&usePUB=true&_phsrc=XgN977&_phstart=successSource (última consulta: 1 de março de 2020).
- Albergaria, Maria Isabel Wytton da Terra Soares (2014): «Jardim António Borges», em: siam.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/Jardins-dos-Acores/Jardim-Antonio-Borges/Jardim-AntonioBorges.pdf (ultima consulta: 1 de março de 2020).
- Baker, C[harlotte] Alice (1882): *A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira*, Boston; New York: Lee and Shepard, Publishers; Charles T. Dillingham.
- Baxter, Sylvester (1912): «Francis Davis Millet: An Appreciation of the Man», em: *Art and Progress* 3/9 (July 1912), págs. 635-642.
- Brubaker, Marianna Gibbons (1911) «The Underground Railroad», em: *Papers read before the Lancaster County Historical Society* 15/4 (April 7, 1911), págs. 95-119.
- Calarco, Tom (2008): *People of the Underground Railroad: A Biographical Dictionary*, Santa Barbara: Greenwood Press.
- Calarco, Tom / Vogel, Cynthia / Grover, Kathryn / Hallstrom, Rae / Pope, Sharron L. / Waddy-Thibodeaux, Melissa (2010): *Places of the Underground Railroad: A Geographical Guide*, Santa Barbara: Greenwood.
- Chrystello, Chrys (ed.) (2017, I/II): *Bibliografia Geral da Açorianidade*, 2 volumes, Apoios técnicos e científicos por João Paulo Constância e Rolf Kemmler, Ponta Delgada; Lomba da Maia: Letras Lavadas; Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (ISBN 978-989-735-150-1, 978-989-735-151-8).
- Dabney [Roxana Lewis] (1873): «Summer Cruise Among the Azores and Canary Islands», em: *Harper's New Monthly Magazine* 276 (May, 1873), págs. 865-875.
- Dodge, Andrew R. / Koed, Betty K. (dir.) (2005): *Biographical Directory of the United States Congress, 1774-2005: The Continental Congress, September 5, 1774, to October 21, 1788 and The Congress of the United States from the First through the One Hundred Eighth Congresses, March 4, 1789, to January 3, 2005, Inclusive*, Washington: United States Government Printing Office.
- Earle, Pliny (1888): *The Earle family: Ralph Earle and his descendants*, compiled by Pliny Earle, of Northampton, Massachusetts, Printed for the family, Worcester, Mass.: Press of Charles Hamilton. [Pliny Earle (1809-1892)]

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

- FindAGrave (2008a): «Memorial page for Hannah C Gibbons (1851-1860)», em: *Find A Grave Memorial no. 27894771*, em: <https://de.findagrave.com/memorial/27894771/hannah-c-gibbons> (última consulta: 1 de março de 2020).
- FindAGrave (2008b): «Memorial page for Marianna Gibbons Brubaker (6 Dec. 1846-6 May 1929)», em: *Find A Grave Memorial no. 29512255*, em: <https://de.findagrave.com/memorial/29512255/marianna-brubaker> (última consulta: 1 de março de 2020).
- FindAGrave (2008c): «Memorial page for Minnie Louise Russell Thomas (1861-1947)», em: *Find A Grave Memorial no. 27067161*, em: <https://de.findagrave.com/memorial/27067161/minnie-louise-thomas> (última consulta: 1 de março de 2020).
- FindAGrave (2009a): «Memorial page for Joseph Gibbons (14 Aug. 1818-9 Dec. 1883)», em: *Find A Grave Memorial no. 37995132*, em: <https://de.findagrave.com/memorial/37995132/joseph-gibbons> (última consulta: 1 de março de 2020).
- FindAGrave (2009b): «Memorial page for Daniel Gibbons (7 Nov. 1860-7 Oct. 1929)», em: *Find A Grave Memorial no. 38652173*, em: <https://de.findagrave.com/memorial/38652173/daniel-gibbons> (última consulta: 1 de março de 2020).
- FindAGrave (2010): «Memorial page for Oram David Brubaker (1862-1929)», em: *Find A Grave Memorial no. 29512253*, em: <https://de.findagrave.com/memorial/29512253/oram-david-brubaker> (última consulta: 1 de março de 2020).
- FindAGrave (2014): «Memorial page for Caroline Gibbons (1848-1900)», em: *Find A Grave Memorial no. 131196893*, em: <https://de.findagrave.com/memorial/131196893/caroline-gibbons> (última consulta: 1 de março de 2020).
- FJJC (2015) = Fundação do Jardim José do Canto (2014): «Jardim José do Canto», em: siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/Jardins-dos-Acores/Jardim-Jose-do-Canto/Jardim-Jose-do-Canto.pdf (última consulta: 1 de março de 2020).
- Gaspar, João Luís (2011): «Furna do Enxofre», em: <http://siaram.azores.gov.pt/cavidades-vulcanicas/furna-enxofre/CavidadesVulcanicas-Furnas-do-Enxofre.pdf> (última consulta: 1 de março de 2020).
- Gibbons, Marianna (1880); *Happy Days: a Summer Tour to the Azores and Lisbon*, Described in a series of Letters, written for the Times, Philadelphia, by Marianna Gibbons ("Maritana"), Lancaster: John A. Hiestand, Printer.
- [Gibbons, Phebe Earle] (1872): *Pennsylvania Dutch and Other Essays*, Philadelphia: J.B. Lippincott & Co.
- Gibbons, Phebe Earle (1879): *French and Belgians*, By Phebe Earle Gibbons, Author Of "'Pennsylvania Dutch,' and Other Essays, Philadelphia: J.B. Lippincott & Co.
- Harris, Alexander (1877): *A Biographical History of Lancaster County: being a history of early settlers and eminent men of the county, as also much other unpublished historical information, chiefly of a local character*, by Alex. Harris, Lancaster, Pa.: Elias Barr & Co.
- Kemmler, Rolf (2012): «Notas sobre a percepção dos Açores no mundo anglófono novecentista I: Os habitantes dos Açores segundo Thomas Ashe (1813) e Mark Twain (1869)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (2012): *Atas / Anais do XVII Colóquio da Lusofonia (Lagoa, São Miguel, Açores): 30 de março a 3 de abril de 2012*, CD-ROM (ISBN 978-989-95891-9-3), ficheiro CD atas Lagoa 2012/atasXVIIlagoa2012.pdf, págs. 175-190.
- Kemmler, Rolf (2013): «Notas sobre a percepção dos Açores no mundo anglófono novecentista II: John White Webster e A description of the Island of St. Michael (1821)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (2013a): *Atas / Anais do XIX Colóquio da Lusofonia (Maia, São Miguel, Açores): 14 -17 de março de 2013*, CD-ROM (ISBN 978-9898607-01-0), ficheiro atas-anais 2013maia.pdf, págs. 169-185.
- Kemmler, Rolf (2017): «Charlotte Alice Baker: A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira (1882)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia / Chrystello, Chrys (eds.) (2017): *Atas 28.º Colóquio da Lusofonia, Ano 2017 Vila do Porto, Ilha de Santa Maria, Açores*, CD-ROM (ISBN 978-989-8607-10-2), pasta 'CD', ficheiro 'atas.pdf', págs. 420-451.
- Kemmler, Rolf (2019): «São Miguel e os seus habitantes em A Summer Trip to the Island of St. Michael, The Azores (1877) de Rupert Swindells (1835-1908)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia / Chrystello, Chrys (eds.) (2019): *Atas 32.º Colóquio da Lusofonia Graciosa 2-6.º outubro 2019*, em: <https://www.lusofonias.net/arquivos/425/Atas-dos-Coloquios/1201/ATAS-2019-GRACIOSA.pdf>, págs. 144-148.
- [Meginness, John Franklin] (1903): *Biographical annals of Lancaster County, Pennsylvania: containing Biographical and Genealogical Sketches of Prominent and Representative Citizens and of Many of the Early Settlers, Illustrated*, [Chicago]: J. H. Beers & Co.
- Smedley, R[obert] C[lemens] (1883): *History of the Underground Railroad in Chester and the Neighboring Counties of Pennsylvania*, Edition by Robert Purvis and Marianna Gibbons, Lancaster: Printed at the Office of the Journal.
- Twain, Mark (1869): *The Innocents abroad: or The New Pilgrims' Progress, being some account of the steamship Quaker City's pleasure excursion to Europe and the Holy Land, with descriptions of countries, nations, incidents and adventures, as they appeared to the author*, With two hundred and thirty four illustrations, By Mark Twain (Samuel L. Clemens), Hartford; Newark; Toledo; Chicago; Cincinnati; St. Louis; San Francisco: American Publishing Company; Bliss & Co.; R. W. Bliss & Co.; F. G. Gilman & Co.; Nettleton & Co.; F. A. Hutchinson & Co.; H. H. Bancroft and Company.
- Wilson, James Grant / Fiske, John (1892, II): *Appletons' Cyclopaedia of American Biography: Volume 2, Crane-Grimshaw*, New York, D. Appleton and Company.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE

- PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020. –

VOGAL DA DIREÇÃO DA AICL. -

- FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.

PARTICIPOU NO 14º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2010, 15º EM MACAU 2011, 16º SANTA MARIA (AÇORES) 2011, 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 18º NA GALIZA 2012, 19º MAIA 2013 (AÇORES), 20º SEIA 2013, 21º EM MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES), 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º ILHA GRACIOSA (AÇORES) 2015, MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018 E 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019

11.16. SÉRGIO PROSDÓCIMO, DIRETOR GRUPO GIRA-TEATRO, SANTA CATARINA, ASSISTENTE PRESENCIAL. AICL



LAGOA 2009

LAGOA 2009

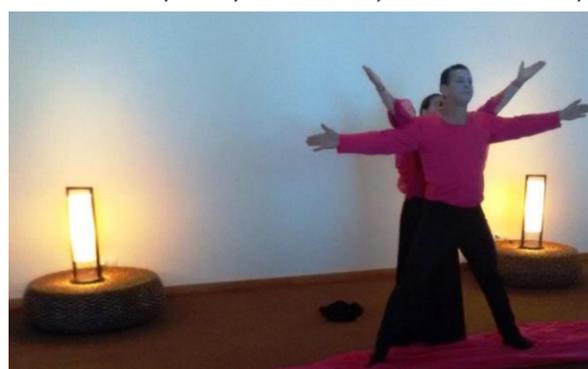
LAGOA 2009

24º GRACIOSA 2015

SÉRGIO DA SILVA PROSDÓCIMO nasceu em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, em 05 de novembro de 1966.

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

Licenciado em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC;
Especialista em Didática e Metodologia do Ensino: “A arte como meio auxiliar na reeducação de dependentes de drogas”, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Registro / São Paulo;
Atua como arte-educador no Núcleo de Arte Educação do MASC – Museu de Arte de Santa Catarina / FCC (Fundação Catarinense de Cultura);
Realizador de projetos de luz cênica em teatros e bandas; Ministra oficinas e workshops com o tema “A Poética do Corpo”;
Músico; Ator; Performer; Gestor cultural; fundador e Diretor de expansão do Grupo Gira-Teatro. prosilva2004@yahoo.com.br / +55 48 9997 8290



24º GRACIOSA 2015



24º Graciosa 2015



APRESENTA a peça de teatro CONFINA- MENTE

TOMOU PARTE NAS TERTÚLIAS ONLINE, TOMOU PARTE NOS SEGUINTE COLÓQUIOS: 6º NA RIBEIRA GRANDE 2007, 9º LAGOA 2008, 11º LAGOA 2009, 13º EM FLORIPA 2010, 24º GRACIOSA 2015, 32º GRACIOSA 2019
SÓCIO DA AICL.

¹ CHRYS CHRYSTELLO
ALGUMA BIBLIOGRAFIA LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS
2019 Poema “Não quero saber o teu nome” in vol. XI da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea “Entre o Sono e o Sonho” Chiado
2019. CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 4 – 2011-2018 versão Quase final <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1175/chronicacores-2011-2019-vol-4-draft-sem-cortes.pdf>
2019. CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 3 – 2005-2018 versão Quase final <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1024/chronicacores-VOL.-3-vol-2005-2018-rascunho-sem-cortes.pdf>
<https://www.academia.edu/s/22eafae916/chronicacores-uma-circum-navegacao-volume-3-chronicacores-uma-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores?source=link>
2018. Poema “Partir II” in vol. X da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea “Entre o Sono e o Sonho” Chiado ED ISBN: 9789895243648
2018 FOTOEMAS foto book, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro <http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas> ISBN: 9781388351083
2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de Missionários açorianos em Timor vol. 2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas
2018. CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 2, 3ª ed. [https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol.-2-\(3%C2%AA-ed-2018\).pdf](https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol.-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf)
2018. CrónicasAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 3ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores-uma-circum-navegacao-vol.1--3%C2%AA-ed-2018.pdf>
2017. Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols. 19500 entradas, Ed. AICL e Letras Lavadas Publçor, Ponta Delgada
2’17, revisão, compilação e Tradução de “O mundo perdido de Timor-Leste” de José Ramos-Horta ed. AICL e LIDEL
2017. Poema “Maria Nobody” in vol. VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea “Entre o Sono e o Sonho” Chiado ED. ISBN: 9789895215423
2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em “A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro”. Ed. Univ. Beira Interior, org. Alexandre da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório
2017. “Três poemas açorianos” in Antologia ed. Artology dezº 2016
2017. “Não se é ilhéu por nascer numa ilha”, in “Povos e Culturas - A ilha em nós”, Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2017. “Não se é ilhéu por nascer numa ilha”, capítulo do livro “A condição de ilhéu”, Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2016. compilação, revisão e Prefácio de Missionários açorianos em Timor “Um missionário açoriano em Timor” vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café
2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia
2015, Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1007/CRONICAS-AUSTRAIS-1978-1998-4%C2%AA-ed-2015.pdf>
2014. Prefácio de “O voo do Garajau” Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016
2013, Crónicas Austrais 1978-1998, monografia, 3ª ed. <https://www.scribd.com/document/3051472/cronicasaustrais>
2012, Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 <https://meocloud.pt/link/Of421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/>
2012. Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 vols, 40 anos de vida literária, ISBN 9789728985646 ED. AICL e Calendário de Letras 2012
2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1006/TRILOGIA-vol.-3-Historia-de-Timor.pdf>
2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. <http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/timore.pdf>

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

2012, Tradução “Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine” de Caetano Valadão Serpa

2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed.

2012, volume 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD – 1ª ed. 2005-2012 <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf>

Error! Hyperlink reference not valid. / <https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992>

2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras

2011, CrónicaAçores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras <http://www.calendario.pt/index.php?id=246&cat=203&pid=55>

2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor

2009, CrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado, <https://www.scribd.com/doc/39955110/chronicacores-uma-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores-volume-um-da-trilogia>

https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores/oclc/357576846&referer=brief_results2009, CrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009

2008, Tradução para inglês de “S. Miguel uma ilha esculpida” Daniel de Sá. Ed. VerAçor.

2008, Tradução de “Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel” Victor Rui Dores, prelo, ed. VerAçor.

2008, Prefácio e Revisão “A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse” de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada

2007, Tradução para inglês “E das pedras se fez vinho”de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal

2007, Tradução para inglês, “Santa Maria Ilha Mãe” Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal

2005, coautor tradução para português “The Lost painting” Jonathan Harr, ed. Presença

2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf> -

2004, tradução para português “A People’s War” de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal

2004, tradução para português, “Dien Bien Phu” de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal

2002, tradução de “La familia: el desafio de la diversidad” Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal

2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) 1ª ed. <http://www.ebooksbrasil.org/microreader/cronicasCA.lit> <http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb>,

2000, vol. 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf, <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf>

2000, vol. 1 da trilogia (inglês) da História de Timor: Timor-Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. <https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng->, <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf> <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>,

1999, vol. 1 da trilogia (português) da História de Timor: Timor-Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758

1991-2011 Yawuji Bara e Yawuji Baia Os avós de barra e Avós de Baia, ed. 1991-2011 <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf>

1985 Crónica XI Aborígenes na Austrália <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf>

1981. Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) <https://www.scribd.com/document/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cqi-Volume-3-4#scribd> –

1974. Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Díli, Timor Português (esgotada) <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf>

1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf>, <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQI.pdf> (fac-símile do original)

2009 rtp 1 hora no 11º colóquio Lagoa https://www.youtube.com/watch?v=xPtsdTXiaNA&t=0s&index=281&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI (demora 10 segundos a iniciar)

2010 no 13º colóquio na academia brasileira rio 2010 https://www.youtube.com/watch?v=1zmdwp1b6JU&t=0s&index=277&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

2010 rtp 13º em floripa https://www.youtube.com/watch?v=CtBeJxBook8&t=0s&index=174&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

2011 no 15º em macau https://www.youtube.com/watch?v=MoDyWJp2Ffi&t=0s&index=135&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

2011 no 15º em macau – poesia na gruta de camões – https://www.youtube.com/watch?v=MNGwj_RnH_Q&t=0s&index=134&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

2011 rtp na apresentação do CHRÓNICAÇORES vol 2 https://www.youtube.com/watch?v=x93R7pVnWkQ&t=0s&index=240&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

2012 rtp 17º lagoa https://www.youtube.com/watch?v=BYHcdO-XDho&t=0s&index=278&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

2012 17º na lagoa 2012 concha dedica poesia com nomes de poesias de chrys https://www.youtube.com/watch?v=ABAJiRQfvoA&index=233&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

2013 chrys diz poesia https://www.youtube.com/watch?v=-7ptLKOHjXQ&t=0s&index=169&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

2013 chrys diz cristóvão de aguiar https://www.youtube.com/watch?v=PE1iZ3RQbn8&t=0s&index=167&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

2014, 21º colóquio poesia nos moinhos 2014 https://www.youtube.com/watch?v=DJO96teeI28&t=0s&index=227&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

2015, 23º colóquio poesia fundão 2015 https://www.youtube.com/watch?v=0FgfXzw2wXA&t=0s&index=117&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

2015, 24º graciosa 2015 rtp https://www.youtube.com/watch?v=P08V7agLXns&t=3s&index=108&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

2015, 24º colóquio graciosa 2015 mais na rtp https://www.youtube.com/watch?v=vAEDJJP1hHg&t=2s&index=109&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI

2015, 24º colóquio graciosa 2015 poesia https://www.youtube.com/watch?v=5n3tKmQJopw&t=0s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=99

2016 chrys diz cais da saudade de eduíno https://www.youtube.com/watch?v=G5iWY8Ritmw&t=0s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=90

2017 poesia no 27º belmonte https://www.youtube.com/watch?v=U9QfjT6S9sk&t=0s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=46

2017 mais poesia belmonte 2017 https://www.youtube.com/watch?v=RPh4SrTm1_w&t=0s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=45

2017 S MIGUEL TV chrys entrevistado in a voz dos açores <https://youtu.be/xsdaS0pbG2U>

2017 poesia no 28º colóquio vila do porto https://www.youtube.com/watch?v=Kchoz36lv94&t=0s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=34

2017 poesia no 28º colóquio vila do porto asas do ATLÂNTICO https://www.youtube.com/watch?v=gi9AwkXjzCl&t=2s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=33

2017 apresentação bga https://www.youtube.com/watch?v=xTRrs_i6shc&t=22s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=27

2018 poesia timor 29º em belmonte 2018 https://www.youtube.com/watch?v=lyuO17rCsPs&t=372s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=14

2018 poesia ao meio-dia no 30º na madalena do pico https://www.youtube.com/watch?v=wDOZ-7ClSbM&t=204s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkerI&index=6

2 OUÇA depois

1 ABR 13 2019 <https://youtu.be/frjkZdcbenA>

2 ABR 13 2019 <https://youtu.be/QpSSz6ZbNJo>

3 ABR 13 2019 <https://youtu.be/uOa1SAIUyC>

4 ABR 13 2019 <https://youtu.be/shwCdIpsvlw>

out 2019 Graciosa <https://www.lusofonias.net/documentos/sons-e-poesia-col%C3%B3quios/2556-32%C2%BA-col%C3%B3quio-joana-carvalho-graciosa-2019.html>

<https://www.lusofonias.net/documentos/sons-e-poesia-col%C3%B3quios/2563-32%C2%BA-col%C3%B3quio-joana-carvalho-canta-zeca-afonso-graciosa-2019.html>

ouça-a aqui em Inquieta de Carolina Deslandes https://vimeo.com/373600968?ref=fb-share&fbclid=IwAR0YxV6dyELdDI_NCrqgR-tcsTzElaGlaUx8d_f8HbWFvictcZnWygCAHU

ouça-a em Lua <https://vimeo.com/373887317?fbclid=IwAR3IfRDFhr01HSA183mOKFKDPtt4dDeCe73bwYz-D6znpR77Qh4KFhy4ic0>

ouça-a em serenata ao vivo <https://youtu.be/okOB6A13Iz4>

³ Luciano Pereira 1.Comunicações e artigos:

A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes

Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.

A representação da Ilha na literatura de temática açoriana

A representação da Arrábida na literatura portuguesa

A lagoa das sete cidades: cristalizações de memórias, mitos e lendas

O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa

O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular

Os contributos mitríacos no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

A rosa não tem porquê. Homenagem a uma poetiza vulcânica

A Bélgica na poesia de Vitorino Nemésio

Vitorino Nemésio: Poème dramatique au soldat portugais inconnu mort à la guerre. Contributos para a sua tradução

O mau-olhado na cultura popular

A Paixão segundo João Mateus ou a infinita paixão de Norberto Ávila

Referências e indícios hebraicos na literatura popular

Contributos árabes na literatura popular portuguesa

As mouras encantadas no imaginário galaico-português

A representação dos Açores na poesia publicada no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro

2.Ensaaios:

A fábula em Portugal. Contributos para a história e caracterização da fábula literária.

3.Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração):

A cidade

A língua.

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990/1995)

Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)

Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)

DISCIPLINAS LECIONADAS:

Globalização das Expressões, Literatura para a Infância, Introdução à Literatura Comparada, Retórica e argumentação, Culturas Populares, Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros, ...

⁴ PEDRO ALMEIDA MAIA

[VEJA-O AQUI NOS Açores VIP https://www.youtube.com/watch?v=wFyP7nPF9ek](https://www.youtube.com/watch?v=wFyP7nPF9ek)

[Leia a entrevista em https://www.agendadosacores.publicor.pt/mini-entrevista-a-almeida-maia-um-escritor-que-nao-se-deixa-levar-pelo-impulso-da-criacao-dificilmente-cria-algo-de-diferente/](https://www.agendadosacores.publicor.pt/mini-entrevista-a-almeida-maia-um-escritor-que-nao-se-deixa-levar-pelo-impulso-da-criacao-dificilmente-cria-algo-de-diferente/)

⁵ PEDRO PAULO CÂMARA

Bibliografia - Breves elementos literário-culturais

2011 – Lançamento da obra *Perfumes*

2011 – Vencedor de menção honrosa no Concurso Aveiro Jovens Criadores, na área de Literatura, com o conto “Madrugadas”, pela Câmara Municipal de Aveiro

2011 – setembro – Organização de Roteiro Anteriano e declamação de poesia ao público

2012 – janeiro – Declamação de Poesia de Autores Açorianos (Escola Profissional Aprodaz)

2012 – Visita orientada ao Cemitério de São Joaquim e declamação de poesia de Antero de Quental e Alice Moderno

2013 – junho – Sessão de Poesia (Os mundos da PENA) – Ateneu de Ponta Delgada

2013 – Vencedor do concurso regional DiscoverAzores, promovido pela Miratecart, com o conto *(Re)Descobrir Açores*

2013 – Lançamento da obra *Saliências*

2013 – setembro – Palestra SALIÊNCIAS EM MOVIMENTO COMEMORAÇÕES - DO 90º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE NATÁLIA CORREIA

2013 – novembro – Participação no Serão Cultural “da Poesia à Prosa, com Pedro Paulo Câmara e Patrícia Carreiro (Biblioteca Tomaz Borba Vieira)

2013 – novembro – Curador da exposição de pintura “Na Raiz das palavras”, da autoria de Daniel Fernandes (Biblioteca Tomaz Borba Vieira)

2014 – março – Palestra Natália Correia: mulher de lava - Escola Secundária da Lagoa

2014 – abril – Palestra Comemoração do Dia Mundial do Livro e do Direito de Autor – Escola Básica Integrada de Ginetes

2014 – maio – Palestra Natália: Hoje e Sempre - Escola Secundária da Povoação

2014 – junho – Lançamento da obra *Cinzas de Sabrina*

2014 – junho – Entrevista 105fm

2014 – junho – Entrevista Programa de rádio AgriDOCE

2014 – junho – Apresentação da obra *Reflexões de uma Adolescência*, de João Pedro Couto

2014 – julho – Declamação de Poesia Ateneu Criativo de Ponta Delgada

2014 – junho – Organizador, Moderador e Declamador no Sarau Poético Vozes de Lava I

2014 – junho – Participação no Azores Fringe Festival

2014 – setembro – Participação no 22º Colóquio da Lusofonia (presencial) – Seia

2014 – outubro – Apresentação da obra *Esvaziamento Precoce*, de Tiago Vieira Andrade

2014 – dezembro – Organização e gestão do Acantonamento “Literatura Radical”

2015 – maio – Participação no Encontro de Autores Pedras Negras

2015 – maio – Participação no jornal o Poente - LETRA SOLTA

2015 – junho – Participação no Azores Fringe Festival

2015 – junho – Organizador, Moderador e Declamador no Sarau Poético Vozes de Lava II

2015 – junho – Apresentação da obra *Naquele Tempo*, de Carolina Cordeiro

2015 – junho – Participação e Organização e de Declamação: “Poesia: palavra que cura”, no Festival da Luz (Solar do Loreto)

2015 – setembro – Organização do Percorso Cidadino “Na Rota dos Autores” (Ponta Delgada)

2016 – abril – Participação no 25º Colóquio da Lusofonia (orador) – Montalegre

2016 – maio – Participação no Encontro de Autores Pedras Negras

2016 – junho - Participação no Azores Fringe Festival

2016 – junho – Organizador, Moderador e Declamador no Sarau Poético Vozes de Lava II

2016 – agosto – Atribuição do Prémio de Mérito Cultural pela Filarmónica Mineira e Junta de Freguesia de Ginetes

2016 – setembro – Participação no 26º Colóquio da Lusofonia (orador e moderador) – Lomba da Maia

2016 – outubro – Lançamento da obra *Na Casa do Homem Sem Voz*

2016 – dezembro - Apresentação da obra *Se os Carvalhos Falassem* e organização de tertúlia, da autoria de Concha Roussia (Junta de Freguesia de Ginetes)

2016 – dezembro - Apresentação da obra *Fortuna*, da autoria de Anamar (Casa Hintze Ribeiro)

2016 – dezembro – Colaboração no jornal *Correio dos Açores*, com o poema Um Sonho Colorido Nasceu Virgem

2016 – dezembro – Vencedor do Troféu “Artes” na Gala “Prémios Evidência”, promovida pela Junta de Freguesia de Ginetes

2017 - Representante, em São Miguel, da Chiado Editora

2017 - Eleito Secretário do Conselho Fiscal da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia

2017 – Contribuição para a Bird Magazine (crónicas)

2017 – Contribuição para a revista *Sem Equívocos*

2017 – abril – Participação no 27º Colóquio da Lusofonia (orador; moderador e declamador) – Belmonte

2017 – abril – Declamação de poesia judaica na Sinagoga “Portas do Céu”, de Ponta Delgada

ATAS - 33º Colóquio da Lusofonia - Belmonte 2021

2017 – abril – Convidado especial Termas da Ferraria (discurso Dia do Livro) e inauguração da biblioteca
2017 – maio – Participação no Encontro de Autores Pedras Negras
2017 – junho – Participação no Azores Fringe Festival
2017 – julho – membro Académico Correspondente, na área de Letras, da Academia de Letras e Artes de Portugal.
2017 – setembro – Apresentação da obra *Olhos nas Letras*, de Adelaide Vilela
2017 – setembro – Participação no 31º Colóquio da Lusofonia (orador; moderador e declamador) – Vila do Ponto (Santa Maria)
2017 – outubro – Apresentação na Casa dos Açores do Norte em “À conversa com os escritores micalenses Pedro Paulo Câmara e Carolina Cordeiro”
2017 – outubro – revisão da obra *Olhos nas Letras*, de Adelaide Vilela
2017 – novembro – Criador, Dinamizador e Moderador da Sessão “À Conversa com o Escritor”, com a presença das escritoras Manuela Bulcão e Liliana Ribeiro
2018 – Vencedor do Concurso Literário “Até que a Vida nos Separe”, promovido pela editora Papel d’Arroz, com o conto “Não te quero Assim”
2018 – fevereiro – Apresentação da obra *Tatuagem: uma das artes móveis*, de Rodrigo Moniz
2018 – abril – Participação nos Colóquios da Lusofonia (orador; moderador e declamador) – Belmonte
2018 – abril – Instituído Adjunto da Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia
2018 – abril – Membro da Sociedade Brasileira de Poetas Aldravianistas
2018 – maio – Colaboração no jornal Correio dos Açores com o texto Mães-mil
2018 – maio – Participação no Encontro de Autores Pedras Negras
2018 – junho – Participação no Azores Fringe Festival
2018 – outubro – Participação nos Colóquios da Lusofonia (orador; moderador e declamador) – Madalena (Ilha do Pico)
2018 – novembro – Participação na colectânea *O Livro da Amizade* (Casa Hintze Ribeiro)
2018 – novembro – Autor do texto do catálogo da exposição Lena Gal
2018 – novembro – Intervenção na Abertura da Exposição Lena Gal (Palácio do Egipto – Oeiras)
2018 – dezembro - Participação na colectânea *Luz de Natal – Coletânea Lusófona* (Editora Sui Generis)
2019 – fevereiro – Palestra Livros Humanos: não me julgues pela capa (Escola Profissional da Câmara do Comércio de Ponta Delgada)
2019 – abril – Participação no 31º Colóquio da Lusofonia (orador; moderador e declamador) – Belmonte
2019 – abril – Declamação de Poesia/ Sessão Pedagógica, a convite da CMPDL, na Escola Secundária das Laranjeiras
2019 – junho – Sessão Pública e Conversa Aberta na Feira do livro da Ribeira Grande
2019 – julho – Participação e apresentação de palestra no encontro internacional *Disquiet* (Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada)
2019 – julho – Apresentação da obra *As Casas do Povo da Ilha do Pico*, da autoria de José Carlos Costa (Casa do Povo do Pico da Pedra)
2019 – outubro – Participação no 32º Colóquio da Lusofonia (orador; moderador e declamador) – Ilha Graciosa
2019 – novembro – Participação na colectânea *Ideários*
2019 – novembro – Membro do Júri Contos da Montanha, Festival Montanha Pico Festival
2019 – novembro – Apresentação da obra *12 Meses 12 Histórias*, de Flávia Medeiros
2019 – dezembro – Apresentação da coletânea *Ideários* e declamação de poesia, no Palácio do Egipto, Oeiras
2019 – dezembro – Defesa da Dissertação de Mestrado *Violante de Cysneiros: o outro lado do espelho de Côrtes-Rodrigues?*
2020 – fevereiro – Lançamento da obra *Contos da Imprudência*

⁶ RAUL LEAL GAIÃO

Obras

ASPETOS Lexicais na Obra de Autores Macaenses (1999), ED. Universidad de Macau ISBN 9729791570, 9789729791574

DICIONÁRIO DO CRIOULO DE MACAU, ED. ROTA DAS LETRAS (2019)
